

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**OS REVESTIMENTOS EM AZULEJO
DO PALÁCIO DA CALHETA,
EM LISBOA**

Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira

Trabalho de projeto orientado pela Professora Doutora Teresa Leonor M. Vale
e pela Doutora Rosário Salema de Carvalho,
especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre
em História da Arte e Património

Lisboa
2023

Resumo

O Palácio dos Condes da Calheta está localizado na freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa, e situa-se na parte superior do Jardim Botânico Tropical (da Universidade de Lisboa). Supõe-se que a sua construção, por determinação dos Condes da Calheta, remonta a meados do século XVII. Desde então, foi objeto de várias campanhas arquitetónicas e decorativas, o que explica a aplicação, em quase todas as salas, de importantes revestimentos azulejares, de diferentes épocas.

O presente trabalho de projeto teve como principal objetivo inventariar e catalogar estes conjuntos azulejares, temporalmente enquadrados entre o terceiro quartel do século XVII e os finais do século XVIII, assim como desenvolver uma investigação detalhada sobre as campanhas decorativas que envolveram a aplicação de azulejos, relacionando-as com a história do próprio edifício.

O trabalho organiza-se em sete capítulos. Após a introdução, em que se definem os objetivos e a metodologia usada, o primeiro traça o *estado da arte*, começando por abordar o edifício, passando seguidamente para o património azulejar que se encontra no seu interior. O segundo capítulo descreve uma visão integrada sobre o Palácio da Calheta, organizando-se em função dos seus proprietários e respetivas campanhas, até ao início do século XVIII, a que se segue a análise dos azulejos deste período. O quarto capítulo continua a seguir a cronologia da evolução histórico-artística do edifício, ou seja, desde que o palácio passou para a posse da Casa Real até à Implantação da República, seguindo-se, no capítulo cinco, a respetiva análise das intervenções em azulejo. O capítulo seis caracteriza a última fase do imóvel, já no século XX, em que o palácio foi reutilizado como museu. Por fim, na conclusão destacam-se as principais novidades desta investigação, apontando ainda algumas vias de investigação futura.

Palavras-chave: Azulejo; Inventário; Catalogação; Preservação; Divulgação.

Abstract

The Palace of the Counts of Calheta is located in the parish of Santa Maria de Belém, in Lisbon, on the northern end of the Tropical Botanical Garden (of the University of Lisbon). Its construction was commissioned by the Counts of Calheta and is thought to date back to the mid-17th century. Since then, it was the object of several architectural and decorative interventions, which explains the presence, in almost all of its rooms, of important tile coverings from different periods.

The main goal of this project was to inventory and catalogue these coverings, created between the third quarter of the 17th century and the late 18th century, as well as to carry out a detailed investigation of the decorative interventions that involved the application of tiles and to situate them within the building's history.

The work is divided into seven chapters. After the introduction, which sets out the main objectives and the methodology used, Chapter 1 describes the state of the art, focusing first on the building itself and then on its tile decorations. Chapter 2 provides a comprehensive characterization of the Calheta Palace, starting with the identification of its owners and architectural interventions until the beginning of the 18th century and proceeding to examine the tile coverings from this period. The building's historical and artistic evolution is further characterized in Chapter 4, from the year in which the palace became a possession of the Portuguese Royal House to the establishment of the First Republic, whilst Chapter 5 analyses the tile coverings dating from this period. Chapter 6 focuses on the building's evolution during the 20th century, when it was turned into a museum. Finally, the conclusion highlights the work's main scientific contributions and identifies future research paths.

Keywords: *Azulejo*; Inventory; Cataloguing; Preservation; Dissemination.

Índice

Agradecimentos	7
Introdução	9
Objetivos e metodologia	11
1. Estado da arte	19
1.1 O edifício e os seus proprietários	19
1.2 Funções e instituições	21
1.3 Campanhas arquitetónicas	23
1.4 O património azulejar	25
2. Uma família e um palácio	29
2.1 João Gonçalves da Câmara (1489-1536) – 4º capitão-donatário do Funchal	30
2.2 Simão Gonçalves da Câmara (1512-1580) – 1º Conde da Calheta	31
2.3 João Gonçalves da Câmara (1541-1580) – 2º Conde da Calheta	34
2.4 Simão Gonçalves da Câmara (c.1579-a.1623) – 3º Conde da Calheta	38
2.5 João Gonçalves da Câmara (1606-1656) 4º Conde da Calheta	39
2.6 Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara (1608-1689)	42
2.7 Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara (?-1684)	43
2.8 Sentença e sobressentença do Condado da Calheta	44
2.9 Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara	46
3. Os azulejos ao tempo dos Sousa da Câmara: entre a dimensão das encomendas e a sua preservação	48
3.1 Azulejos ornamentais de intensa policromia (sala LX_BL_PCC_02)	52
3.2 Pintura a azul, branco e manganés em cenas de caça (sala LX_BL_PCC_11)	55
3.3 Pintura a azul e branco com temas de batalhas navais (sala LX_BL_PCC_07)	60
3.4 Padrões a azul e branco (sala LX_BL_PCC_09)	67
3.5 Padrões a azul e branco (sala LX_BL_PCC_10)	68
3.6 Síntese sobre a encomenda	69
4. De D. João V (1706-1750) à Implantação da República (1910): uma história de refuncionalizações	71
4.1 A Quinta Real do Meio	71
4.2 A instalação das Secretarias de Estado e do Arquivo Militar (1756-1845)	73
4.3 O Palácio como aposento de personalidades da família real	80
4.4 O Palácio como residência de funcionários jubilados da Casa Real	81

5. De D. João V (1706-1750) à Implantação da República (1910): Os revestimentos azulejares	84
6. De palácio a museu: o edifício no século XX	100
6.1 Início das obras de adaptação	101
6.2 As intervenções realizadas de 1931 a 1939	115
6.3 As alterações estruturais motivadas pela Exposição do Mundo Português	120
6.4 A necessidade de reconstruir um palácio desfigurado	122
6.5 Dos anos de 1950 até ao final do século XX	133
7. De palácio a museu: os revestimentos azulejares de 1916 a 2001	141
7.1 A adaptação do palácio a museu (1916-1931)	141
7.2 As intervenções realizadas nos revestimentos azulejares entre 1931 e 1939	149
7.3 A Exposição do Mundo Português e as suas consequências (1944-1949)	152
7.4 Da segunda metade do século XX ao início do século XXI	155
Síntese Final	157
Bibliografia	161
Índice das figuras	168
Índice das tabelas	174
Anexo A Fichas de inventário no <i>Az Infinitum</i>	

Agradecimentos

A concretização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e ao envolvimento de várias pessoas à quais quero agradecer.

Em primeiro lugar, às minhas orientadoras, a Professora Doutora Teresa Leonor M. Vale pelo conhecimento transmitido, e a Doutora Rosário Salema de Carvalho pelo seu incondicional acompanhamento da investigação, profissionalismo, dedicação, humanidade e amor à arte azulejar.

À direção do Jardim Botânico Tropical que, desde 2015, integra a Universidade de Lisboa, sendo atualmente gerido em conjunto com o Museu de História Natural e da Ciência e o Jardim Botânico de Lisboa, na pessoa da sua diretora, a Doutora Marta C. Lourenço, que desde a primeira hora recebeu com entusiasmo este projeto de investigação, facilitando o acesso ao Palácio da Calheta e a todas as informações disponíveis. Neste contexto, impõe-se um agradecimento muito particular à Dra. Ana Godinho, curadora da Coleção de Etnografia, por toda a dedicação e paciência.

Ao ARTIS – Instituto de História da Arte da FLUL, através do seu grupo Az – Rede de Investigação em Azulejo, por ter facilitado a utilização do sistema *Az Infinitum* e por ter criado as condições necessárias para o levantamento fotográfico de algumas das salas do palácio, assim como a catalogação dos azulejos de padrão no âmbito do projeto *Catalogação dos padrões da azulejaria portuguesa*.

À Doutora Lurdes Esteves, do Museu Nacional do Azulejo, que muito generosamente se disponibilizou para visitar o palácio e analisar os azulejos, chamando-nos a atenção para um conjunto de aspetos determinantes para um melhor entendimento do conjunto. Ao gabinete de arquitetura PLCO – Pedro Lagrifa de Oliveira, pela facilidade com que disponibilizou as plantas do palácio correspondentes ao levantamento do existente.

Ao Sistema de Informação para o Património Arquitetónico – Forte de Sacavém, na pessoa da Doutora Paula Noé, do Doutor Alexandre Oliveira e restante equipa que durante os longos

meses passados no Forte de Sacavém sempre demonstraram para comigo um elevado sentido de profissionalismo, dedicação e disponibilidade na persecução/resolução dos vários enigmas e contratempos que se nos foram deparando ao longo da investigação.

Ao Departamento de Arquivo, Documentação e Publicação da Reitoria da Universidade de Lisboa, na pessoa da Doutora Ana Rigueiro, pela forma atenciosa como me possibilitou a consulta do acervo documental proveniente do Instituto de Investigação Científica Tropical.

A todos os funcionários dos Arquivos e Bibliotecas por onde passei que com a sua experiência e conhecimento me ajudaram a aplicar os melhores métodos na descoberta da informação pretendida.

À minha esposa Maria Dolores, aos meus filhos Carolina Ramos e Alberto Ramos, à minha mãe Maria Cristina e ao meu Irmão Carlos Ramos, todo o apoio, compreensão e motivação que me aportaram ao longo deste percurso.

Uma palavra especial para todos os meus familiares que já partiram e que de alguma forma continuam a iluminar o nosso dia a dia.

O meu muito obrigado!!!

INTRODUÇÃO

Se os estudos sobre a azulejaria em Portugal foram, em tempos, um tema menor, descurando-se a investigação, o estudo e a respetiva divulgação em detrimento de outras tipologias mais estudadas e valorizadas, é hoje inegável o despoletar de uma nova visão sobre este património. O despertar de consciências sobre a necessidade de investigar, estudar, preservar, conservar e divulgar surge com a entrada em cena de um número cada vez maior de investigadores, e de grupos de trabalho, que se dedicam à análise desta temática, de forma mais sistematizada e aprofundada.

Neste contexto, importa salientar o trabalho pioneiro desenvolvido por João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), que colocou o seu conhecimento científico ao serviço da azulejaria. Por outro lado, existe também a necessidade de preservar o património cultural imóvel onde estão incorporados os revestimentos azulejares, dando-lhe uma utilização compatível e socioeconomicamente viável. Felizmente, e olhando para a azulejaria em concreto, verifica-se que tem surgido um interesse cada vez maior pela sua valorização.



Fig. 1 – Planta com a localização do Palácio da Calheta, Google maps.

A presente investigação, intitulada *Os revestimentos em azulejos do Palácio da Calheta, em Lisboa*, tem como principais objetivos inventariar, catalogar, investigar e estudar a azulejaria existente no interior do Palácio da Calheta (Fig. 1, 2 e 3), no âmbito do *Azinfinitym – Sistema*

de Referência e Indexação de Azulejo¹ e do seu projeto específico *Catálogo de padrões da azulejaria portuguesa*. Esta ferramenta encontra-se em permanente atualização, sendo possível registar e confrontar, através da informação já inserida na plataforma, dados relativos a imóveis, espaços, revestimentos cerâmicos, referências bibliográficas, documentais, imagens, etc.

A razão que conduziu à escolha do Palácio da Calheta como caso de estudo deve-se à necessidade de iniciar um trabalho de inventariação e catalogação que engloba totalidade da azulejaria existente no interior do palácio, trabalho que até ao presente se encontrava por realizar.



Fig. 2 – Fachada do Palácio da Calheta virada para o jardim. Fotografia de [GualdimG](#), com licença [CC BY-SA 4.0](#), outubro de 2020.



Fig. 3 – Fachada do Palácio da Calheta virada para a Rua General João de Almeida, no. 10-54.

¹ <http://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az>.

Objetivos e metodologia

Pretendemos desenvolver um trabalho de projeto sério, rigoroso e sistemático, tendo como principais objetivos inventariar, catalogar, investigar e estudar, no seu todo, a azulejaria do Palácio da Calheta. Desta forma, esperamos contribuir para a valorização, divulgação e preservação quer do palácio, quer dos seus revestimentos, procurando inverter um ciclo, quase sempre presente ao longo da sua história, de desvalorização, degradação, esquecimento e abandono.

No que diz respeito à metodologia, os trabalhos desenvolveram-se em duas vias, complementares e muitas vezes paralelas, que se materializam no registo de inventário e catalogação, por um lado, e na investigação em arquivo, por outro. O trabalho de campo, desenvolvido no contexto do grupo Az – Rede de Investigação em Azulejo, implicou a utilização do *Az Infinitum*, um sistema de inventário e indexação de azulejo único em Portugal, desenvolvido pelo grupo Az, do ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em parceria com o Museu Nacional do Azulejo.



Fig. 4 – Levantamento fotográfico *in situ*.

Nesta fase, e depois de identificados todos os espaços do Palácio da Calheta com revestimentos azulejares, efetuou-se o levantamento fotográfico dos mesmos, de acordo com a metodologia definida no âmbito do projeto (Carvalho et al. 2018). Num primeiro momento, as imagens foram captadas com uma câmara digital Canon EOS 80D, e gravadas como ficheiros JPG, com metadados automáticos associados em Exif (Exchangeable Image File Format). Durante a captação de imagens, utilizaram-se um tripé e um nível para estabilizar a câmara e verificar os enquadramentos e perspetivas, tendo como objetivo reduzir ao máximo o trabalho pós-produção (Fig. 4). Este, executado em Photoshop, implicou a correção de perspetivas e enquadramentos, bem como ajustes de cor, contraste e saturação. Nas correções de enquadramentos, procurou-se sempre não cortar os azulejos, e respeitar as juntas, de modo a manter a métrica original.

Num segundo momento, e devido à dificuldade em fotografar muitos dos espaços, com móveis de grandes dimensões, foi contratada a empresa *EMIGUS fotografia – Emídio Gomes e Gustavo Figueiredo. Solercia, Lda.*, que procedeu ao levantamento fotográfico das salas LX_BL_PCC_02, LX_BL_PCC_07 e LX_BL_PCC_11, com imagens gerais e de cada seção, depois do mobiliário ter sido retirado por técnicos especializados em manipulação de património do Grupo Urbanos, coordenados nesta tarefa por Felício C. Santos (Fig. 5, 6, 7 e 8).



Fig. 5 e 6 – Retirada de móveis das salas pelos técnicos do Grupo Urbanos.



Fig. 7 e 8 – Sessão fotográfica com a empresa *EMIGUS* fotografia – *Emídio Gomes* e *Gustavo Figueiredo*.

O passo seguinte implicou a organização e inserção dos dados entretanto compilados, a partir da bibliografia disponível, primeiro em ficheiros *excel* e, mais tarde, no *Az Infinitum*, tarefa que permitiu analisar a informação e apontar caminhos de investigação, em bibliotecas, museu e arquivos, como o Arquivo Municipal de Lisboa, a Torre do Tombo e o Gabinete de Estudos Olisiponense. Simultaneamente, todas as novas informações identificadas foram sendo inseridas nas fichas abertas no *Az Infinitum*.



Fig. 9 – Planta do primeiro piso do Museu Agrícola do Ultramar (Ultramar 1961, 8).

Neste contexto, foi necessário proceder à confirmação das designações das salas, uma vez que se verificam diferenças significativas entre os autores, facto que dificultou, em muito, o nosso trabalho. Por exemplo, quando o Museu Agrícola Colonial ocupou o edifício, o critério estabelecido para a designação das salas era geográfico, referindo-se à proveniência dos produtos em exposição (Ultramar 1961, 5) (Fig. 9). A partir de 1958, as salas passaram a designar-se segundo os materiais expostos em cada uma (Ultramar, 1961, 7) (ver tabela 1).

Assim, o presente trabalho de projeto, no seu processo de inventariação e catalogação, teve por base a planta de referência usada pela Universidade de Lisboa (Fig. 10), na medida em que se encontram assinalados todos os espaços que contemplam os revestimentos azulejares existentes no piso 1 do palácio, identificados por números sequenciais.

No entanto, a numeração constante na planta que constitui a Fig. B “1.1; 1.2; 1.3; etc”, em que 1.1 identifica o piso 1 e a sala 1, não será integralmente seguida, respeitando-se apenas o número da sala. Se, por um lado, há a necessidade de seguir a atribuição de códigos dos manuais de procedimentos, consistentes com o restante projeto, por outro, a inserção de dados em plataformas informáticas não é compatível com a existência de pontos finais. Na verdade, a numeração deve ser sequencial, indicar somente a informação necessária e evitar sempre, e em qualquer situação, os espaços em branco, substituindo-os por *underscore* (_) quando se pretende fazer uma separação.



Fig. 10 – Planta do primeiro piso do Palácio dos Condes da Calheta (Arquivo IICT, n.d.).

Assim, a designação usada no presente trabalho de investigação, referente ao espaço em que os revestimentos azulejares estão inseridos foi a seguinte:

LX_BL_PCC_01, que se lê,

Lisboa (concelho), Belém (freguesia), Palácio dos Condes da Calheta (designação), espaço 01.

A mesma fórmula foi aplicada para designar o revestimento azulejar:

LX_BL_PCC_0101, que significa:

Lisboa, Belém, Palácio dos Condes da Calheta, espaço 01, revestimento azulejar 01.

Por outro lado, a designação das paredes e seções obedece à seguinte lógica:

LX_BL_PCC_0101_1_0101, que é interpretada como:

Lisboa, Belém, Palácio dos Condes da Calheta, espaço 01, revestimento azulejar 01, parede 1, seção 01, fotografia 01.

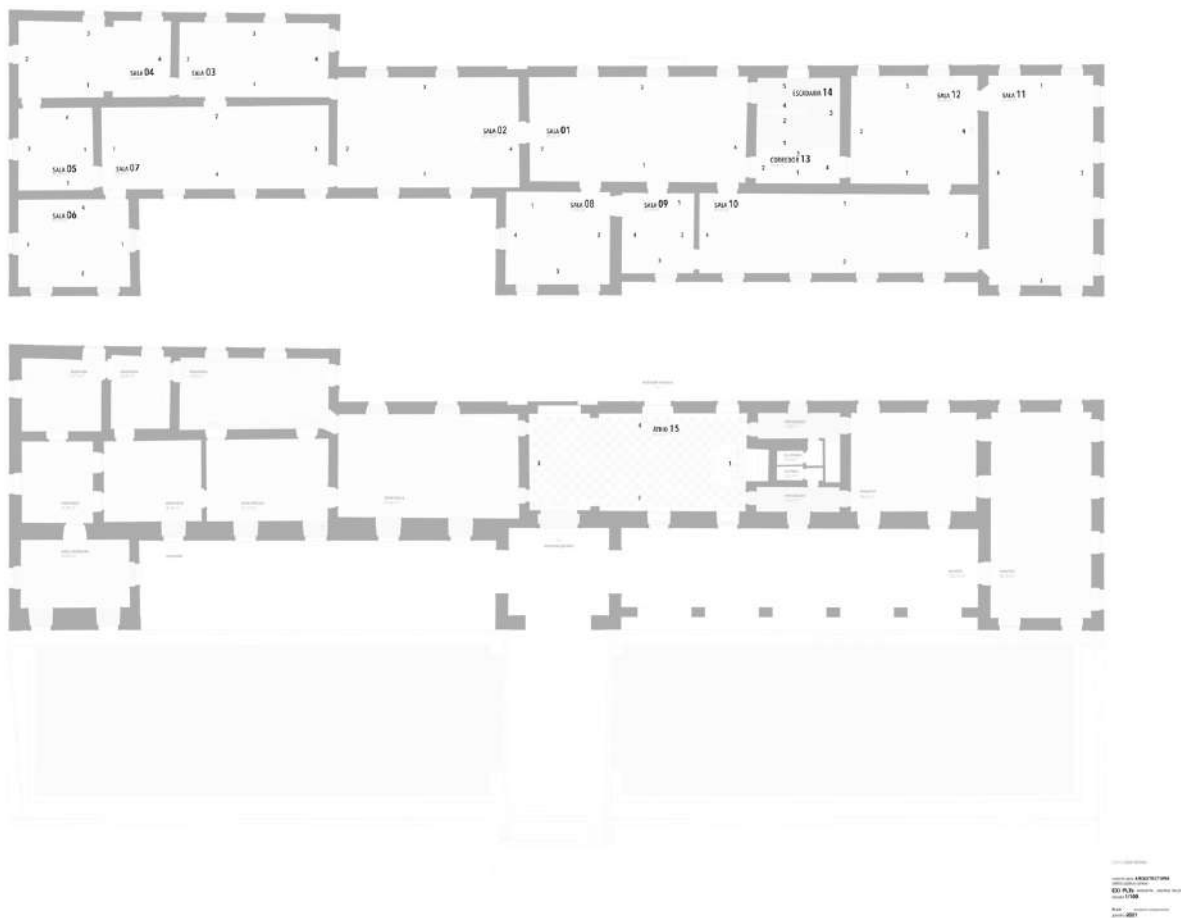


Fig. 11 – Levantamento do existente, efetuado em janeiro de 2021 pelo gabinete de arquitetura PLCO – Pedro Lagrifa de Oliveira, com indicação da numeração das salas e paredes usadas no *Az Infinitum*, escala 1:100.

Mais tarde, tivemos ainda acesso ao levantamento do existente, efetuado em janeiro de 2021 pelo gabinete de arquitetura PLCO – Pedro Lagrifa de Oliveira, a quem muito agradecemos, e foi sobre estas peças desenhadas que acrescentámos a informação do número dos espaços e das paredes, assim como as cores cujos códigos se reportam aos vários períodos cronológicos e que acompanham todo o texto (Fig. 11).

Por fim, com base na designação dos espaços utilizados neste trabalho de investigação e que foram introduzidos no *Az Infinitum*, procurámos reagrupar as várias designações que a historiografia foi atribuindo às salas que contemplam revestimentos azulejares constantes no piso 1 do Palácio dos Condes da Calheta (tabela 1).

Referências	Araújo 1946, 23	Ultramar 1961, 5	Simões 1971, 109	Meco 1984, 48-9	Ataide 1988, 164	Borges 2017, 19
Salas						
LX_BL_PCC_01	Sala Cabo Verde	Sala 1 Arte indígena. Tipos humanos				
LX_BL_PCC_02	Sala São Tomé e Príncipe	Sala 2 Fauna. Caça, pesca e respetivos aparelhos	Salão Nobre voltado a Norte	Sala do palácio dos Condes da Calheta	Sala da Zoologia	Sala Nobre
LX_BL_PCC_03		Sala 3 Artefactos. Objetos de adorno e de feitiçaria. Armas gentílicas. Instrumentos musicais				
LX_BL_PCC_04		Sala 4 Cereais. Amidos. Forraginosas				
LX_BL_PCC_05		Sala 5 Utensílios domésticos. Alfaias agrícolas				
LX_BL_PCC_06		Sala 6 Frutos. Legumes			Sala dos Legumes	

LX_BL_PCC_07	Sala Angola	Sala 7 Oleaginosas e óleos vegetais. Plantas medicinais taninosas e tintoriais. Condimentos. Tabacos	Sala voltada a Sul		Sala das Oleaginosas	Sala das Batalhas
LX_BL_PCC_08		Sala 8 Clima. Solos. Minerais				
LX_BL_PCC_09		Sala 9 Borracha. Resinas. Ceras				
LX_BL_PCC_10		Sala 10 Madeiras	Salão estreito voltado para o jardim			
LX_BL_PCC_11	Sala da Índia	Sala 11 Café. Cacau. Chá. Açúcar	Salão Nobre nascente	Painéis com caçadas	Sala de jantar	Sala da caça
LX_BL_PCC_12		Sala 12 Fibras vegetais e animais				

Tabela 1 – Harmonização das designações da sala do piso 1.

Na segunda fase dos trabalhos procurámos consultar o máximo de arquivos possível, na esperança de reunir mais informação, uma vez que a documentação se encontra muito dispersa. Elencamos de seguida os arquivos para melhor se compreender a dimensão da investigação desenvolvida: Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças; Biblioteca e Arquivo Histórico da Economia; Arquivo Histórico Ultramarino; Arquivo Municipal de Lisboa (Arquivo Geral, Histórico e Fotográfico); Arquivo Nacional Torre do Tombo; Reitoria da Universidade de Lisboa – Departamento de Arquivo, Documentação e Publicações; Tribunal de Contas (Arquivo e Biblioteca); Biblioteca Nacional da Ajuda.

A quase totalidade das fontes escritas (memórias descritivas, orçamentos, plantas, etc.) que descrevem detalhadamente as várias campanhas construtivas realizadas no Palácio dos Condes da Calheta e no Jardim, durante o século XX, integram o acervo arquivístico pertencente à ex-Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais² e que hoje integra o repositório, analógico e digital, do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), tutelado pela Direção-Geral do Património Cultural, e localizado no Forte de Sacavém.

² Para melhor perceber o funcionamento orgânico e *modus operandi* desta instituição ver Neto 1995.

Porém, constatámos, durante a nossa pesquisa, que a documentação referente ao Palácio dos Condes da Calheta se encontra dividida entre o “Palácio Calheta/ Palácio do Pátio das Vacas/ Museu Agrícola Tropical”, com o número IPA.00011278, e o “Jardim-Museu Agrícola Tropical/ Jardim do Ultramar/ Jardim Colonial”, com o número IPA.00009885. Ambos foram consultados, online e *in situ*, e os dados compilados relativamente ao século XX resultam maioritariamente desta documentação, muito rica sob diversos aspetos. Se numa primeira fase reunimos tudo o que respeitava a intervenções em ficheiros Excel, numa segunda avaliação, e face ao volume de dados, optámos por fazer uma seleção, que corresponde à inserida nos campos “cronologia” das fichas do *Az Infinitum* e que é explicada e contextualizada ao longo do texto.

O presente relatório resulta, assim, da análise e cruzamento de todos estes dados, apresentando-se, por um lado, uma versão expositiva e interpretativa e, em anexo, as fichas com os dados sistematizados e que ficarão igualmente disponíveis em livre acesso para que outros, depois de nós, possam dar continuidade à investigação.

Em termos de organização do texto, começamos por sintetizar a história da família Gonçalves da Câmara, proprietária inicial do palácio, sendo que, no capítulo seguinte, nos propomos estudar, investigar e catalogar os revestimentos azulejares que cronologicamente se balizam no contexto da vivência da família na propriedade. Adotaremos a mesma linha de pensamento para os capítulos seguintes, com D. João V como proprietário e depois com a transformação do palácio em museu, já no século XX. Deste modo, integramos num contexto mais vasto as campanhas arquitetónicas e decorativas, em que destacamos naturalmente o azulejo. Assim, a um capítulo sobre proprietários, funcionalidades e alterações no que diz respeito ao edifício, segue-se sempre um outro capítulo dedicado especificamente aos revestimentos azulejares que foram aplicados, alterados ou restaurados ao longo dos tempos, acompanhando e também refletindo as alterações do imóvel.

1. ESTADO DA ARTE

O Estado da Arte é uma das partes mais importantes de todo o trabalho científico na medida que nos permite tomar consciência e analisar, de forma crítica e reflexiva, a produção científica desenvolvida até ao presente momento, relativamente ao tema em apreço.

No caso deste trabalho de projeto, e muito embora o mesmo incida sobre os revestimentos em azulejos existentes no Palácio da Calheta, é fundamental conhecer a história do edifício, pois o azulejo é um património integrado que só pode ser plenamente compreendido quando inscrito no seu contexto global. Assim sendo, a organização do *Estado da Arte* privilegiou os principais debates historiográficos, nomeadamente as origens do edifício e seus proprietários, a evolução arquitetónica ao longo do tempo e, naturalmente, os revestimentos azulejares dos diversos espaços, temas que correspondem aos subcapítulos a seguir apresentados.

1.1 O edifício e seus proprietários

O Palácio da Calheta, classificado como Monumento Nacional,¹ encontra-se localizado na freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa, e situa-se na parte superior, a norte, do Jardim Botânico Tropical (da Universidade de Lisboa).

É conhecido por diferentes designações – Palácio do Pátio das Vacas; Palácio dos Condes da Calheta; Palácio da Calheta –, algumas das quais surgiram através de alterações criadas pelos organismos que nele se instalaram, em particular o Museu Agrícola Colonial, o Museu Agrícola do Ultramar e o Museu Agrícola Tropical. No entanto, são as designações Palácio dos Condes da Calheta e Palácio da Calheta que prevalecem.

A maioria dos autores (Ribeiro 1935; Ataíde 1988; Santana et al. 1994; Silva et. al 2009; Borges 2017) situa a construção da edificação em meados do século XVII, supostamente por ordem de D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta.

¹ Decreto n.º 19/2007, DR, 1.ª série, n.º 149, 03-08-2007, incluído na classificação do Palácio Nacional de Belém e todo o conjunto intramuros (Palácio, Jardins e outras dependências, Jardim Botânico Tropical, antigo Jardim-Museu Agrícola Tropical).

Porém, em número mais reduzido, encontram-se outros autores que atribuem a titularidade da propriedade ao Conde de São Lourenço (Semedo, 1979, 229; Gil, 1992/1996, 18; Henriques 2004, 72). Por sua vez, Gustavo de Matos Sequeira (1961, 8) refere que D. João V comprou, no ano de 1727, a Quinta da Praia, propriedade que pertencia aos Condes de São Lourenço, localizada nas proximidades do rio. Mais recentemente, um estudo de João B.M. Nêu (2006, 203-4) recupera a versão de Mário Sampayo Ribeiro, que explica que o Conde de São Lourenço havia sido detentor de uma quinta em Belém, mas muito afastada da Quinta Real do Meio.

Por sua vez, Susana Varela Flor (2016, 57) refere que D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara toma posse da propriedade, após um pleito contra o sobrinho, Luís Gonçalves Coutinho da Câmara, no contexto do qual se disputava o Morgado da Calheta, pleito esse vencido em 1677. Refere ainda que terá sido num momento cronologicamente próximo desta data que a Condessa de Castelo Melhor cedeu a propriedade a seu filho, Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, conforme clarificou no seu testamento.

No entanto, a autora não esclarece quais os bens que integravam o Morgado da Calheta, aquando do litígio, nem as fontes onde consta tal informação. Deste modo, não se consegue determinar se a Quinta da Calheta incorporava o rol de bens em disputa ou se, por outro lado, a propriedade já pertencia a D. Mariana de Lencastre em momento anterior. Fica também por esclarecer o conteúdo e a localização do testamento que clarifica a cedência da propriedade a Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, cerca de 1677, o que impossibilita aferir da precisão das afirmações efectuadas.

Sobre a passagem da propriedade para a Casa Real, diversos autores mencionam a aquisição de D. João V em 1726. Mário de Sampayo Ribeiro (1935, 15-6) menciona D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara como o último proprietário, antes da passagem da propriedade para a posse da Casa Real, referindo-se também às comendas que este possuía, e descreve quem habitou as casas existentes na quinta durante os anos de 1701 a 1705. Por sua vez, Norberto de Araújo (1946,21-2) corrobora a opinião de Mário de Sampayo Ribeiro, acrescentando o ano de 1726 como data da aquisição da propriedade, e o valor de 50.000 cruzados, montante pela qual a quinta foi adquirida. Importa salientar, que após a escritura da venda, se procedeu à reedificação do palácio (Vale et al. 2001/2002).

Este documento foi tomado como base, por alguns autores, para definir a sucessão cronológica de proprietários no contexto da Casa da Calheta. Foi o caso de Manuel Maia Ataíde (1988, 163), que inicia a narrativa pelo 4º Conde, D. João Gonçalves da Câmara, terminando em D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara. Porém, João B. M. Nêu (2006, 203-9) avança a cronologia para meados do século XVII, referindo que, nessa centúria, a Quinta da Calheta pertencia a D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Câmara, 5ª condessa da Calheta e 2ª de Castelo Melhor, não fazendo menção a D. João Gonçalves da Câmara. Por sua vez, no levantamento patente no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), realizado em 2001 e atualizado em 2002 (Vale et al. 2001/2002), encontra-se a totalidade dos proprietários, acompanhados da respetiva cronologia, com início em D. João Gonçalves da Câmara, 4º conde da Calheta, até à passagem da propriedade para a posse do Estado, em 1910.

Perante o que acabámos de mencionar, pode concluir-se que até ao momento existe um vazio documental que não permite aos diversos autores concordar sobre quem foi o primitivo proprietário da Quinta/Palácio da Calheta. Todavia, a ideia que parece ter prevalecido aponta para D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta. Muito embora assente em suposições, esta hipótese foi sendo corroborada ou replicada tanto pela historiografia, como por diversos trabalhos de investigação que abordam direta ou indiretamente o Jardim/Palácio (Franco 2014; Jerónimo 2016; Freire 2019).

Importa salientar que, se a jusante de D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Câmara, o enigma dos proprietários está comprovado documentalmente, o mesmo já não ocorre a montante. Como mencionado anteriormente, e não sendo de excluir os nomes de D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta ou do Conde de São Lourenço como primitivos proprietários, conferindo a estes o ónus da edificação, esta investigação propõe-se alargar o campo de pesquisa, colocando outras probabilidades na equação dos proprietários, como veremos.

1.2 Funções e instituições

Diversos são os autores (Ribeiro 1935, 18; Semedo 1979, 226-9; Nêu 2006, 211-6) que mencionam, de forma genérica, as muitas funcionalidades do palácio no transcurso do tempo

– casa de veraneio, secretaria de Estado, Arquivo Militar, aposentos para funcionários jubilados da Casa Real e Museu. Importa, pois, observar com cuidado estas informações que ocuparam a historiografia.

Porém, ao desconhecer-se quem ordenou a construção do edifício, torna-se difícil decifrar qual a utilidade que se lhe pretendia atribuir originalmente. Assim sendo, a função de residência de veraneio não passa de uma mera suposição, até porque em 1701, ou em data anterior, residia no Palácio de forma permanente D. Joana de Távora, mãe de D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara.

Por sua vez, a Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, criada no século XVIII, estava adstrita ao Conselho da Guerra instituído por D. João IV no último quartel do século XVII. Ambos os serviços se encontravam sediados no Paço da Ribeira mas, após o Terramoto de 1755, transitaram para o Pátio das Vacas. A Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros é extinta em 1820, mas os dois Arquivos Militares continuam a funcionar no Pátio das Vacas, ainda que separadamente. Com a extinção do Conselho da Guerra, em 1834, após a guerra civil, o espólio arquivístico existente no Rossio transitou para o Pátio das Vacas. No entanto, no ano de 1845, devido às obras de adaptação realizadas no palácio para alojamento do duque Fernando Jorge de Saxónia-Coburgo-Gota, foi necessário transferir toda a documentação existente no Pátio das Vacas para o Palácio da Ajuda, facto que originou a perda de grande parte deste espólio (Morais, 1956, 26-31). Durante o reinado de D. José realizaram-se no palácio, em 1758, alguns interrogatórios dos implicados no atentado contra o Rei, (Ataíde, 1988, 163).

No primeiro quartel do século XIX, Domingos António de Sequeira (1768-1837), primeiro pintor de Câmara e de Corte, elabora um requerimento dirigido ao administrador Geral das Finanças, solicitando que lhe cedessem uns quartos no Palácio do Pátio das Vacas, para aí poder continuar o ensino das Belas-Artes aos alunos da sua escola, mas que lhe foi negado (Costa, 1936, 25-6). No entanto, não é indicado em que espaços se encontravam localizados os quartos solicitados por Domingos António de Sequeira.

Face ao exposto, reveste-se de especial importância para a investigação conseguir identificar

a localização dos espaços onde figuravam os quartos e, a nível estrutural, indagar como estavam divididos esses mesmos espaços e que forma se interligavam, ou não, com as paredes estruturais do edifício.

O olissipógrafo Júlio de Castilho (1938, 35-46) refere que, em junho de 1884, vivia no Palácio do Pátio das Vacas “(...) no lanço fronteiro à entrada do Pátio, ao fundo” António José Vial, professor do Curso Superior de Letras, criado em 1859 por D. Pedro V. De realçar que, de acordo com Norberto de Araújo (1946, 21) no último quartel desta centúria o palácio encontrava-se em estado de grande abandono. Todavia, nos inícios do século XX, residiam no palácio vários funcionários aposentados da Casa Real, entre eles o ex-professor dos príncipes, Joubert Chaves (Vale et al. 2001 e 2002).

Por sua vez, Vera Luísa Lemos Freire (2019, 14 a 16) descreve a História do Jardim Botânico Tropical, referindo que o Jardim Colonial foi criado em Lisboa no ano de 1906, prevendo-se a constituição, nas suas instalações, de um museu. No entanto, o Museu Agrícola Colonial só foi instalado no palácio em 1916 e inaugurado em 1929. Porém, em 1944, o Jardim Colonial e o Museu Agrícola Colonial passam a constituir um único organismo – Jardim e Museu Agrícola Colonial (JMAC). Em 1951, ocorre uma nova mudança, passando a designação a Jardim e Museu Agrícola do Ultramar (JMAU), o mesmo ocorrendo em 1983, quando passa para Jardim e Museu Agrícola Tropical (JMAT).

Importa salientar a existência de uma série de apontamentos históricos, realizados por Rogério Dias Pereira (1970–1993) em 1970 e atualizados em 1993, que descrevem a evolução do Jardim e Museu Agrícola do Ultramar.

Por sua vez, Manuel Maia Ataíde (1988, 163) refere que durante a Exposição do Mundo Português, funcionou no edifício o pavilhão da caça integrado na Secção Colonial, e a entrada para a exposição era feita pela escadaria que se encontra na fachada sul.

1.3 Campanhas arquitetónicas

Os autores vão referindo diferentes campanhas arquitetónicas que ocorreram no palácio ao longo do tempo. Norberto de Araújo (1946, 21) menciona que o edifício foi reedificado em

1726, mas sem concretizar quais as alterações então efetuadas, nem as fontes nas quais se baseia para validar tais afirmações. Os mesmo ocorre com grande parte da historiografia que replica sucessivamente esta ideia, sem a validar com suporte documental.

No entanto, João B. M. Nêu (2006, 214) refere que dentro do período temporal que transcorre entre a compra da propriedade, por parte da Casa Real, e o Terramoto, o palácio não deve ter tido qualquer utilização notável. Situação que se modifica com a instalação da Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, mencionada no capítulo anterior.

Deparamo-nos, assim, com algumas incoerências. Se por um lado verificamos a existência de uma corrente historiográfica que afirma que o edifício foi reedificado, após a sua compra em 1726, por outro, uma corrente distinta afirma não ter sido conferida ao edifício qualquer utilização notável. Esta circunstância leva-nos a equacionar o porquê da sua reedificação, uma vez que não existia nenhuma finalidade a atribuir ao palácio ou se a reedificação chegou efetivamente a ser realizada.

Menciona ainda Norberto de Araújo (1946, 22) que os restauros efetuados no século XX, principalmente no exterior do edifício, aproximaram-no daquilo que fora nos séculos XVII e XVIII. Manuel Maia Ataíde (1988, 163-6) acrescenta outras intervenções às já indicadas por Araújo, referindo que a fachada sul sofreu alterações, abriu-se o tanque e foi arranjado um pequeno jardim, para além da abertura de uma suposta galeria, com vista à sua utilização no contexto da Exposição do Mundo Português, em 1940, e que ocorreram obras durante os anos de 1960. Alude também ao interior, que considera bastante alterado, mas sem especificar. Ainda a propósito das obras de 1940, João B. M. Nêu (2006, 215) acrescenta que, durante as mesmas, não se interveio somente na fachada sul, tendo sido também demolido um corpo do palácio, em L, que fechava o Pátio das Vacas a poente e a norte.

Por sua vez, Rui Jerónimo (2016, 14), na sua dissertação de Mestrado, refere que a implantação do palácio e do pátio virado a nascente era aproximadamente em “U”, tendo estes corpos a norte sido demolidos no século XX. Descreve ainda, de forma pouco detalhada, que os corpos que conformam o “U” parecem ser resultado de ampliações ocorridas já no século XVIII, ou seja, num momento posterior à edificação da casa original. Desta feita, o autor

não terá tido em linha de conta a escritura de venda da propriedade, realizada em 1726, na qual consta a dita configuração em “U.”²

1.4 O património azulejar

O andar nobre do Palácio da Calheta é, atualmente, constituído por doze salas amplas. No entanto, desde a sua construção até aos nossos dias, o palácio foi objeto de várias campanhas arquitetónicas e decorativas, o que explica a aplicação, em quase todos os espaços, de importantes revestimentos azulejares, de diferentes épocas. Nesta medida, importa analisar todo o conjunto, procurando compreender de que modo os revestimentos azulejares constituem um possível argumento para definir a antiguidade de determinadas salas, fazendo-os coincidir, quando possível, com as suas etapas construtivas. No entanto, já em 1971 João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) chamava a atenção para a dificuldade desta tarefa, uma vez que os revestimentos azulejares sugerem reaplicações diversas e não obedecem a um critério decorativo uniforme.

Sobre a azulejaria do Palácio da Calheta, cuja cronologia de produção pode ser balizada entre o terceiro quartel do século XVII e os finais do século XVIII, um dos primeiros autores a mencionar o conjunto cerâmico foi Norberto de Araújo (1946, 23), que descreve os revestimentos da sala da Índia, com *curiosas* cenas de caça; da sala de Angola com cenas de batalhas navais, cenas campestres e militares; da sala de São Tomé com azulejos policromos verdes com frutas e arbustos; e da sala de Cabo Verde com silhares de tapeçaria policromos com tons amarelos e verdes. Faz referência a outras salas com revestimentos azulejares, mas não as descreve.

O contributo mais importante, e que descreveu, com detalhe, cada um dos conjuntos seiscentistas, numa abordagem de inventário, foi o de João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110). O autor destaca o salão nobre nascente, com temas de caça certamente inspirados na obra *Libro de la Montaria*, de Contador de Argote, ou nas estampas xilografadas das *Venationes* de Stradanus. Porém, para Santos Simões (1971,109), o salão nobre, voltado a

² Arquivo Nacional Torre do Tombo (A.N.T.T), Chancelaria de D. João V, liv. 14, fl. 36, PT/TT/CHR/T/001/0014.

norte, revestido por um silhar de policromia intensa com ornatos de folhagens contornados a manganês, é o conjunto mais importante do palácio, referindo também que estes azulejos são certamente do tempo das grandes obras de Pedro da Câmara, último proprietário dos Condes da Calheta. Menciona ainda outra sala voltada a sul, na qual estão patentes silhares azuis e brancos característicos do século XVIII.

Por sua vez, ao fazer a descrição do palácio, Manuel Maia Ataíde (1988, 164) refere somente os revestimentos azulejares de quatro salas: sala da Zoologia, com painéis do século XVII policromos do tipo tapeçaria com flores e frutos; sala das Oleaginosas, com silhares do terceiro quartel do século XVIII, em azulejo figurativo azul e branco com representações de fábulas e batalhas; sala dos Legumes, com silhares D. Maria de paisagens arquitetónicas envolvidas por decoração policromada constituída por aves, flores e festões; sala de Jantar, com silhares com grandes painéis de final de Seiscentos, de tipo holandês, com representações de cenas de caça e campestres, em tons de azul e branco.

Na ficha do SIPA (Vale et al. 2001 e 2002) constam detalhadamente a quase totalidade dos revestimentos azulejares existentes no palácio. Por fim, o último autor a mencionar os azulejos, ainda num registo de inventário, alude ao salão Nobre e à sala da caça, ambos de finais do século XVII, e à sala das Batalhas, que atribui ao princípio do século XVIII (Borges, 2017, 19). Refere ainda que existem diversos conjuntos do século XVIII colocados posteriormente, em função das obras de restauro e valorização patrimonial, mas sem especificar quais.

Importa salientar, neste contexto, o facto de não termos conseguido aceder à informação constante ao website *Lisboa em Azulejo antes do terremoto de 1755*, contendo fichas de inventário referentes aos revestimentos azulejares do Palácio da Calheta.³

Assim, e em termos de inventário, parece poder concluir-se que, com exceção de Santos Simões, as referências são naturalmente mais descritivas do que problematizantes, apontando-se ainda algumas possíveis cronologias e influências.

³ Depois de várias tentativas institucionais, contactámos diretamente o investigador responsável pelo projeto, Pedro Flor, no dia 20 de julho de 2021, que nos informou que o *website* se encontrava em manutenção sem prazo previsto para acesso e que não lhe era possível ceder qualquer informação constante no mesmo.

Outros autores mencionam parte dos revestimentos azulejares do palácio no contexto de histórias gerais da azulejaria (Meco 1989, 118, 180 e 210). Neste sentido, José Meco refere a existência de um conjunto azulejar, enquadrado na segunda metade do século XVII, que representa um novo tipo de brutesco usado em edifícios civis, e um painel figurativo com motivos de caça enquadrado no período de transição entre a policromia e o azul e branco. Faz ainda referência à existência de *réplicas e remendos* que, na sua opinião, não alteram de maneira significativa o resultado final e que são de fácil identificação visual quando comparados com os restantes exemplares.

Há ainda investigadores que mencionam parte do revestimento azulejar no contexto de abordagens temáticas. Neste último registo, identificam-se referências a propósito da azulejaria na cidade de Lisboa, como é o caso de José Meco (1984, 37) que, no catálogo da exposição azulejar realizada na Estufa Fria, em 1984, refere-se à influência da azulejaria de Talavera, de padrão *ferronerie*, produzida em Portugal, e dando como exemplo o silhar baixo que decora uma sala, virada a poente, no Palácio da Calheta. Por outro lado, também faz referência às grandes transformações da segunda metade do século XVII, que designa como fase final da policromia e influência da pintura de tetos, mencionando o importante conjunto azulejar ornamental de forte policromia, sem azul, que se localiza em uma das salas do Palácio da Calheta e que encontra paralelo nos frontais de altar da Igreja Matriz do Salvador em Aljustrel (Meco 1984, 48). José Meco atribui a feitura desta composição ao pintor Gabriel del Barco (Meco 1979a; Meco 1979b; Meco 1981). Todavia, não sendo de excluir esta hipótese como proposta de trabalho, Rosário Salema de Carvalho (2012, 138-149 e 340-41) refere, relativamente à atribuição da autoria de algumas composições azulejares existente no palácio a Gabriel del Barco, a necessidade de aprofundar o conhecimento, pois os dados disponíveis não permitem determinar com exatidão a autoria das composições. Assim, conclui-se que, até à data, a historiografia não dispõe de argumentos para definir com exatidão a autoria ou a proveniência dos revestimentos azulejares existentes no interior do palácio.

No entanto, e relativamente à primeira fase monocroma que se desenvolveu no final do terceiro quartel do século XVII, caracterizada pelo contorno das composições a roxo manganés, é feito um paralelo entre os revestimentos que representam caçadas no Palácio da Calheta e os da Sala das Batalhas do Palácio Fronteira, os do Convento da Encarnação (Comendadeiras

de Avis) e os da casa do despacho da Igreja das Flamencas, todos em Lisboa (Meco, 1984, 49). Supostamente, o conjunto azulejar mencionado anteriormente poderá estar relacionada com as decorações que se realizaram, na quinta de recreio, por ocasião do casamento de D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara com a sua prima, em 1685, no oratório do palácio dos Castelo Melhor, freguesia de S. José, em Lisboa (Flor, 2016, 57). Não sendo de excluir tal hipótese, a verdade é que permanece um vazio documental que não nos permite deduzir quem foram, na realidade, os verdadeiros encomendadores dos vários revestimentos azulejares que se encontram no Palácio da Calheta.

Em síntese, no que se refere ao palácio, depois de consultadas todas as obras que mencionam o imóvel e os seus proprietários, conclui-se que não existe um estudo aprofundado sobre o mesmo, em grande medida porque os autores referem-se ao palácio no decurso de outras investigações, não existindo uma monografia exclusivamente dedicada a este tema.

Por sua vez, e no que diz respeito à azulejaria, o estado da arte permite concluir que a investigação já realizada é reduzida, não englobando a totalidade dos revestimentos azulejares, mas apenas determinadas salas, tanto no contexto de inventário, como de histórias gerais da azulejaria, ou de abordagens temáticas. Assim, nenhum dos estudos abordados anteriormente contempla uma análise integrada, lacuna que se pretende colmatar no contexto do presente trabalho de projeto através de um trabalho sistemático e rigoroso, recorrendo às metodologias do *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*.

2. UMA FAMÍLIA E UM PALÁCIO

Uma das linhas de investigação adotadas para o presente trabalho incide sobre a construção do Palácio dos Condes da Calheta, procurando esclarecer quem ordenou a mesma e em que época, pois são aspetos fundamentais para tentar percorrer a cronologia dos conjuntos azulejares que revestem o interior do palácio, tema central da nossa pesquisa. Este caminho afigurou-se complexo, uma vez que a maioria da historiografia, como ficou demonstrado no *Estado da Arte*, baseou as suas conclusões em suposições, que originaram um conjunto de ideias mais ou menos sustentadas, mas que foram sendo replicadas, a principal das quais aponta D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta, como o mais recuado proprietário.

No entanto, não poderíamos descartar esta e outras possibilidades que pudessem surgir no transcurso da investigação, como é o caso da posse do palácio pelo Conde de São Lourenço.¹ Deste modo, e relativamente aos primitivos proprietários, centrámos a investigação na família dos Condes da Calheta (Fig. 1). A escolha justifica-se com base em dois fatores: por um lado, este mais intuitivo, a designação pela qual é conhecido o palácio e que ainda hoje prevalece – Palácio dos Condes da Calheta e Palácio da Calheta. Por outro, um aspeto mais factual e sólido, a escritura de venda existente nos fundos do Arquivo Nacional Torre do Tombo,² na qual consta D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara como último proprietário do palácio e zonas adjacentes, antes da passagem da propriedade para a posse da Casa Real, em 1726.

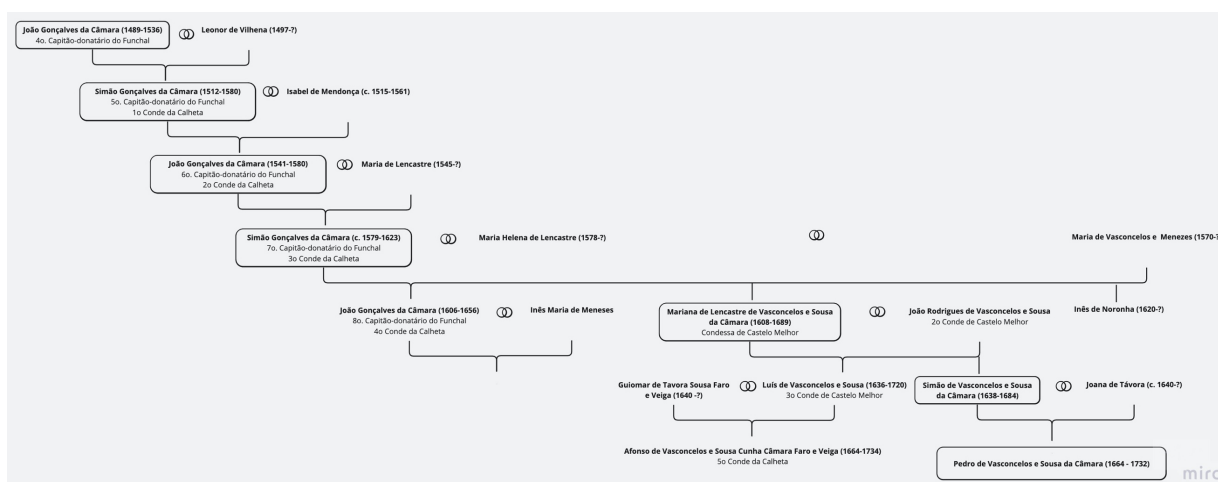


Fig. 12 – Esquema de árvore genealógica da família dos Condes da Calheta.

¹ Ainda que alguns autores sejam muito incisivos ao afirmar que “Nem as casas, nem a quinta foram em qualquer tempo do conde de S. Lourenço, mas sim do da Calheta (...)” (Ribeiro, 1935, 18).

²A.N.T.T, Chancelaria de D. João V, liv.14, fl. 35 – 43, PT/TT/CHR/T/001/0014.

Assim, começamos por retroceder cronologicamente na descendência dos Gonçalves da Câmara, iniciando o texto com uma breve introdução sobre João Gonçalves da Câmara, 4º capitão-donatário do Funchal, pai daquele que viria a ser intitulado 1º Conde da Calheta. Posteriormente, aprofundamos esta abordagem genealógica que culminará em D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara pelos motivos anteriormente referidos. Porém, não poderíamos deixar de referir que a influência da família Gonçalves, mais tarde Gonçalves da Câmara, junto da Corte, remonta ao tempo de João Gonçalves Zarco (1390-1471) nomeado pelo Infante D. Henrique para povoar e administrar a ilha da Madeira a partir de cerca de 1425.³

2.1 João Gonçalves da Câmara (1489-1536) – 4º capitão-donatário do Funchal

João Gonçalves da Câmara “hum dos bons cavalleiros de seu tempo, e mui privado e aceito d’El Rey (...) triumphante sempre dos mouros, e trazendo grandes despojos, em quatorze mezes que residio em Azamor” (Fructuoso 1873, 205 a 8), residia na corte em 1527. Por motivos relacionados com a idade, seu pai, de nome Simão (1463-1530), 3º capitão-donatário, renunciou, em 1528, ao cargo de governador da Ilha da Madeira, delegando esta função no seu filho primogénito. Para a ilha viajou, então, o 4º capitão-donatário, nela permanecendo pouco tempo. Regressou ao continente acompanhado de seu pai, que passou o resto da sua vida em Matosinhos, vindo a falecer em 1530 (Fructuoso 1873, 194-5). No entanto, na Ilha da Madeira “(...) ficou Logartenente hum seu Ouvidor, que trouxe do Reyno para este efeito, o qual se chamava Francisco Jorge” (Fructuoso 1873, 205).

João Gonçalves da Câmara foi casado com D. Leonor de Vilhena, e deste enlace matrimonial nasceu, de entre outros filhos do casal, aquele que viria a ser o 1º Conde da Calheta – Simão Gonçalves da Câmara (1512-1580).⁴ Regressou uma segunda vez à Ilha da Madeira, acompanhado pela família, no ano de 1532 e por lá permaneceu até 1536, altura em que faleceu com a idade de quarente e sete anos “(segundo affirmão) de mal de peste (...)” (Fructuoso 1873, 216).

³ Biblioteca da Ajuda (B.A.), genealogias, 49-XII-30, p. 1-2.

⁴ B.A., Genealogias, 49-XII-30, p. 5.

2.2 Simão Gonçalves da Câmara (1512-1580) – 1º Conde da Calheta

Com a morte de João Gonçalves da Câmara, fica como seu herdeiro o seu filho Simão Gonçalves da Câmara que, com a idade de “vinte e quatro a vinte e cinco anos, se foi logo para o Reyno confirmar na Capitania e casar (...) e foi confirmado nella” (Fructuoso 1873, 217). Deste modo, passou a assumir o cargo de 5º capitão-donatário da capitania do Funchal. Ilustre cavaleiro que, seguindo as tradições familiares, demonstrou as suas qualidades de bem pelear, como se percebe pela descrição de alguns dos seus feitos ainda sob a vigência de seu pai, no ano de 1533, “estando a Villa de Sancta Cruz do Cabo Guee (...) cercada pelos mouros (...) pedio licença ao pay para se achar neste cerco (...) partiu do Funchal em seis navios (...)” (Fructuoso 1873, 217).

Porém, desde 1529 que se debatia no reino o abandono das praças marroquinas: “(...) o ideal cruzadista da expansão marroquina foi pela primeira vez duramente confrontado com a impossibilidade de dispersar recursos em todas as frentes” (Ramos et al 2015, 224). No segundo quartel de Quinhentos, assiste-se ao abandono ou à reconquista por parte dos mouros das praças de Agadir, Safim, Azamor, Alcácer Ceguer e Arzila, que tanto prestígio granjeavam no seio da nobreza portuguesa, de entre os quais constavam os Gonçalves da Câmara: “Em matéria de política colonial, o reino assinalou uma efetiva viragem. (...) o reinado ulterior assistiria a uma viragem extremada contra estas escolhas” (Ramos et al 2015, 224).

Regressando ao enlace matrimonial, que supostamente ocorreu em momento posterior à confirmação no cargo, casou Simão Gonçalves da Câmara com D. Isabel de Mendonça⁵, castelhana e dama da rainha D. Catarina⁶, com quem D. João III (1521-1557) se casara em 1525: “(...) e aos quatro dias do mez de Outubro do mesmo anno de 38 (...) foi o Capitam recebido com ella, e trouxea para sua casa acompanhada de toda a Corte, vindolhe o Infante D. Luiz á parte direita, e o Arcebispo de Lisboa á esquerda, com todos os Fidalgos do Reyno que se acharam presentes” (Fructuoso 1873, 219).

⁵ B.A., Genealogias, 49-XII-30 p. 5.

⁶ “(...) com ella veyo a este Reyno, e a quem ella amava como filha. (...) O derradeiro dia de Setembro do dito anno [1538], dia do Bemaventurado S. Hyeronimo [30 de setembro], se fizeram os contractos de seu casamento, e com ella foi hum grande dote, estimado em outenta mil cruzados, que El-Rey lhe deo em juro, e em dinheiro de contado, e em officios, e alem disso a casa do Capitam fora da Ley mental duas vezes, cousa que raramente se concede (...)” (Fructuoso 1873, 218-19).

Atendendo ao relato que acabamos de transcrever, permanece em aberto o seguinte: para onde foi encaminhada a Corte, o arcebispo de Lisboa e todos os fidalgos do reino, com o intuito de celebrar o acontecimento? Reformulando a questão, onde estaria localizada a casa daquele que viria a ser o futuro 1º Conde da Calheta?

De realçar, também, é o facto de o contrato de casamento ter sido realizado no dia do *Bemaventurado S. Hyeronimo*, Ordem à qual o rei D. Manuel I (1495- 1521) “o verdadeiro fundador de Belém (...)” (Santana et al. 1994, 154), doou, em 1498, os terrenos para a construção do Mosteiro dos Jerónimos.⁷ Porém, nos mesmo anos, doou também à mesma Ordem o casarão e a quinta, onde se localiza o Palácio de Belém. “Durante o séc. XVI e (sobretudo) o séc. XVII, Belém começou a ser sítio preferido de várias famílias titulares para passar a estação calmosa do ano. As moradias de aspecto nobre surgiram (...) os terrenos (alguns baldios, outros pertencentes aos monges) eram retalhados (...) diversos fidalgos ali construíram as suas casas de campo” (Santana et al. 1994, 152-4). Entre estes, destaca-se, por exemplo, o caso ocorrido em 1559 “de um fidalgo de nome D. Manuel de Portugal que toma de aforamento uma parte da Quinta dos Frades e inicia a construção de um palácio que se assemelha ao que hoje existe [Palácio de Belém]” (Santana et al. 1994, 152-4).

Não poderemos deixar de referir que em Belém se situavam as Mercearias do infante D. Luís e as Mercearias da rainha D. Catarina, uma de baixo, outra de cima. Esta última, localizada na Travessa do Marta Pinto, faz ligação com a Travessa dos Ferreiros a Belém, na qual está localizada a entrada para o Jardim Botânico Tropical (Santana et al. 1994, 154). Este facto merece especial atenção, não apenas pela proximidade territorial com o palácio, objeto de estudo, mas também devido à proximidade existente quer do infante, quer da rainha, ambos consultores do rei, com D. Simão Gonçalves da Câmara e sua esposa.

Estes, depois de casados, permaneceram no reino até 1542, ano em que viajaram para a Ilha da Madeira.⁸ De salientar que, entre o dia 4 de outubro de 1538 e a data em que a família partiu para a Ilha da Madeira, dista um período de quatro anos. No entanto, regressaram de

⁷ A.N.T.T., Carta de doação de Rei D. Manuel I aos religiosos de São Jerónimo (...), PT/TT/GAV/15/13/19.

⁸ “(...) no recebimento no qual se fez muita festa, e houve canas, e touros, e se guardou aquelle dia, por ser de semana” (Fructuoso 1873, 243).

novo ao reino a 25 de maio de 1555, deixando como *Logartenente* seu tio Francisco Gonçalves da Câmara (Fructuoso 1873, 245). A deslocação deve-se, supostamente, ao facto de o rei, por esta altura, não se encontrar bem de saúde: “Em 1555, D. João III teve uma nova crise, detalhada em uma carta do embaixador de Carlos V para o seu amo, que o teria deixado “mal dispuesto y tocado de melencolia”. Segundo outro embaixador, Juan Vasquez de Molina, o rei ainda teria tido fortes febres e perda de apetite.

Assim, quando morre em 11 de junho de 1557, *O Piedoso*, deixa um reinado assinalado por viragens marcantes: “a abertura à cultura humanista do Renascimento, patente em tantos expoentes culturais da primeira metade de Quinhentos, cederia lugar ao espírito da Contra-Reforma, que em muitas dimensões se lhes contrapunha, e à hegemonia cultural e universitária daqueles que a prazo viriam a tornar-se nos seus expoentes intelectuais os Jesuítas” (Ramos et al 2015, 225).

D. Sebastião tinha aproximadamente três anos quando faleceu o seu avô.⁹ Não menos importante foi o papel desempenhado por Martim Gonçalves da Câmara (1529-1613), padre jesuíta, nomeado pela regente D. Catarina como reitor da Universidade de Coimbra (1563-1564)¹⁰. Durante o reinado de D. Sebastião (1557-1578), desempenhou as funções de desembargador do Paço, conselheiro de Estado e escrivão da puridade, conduzindo os negócios do reino durante sete anos. Por outras palavras, importa salientar a esfera de influência e poder que a família Gonçalves da Câmara detinha junto da Coroa.

É, portanto, neste contexto, que D. Sebastião, através de carta de 20 de agosto de 1576, atribui o título nobiliárquico de Conde da Calheta a favor de Simão Gonçalves da Câmara, filho primogénito do 4º capitão-donatário da Ilha da Madeira, irmão do mestre de estudos e do escrivão da puridade. Volvidos cinco meses, escreve o já empossado, 1º Conde da Calheta, desde o Funchal, agradecendo ao rei a mercê que lhe fez de “Conde da vila nova da Calheta”.

⁹ “Muito se tem falado sobre a educação do jovem príncipe (...) tendo a escolha do mestre de estudo acabado por recair em Luís Gonçalves da Câmara (...) sobretudo, um jesuíta formado em Roma (...). O jovem monarca começou efetivamente a reinar 1568, quando completou 14 anos (...). De resto, destaca-se a continuidade de pessoal herdado da regência do cardeal D. Henrique, como os Irmãos Gonçalves da Câmara” (Ramos et al 2015, 259-60).

¹⁰ https://www.uc.pt/en/sobrenos/reitores_xiii_xvi.

Refere, também, que os serviços prestados pelos familiares que o antecederam são dignos “desta tão grande merçe”.¹¹

Os rendimentos eram avultados: “Tinha o Conde cada anno quatro contos de renda hem feitos, e os melhores e bem pagos que ha no Reyno, em que entrava a renda dos moinhos, a qual não se paga em trigo, que se come de gorgulho, nem em outros fructos, como tem muitas comendas de Portugal, senão em dinheiro de contado; e foi hum dos senhores que ha no Reyno todo, que melhor tinha provida sua casa, e fartos os criados” (Fructuoso 1873, 295). Passados quatro anos de ter recebido o título de Conde da Calheta, faleceu com setenta e oito anos, em maio de 1580.

2.3 João Gonçalves da Câmara (1541-1580) – 2º Conde da Calheta

Aquando da morte de seu pai, estava no reino o terceiro de nome João, no seio de família Gonçalves da Câmara, filho primogénito do 1º Conde da Calheta, o qual veio a herdar a Casa, Capitania e Condado. Denominador comum relativamente aos titulares, seus antecessores, é o facto de a sua vida se dividir entre o reino, no qual passava a maior parte do tempo mantendo uma relação próxima com a família Real, a ilha da Madeira e algumas incursões realizadas em África.

Com seus pais partiu do reino para a Ilha da Madeira no ano de 1542, mas nos finais da década de 1540 ou inícios da de 1550 regressou deixando na ilha os seus progenitores. A sua vida parece cruzar-se com a da família real desde cedo, em particular, com a de D. Sebastião, no qual residia “(...) para muitos, «a única esperança», «a segurança do reino», a salvação da pátria»” (Ramos et al 2015, 225). Segundo afirma Fructuoso, terá tido um papel ativo no batismo do futuro monarca, realizado a 27 de janeiro de 1554: “(...) aa tarde foi, batisado na varanda debaixo da casa da Ribeira, e foram padrinhos El-Rey D. João III, (...), seu avô, e o Infante D. Luiz, e madrinhas a dita Raynha, sua avoo, e a Camareira Mor, que o levava a batizar, dizem que o levou nos braços este illustre Capitam João Gonçalves de Câmara (...)” (Fructuoso 1873, 301-2).

O 2º Conde da Calheta, João Gonçalves da Câmara, contraiu matrimónio com D. Maria de

¹¹ A.N.T.T, Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça, tomo 1C, p. 691, PT/TT/MMCG/1C/000066.

Lencastre, filha de Luís de Lencastre, comendador Mor de Avis e de D. Madalena de Granada. Deste enlace nasceu aquele que viria a ser o 3º Conde da Calheta, terceiro também de nome Simão, dentro da família Gonçalves da Câmara.¹²

É durante o ano de 1556, mais concretamente a 3 de outubro, que ocorre o ataque gaulês à ilha da Madeira e, em particular, o saque ao Funchal, capitaneado por Peyrot de Monluc, quando exercia as funções de *Logartenente* na dita ilha Francisco Gonçalves da Câmara. Conforme referido anteriormente, o 1º Conde da Calheta encontrava-se por esta altura no reino, juntamente com toda a sua família. A notícia de tão nefasto acontecimento é recebida em Lisboa, a 16 de outubro, e o Cardeal-Regente ordena, de imediato, a constituição de uma armada, comandada por Sebastião de Sá (filho de Rodrigues de Sá, alcaide-mor do Porto) para perseguir os piratas que haviam saído ilesos, em grande medida devido à falta de estratégia de Francisco Gonçalves da Câmara (Brehm et al. 2020, 39 a 46).

No entanto, João Gonçalves da Câmara, com autorização de seu pai, o 1º Conde da Calheta, zarpa em direção da ilha da Madeira dois dias antes desta armada, sendo acompanhado por três capitães, um sargento-mor de nome Gaspar Luís e três padres da Companhia de Jesus (Brehm et al. 2020, 47). Desde o reino, aos 21 dias do mesmo mês, é enviada uma carta de poder para a cidade do Funchal, na qual se atribui ao futuro 2º Conde da Calheta as funções de capitão da cidade, seu termo e capitania pelo tempo que nela permanecer.¹³

D. Isabel de Mendonça, que veio de Castela com a Rainha, faleceu em Lisboa a 13 de setembro de 1561: “(...) deixou por testamenteira a mesma Raynha (...). E, se a Raynha honrou muito as filhas, não menos honra fez e fazia fazer aos filhos: e principalmente a João Gonçalves de Camara, morgado, fazia também El-Rey e a dita Raynha muitas honras (...)” (Fructuoso 1873, 301).

D. João manteve-se próximo ao rei, e quando D. Sebastião visitou Ceuta e Tânger em 1574, (Costa et al. 2014, 165), “(...) com muitos fidalgos e morgados do Reyno, foi João Gonçalves de Camara com ele, (...), e gastou nisso muito do seu (...). E tanta conta El-Rey tinha a este

¹² B.A., Genealogias, 49-XII-30, p. 6.

¹³ A.N.T.T., Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça, tomo 1C, p. 695, PT/TT/MMCG/1C/000066.

ilustre Capitam João Gonçalves de Camara e a seu irmão, Ruy Dias de Camara (...) o qual [anteriormente] esteve alguns anos em Tanger por Fronteiro, vencendo uma comenda velha (...)” (Fructuoso 1873, 243 e 302).

Entretanto, volvidos dois anos, as lutas dentro da dinastia saadida conduziram ao poder Mulei Abdelmeleque, afastando o seu tio Mulei Mahamet. O rei de Portugal, perante tais acontecimentos, aconselha-se, de entre outros, com João Gonçalves da Câmara,¹⁴ e compromete-se a ajudar o deposto na recuperação do reino de Fez, a troco de posições no litoral, o que teve como consequência a recuperação de Arzila (Costa et al. 2014, 165). A perseguição de mais vitórias, que aportavam prestígio e, por conseguinte, uma presença mais forte em África, foram os aliciantes que originaram a organização da expedição de 1578 “(...) antecâmara de inexorável desaparecimento da autonomia do seu reino, engolido pelo vizinho todo-poderoso. (...) período por vezes chamado da «dominação filipina», entre 1580 e 1640” (Ramos et al 2015, 251 e 262).

Supostamente, o 1º Conde da Calheta é informado que o seu filho, João Gonçalves da Câmara, encontrando-se em Lisboa, se preparava com grande custo e muito ânimo para acompanhar o rei na referida expedição (Fructuoso 1873, 302). Neste âmbito, existe uma troca de correspondência, datada de 3 de março de 1578, entre o rei e Simão Gonçalves da Câmara, a qual se inicia da seguinte forma: “Conde Amiguo”.¹⁵ Através desta carta, podemos constatar que João Gonçalves da Câmara teria muita vontade em servir na empresa que se iria realizar em África. No entanto, o conde não se mostra muito favorável à ideia, pois sem a ajuda do filho não poderia defender de forma eficiente a ilha da Madeira, uma vez que o seu estado de saúde já não permitia fazê-lo. Deste modo, “(...) foi impedido, porque não quiz consentir o dito Rey que fosse com ele, antes lhe mandou que fosse guardar a ilha, e levou consigo a Africa D. João cunhado delle (...) e seu irmão Ruy Dias de Camara” (Fructuoso 1873, 244 e 302). As consequências da Batalha de Alcácer Quibir (4 de agosto de 1578) são sobejamente conhecidas: “(...) D. Sebastião (...) na perseguição das suas miragens, arrastou a flor da fidalguia para a morte e para o cativoiro” (Ramos et al 2015, 262). Em dezembro de 1579, o 1º Conde da Calheta, encontrar-se-ia certamente muito preocupado com as consequências

¹⁴ *Idem*, p. 679.

¹⁵ A.N.T.T., Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça, tomo 1C, p. 683, PT/TT/MMCG/1C/000066.

que a batalha lhe provocara no seio familiar. Supunha-se que o genro teria sido morto e o filho ferido e em cativo. Não menos preocupante era o facto de João Gonçalves da Câmara nesta época, não ter herdeiros (Fructuoso 1873, 302).

No entanto “(...) e intrevado no dito tempo, lhe vieram tres alegres novas juntamente: huma, que seu genro D. João era vivo; outra, que seu filho Ruy Dias era já livre do cativo e resgatado por cinco mil cruzados, e estava em Betlem, em huma quinta de seu filho João Gonçalves de Camara [futuro 2º Conde da Calheta]; e a terceira, que o dito seu filho tinha já hum filho morgado, de que Ruy Dias fora padrinho no baptismo, por chegar do cativo de Africa um dia antes que o baptisassem (...)” (Fructuoso 1873, 302-3).

Esta sùmula de factos permite lançar alguma luz sobre a questão que pretendíamos esclarecer relativamente à posse do Palácio da Calheta, em Belém. Conclui-se, com base neste relato, que entre os anos de 1579 e 1580 a propriedade pertencia já aos Condes da Calheta, por via de João Gonçalves da Câmara, 2º Conde da Calheta. No entanto, mantêm-se as dúvidas sobre o modo como a mesma foi adquirida. Todavia, com base na investigação que temos vindo a descrever, e na qual é evidente o estatuto social, económico e religioso que a família granjeava na sociedade portuguesa, elencamos duas probabilidades que poderão alimentar futuras perspectivas de investigação.

Por um lado, partimos do princípio de que a propriedade fazia parte da Quinta dos Frades da Ordem de S. Jerónimo, à semelhança do que aconteceu com D. Manuel de Portugal em 1559. Até porque, entre ambos os terrenos, existe uma relação de proximidade bastante considerável. Assim sendo, poderia o terreno ter sido tomado de aforamento por D. João Gonçalves da Câmara, 2º Conde da Calheta. Por outro, e como segunda possibilidade, o terreno poderia ser propriedade da Casa Real, tendo transitado para o 2º Conde da Calheta através de honras que lhe foram sendo atribuídas ao longo da vida. Por esclarecer fica, ainda, a dimensão da propriedade e que tipo de construção habitacional nela existia, uma vez que aí viveu Rui Dias após o cativo.

Depois do falecimento de seu pai, e em momento anterior à sua partida para a ilha da Madeira, o 2º Capitão da Calheta desloca-se a Almeirim para se despedir de seu tio Martim

Gonçalves da Câmara e dos governadores. No entanto, a peste acabou por vitimá-lo, falecendo a 4 de junho de 1580, e assim permanecendo pouco tempo como Conde da Calheta. À data do seu falecimento tinha o filho, Simão Gonçalves da Câmara, pouco mais de seis meses de idade (Fructuoso 1873, 305).

2.4 Simão Gonçalves da Câmara (c.1579-a.1623) – 3º Conde da Calheta

A idade com que Simão Gonçalves da Câmara herdou o título levou o rei D. Filipe I (r. 1581-1598) (II de Espanha) a enviar para o Funchal alguém que desempenhasse o ofício de Capitão, tendo por objetivo assegurar a defesa da mesma: “(...) mandou a esta Ilha da Madeira (...) o desembargador João Leytão (...)” (Fructuoso 1873, 305). Mas não sem antes ter discutido o assunto com Rui Dias “(...) Capitam de S. Miguel (...)”, tio e padrinho do 3º Conde da Calheta “(...) pois ambos procedem de hum mesmo tronco (...)” (Fructuoso 1873, 305). Sobre a decisão, deu conhecimento o próprio rei à “Condessa sobrinha.”¹⁶

Simão Gonçalves da Câmara casou em primeiras núpcias com D. Maria de Lencastre, sua prima, filha de D. João da Silveira,¹⁷ de cujo enlace não se registaram descendentes, e em segundas núpcias com D. Maria de Meneses, dama da Rainha D. Margarida de Áustria¹⁸ e filha herdeira de Rui Mendes de Vasconcelos, 1º Conde de Castelo Melhor e de D. Isabel de Meneses.

Deste último casamento nasceram três filhos, a saber, D. João Gonçalves da Câmara, que viria a ser 4º Conde da Calheta, D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara e, por último, D. Inês de Noronha,¹⁹ dos quais falaremos mais à frente.

As alterações políticas resultantes da morte de D. Sebastião não parecem ter afetado a relação de proximidade entre os Condes da Calheta e a família real. Veja-se como Filipe II (r. 1598-1621) (III de Espanha) dirige a missiva de 14 de abril de 1619²⁰ ao “Conde amigo”, informando

¹⁶ Carta enviada pelo rei à condessa da calheta, datada de outubro de 1581. A.N.T.T., Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça, tomo 1C, p. 373, PT/TT/MMCG/1C/000066.

¹⁷ B.A., Genealogias, 49-XII-30, p. 6.

¹⁸ Idem, *Ibidem*.

¹⁹ B.A., Genealogias, 49-XII-30, p. 7.

²⁰ A.N.T.T., Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça, tomo 1C, p. 675, PT/TT/MMCG/1C/000066.

que viria visitar os seus reinos para os ver e, por conseguinte, conhecê-los mais de perto.

2.5 João Gonçalves da Câmara (1606-1656) 4º Conde da Calheta

O batizado de João Gonçalves da Câmara realizou-se a 29 de novembro de 1606 na Paróquia da Ajuda.²¹ Por esta altura já a família detinha a propriedade em Belém, conforme descrevemos anteriormente. Desconhecemos, porém, se este foi o motivo que originou a realização do sacramento na freguesia da Ajuda, à qual Belém pertencia, e se existiu algum tipo de comemoração, na propriedade, para celebrar o acontecimento.

O 4º Conde da Calheta casou com a Condessa dos Arcos, D. Inês Maria de Meneses (viúva de D. Lourenço de Lima Brito Nogueira, Conde dos Arcos, filha de D. António de Meneses e de D. Brites Francisca de Noronha)²² cerca de 1649, pois uma carta datada de 4 de setembro desse mesmo ano, assinada por Pedro Carvalho e dirigida de Lisboa ao Visconde de Vila Nova da Cerveira, participa o matrimónio, descrevendo a cerimónia e informando que a mesma decorreu na Quinta de Marvila, tendo estado presentes D. Tomás de Noronha e D. Madalena de Bourbon.²³ Deste casamento não existiu sucessão e, depois de viúva, D. Inês Maria de Meneses ingressou na Ordem das Carmelitas Descalças, no Convento de Santo Alberto, local onde se encontra hoje o edifício do Museu de Arte Antiga, em Lisboa.²⁴

De seguida, mencionaremos as conclusões apuradas relativamente à propriedade para, deste modo, nos tentarmos aproximar da edificação. Para tal, basearemos as nossas justificações nos factos descritos até ao presente momento. Todavia, e concomitantemente, aportaremos novos dados à colação.

²¹ A.N.T.T.,. Distrito de Lisboa, Concelho de Lisboa, Paróquia da Ajuda, livro de batismo nº1 – Cx 1, 6/47/9/1, fl. 69, PT/TT/PRQ/PLSB01/001/B1.

²² B.A., Genealogias, 49-XII-30, p. 8.

²³ B.A., 54-XIII-21, nº 42.

²⁴ B.A., Genealogias, 49-XII-30, p. 8. Devoto de Nossa Senhora do Carmo, foi também o seu cunhado, 2º Conde de Castelo Melhor. Rainava Filipe IV (III de Portugal, 1621-1640), foi o conde enviado para as colónias americanas, pouco antes da revolução de 1640, e lá foi feito prisioneiro (Silva 1922, 11). Por interceção da Virgem foi libertado da prisão onde se encontrava no forte de Santa Cruz, Cidade de Cartagena de Índias. Assim sendo, no seu testamento ordenou doar às “(...) freyras Carmelitas descalsas desta cidade [de Lisboa] vinte mil reis de esmola pera a festa de S. Igreja, e que a mesma obrigação deixe a seu filho que lhe suceder na minha casa (...)” (A.N.T.T, Inventário dos bens do Conde de Castelo Melhor, inclui testamento, Feitos Findos, Inventários post mortem, Letra J, mç. 347, nº 9, p. 147, PT/TT/IFF/009/0347/00009).

A historiografia tem vindo a fazer recair o ónus da construção do palácio, em meados do século XVII, sobre o 4º Conde da Calheta. Porém, esta narrativa não parece ter tido em linha de conta que a propriedade entra para posse da família por via do 2º Conde da Calheta, ainda que em data por identificar. No entanto, através do relato transcrito anteriormente, ficamos a saber que entre os anos de 1579 e 1580 a propriedade já pertencia à família Gonçalves da Câmara. Nela existia também algum tipo de edificação, uma vez que Rui Dias da Câmara permaneceu na mesma aquando do seu regresso a Lisboa, saído do cativo Africano (Fructuoso 1873, 302).

Passou a propriedade, por via hereditária, para a posse de Simão Gonçalves da Câmara, filho primogénito do 2º Conde da Calheta. Se durante a sua vigência foram realizados melhoramentos na quinta ou na edificação, não dispõe esta investigação de fontes que o permitam validar. Todavia, o que poderemos afirmar é que o princípio hereditário do filho primogénito deixa de vigorar a partir deste momento, durante as duas gerações ulteriores. O mesmo princípio só se volta a verificar com a passagem da propriedade para D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara, último proprietário, como seguidamente se demonstrará.

Assim sendo, com a morte de seus pais, a propriedade de Belém não passa para o 4º Conde da Calheta, mas sim para a sua irmã, D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara, casada, por morte do seu comprometido, com João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, 2º Conde de Castelo Melhor. A partir deste momento a Casa da Calheta fica ligada à Casa dos Castelo Melhor.

A confirmação destes dados surge no inventário *post mortem*, datado de 15 de março de 1659, do 2º Conde de Castelo Melhor, falecido a 13 de novembro de 1658 (Silva 1922, 13). Neste documento pode ler-se que “Mais ficou por morte do Conde [2º Castelo Melhor] aparte da quinta de Belem de que esta de posse [D. Mariana de Lencastre] como bem de seu dote que lhe couberão em legitima por morte dos Condes da Calheta seus pais (...).”²⁵ Por alturas da realização do inventário *post mortem* vivia a Condessa em “Hum apozeno de cazas da vivenda do Conde defunto, em que de presente vive a Marqueza sua molher nesta Cidade [de Lisboa]

²⁵A.N.T.T., Inventário dos bens do Conde de Castelo Melhor, inclui testamento, Feitos Findos, Inventários post mortem, Letra J, mç. 347, n.º 9, p. 65, PT/TT/IFF/009/0347/00009.

fora das portas de santo Antão defronte da hermidia de sam Luis (...).”²⁶

A transmissão do Palácio da Calheta para D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara, aquando da morte dos seus pais, é igualmente confirmada pelo testamento do 2º Conde de Castelo Melhor, datado de 22 de outubro de 1649.²⁷ Este documento informa que “(...) das legitimas que couberam a Condessa minha mulher por morte dos senhores Conde, e Condessa da Calheta seus paes, e meus sogros, não tenho recebido ate ao presente, mais que o que constara por hu rol que esta em poder da Condessa. E assy quero, e mando, que (...) se trate de se fazerem, e determinarem as partilhas da fazenda que ficou por morte do ditto Snor Conde Capitão meu sogro. E espero muyto per merçe ao Snor Conde Capitão, e ao Snor Marquez de Niza meus cunhados, queirão e sejão servidos que asy se fasa.”²⁸

E assim se fez, pois à data do inventário *post mortem* a propriedade já se encontrava em posse de D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara que, por ocasião do mesmo “Declarou [a Condessa] que mandara dar aos officiais Corrieiros que forão a quinta de Bellem avaliar a Carroça e liteira que lá estavão dous mil reis como constava de sua certidão.”²⁹ Portanto, se existiam carros de atrelagem na propriedade, podemos supor que também lá se encontravam, em palheiros ou em cavalariças, os equinos utilizados para a sua locomoção. Esta informação pode ser particularmente relevante porque, na parte norte da edificação, em momento posterior, existiu o denominado Pátio das Vacas, na qual se encontravam os palheiros.³⁰ Desconhecemos, todavia, se estas edificações já existiam à época do inventário.

Face ao exposto, afigura-se-nos possível avançar a hipótese de que, no período temporal que medeia entre o testamento e o inventário *post mortem* (respetivamente, 1649 e 1658), o 4º Conde da Calheta não terá realizado qualquer tipo de edificação/alteração na propriedade, pois a mesma já era pertença de sua irmã. Aliás, de acordo com as fontes, já deveria estar na

²⁶A.N.T.T., Inventário dos bens do Conde de Castelo Melhor, inclui testamento, Feitos Findos, Inventários post mortem, Letra J, mç. 347, n.º 9, p. 60-1, PT/TT/IFF/009/0347/00009.

²⁷ Dias antes de ter partido de Lisboa para o Brasil, 4 de novembro de 1649, para desempenhar o cargo de Governador Geral do Brasil, reinava D. João IV (1640-1656).

²⁸ A.N.T.T., Inventário dos bens do Conde de Castelo Melhor, inclui testamento, Feitos Findos, Inventários post mortem, Letra J, mç. 347, n.º 9, p. 148, PT/TT/IFF/009/0347/00009.

²⁹ *Idem*, p. 68.

³⁰ Visíveis na planta da edificação, s.d., localizada na Biblioteca Digital do Exército (B.D.E.), ref. 455-1-5-9.

sua posse desde o falecimento do pai, em 1630. Deste modo, seguindo a narrativa da historiografia e partindo do pressuposto de que D. João Gonçalves da Câmara chamou a si o ónus da edificação, como se justificaria que aceitasse perder uma construção recente, ainda por cima sendo ele o primogénito? Ou, sabendo de antemão que os seus pais pretendiam transmitir a propriedade à irmã, importa, no mínimo, questionar o seu investimento num empreendimento deste género.

Em síntese, e de acordo com a documentação, o Palácio da Calheta, em Belém, foi transmitido do 3º Conde da Calheta para a sua segunda filha, D. Mariana de Lencastre. Nesta medida, o 4º Conde da Calheta nunca foi proprietário deste imóvel, o que implica reequacionar toda a narrativa que tem vindo a ser divulgada e que atribuiu a este fidalgo a principal campanha de obras do edifício.

2.6 Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara (1608-1689)

Filha, como vimos, do 3º Conde da Calheta, Simão Gonçalves da Câmara, e de Margarida de Menezes Vasconcelos, sucedeu a seu avô, Rui Mendes de Vasconcelos, 1º Conde de Castelo Melhor, à frente desta casa, por vontade do mesmo expressa em testamento. A condição seria, todavia, casar-se com Francisco de Vasconcelos e Sousa, alcaide-mor e comendador de Pombal. Como este veio a falecer antes do casamento se concretizar, acabou por contrair matrimónio com João de Vasconcelos e Sousa, irmão do 2º Conde de Castelo Melhor. O casal teve vários filhos, o primeiro dos quais, Luís de Vasconcelos e Sousa, nascido em 1636, viria a herdar o património dos Castelo Melhor (título, casa, comenda, alcaidarias mores, e todas as demais coisas que seu pai tinha e que lhe foram transmitidas através de Alvará por Sua Majestade)³¹ e a ocupar o lugar de 3º conde. O segundo filho foi Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara (1638-1681), futuro proprietário do Palácio da Calheta. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara foi ainda camareira-mor da rainha D. Maria Francisca de Sabóia (Silva 1922, 102), cargo que desempenhou entre 2 de agosto de 1666 até 1677.

³¹ A.N.T.T, Inventário dos bens do Conde de Castelo Melhor, inclui testamento, Feitos Findos, Inventário post mortem, Letra J, mç. 347, nº 9, p. 147, PT/TT/IFF/009/0347/00009. Luís de Vasconcelos e Sousa foi "(...) «escrivão da puridade» (...) valido de D. Afonso VI [1656-1683] (...) no decurso dos cinco anos que durou, entre 1662 e 1667. (...) a cabeça e o corpo do rei (...)" (Ramos et al 2015, 325 a 34).

2.7 Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara (1638-1684)

A 7 de fevereiro de 1681, D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara doou ao seu segundo filho, Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, o Palácio da Calheta.³² Todavia, em data anterior, e com permissão de sua mãe, ficou este autorizado a realizar as benfeitorias e melhoramentos que pretendesse na dita propriedade. Deste modo, no ano de 1674 “ (...) trocou com os Padres do Real Mosteiro de Santa Maria de Bellem duas terras de pão que o dito Simão de Vasconcellos e Souza tinha, huã junto a quinta do Conde de Sabugal e outra por detraz della, por outras duas terras do dito Mosteiro que ficavão juntas e contiguas com esta propriedade por escritura outorgada na nota do tabelião Domingos de Barros a vinte e dois de junho do anno 1674 com e tudo mais largamente consta da dita escritura a que se refere, as quais terras unio e encorporou o dito Simão de Vasconcellos e Souza em a dita propriedade e estão incluidas na cerca della; e depois fez o mesmo Simão de Vasconcellos e Souza outra troca com as Relligiosas do Convento do Bom Sucesso pella qual lhe largarão uma terra chamada de Figueira, e por outro nome detraz dos quintões do lugar de Belem, que estava junto a esta propriedade dando-lhe o dito Simão de Vasconcellos por ella duas terras uma chamada dos Valles que era própria do dito Simão de Vasconcellos e outra do limite de Alcolena que tomou de aforamento em praça publica á Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda (...) e ultimamente fez o proprio Simão Vasconcellos e Souza outra troca com as Religiosas do Convento da Santissima Trindade desta corte pella qual lhe largarão hum pedaço de Terra que tinha entre a dita propriedade (...) cuja terra esta tambem incluida na mesma cerca desta propriedade (...).”³³

Aqui chegados, importa realçar dois factos relevantes para a história do Palácio da Calheta. Em primeiro lugar, e fundamentados na escritura que acabamos de transcrever, parece-nos plausível concluir que o ónus do engrandecimento ou melhoramento da propriedade se deve atribuir a Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, apesar da historiografia não ter tido esta possibilidade linha de conta. Na verdade, e considerando que o 4º Conde da Calheta não foi proprietário da quinta, este não poderia ter tido a importância que lhe é tradicionalmente atribuída.

³² A.N.T.T., Chancelaria de D. João V, liv. 14, fl. 37, PT/TT/CHR/T/001/0014.

³³ *Idem, Ibidem.*

No que diz respeito à dimensão da quinta, e atendendo às modificações que foram realizadas, esta deveria ter permanecido sem alterações de vulto desde o seu primitivo proprietário, o 2º Conde da Calheta. Muito embora não tendo sido feita alusão na escritura, não será de excluir que no seguimento deste ímpeto de engrandecimento tivessem sido realizadas construções, reconstruções, ampliações ou melhoramentos nas edificações. Tentaremos no próximo capítulo, fundamentar esta ideia através da leitura integrada dos revestimentos azulejares.

Em segundo lugar, com base na mesma fonte, destacamos a proximidade existente entre a propriedade e as terras que os padres do Mosteiro de Belém detinham, passando estas a fazer parte da cerca. Este facto vem reforçar uma das duas supostas probabilidades que elencamos como futuras linhas de investigação, ou seja, a hipótese de D. João Gonçalves da Câmara, 2º Conde da Calheta, ter tomado o terreno através de aforamento à Ordem de S. Jerónimo.

Quando D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara doou a propriedade ao seu segundo filho, estava o primogénito, Luís de Vasconcelos e Sousa, 3º Conde de Castelo Melhor, em Inglaterra, para onde fugiu depois de ser acusado de querer envenenar o infante D. Pedro. Em Inglaterra, serviu dedicadamente Carlos II e D. Catarina de Bragança. Só regressou a Portugal após a morte da rainha D. Maria Francisca, no ano de 1685, ilibado que foi de todas as acusações (Ramos et al 2015, 335).

2.8 Sentença e sobressentença do Condado da Calheta

D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta,³⁴ faleceu a 27 de março de 1656, sem deixar descendência, conforme já mencionado anteriormente. Por ordem de sucessão ficou por herdeira a sua segunda irmã D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara. No entanto, num primeiro momento, D. Inês de Noronha, irmã de ambos, juntamente com “Francisco Gonçalves de Ataíde, morgado das Desertas, primo das anteriores” (Salvado 2009, 83), contestaram judicialmente a sucessão,³⁵ que “veio a ser rebatida e, por sentença de 27 de Agosto de 1660, os tribunais decidiram-se a favor de D. Mariana” (Salvado 2009, 84). Estava

³⁴ A.N.T.T., Cartas de confirmação, Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça, tomo 1C, p. 647 a 666, PT/TT/MMCG/1C/000066.

³⁵ A.N.T.T., Sentença e sobre-sentença do Condado da Calheta (...), morgados e capelas, núcleo antigo 235, PT/TT/MC/2/235.

em questão o título, casa, condado da Calheta e a capitania da cidade do Funchal. Na “sequência da sentença, Francisco Gonçalves de Ataíde ainda interpôs recurso, mas acabou por desistir mediante composição com D. Mariana de Vasconcelos, deixando, no entanto, em aberto a possibilidade do seu sucessor vir a intentar nova ação contra D. Mariana” (Salvado 2009, 84-5).

Num segundo momento, foi Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, filho de Francisco Gonçalves de Ataíde, quem ordenou a reabertura do processo, em 1669.³⁶ Todavia, “(...) Uma nova sentença, datada de 11 de Agosto de 1676, voltou, no entanto, a reafirmar os direitos exclusivos da marquesa de Castelo Melhor à sucessão na casa da Calheta (...)” (Salvado 2009, 85). Não obstante, Luís Gonçalves da Câmara Coutinho recorre da sentença. Porém, o pleito foi vencido em 1677 a favor de D. Mariana de Lencastre.

Alguma historiografia menciona, como verificámos no *Estado da Arte*, que foi depois de vencer o pleito que a Condessa cedeu a propriedade ao seu filho Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara. Como pudemos constatar ao longo deste trabalho, já em 1674 Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara se encontrava na propriedade a realizar os melhoramentos e benfeitorias que considerasse necessárias. Todavia, nesta data ainda decorria o pleito. Perante o que acabámos de descrever, supomos que a Quinta de Belém não fazia parte dos bens da Casa da Calheta, razão pela qual nunca entrou em disputa judicial. cremos que a propriedade, sendo um bem próprio da família, estava inserida na categoria dos bens alodiais – “Os bens alodiais pertenciam à totalidade dos descendentes de igual forma, podendo ser livremente vendidos ou fragmentados” (Salvado 2009,185). Caso contrário, se estivéssemos perante um bem vinculado³⁷, esta teria ficado na posse do 4º Conde da Calheta, o que não aconteceu, pois ainda em vida do mesmo a propriedade já pertencia à sua irmã. Ou, no mesmo sentido, teria a propriedade transitado de D. Mariana de Lencastre de Vasconcelos e Sousa da Câmara, para o seu filho herdeiro, o 3º Conde de Castelo Melhor, titular da casa, o que também não veio a ocorrer.

³⁶ *Idem, Ibidem.*

³⁷ “(...) cabiam em exclusivo aos sucessores das casas. Não podiam ser alienados, a não ser em condições excepcionais reguladas pelo direito (...). A sucessão nos bens vinculados regia-se pelos termos da instituição e pelo direito, e assentava maioritariamente nos preceitos de legitimidade, masculina e da primogenitura. O que não significa, todavia, que não pudessem ser confirmados por via feminina” (Salvado 2009,185).

2.9 Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara (1664-1732)

Do casamento de Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara com D. Joana de Távora nasceu, entre outros filhos, o primogénito Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara.³⁸ Por falecimento de seu pai, em 1684, a propriedade passa a pertencer-lhe, como se pode verificar “nas partilhas que se fizerão por falecimento de seu Pay”.³⁹ Deste modo, passadas duas gerações, volta a propriedade a pertencer ao filho primogénito. De salientar que, quando a quinta passou para posse de Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara, a sua avó ainda era viva, encontrando-se no norte de Portugal, e o seu tio, 3º Conde de Castelo Melhor, em Inglaterra, como vimos anteriormente.

A nível de extensão da propriedade supomos que Pedro de Vasconcelos não tenha realizado empreendimentos de vulto. Sabe-se, porém, que em 1701, a sua mãe, D. Joana de Távora, vivia no palácio (Vale et al. 2001 e 2002). Desconhecemos, igualmente, se existiu alguma intervenção no palácio, quer exterior, quer interior. Assim sendo, aplicaremos a mesma metodologia que anteriormente referimos em relação ao seu pai, procurando, no próximo capítulo, usar os revestimentos azulejares para melhor compreender que alterações poderão ter sido introduzidas no edifício nesta época.

D. Pedro de Vasconcelos Souza e Câmara é o último proprietário pertencente a esta família, uma vez que a 26 de outubro de 1726, vendeu a mesma, pelo valor de cinquenta cruzados, a D. João V (1706-1750). O Palácio e Quinta da Calheta integraram, desde então, a Casa Real, na qual permaneceram até à Implantação da República, em 1910. Através da escritura de venda, conseguimos obter um retrato fidedigno de como era a propriedade e o seu edificado na terceira década do século XVIII:

“(…)Por elle Pedro de Vasconcellos e Souza foi dito perante mim Tabelião (...) e possuidor de hua propriedade chamada de Calheta (...) por cima do lugar de Belem (...) consta de cazas nobres com elas Pateo que tem a entrada da banda de nascente por hua porta de grades de ferro, e tem a escada que sobe para as cazas principais da parte

³⁸ “(...) partira para Londres, ao encontro de seus primos, o embaixador Francisco de Melo Manuel e a Condessa de Penalva (...). Desta Cidade, D. Francisco informa-nos sobre a boa-vida que o primo levava (...) em Março de 1676 (...)” (Flor 2016, 57). Supõe-se que à data do falecimento de seu pai já se encontrava em Portugal.

³⁹ A.N.T.T., Chancelaria de D. João V, liv. 14, fl. 37, PT/TT/CHR/T/001/0014.

de sul por onde correm as mesmas cazas continuando pella banda de poente e pella de norte a Cavallariça Palleiro e Cazas de Criados com sua cerca murada em redondo se compõem de Vinha Pumares e Parreiras, hum Posso de Nora com seu Tanque e hua Fonte Corre para hum Lago grande Cercado em redondo de grades de pedra de cantaria com duas figuras nelle de Marmor de Italia (...).⁴⁰

Infelizmente, a escritura não apresenta uma descrição detalhada do palácio, referindo-se somente a casas nobres. As restantes áreas edificadas parecem corresponder ao que hoje conhecemos através de plantas⁴¹ ou de fotografias.⁴²

⁴⁰ *Ibidem*, fl. 36.

⁴¹ Biblioteca Digital do Exército (B.D.E), Lourenço Homem da Cunha de Eça, *Planta do Palacio do Pateo das Vacas, Planno Terrio, e 1º*, ref. 455-1-5-9, S.d.

⁴² Arquivo Municipal de Lisboa (A.M.L), Pátio das Vacas no antigo largo do Museu Agrícola Colonial (...), PT/AMLSB/POR/057264.

3. OS AZULEJOS AO TEMPO DOS SOUSA DA CÂMARA:

ENTRE A DIMENSÃO DAS ENCOMENDAS E A SUA PRESERVAÇÃO

A história da família que acabámos de traçar, permitiu esclarecer um conjunto de aspetos fundamentais para perceber a arquitetura do palácio e o equipamento decorativo que aí se conserva, maioritariamente a azulejaria que hoje reveste quinze espaços divididos por dois andares. Como veremos, a maioria dos revestimentos apresenta uma cronologia de produção que se inscreve no período em que os Condes da Calheta foram proprietários do edifício. Todavia, registam-se azulejos de épocas posteriores e outros mais antigos, mas aplicados posteriormente, ou seja, a partir de 1726, quando o Palácio deixa de pertencer à família integrando a Casa Real e as designadas Quintas de Belém.

Neste capítulo procuraremos usar a informação do inventário e da catalogação realizada ao longo de um ano, e que sistematizámos na plataforma *Az Infinitum*, tirando partido das relações que este sistema potencia, para tentar responder a algumas das perguntas de investigação com que iniciámos o trabalho: qual dos proprietários encomendou os revestimentos principais? Podem ser imputados a um único proprietário ou estamos perante um programa que se foi construindo progressivamente? O que se conserva dos revestimentos originais? Seriam estes mais extensos?

Para além destas questões diretamente relacionadas com o palácio e a sua história, outras interrogações foram surgindo ao longo do processo de pesquisa, possibilitando o alargamento do inquérito à organização do trabalho no contexto das oficinas produtoras de azulejo entre o final do século XVII e o início do século XVIII.

O uso de ferramentas e aplicações computacionais no âmbito da História da Arte tem vindo a conhecer um desenvolvimento significativo nos últimos anos e, como tal, também esta investigação beneficiou de algumas aplicações, usadas principalmente ao nível da visualização de dados e da consequente comunicação dos mesmos. Como forma de balizar o período cronológico em análise e os proprietários do palácio, optámos por criar uma cronologia dinâmica, com base no capítulo anterior, cuja data inicial considerámos ser 1579/80, anos em que a *fazenda* [sic] já era pertença do 2º Conde da Calheta, e data final o ano de 1726,

assinalando a passagem da propriedade para a posse da Casa Real (Fig. 13). Cruzamos ainda a informação sobre os membros da família com o período da cronologia azulejar, destacando Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, que no ano de 1674 levou a cabo melhoramentos e bem feitorias na propriedade. Por sua vez, Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara recebe a propriedade por morte de seu pai no ano de 1684, acabando por vendê-la a D. João V em 1726.

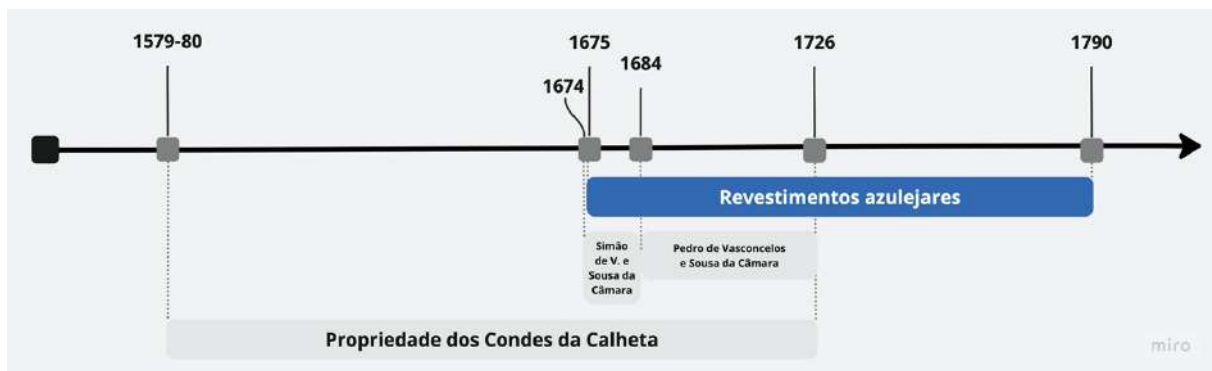


Fig. 13 – Cronologia compreendendo os anos em que a propriedade esteve na posse dos Condes da Calheta, destacando dois dos seus membros, e o período correspondente aos diferentes revestimentos azulejares.

Assim, a visualização em cronologia dos dados anteriormente descritos permite concluir, de forma muito imediata, que a encomenda dos conjuntos azulejares recai, justamente, no período em que os Sousa da Câmara, pai e filho, passaram pela propriedade. Uma vez que não dispomos de documentação que permita datar de forma precisa os azulejos, socorremo-nos dos intervalos cronológicos definidos pela historiografia e que, apesar de não serem estanques nem rígidos, possibilitam balizar os revestimentos do Palácio da Calheta no contexto dos principais ciclos da azulejaria portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

Assim, são mais antigos os revestimentos das salas com os números de inventário LX_BL_PCC_02 (Fig. 14), LX_BL_PCC_07 (Fig. 16), LX_BL_PCC_09 (Fig. 17 e 18), LX_BL_PCC_10 (Fig. 19 e 20) e LX_BL_PCC_11 (Fig. 15), ou seja, cinco espaços situados no piso 1 do palácio, que apresentam azulejos do período da policromia intensa (1665-1675) (LX_BL_PCC_02), da pintura a azul e branco mas ainda com fortes vestígios de manganés (1670-1680) (LX_BL_PCC_11), da pintura a azul e branco do designado período de transição (LX_BL_PCC_07) (1690-1700) e finalmente os padrões da sala LX_BL_PCC_09 e os de búzios da sala LX_BL_PCC_10, que muito embora se inscrevam na azulejaria de repetição, são

produzidos a azul e branco, inserindo-se portanto numa cronologia mais avançada, situável ainda no século XVII ou já na centúria seguinte (Fig. 21). Face ao exposto, torna-se evidente que o azulejo que reveste, em silhar, estes cinco espaços, é coincidente com o tempo em que os Sousa da Câmara detiveram o palácio, podendo ter sido encomendado tanto por Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, como por Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara.



Fig. 14 – Revestimento de azulejos integrado no ciclo designado como *policromia intensa*, da sala LX_BL_PCC_02. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.



Fig. 15 – Revestimento de azulejos integrado no ciclo de pintura a azul e branco ainda com vestígios de manganés, da sala LX_BL_PCC_11, com cenas de caça. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.



Fig. 16 – Revestimento de azulejos integrado no ciclo designado como *período de transição*, da sala LX_BL_PCC_07. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 17 e 18 – Revestimento de azulejos de padrão a azul e branco, da sala LX_BL_PCC_09. Trata-se do padrão P-17-01080, articulado com a cercadura C-17-00174 e o canto C-17-00174-ct01. Fotografia Az Infinitum.

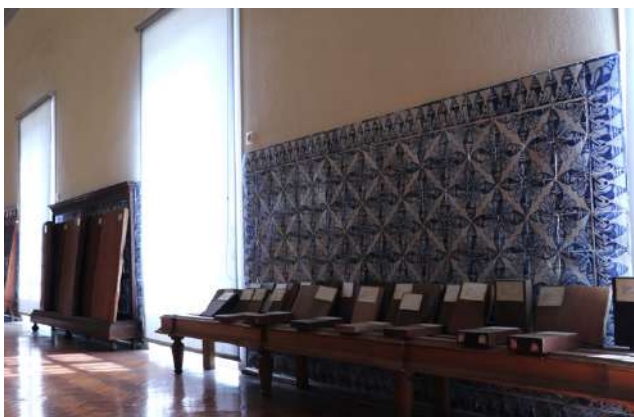


Fig. 19 e 20 – Revestimento de azulejos de padrão a azul e branco, da sala LX_BL_PCC_10. Trata-se do padrão de búzios P-17-01078, articulado com a cercadura C-17-00175 e o canto C-17-00175-ct01. Fotografia Az Infinitum.

Nesta segunda metade de Seiscentos assistiu-se ao “(...) fim da guerra [1640 a 1668] e ao reatamento das relações políticas e económicas com a Espanha, a França e os Países Baixos, juntamente com a recuperação económica provocada pelo Conde da Ericeira, em finais do século (...) coincidente com o reinado de Pedro II, no qual tanto se destacaram a arquitetura e a talha dourada de «Estilo Nacional»¹, assistindo-se à renovação de muitas construções palacianas (...)” (Meco 1984, 46), como se terá verificado no Palácio da Calheta.



Fig. 21 – Planta assinalando a cor os diferentes períodos da azulejaria.

- Sala LX_BL_PCC_02 | azulejos de policromia intensa do terceiro quartel do século XVII
- Salas LX_BL_PCC_07, LX_BL_PCC_09, LX_BL_PCC_10 e LX_BL_PCC_11 | azulejos azuis e brancos do último quartel do século XVII

3.1 Azulejos ornamentais de intensa policromia (sala LX_BL_PCC_02)

Iniciaremos a nossa análise pela sala LX_BL_PCC_02, espaço ao qual a historiografia atribuiu várias designações ao longo dos tempos (tabela 1) e no qual a produção azulejar ornamental privilegia uma paleta cromática mais rica, variada e intensa, marcada sobretudo pela utilização do verde cobre e do manganés (roxo ou vulgarmente designado por «cor de vinho»), que assim se juntam aos já muito usados azul e amarelo. Por outro lado, distribuídos por todas as paredes e também nos vãos de janelas e portas, os azulejos representam composições ornamentais de enrolamentos de acanto, que se desenvolvem a partir do motivo central, delimitadas por molduras de barras com enrolamentos de folhas e flores, mascarões ao centro e conchas nos cantos. As dimensões de cada secção, dominada pelo verde, amarelo e

¹ “(...) É no século XVII que se dá a *nacionalização* do barroco português, em grande medida através de *dispositivos para-arquitetónicos*: a azulejaria e a talha dourada (...). Não é por acaso que o barroco português se afirma espacialmente dentro dos edifícios (...). Esta dicotomia entre *interior* e *exterior* parece ser, aliás, intencional (...) de matriz contrarreformista (...)” (Pereira 2014, 641-2).

manganés, difere em função da superfície parietal a revestir, adaptando-se à arquitetura (Fig. 14). Uma observação atenta da pintura permite observar as dificuldades que se sentiriam nesta época nas olarias perante um tom difícil de controlar, ao nível do forno, como é o caso do verde, que se espalha deixando manchas em torno das formas pintadas (Coentro 2010, 20-1) (Fig. 22). De acordo com José Meco, os pintores de azulejo recorreram a estas tonalidades mais vibrantes para “(...) superarem o esgotamento criativo e as limitações dos seus conhecimentos (...) que escondesse a ingenuidade estrutural (...)” (Meco 1984, 46).

Porém, importa não esquecer a pintura de tetos na renovação da azulejaria da época: “Santos Simões havia chamado a atenção para a influência dos pintores de tectos na azulejaria ornamental do século XVII, referindo-se às largas composições de enrolamentos de folhagens ainda policromas (...) citando exemplos (...) como os painéis do Palácio da Praia, em Belém (...) ou do antigo Palácio dos Condes da Calheta, também em Lisboa. (...) Depois de Santos Simões foi José Meco quem mais insistiu no papel que os pintores de tectos de brutesco desempenharam na introdução de um novo vocabulário na azulejaria, entre 1670 e 1685 (...)” (Carvalho 2012, 340).

Através das suas criações, das quais constavam “(...) volutas, enrolamentos de folhagens, grinaldas e «obras de laço», combinados com vasos e ramos floridos, meninos, carrancas, aves conchas (...)” (Meco 1984, 47), abriram a porta a uma dinâmica inventiva que foi absorvida pela azulejaria, passando tais elementos a figurar nos “revestimentos ornamentais (...) composições dos padrões e cercadura, contribuindo para a dissolução dos esquemas formais Maneiristas, derivados dos «brutescos» (...)” (Meco 1984, 47-8).

A riqueza pictórica e decorativa patente na composição transmite um efeito visual singular a todos aqueles que a observam. Tal facto, levou João Miguel dos Santos Simões a considerar este revestimento como sendo o conjunto mais importante existente no interior do palácio (1971, 109). Por sua vez, segundo José Meco, este é também um dos revestimentos mais importantes da fase em estudo conservados na cidade de Lisboa, em paralelo com o revestimento de uma sala que se encontrava no “destruído palácio da Praia, em Belém, actualmente no Museu do Azulejo (...) de policromia forte, sem azul (...)”, ambos encontrando paralelo nos frontais de altar da igreja matriz do Salvador, em Aljustrel (Meco 1984, 48). Para

além da relevância que este conjunto assume no próprio palácio, e que a historiografia tem vindo a destacar, importa ainda chamar a atenção para o facto de ser um dos poucos, se não o único, que permanece *in situ*. Versões semelhantes, mas já em tons de azul e branco, podem ainda encontrar-se no Palácio Tancos, também em Lisboa (Carvalho 2012, 578-9).



Fig. 22 – Secção da sala LX_BL_PCC_02 em que é bem visível o verde cobre “espalhado” sobre o vidroado branco. Fotografia Emigus / Az Infinitum.

Apesar de se conservar no seu local original, a maioria das secções parece ter sido objeto de múltiplas alterações, transformando assim a sua configuração original. Estas modificações ocorreram devido às várias intervenções estruturais no palácio, as quais caracterizaremos no seu devido tempo, e que originaram ainda restauros de eficiência duvidosa e que contrastam

significativamente com as composições primitivas, tanto a nível pictórico, como ornamental. Na verdade, a única composição que se mantém quase inalterada, apresentando somente pequenos restauros nas barras inferior e lateral direita, é a que se encontra na parede 02.

3.2 Pintura a azul, branco e manganés em cenas de caça (sala LX_BL_PCC_11)

Continuando a seguir o que consideramos ser a cronologia de produção e aplicação dos azulejos nos espaços em análise, a sala de maiores dimensões que corresponde a toda a fachada lateral nascente e que se abre para as duas fachadas (Jardim Botânico e Rua General João de Almeida), é dominada por um revestimento, mais uma vez aplicado em silhar, com cenas de caça delimitadas por barras com representações de animais em paisagens com árvores (Fig. 23). Nas barras verticais observa-se mesmo uma árvore que, se projeta a partir do canto inferior, exibindo aves nos seus ramos. Os tons de azul e branco misturam-se com o manganés, que define os contornos e, em tons mais arroxeados, modela os volumes das figuras e dos animais, o que permite situar cronologicamente o conjunto entre os anos de 1670 e 1680.



Fig. 23 – Secção da sala LX_BL_PCC_11 em que é possível observar a pintura a azul e branco com fortes vestígios de manganés e a moldura em barra. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.

Entre os conjuntos com os quais este revestimento pode ser cotejado, destaca-se o dos jardins do Palácio Fronteira, em Lisboa, principalmente nos alegretes, onde se observa uma caçada ao coelho/lebre muito semelhante àquela que se encontra no Palácio da Calheta. De referir, também, que as temáticas exóticas nos alegretes da Galeria das Artes e das Ciências, do mesmo palácio, são em tudo idênticas às que figuram nas barras da sala em análise, tanto a nível figurativo, como pictórico.

No que diz respeito às fontes de inspiração, João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) já tinha chamado a atenção para a influência do *Libro de la Montaria*, de Contador de Argote, ou das estampas xilografadas das *Venationes ferarum avium, piscium...* de Stradanus e gravada por diversos artistas.



Fig. 24 – LX_BL_PCC_11, parede 1, seção 2. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 25 – Philip Galle, seguindo Stradanus, *Caça ao Veados*, in *Venationes Ferarum, Avium, Piscium*, c. 1578. © The Trustees of the British Museum, 1957,0413.235.



Fig. Fig. 26 – LX_BL_PCC_11, parede 2, seção 4. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 27 – Philip Galle, seguindo Stradanus, *Caça à Avestruz (n. 62)*, in *Venationes Ferarum, Avium, Piscium*, c. 1578. © The Trustees of the British Museum, 1957,0413.106.



Fig. 28 – LX_BL_PCC_11, parede 3, seção 2. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 29 – Philip Galle, seguindo Stradanus, *Caça ao Leão* (n. 17), in *Venationes Ferarum, Avium, Piscium*, c. 1578. © The Trustees of the British Museum, 1957,0413.236.

A comparação com as fontes gravadas permite compreender um conjunto muito interessante de aspectos, como por exemplo a questão da escala. Na caça ao leão, a gravura não é reproduzida integralmente, e registam-se múltiplas variações no posicionamento dos cavalos, entre outros elementos (Fig. 28 e 29). Mas a escala a que os leões são desenhados é muito diferente, e estes são reduzidos a animais de menor porte, sendo talvez o leão morto, que surge em primeiro plano na gravura, o exemplo mais eloquente.

Por sua vez, na caça à avestruz (Fig. 26 e 27), não é a cena principal ou de maiores dimensões a escolhida para ser replicada no azulejo, mas uma série de figuras em plano secundário, com pouca definição, e misturadas entre si (Fig. 30).





Fig. 30 – Correspondência dos retângulos de cor entre a gravura e os azulejos, encontrando-se o cão do quadrado laranja em posição invertida face à gravura. Fotografia Emigus / Az Infinitum.

Mais uma vez, e apesar do estado de conservação do conjunto, é possível identificar múltiplas alterações introduzidas ao longo dos anos, motivadas, novamente, por alterações estruturais no edifício, como veremos mais à frente. Para já, importa continuar a salientar alguns aspetos de grande interesse relativamente aos processos de produção e pintura dos azulejos. Assim, em muitas das composições é bem visível um desenho prévio, não continuado (Fig. 31). Ou seja, a pintura parece ter sido corrigida em relação a um desenho anterior, mostrando não apenas alguma liberdade de ação nesta correção, como também alguma falta de rigor na passagem do desenho, através de uma boneca de carvão, e a consequente pintura.² São bem visíveis sinais de correções ou reformulações nas cabeças e nos membros dos cavalos, muitas vezes apagadas/borradas com o próprio dedo do pintor, num trabalho de tentativa-erro que traduz as dificuldades ou fragilidades sentidas pelo artista, a nível proporcional e figurativo,

² “O processo de pintura de azulejos figurativos (...) primeiro compunha-se o painel, na maioria das vezes com base numa ou em várias gravuras, passava-se esse desenho para uma folha de papel que, por sua vez, era picotada e colocada sobre os azulejos, passando-se por cima uma boneca de carvão que fixava no vidro em pó os contornos da composição. A pintura, que deveria seguir este traçado, era depois executada pelo pintor ou pintores da oficina” (Carvalho 2012, 394).

no momento da transposição da gravura para a peça cerâmica, o que poderá ter ocorrido através do método tradicional que usa a boneca de carvão, ou mesmo pintando diretamente nos azulejos. Acresce o facto de que muitos dos pintores, no período em questão, pintavam loiça de pequenas/médias dimensões onde a proporção era um problema mais fácil de gerir. A reconstituição deste desenho prévio, não devidamente “apagado”, permite conhecer, ainda que de modo parcial, a forma de trabalho dos pintores e perceber os ajustes efetuados.



Fig. 31 – Marcação a amarelo de algum desenho prévio identificado. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.

Para além das questões que acabámos de expor, importa ainda chamar a atenção para a existência de pingos, o que, por comparação com a sala seguinte, pode caracterizar um elemento individualizador das práticas de uma mesma oficina.

3.3 Pintura a azul e branco com temas de batalhas navais (sala LX_BL_PCC_07)

Na sala das batalhas navais, com a parede de maiores dimensões dominada por esta temática, distinguem-se claramente duas campanhas azulejares: uma do último quartel do século XVII, aplicada nas paredes 1, 2 e 3; a outra, na parede 4, correspondendo à fachada do jardim, de época posterior, situada no final do século XVIII ou mesmo mais em época mais tardia, e novamente resultante de melhoramentos realizados no palácio (Fig. 32).



Fig. 32 – Vista geral da sala LX_BL_PCC_07. Fotografia Emigus / Az Infinitum.

A parede 2 é a mais extensa, e aí observam-se duas secções de batalhas navais, ainda que, como veremos, originalmente esta pudesse ter sido uma única secção, de grandes dimensões (Fig. 33). No final da secção, à direita, a paisagem marítima (Fig. 34) dá lugar, de repente, a um tipo diferente de paisagem, que introduz a zona costeira através de uma ponte e casario, e a seguir outra paisagem rochosa onde se desenrola uma cena de caça ao leão (Fig. 35). Nas duas restantes paredes, a 1 e a 3, observam-se cenas campestres, a primeira com cabras e um pastor sentado (parede 1) (Fig. 36) e a segunda com vacas, cabras e uma figura masculina e outra feminina (Fig. 41). Trata-se de reproduções de gravuras conhecidas, mas que são agora divulgadas pela primeira vez. Na verdade, todas integram um conjunto de oito, da autoria de

Nicolaes Berchem (Países Baixos, 1620-1683) e reunidas na série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, datada de 1648- 1652. Na parede 1, a representação do pastor e do cão corresponde à página de abertura da obra (Fig. 37 e 38) e, a seu lado, as figurações das cabras correspondem a outras gravuras (Fig. 39 e 40), ainda que distribuídas de forma diferente.



Fig. 33 – Vista geral da sala LX_BL_PCC_07, parede 2. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 34 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 1. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 35 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 2. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 36 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 1. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 37 – Nicolaes Berchem, série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, 1648- 652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1012.



Fig. 38 – Nicolaes Berchem, série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1006.



Fig. 39 – Nicolaes Berchem, série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1018.



Fig. 40 – Nicolaes Berchem, série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1013.

Por sua vez, para a parede oposta (parede 3) (Fig. 41), identificou-se uma outra gravura de Jan de Visscher a partir de Nicolaes Berchem, de 1643-1692 (Fig. 42), complementada pela representação de uma cabra da primeira série deste último autor (Fig. 43). Importa referir que o recurso a este género de gravuras, deste círculo de artistas, fora já identificado no contexto da obra de António de Oliveira Bernardes para a Capela da Ramada, realizada no final do século XVII (Carvalho et al 2023).



Fig. 41 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 3. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 42 – Jan de Visscher segundo Nicolaes Berchem, 1643-1692. Rijksmuseum, RP-P-OB-61.939.



Fig. 43 – Nicolaes Berchem, série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1017.

Nas secções desta sala observou-se, à semelhança da anterior, a existência de pingos de tinta de cor azul sobre a composição (Fig. 44), assim como vestígios de manganés e verde

misturados sobre o azul e branco, principalmente na parede 2 (Fig. 45). São ainda visíveis marcas de desenho prévio não continuado, ainda que estes vestígios sejam bem menores ou menos evidentes do que os verificados na sala anterior. As marcas a roxo correspondem, certamente, a marcas de tardo de outros azulejos, que contaminaram estes durante o processo da cozedura. Por exemplo, num dos azulejos pode ler-se claramente um 4 (Fig. 46 e 47) e em outro, que estava coberto por uma camada fina de massa branca, entretanto retirada, é visível um círculo no interior do qual se lê a marca “a16”, ou seja, e de acordo com as marcações dos azulejos figurativos da época, o azulejo que contaminou o inferior correspondia ao conjunto dos círculos, e devia ser colocado na fiada “a” (a primeira a contar de baixo) e na posição “16” (Fig. 48 e 49).



Fig. 44 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 2, detalhe com exemplo de “pingos”. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 45 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 2, detalhe com exemplo de contaminação de verde. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 46 – Fotografia original do azulejo. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.



Fig. 47 – Fotografia manipulada para se ler corretamente a marca de tardo.



Fig. 48 – Fotografia original do azulejo. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.

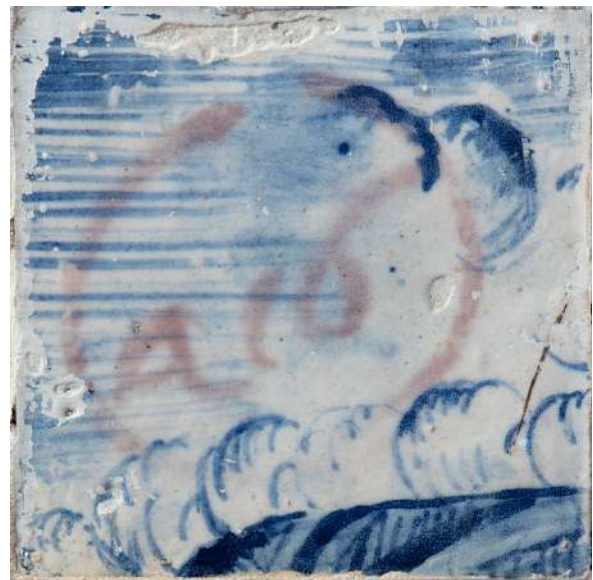


Fig. 49 – Fotografia manipulada para se ler corretamente a marca de tardo.

Todas estas contaminações de cores mostram que na mesma olaria podiam ser produzidos azulejos policromos e azuis e brancos, razão pela qual, a par dos pingos de tinta já mencionados e do desenho prévio não continuado, consideramos plausível considerar que os azulejos das salas até agora analisadas possam ter sido produzidos na mesma olaria.

Ainda em termos formais, uma observação atenta revela também uma duplicidade na forma

de pintar. Por um lado, há uma proximidade em relação a um desenho cuidado e previamente passado para o azulejo. Por outro, verifica-se uma grande liberdade nas áreas que não correspondem a desenho existente, como nuvens, etc., e em que são evidentes áreas de desenho não continuado, mas também não apagado.

Em relação à cronologia, situamos esta sala entre os anos de 1670 e 1680, ou seja, décadas em que se produziam simultaneamente composições de *policromia particularmente intensa* e de azul/branco com contorno a manganés. Se podemos ter algumas dúvidas sobre a sala 2, apesar da contaminação de verdes na sala 7 reforçar esta ideia, as salas 7 e 11 apresentam demasiadas características semelhantes para ser apenas uma mera coincidência.



Fig. 50 – Montagem da barra B-17-00124 e canto B-17-00124-ct01, no Az Infinitum. Imagens manipuladas por Maria Couto / Az Infinitum.

Por fim, importa analisar as barras (Fig. 50), cujo modelo apenas se reconhece no Palácio Fronteira,³ mais concretamente na sala dos azulejos holandeses, realizados por Jan van Oort. Este foi “(...) baptizado em Utreque, em 16 de Fevereiro de 1645, e desenvolveu a pintura de azulejos na oficina paterna. Em 6 de Junho de 1669 os dois pintores receberam autorização para instalar uma oficina em Amsterdão⁴, por um prazo de 26 anos. Foi aí que, com todas as

³ Cf. Pascal QUIGNARD, *A fronteira, Azulejos do Palácio Fronteira*, Quetzal Editores, 1992.

⁴ “Insistir na importância que tiveram as importações de azulejos da Holanda do último quartel do século XVII, no desenvolvimento e evolução da azulejaria portuguesa do século seguinte, não deve ser considerado como redundância. (...) Em 1687 já eram comuns no mercado de Lisboa os produtos cerâmicos holandeses (...)” (Simões 2010, 13).

probabilidades, Oort pintou os conhecidos painéis de uma sala do Palácio dos Marqueses de Fronteira, em Lisboa, cerca de 1670, possivelmente com a colaboração do pai, falecido em 1676” (Marinho 2018, 261-17). Muito embora os azulejos do Palácio da Calheta tenham, com certeza, sido realizados em Portugal (aliás, a reprodução simplificada das barras assim o demonstra), não deixa de ser interessante notar a consistência do desenho das barras e o recurso a gravuras dos Países Baixos. O encomendador conhecia, certamente, o revestimento do Palácio Fronteira, e muito possivelmente o pintor também. Neste contexto importa recordar a proposta de Susana Varela Flor (2015, 376), ao abordar a figura de D. Francisco de Melo, atribuindo-lhe a responsabilidade da encomenda dos azulejos holandeses do Palácio Fronteira, por parte do 1º marquês, D. João de Mascarenhas (1633-1681), de cujo círculo pessoal fazia parte.

3.4 Padrões a azul e branco (sala LX_BL_PCC_09)

Este espaço de dimensões reduzidas exhibe revestimento azulejar de padrão, catalogado como P-17-01080, disposto em silhar, também em tons de azul e branco (Fig. 51). Articula-se com a cercadura C-17-00174 e o canto respetivo C-17-00174-ct01 (Fig. 52).

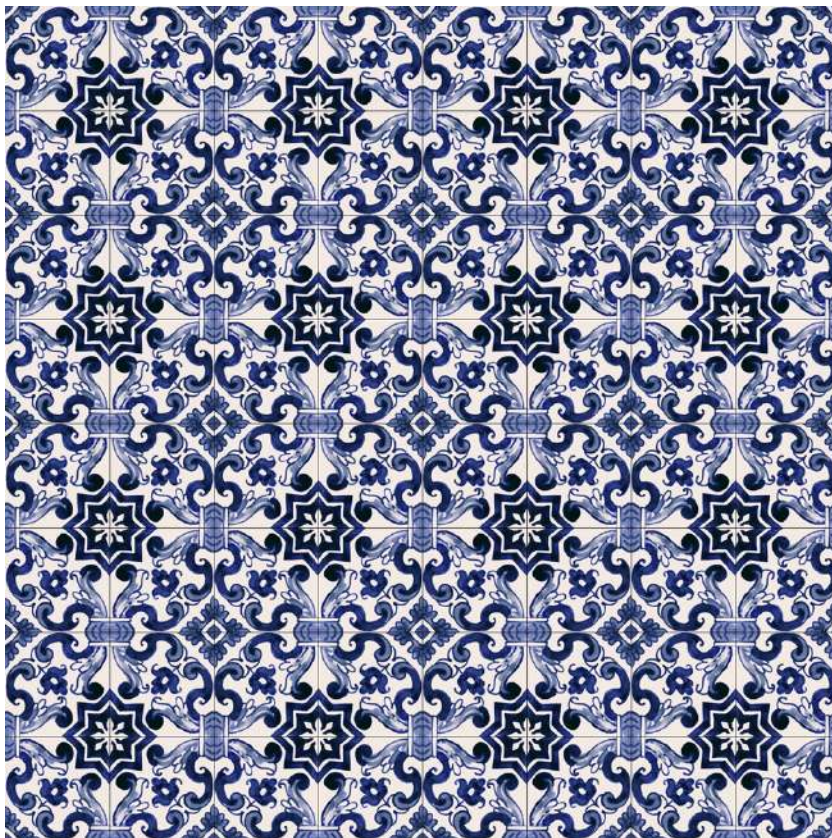


Fig. 51 – Montagem do padrão P-17-01080, no *Az Infinitum*. Imagem manipulada por Maria Couto / *Az Infinitum*.



Fig. 52 – Montagem da cercadura C-17-00174 e canto C-17-00174-ct01, no *Az Infinitum*.
Imagens manipuladas por Maria Couto / *Az Infinitum*.

3.5 Padrões a azul e branco (sala LX_BL_PCC_10)

A sala onde atualmente se expõe a xiloteca exhibe, em todas as paredes e vãos, azulejos de padrão, em tons de azul e branco. Neste revestimento não se observam contaminações de cores e a barra foi cuidadosamente escolhida para ser aplicada com o padrão. Ambos “representam” búzios, um motivo de fortes ritmos diagonais a branco, do qual se conhecem algumas variantes, mas sempre nesta versão a azul e branco (Fig. 53 e 54).

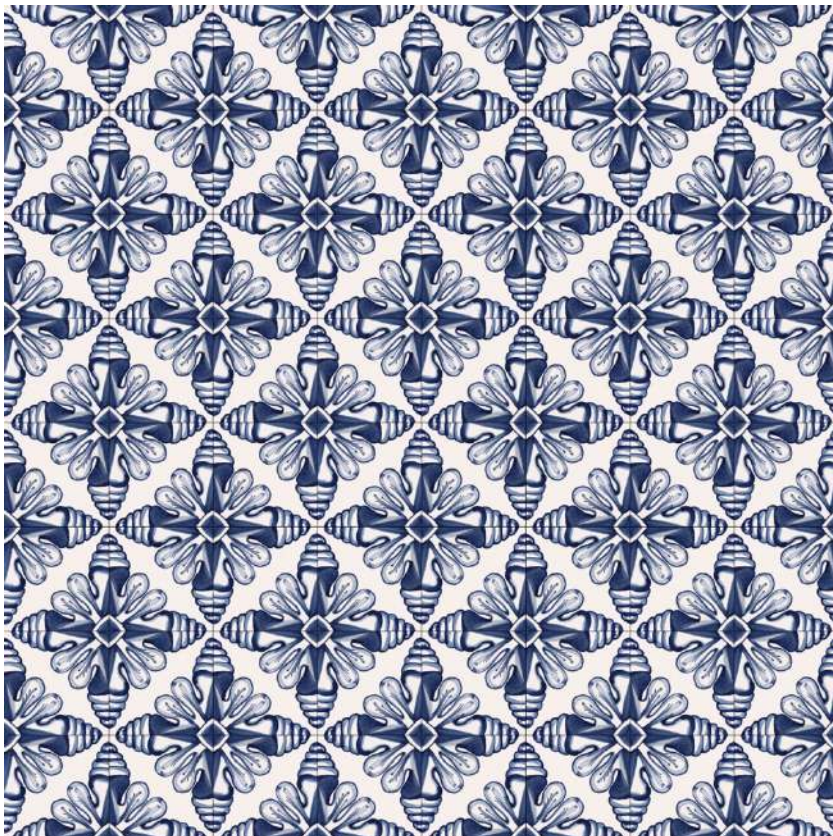


Fig. 53 – Montagem do padrão P-17-01078, no *Az Infinitum*. Imagem manipulada por Maria Couto / *Az Infinitum*.



Fig. 54 – Montagem da cercadura C-17-00175 e canto C-17-00175-ct01, no *Az Infinitum*.
Imagens manipulada por Maria Couto / *Az Infinitum*.

Ao contrário de outros modelos que foram primeiro produzidos na sua versão policroma e só no final do século XVII acompanharam a moda do azul e branco, este padrão parece ter conhecido apenas esta versão, o que aponta para uma cronologia situada entre a década de 1690 e o início de Setecentos (Carvalho 2012, 340). Como as outras salas, também este conjunto foi objecto de alterações, que acompanharemos mais à frente.

3.6 Síntese sobre a encomenda

Em síntese, os revestimentos azulejares que se encontram nas cinco salas analisadas (LX_BL_PCC_02; 07; 10; 09 e 11) inserem-se numa cronologia que permite considerar a sua concretização na sequência dos melhoramentos e benfeitorias realizadas por Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, conforme descrito na escritura de venda de 1726 (ainda que esta não se refira concretamente ao edificado).

Nesta época, os bens dos Condes da Calheta incorporaram-se, pelo casamento de D. Mariana, nos da casa dos Castelo Melhor, e a Quinta de Belém passou para o secundogénito, que certamente teria interesse em afirmar a sua posição. Deste modo, a campanha de obras que levou à colocação dos revestimentos azulejares nas salas analisadas pode ter tido início com Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara e terminado com Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara. Na verdade, este último encontrava-se em Londres pelo menos desde 1676 e por lá

permaneceu até aproximadamente meados de 1681 (Flor 2016, 57). Foi somente em 1684 que, por morte do pai, assumiu a posse da quinta. Uma vez que os revestimentos cerâmicos podem ser inscritos numa janela cronológica que abrange o último quartel do século XVII, e sem outros dados, torna-se difícil perceber a qual dos dois pode ser imputada a encomenda. Parece-nos, todavia, que a sala LX_BL_PCC_02 se inscreve num gosto mais “antigo”, enquanto as duas outras com revestimentos figurativos revelam o conhecimento de gravuras europeias em circulação à época. Considerando a estadia de D. Pedro em Londres, a proximidade com D. Francisco de Melo Manuel, e a “colagem” dos azulejos aos do Palácio Fronteira, em particular a imitação das barras dos azulejos holandeses, é impossível não procurar no Palácio da Calheta um contraponto que, com mais probabilidade, seria imputável a Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara, como destacou Susana Varela Flor (2016, 57). Tal não invalida que, tratando-se com certeza de uma encomenda realizada em Portugal, esta não pudesse ter sido feita na mesma olaria que já tinha sido responsável pelos azulejos policromos da sala LX_BL_PCC_02.

Por outro lado, e continuando a seguir o pensamento da mesma investigadora, esta defende que o casamento de D. Pedro, celebrado no oratório da casa da família situada na freguesia de São José, poderia não ter sido estranho a esta campanha decorativa em Belém. Na verdade, recentes perspectivas de investigação têm vindo a destacar a importância das entradas régias e das festas de casamento, estas últimas enquanto símbolos da união entre famílias e do compromisso político inerente, na definição de programas iconográficos em azulejo. Por exemplo, no Palácio Ducal de Vila Viçosa, as encomendas a Antuérpia, num primeiro momento, e mais tarde, já com D. Teodósio II, a Talavera, podem ser entendidas neste contexto de consolidação de alianças políticas, o mesmo acontecendo no Palácio Fronteira.⁵

⁵ Veja-se a comunicação de Mangucci 2018.

4. DE D. JOÃO V (1706-1750) À IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA (1910): UMA HISTÓRIA DE REFUNCIONALIZAÇÕES

4.1 A Quinta Real do Meio

A aquisição do Palácio e Quinta da Calheta por parte de D. João V (1706-1750) insere-se numa iniciativa no contexto da qual foram adquiridas várias propriedades, e respetivos edifícios, na zona de Belém, decorria o ano de 1726. Deste modo, no mês de junho, o monarca adquire a quinta ao Conde de Óbidos, que fora dos Sabugais, atual Palácio da Ajuda, passando a mesma a denominar-se por Quinta de Cima. No mês seguinte, adquire a quinta ao 3º Conde de Aveiras, João da Silva Telo de Meneses, local onde se encontra atualmente o Palácio da Presidência da República, designada por Quinta de Baixo. No mês de setembro, como já mencionado em momento anterior, adquire o Palácio da Calheta a D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara. Como estava localizada entre as Quintas de Cima e de Baixo, passou a designar-se Quinta do Meio (Santana et al. 1994, 155).

Sobre a problemática da reedificação do Palácio da Calheta aquando da sua aquisição cremos, com todas as probabilidades, que D. João V não realizou qualquer tipo de reedificação quando adquiriu a propriedade. Porém, realizou algumas obras de melhoramento no jardim, no qual a família real viria a passar vários momentos de lazer. Justificamos esta afirmação com base na descrição constante na escritura de venda que transcrevemos anteriormente, na qual se verifica que as áreas então edificadas parecem corresponder ao que hoje conhecemos através de plantas e fotografias. Por outro lado, o Palácio da Calheta permaneceu numa relação de subalternidade em relação às Quintas de Baixo e de Cima, como seguidamente se constatará. A exceção é o jardim, onde se construiu uma ponte de acesso que ligava as Quintas do Meio e de Baixo (Sequeira 1961, 9). Tal circunstância leva-nos a crer que a utilização do jardim por parte da família, que veio “a passar aqui muitos momentos de lazer, nomeadamente quando se dedicava à pesca, praticada com verdadeiro entusiasmo pelos monarcas e seus familiares” (Abecasis 2009, 121), se sobrepôs à utilização do palácio, até porque a edificação utilizada pela família real quando se deslocava a Belém era aquela que estava localizada na Quinta de Baixo.

Neste sentido, as obras de melhoramento realizadas durante o reinado de D. João V nas propriedades então adquiridas, recaíram em grande maioria precisamente sobre a Quinta de Baixo: “As três quintas (...), adquiridas pelo real bolsinho, continuaram com separados destinos” (Sequeira 1961, 9). Assim sendo, procedeu-se ao “(...) adorno do Palácio dos Aveiras, engrandecendo com lagos, fontes, balaustradas, estátuas e escadarias (...), a construção de um cais monumental, de vastas cocheiras e cavalariças para o estadão dos transportes reais (...)” (Sequeira 1961, 8-9).

Supomos que as aquisições levadas a cabo por D. João V não se deveram a um programa de execução previamente idealizado com vistas à construção do *Regius Hortus Suburbanos*, mas sim a uma estratégia de esvaziamento de poder que permanecia na esfera dos condes, centralizando-o na figura do monarca. “Em Dezembro de 1716, depois da recepção da bula papal, seria nomeado patriarca e arcebispo de Lisboa Ocidental (...) D. Tomás de Almeida (1670-1754), da Casa dos condes de Avintes. A elevação do patriarca e dos cónegos da patriarcal precipitou a corte de D. João V numa impressionante sucessão de conflitos de precedências. O mais conhecido foi o que opôs os condes aos dignitários e cónegos da patriarcal (...)” (Ramos et al 2015, 348).

No mesmo ano em que se realizaram as aquisições das propriedades, registaram-se “vários episódios de confronto entre os magistrados reais e os «Grandes», dos quais resultaram vários degredos de aristocratas – o mais conhecido dos quais em 1726 –, mostrando como esse claro esforço de imposição da disciplina na vida da corte se não pode dissociar da afirmação da supremacia régia” (Ramos et al 2015, 348-9). Neste sentido, no ano seguinte, assistiu-se também à incorporação na Casa Real da Quinta da Praia, propriedade que era pertença dos Condes de São Lourenço, onde hoje se encontra o Centro Cultural de Belém (Abecasis 2009, 132-152).

O reinado do Magnânimo, em contraste com o precedente, “(...) ficou registado em tonalidades fortes e carregadas (...). Os efeitos do Tratado de Methuen celebrado com a Inglaterra (1703), o ouro do Brasil, O Convento de Mafra, as campanhas diplomáticas junto da Santa Sé e, enfim, a própria imagem do rei «beato» e «lúbrico» (...)” Importa salientar também, que “O auge da cultura intelectual barroca em Portugal expressar-se-ia não só em

diversas academias literárias, mas ainda na fundação da Real Academia da História, em 1722” (Ramos et al 2015, 343-349).

No entanto, “os últimos meses de D. João V foram agitados por toda a espécie de boatos acerca de quem viria a ocupar as secretarias de Estado no reinado seguinte. Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), um diplomata com passagem por Londres e por Viena, não era senão um entre os muitos potenciais candidatos ao poder” (Ramos et al 2015, 358).

4.2 A instalação das Secretarias de Estado e do Arquivo Militar (1756-1845)

A consciência Iluminada da Europa do século XVIII começou a dar sinais em Portugal claramente na primeira metade de Setecentos, fruto do atraso e da «decadência» que se fazia sentir no país, consubstanciado no “Atraso cultural, porventura mais do que económico, unanimemente diagnosticado pelos viajantes do Norte da Europa quando visitavam a Península Ibérica” (Ramos et al 2015, 358).

Durante o reinado de D. José I, mas ainda antes de 1755, Sebastião José de Carvalho e Melo era já designado por muitos como o «principal ministro», o primeiro decisor político, ainda que sem a relevância política que viria a desempenhar.

O terramoto de 1 de novembro de 1755 foi um dos acontecimentos históricos de maior relevância ocorridos na Europa na segunda metade do século XVIII: “A destruição de uma cidade capital ecoou no mundo inteiro e pode dizer-se que constituiu um dos primeiros casos de perceção de uma grande catástrofe à escala «global»” (Pereira 2014, 728). A família real foi poupada de tão grande catástrofe por se encontrar “desde Maio desse ano, a residir na «casa de campo real de Belém» atual palácio de Belém [Quinta de Baixo]” (Abecasis 2009, 18).

As características geológicas desta área, “(...) cujo solo, de características basálticas, evitou o desmoronamento de muitos edifícios” (Abecasis 2009, 18), fez de Belém uma das zonas mais poupadas pelo terramoto. Todavia, e “Apesar daquele edifício [onde vivia a família real, na Quinta de Baixo], praticamente, não ter sofrido quaisquer danos” (Franco 2014, 51), D. José I (1750-1777) não quererá mais habitar em casas de pedra. Assim, “Em finais de julho [1756] a família real irá fixar residência na Real Barraca da Ajuda [Quinta de Cima]. (...) durante perto

de quarenta anos. (...) Será na Ajuda que se desenrolarão alguns dos acontecimentos mais marcantes da história portuguesa deste período. Aqui se tentará alterar as estruturas e mentalidades de um país marcado pelo obscurantismo; aqui se extinguirá a toda-poderosa Companhia de Jesus e se limitará a excessiva influência duma nobreza autoritária e arrogante. Será também na Ajuda que o principal promotor destas mudanças, Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido para a posterioridade como Marquês de Pombal, se verá arredado da gestão dos negócios do estado [durante o reinado da «Viradeira»]” (Abecasis 2009, 19-20).

A deslocação do centro de poder do Paço da Ribeira para a Real Barraca da Ajuda implicou a transferência das Secretarias da Guerra e dos Negócios Estrangeiros para o Palácio dos Condes da Calheta. Assim, durante os meses de agosto e setembro de 1756, foram realizadas uma série de melhoramentos, exteriores e interiores, no palácio, para acomodação dos serviços. Cremos que, por esta altura, estaria o palácio sem qualquer utilidade funcional. A nível exterior procedeu-se à reparação de telhas, à semelhança do que aconteceu na “Casa Real de Campo de Belém” (Vale et al. 2004). Todavia, colocaram-se “68 vidros grandes e 4 pequenos.”¹ Atendendo à dimensão do palácio e sendo esta intervenção realizada pouco tempo depois do terramoto, leva-nos a crer que o mesmo foi pouco afetado.

A nível interior, foi nesta empreitada que se procedeu à colocação de paredes de tabique² em várias salas, a saber, LX_B_PCC_02, LX_B_PCC_03, LX_B_PCC_06, LX_B_PCC_07, LX_B_PCC_08 e LX_B_PCC_10, de modo a melhor adaptar os vastos espaços a gabinetes de dimensão mais reduzida. Colocaram-se também paredes de tabique na sala LX_B_PCC_04, lado nascente, espaço que já por esta altura estava dividido em duas partes através de uma parede. No entanto, a presente investigação, atendendo a este facto, decidiu incluir ambos os espaços na mesma designação LX_B_PCC_04. Justificaremos devidamente a nossa opção mais adiante.

¹ Descrição dos trabalhadores por especialidades, dias de trabalho e materiais utilizados, A.N.T.T, Casa Real, caixa. 3584.

² “O adobe, a taipa e o tabique são técnicas construtivas tradicionais portuguesas que mais usam a terra como material de construção. O tabique diferencia-se do adobe e da taipa dado que recorre a uma estrutura de madeira. (...) emprega como material a terra, a madeira ou a cana. (...) no geral é formado por uma estrutura de madeira à qual é afixado um ripado de madeira que é preenchido e revestido com argamassa à base de solo e cal” (Ataide 2016, 1).

Permaneceu o palácio ocupado entre Secretarias de Estados e Arquivo Militar desde a segunda metade de 1756 até 1845, altura em que a documentação arquivística é transferida para o Palácio da Ajuda (Morais, 1956, 26-31). Neste período cronológico, para além das atividades mencionadas anteriormente, realizaram-se também alguns dos interrogatórios do processo dos Távoras, em consequência do atentado contra D. José I, ocorrido a 3 de setembro de 1758, nas proximidades do Pátio das Vacas (Ataíde 1988, 163).

A nível do edificado, e para além do que já foi mencionado aquando da instalação das Secretarias, construiu-se o *Pátio do Elefante*, em 1762, localizado nas proximidades da escadaria exterior de acesso ao 1º piso do palácio, do lado sul. Como o nome indica, “(...) albergava animais trazidos das possessões africanas portuguesas” (Abecasis 2009, 128), e a esta iniciativa não deverá ser estranho o interesse da família real pelo jardim, ao qual já fizemos referência.

Por sua vez, é já na primeira metade do século XIX, mais concretamente entre os anos de 1827 e 1828, que se assiste a uma nova campanha construtiva. Nesta data a Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros havia sido extinta (1820), permanecendo no palácio somente o Arquivo Militar. Foi possível identificar algumas das obras então realizadas através do cruzamento de fontes documentais do Arquivo Histórico Militar³ com a planta existente na Biblioteca Digital do Exército (Fig.55 e 56).

Desta feita, a nível exterior, procedeu-se à reparação do telhado. No entanto, no interior do 1º piso estava programada a abertura de um vão de porta que possibilitaria a interligação entre as salas LX_B_PCC_02 e LX_B_PCC_08. De salientar também a construção de um lanço de escadas, no interior do edifício, com a finalidade de estabelecer a comunicação entre o piso inferior e o 1º piso através da sala LX_B_PCC_04. Procedeu-se ainda ao derrube de todas as paredes de tabique que haviam sido construídas em 1756 e que formavam divisórias/quartos no interior dos espaços anteriormente mencionados.

³ Arquivo Histórico Militar (A.H.M), PT/AHM/DIV/3/30/Cx.1.

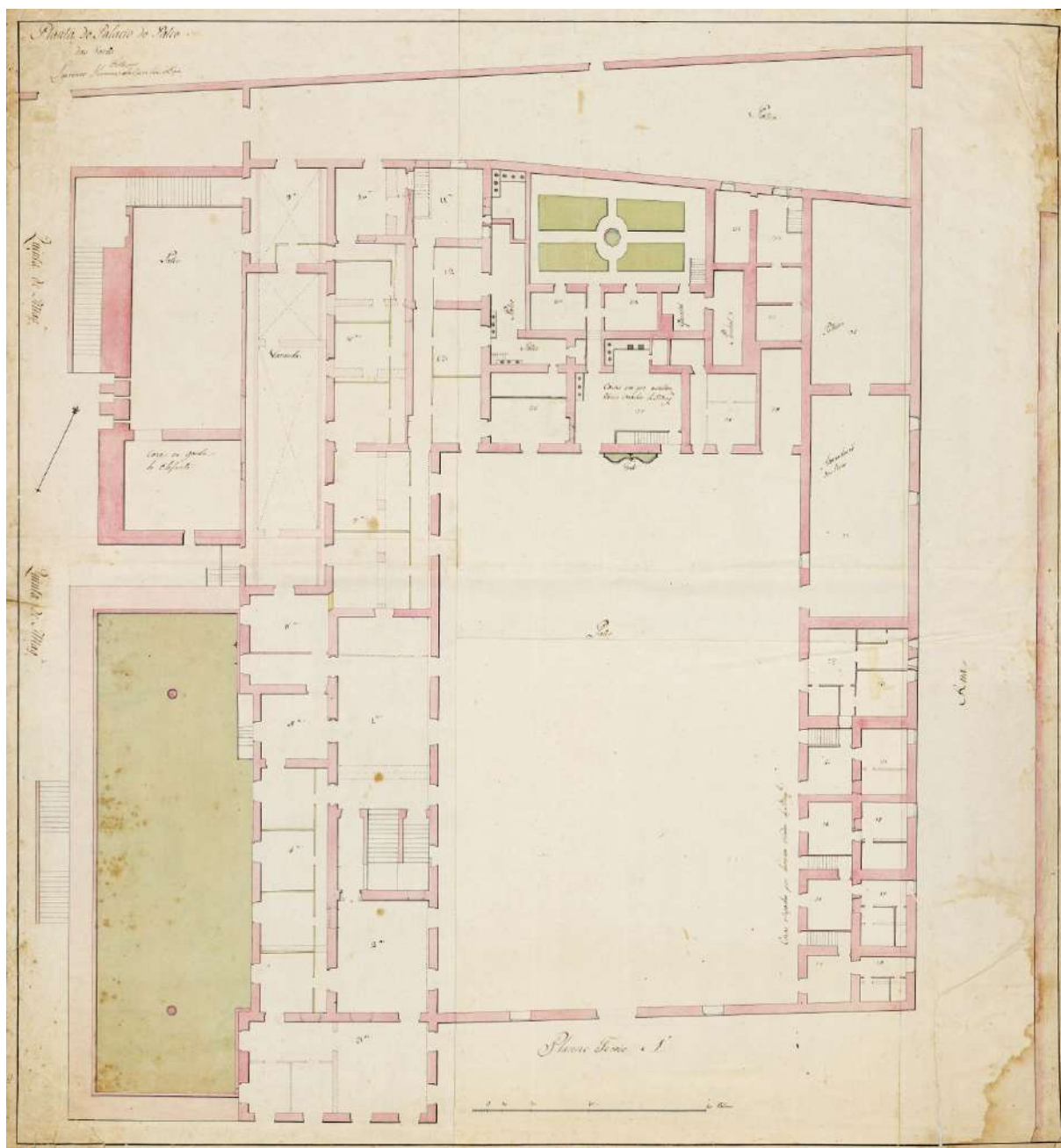


Fig. 55 – Planta do Palacio do Pateo das Vacas, Plano Terreo e 1º, Biblioteca Digital do Exército (B.D.E), ref. 455-1-5-9, S.d. Autor: Lourenço Homem da Cunha de Eça. Note-se que os tracejados correspondem ao edificado do piso térreo.

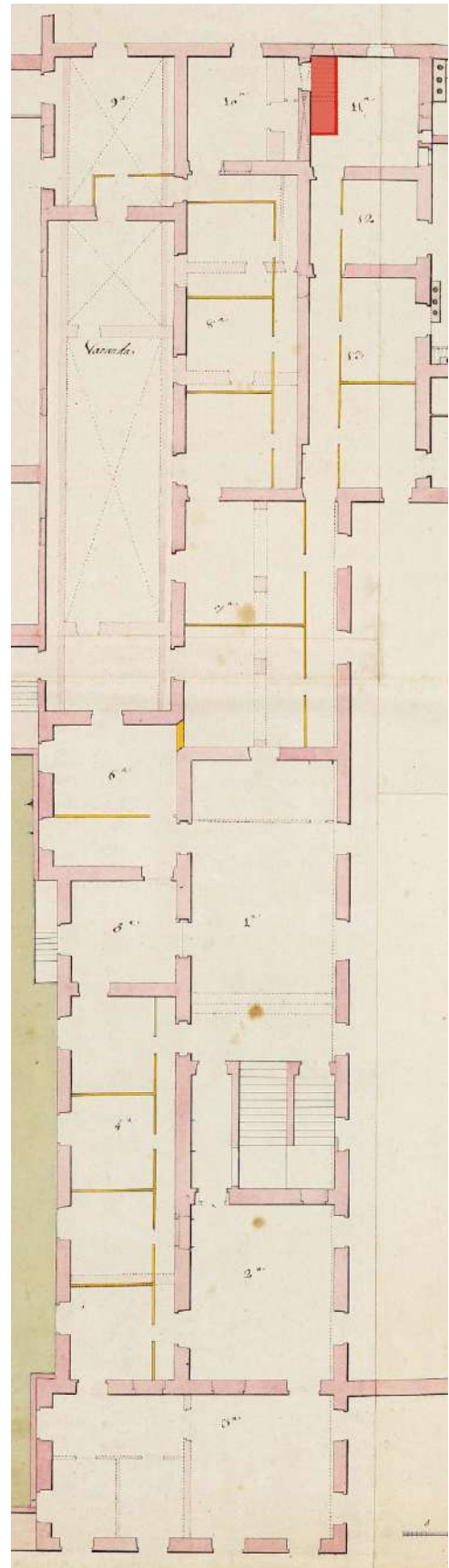
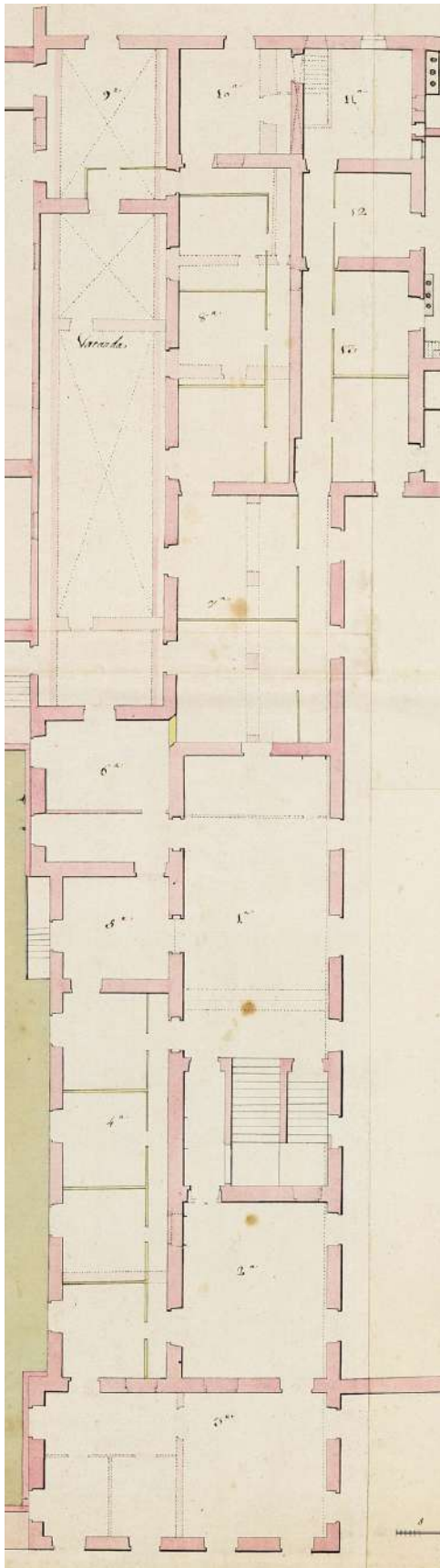


Fig. 56 – Detalhe da planta anterior, reforçando na figura à direita, em tom amarelo/laranja, os amarelos originais correspondentes à demolição dos tabiques (e um que não estava assinalado a amarelo na sala 8). Ainda na figura à direita, a vermelho, assinala-se a construção da escada, que não estava indicada na planta original.

Era precisamente a estes quartos a que se referia Domingos António de Sequeira⁴ aquando da elaboração do requerimento para neles poder continuar o ensino das Belas-Artes, o qual lhe foi negado. Localizados agora que estão os espaços, podemos aferir também que os tabiques se poderiam relacionar de forma direta ou indireta com as paredes estruturais dependendo da sua fixação.⁵ Regressaremos a este assunto no próximo capítulo.

Em 1836, menos de uma década volvida sobre a campanha construtiva anteriormente mencionada, observamos através da planta (Fig. 57) que, efetivamente, as paredes de tabique foram derrubadas (todas, incluindo a da sala LX_BL_PCC_08, que não se encontrava assinalada na planta anterior), e a escadaria interna construída, ainda que em localização distinta da que estava prevista na planta de Lourenço Homem da Cunha de Eça (Fig. 56, a vermelho). No entanto, foram abertos mais dois vãos de porta que não estavam assinalados (LX_BL_PCC_03/07 e LX_BL_PCC_12/14 escadaria).

⁴ “Na *Travessa do Pateo da Vacas* nasceu, no ano de 1768, o grande pintor português Domingos António de Sequeira” (Abecasis 2009, 128).

⁵ “Relativamente à ligação entre paredes transversais de tabique, ou entre paredes de tabique e paredes de alvenaria, é comum não existir qualquer ligação efetiva, ou seja, encontram-se frequentemente desligadas entre si. Nos casos em que existem ligadores, estes elementos consistem normalmente em peças metálicas em L pregadas no tabique, mas nem sempre chumbada na alvenaria; existem situações onde o ferrolho é literalmente pregado à alvenaria, ou melhor à junta de alvenaria utilizando pregos de madeira. Pregagens idênticas foram encontradas nalgumas ligações de paredes de tabique a paredes de alvenaria de pedra sobre a qual assentam, quer diretamente quer através de um frechal” (Pires et al. 2016, 29).

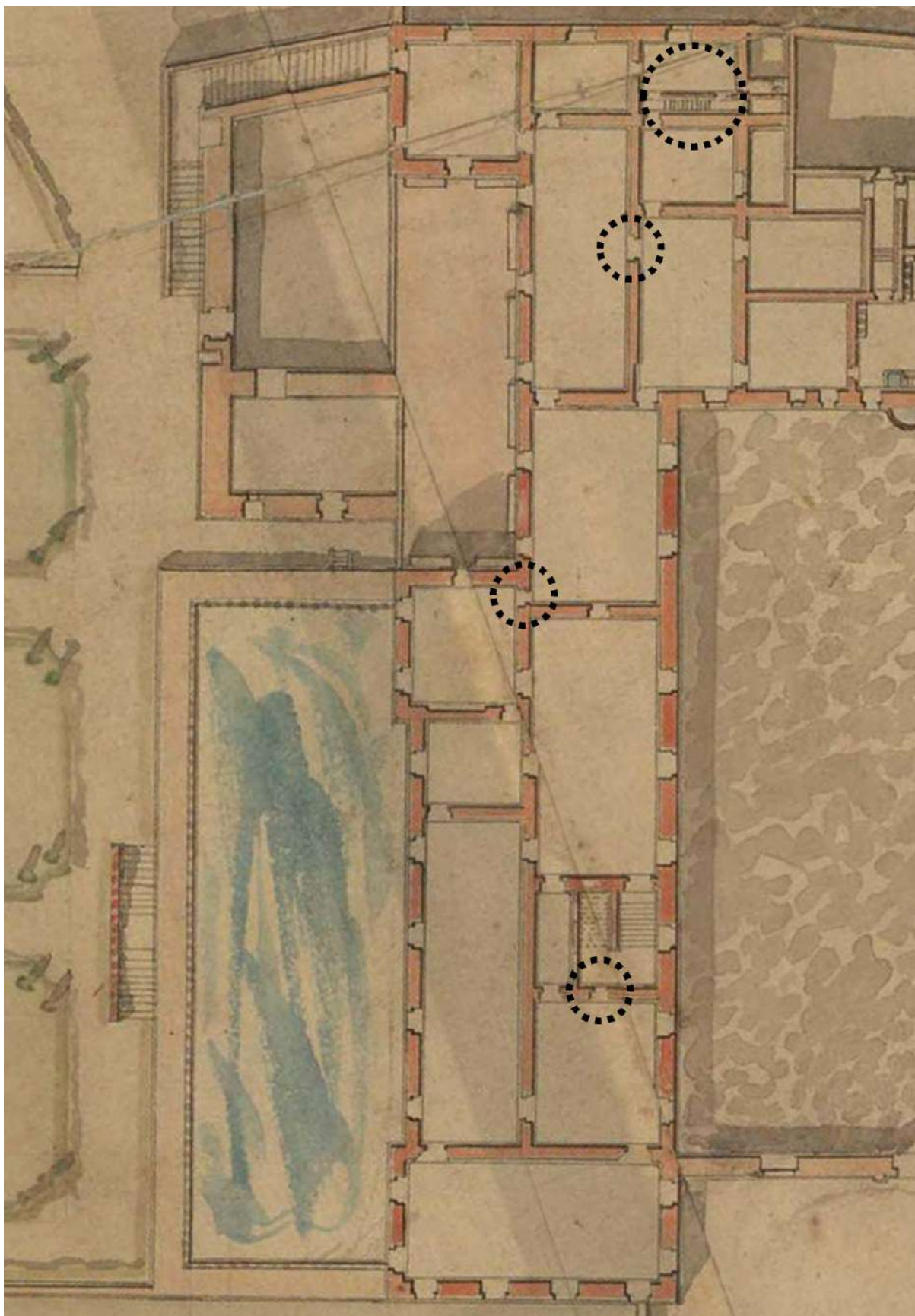


Fig. 57 – Recorte da planta geral do Palácio de Belém e suas dependências, 1836, assinalando com círculos pretos os vãos efetivamente abertos. A.N.T.T, Casa Real, Plantas, Almojarifado de Belém, n.º 129, PT/TT/CR/007-003/00129_m0002.TIF.

Assim sendo, e atendendo ao edificado atual, poder-se-á equacionar que os vãos de porta que não se encontravam assinalados foram abertos entre os anos de 1827 e 1836. Deste modo, pelos dados cronológicos mencionados anteriormente, englobaremos todos estes trabalhos dentro da mesma campanha de obras, a qual balizamos entre os anos de 1827 a 1836.

Contextualizando historicamente, de forma sucinta, a passagem das Secretarias de Estado e do Arquivo Militar pelo Palácio da Calheta (1756-1845), poder-se-á dizer que o período em causa transcorreu entre a modernidade e a contemporaneidade. São de realçar alguns momentos históricos ocorridos dentro deste período, como as Invasões Francesas (1807-1810), a saída da Família Real para o Brasil (1807-1821), a Revolução Liberal 1820, a Guerra Civil (1832-1834) ou a Extinção das Ordens Religiosas (1834). A instalação das Secretarias de Estado (1756) coincide com o reinado de D. José I (1750-1777), sendo que a deslocação do Arquivo Militar para o Palácio da Ajuda (1845) acontece no reinado de D. Maria II (1826-1853).

4.3 O Palácio como aposento de personalidades da família real

Reinava D. Maria II quando, na década de 1840, a família real se desloca para o Palácio de Belém, aguardando o decorrer das obras no Palácio das Necessidades. Foi precisamente no Palácio de Belém, transcorria o ano de 1845, que nasceu a infanta D. Antónia (Vale et al. 2004),

Por esta altura, já o Arquivo Militar se tinha transferido para o Palácio da Ajuda, forçado ou não pela nova utilização que se pretendia atribuir ao palácio, ou seja, aposento de personalidades da família real. Desta feita, em 1845 inicia-se uma nova campanha de obras “de que carecia o Palacio denominado das Secretarias, na Calçada d’ Ajuda, a fim de ser habitado por sua Alteza o Senhor Duque Fernando de Saxonia Coburgo, Pay de Sua Magestade El Rey, que brevemente se espera” (Andrade 1851, 134). Como forma de salvaguardar a segurança das instalações foi interdito, à população que habitava em redor do palácio, o abastecimento de água que se fazia através do chafariz localizada no interior do Pátio das Vacas (Andrade 1851, 134-37).

Importa salientar que se desconhece a qualidade das obras então realizadas no palácio. No entanto, se atendermos às plantas já referidas (Fig. 55 e 57), e se a estas juntarmos o estado

atual do 1º piso, podemos concluir que, com exceção do encerramento de dois vãos de porta que faziam a ligação entre as salas LX_B_PCC_02/08 e LX_B_PCC_12/14 escadaria, o 1º piso do palácio permanece idêntico à configuração patente em ambas as plantas. Assim, as intervenções realizadas no interior, a nível estrutural, foram certamente de pequena monta.

Porém, devemos ter em linha de conta que se estava a preparar o palácio para receber o pai de D. Fernando, ao qual é atribuído, entre outros “o cognome de Rei Artista, (...), era ele próprio artista, e dedicou a maior parte da sua vida e dos seus investimentos no enriquecimento da cultura portuguesa. O seu interesse pela arte consagrou-lhe a designação, em conjunto com a Rainha D. Maria II, como protetores da Academia de Belas-Artes de Lisboa, durante a sua fundação a 25 de outubro de 1836. E teve um papel importante na proteção do património arquitetónico português edificado (...). Criou assim ações de investimento que impulsionaram a cultura e a arte (...)” (Chaves 2022, 21-2).

Continuou o Palácio da Calheta a receber personalidades régias de visita a Portugal, como foi o caso de dois filhos de Luís Filipe de França (Vale et al. 2001/2002). No entanto, as mortes dos infantes D. Augusto e D. João, ocorridas em 1861, fizeram com que D. Pedro V (1853-1862) e a restante família abandonassem o Palácio de Belém. A partir deste momento, passou a albergar os visitantes estrangeiros de visita a Portugal (Vale et al. 2004).

4.4 O Palácio como residência de funcionários jubilados da Casa Real

Uma vez mais, o Palácio da Calheta foi relegado para segundo plano e, no último quartel do século XIX, encontrava-se em estado de grande abandono (Araújo 1946, 21). Refere a historiografia que, durante o último quartel do século XIX e os inícios do século XX, residiam no palácio funcionários jubilados da casa real, entre os quais o ex-professor dos príncipes Joubert Chaves (Vale et al. 2001/2002). Por sua vez, segundo a descrição do olissipógrafo Júlio de Castilho (1938, 35-46) vivia, em junho de 1884, no Palácio do Pátio das Vacas “(...) no lanço fronteiro à entrada do Pátio, ao fundo” António José Vial, professor do Curso Superior de Letras, criado em 1859 por D. Pedro V.

Atendendo que a entrada para o pátio se fazia pelo lado nascente, deparamo-nos “ao fundo”

com uma edificação contígua ao Palácio, com uma fonte⁶, já referida. Deste modo, Júlio de Castilho não se refere ao palácio como espaço residencial, mas sim à edificação, localizada a poente-norte, que fazia parte do conjunto residencial.⁷ Supostamente, os funcionários jubilados da Casa Real não utilizariam o palácio como residência, mas sim a edificação contígua, até porque o palácio estaria, como referimos, em estado de grande abandono.

No final do reinado de D. Carlos I (1889-1908) tem início uma nova campanha construtiva no Palácio da Calheta, que se estendeu por todo o reinado de D. Manuel II (1908-1910) e terminou com a Implantação da República (5 de outubro de 1910). A empreitada durou aproximadamente três anos (1907-1910).⁸ Dois factos podem justificar este empreendimento – por um lado o estado de degradação/abandono em que se encontrava a edificação e, por outro, a criação do Jardim Colonial,⁹ em 1906, que previa nas suas instalações um Museu¹⁰ (Pereira 1970–1993, 2). O fato de o Museu ter sido instalado no palácio somente no ano de 1916, não invalida que as autoridades competentes tivessem visto no Palácio da Calheta, desde o primeiro momento, o local ideal para a instalação do mesmo. A empreitada iniciou-se um ano após a criação de ambos os organismos, mas a Implantação da República pode ter protelado o projeto.

Infelizmente, não são conhecidas as obras realizadas durante este período. Todavia, voltamos a destacar que, a nível estrutural, o edificado permanece idêntico ao que se observa nas plantas já analisadas e que corresponde à atualidade. Naturalmente, as obras concentrarem-se, na sua maioria, no arranjo exterior do edifício. Desconhecemos, porém, se a conclusão das mesmas se deveu ao fim dos trabalhos, ou se os trabalhos foram suspensos com a Implantação da República.

⁶ A.N.T.T, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, pt. 3, doc. 131, PT-TT-CR-007-003-00131_m0001.tif

⁷ Idem, *ibidem*

⁸ Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (S.I.P.A) - Jardim-Museu Agrícola Tropical, (J.M.A.T) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907610.

⁹ Vide. para uma informação detalhada: Claudia CARDOSO, *O Jardim Botânico Tropical/ IICT e seus Espaços Construídos: Uma Proposta de Reprogramação Funcional e Museológica Integrada*, tese de Mestrado em Museologia e Museografia, apresentado à Universidade de Lisboa, em 2012; Vera FREIRE, *A Estufa Principal do Jardim Botânico Tropical, História, Evolução Importância da Estufa*, tese de Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentado à Universidade de Lisboa, em 2019.

¹⁰ Desde a sua chegada ao Palácio da Calheta que a história do Museu se confunde com a história do palácio. No entanto, a presente investigação não pormenorizará de forma detalhada a orgânica funcional quer do Museu, quer do Jardim. Faremos somente menção a momentos pontuais que nos ajudem na compreensão do objeto em estudo, o azulejo.

Em síntese, para o estudo dos revestimentos azulejares que se realizará no próximo capítulo, é necessário ter presente a definição de cinco períodos construtivos, a saber (Fig. 58 e 59):

1) 1756 (agosto a setembro)

Arranjos exteriores e colocação de paredes de tabique no 1º piso;

2) 1762

Edificação do *Pátio do Elefante*;

3) 1827 a 1836

Derrube das paredes de tabique e abertura/fecho de vãos de porta e janela;

4) 1845

Obras não especificadas;

5) 1907 a 1910

Obras não especificadas.

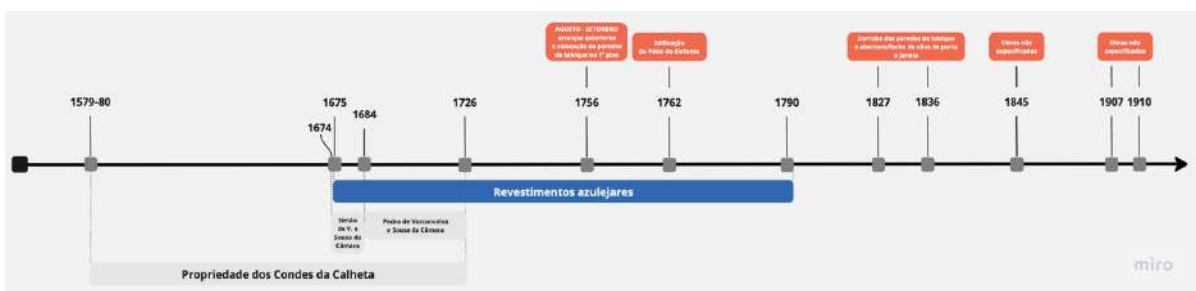


Fig. 58 – Cronologia dos cinco períodos construtivos do palácio mencionados no texto.

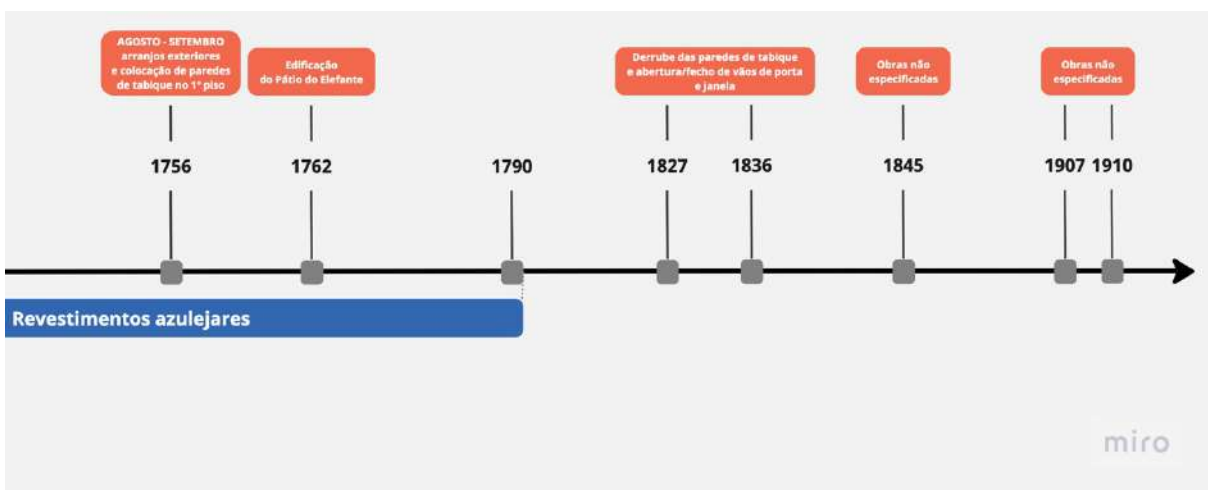


Fig. 59 – Ampliação da cronologia dos cinco períodos construtivos do palácio mencionados no texto.

5. DE D. JOÃO V (1706-1750) À IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA (1910): OS REVESTIMENTOS AZULEJARES

À data em que a propriedade passou para posse da Casa Real (1726) encontravam-se revestidas de azulejo cinco dos catorze espaços contantes no 1º piso. Conforme já referenciado em capítulo próprio, as salas LX_BL_PCC_02/09/10/11 apresentavam-se revestidas por silhares de azulejo na sua totalidade, mas, na sala LX_BL_PCC_07, as paredes 1, 2 e 3 exibem um revestimento do início do século XVIII, contrastando com a parede 4, correspondendo à fachada do jardim, cujos azulejos são mais tardios.

A ausência de qualquer revestimento azulejar correspondente ao período áureo da azulejaria nacional (*Ciclo dos Mestres – 1700-1725 e Grande Produção Joanina – 1725-1755*) leva-nos a crer que, durante o período que medeia a aquisição da propriedade por parte da Casa Real e o Terramoto (1726-1755), não se procedeu à colocação de novos revestimentos azulejares. Esta constatação vem reforçar a ideia, já anteriormente evocada, de não ter existido qualquer tipo de reedificação no palácio ordenada por D. João V.

Porém, antes de iniciarmos a nossa análise, não poderíamos deixar de referir que o “Terramoto de 1755 veio introduzir novos entendimentos na produção azulejar, em particular a utilização de técnicas semi-industriais (...). Recorreu-se aos azulejos de padrão, pela necessidade de redecorar os novos edifícios, em especial os da baixa lisboeta, dado serem de execução rápida e aplicação flexível, designados de *pombalinos*¹, relacionados com o responsável pela reconstrução de Lisboa, o Marquês de Pombal” (Pires 2012, 49). Os azulejos *pombalinos*, para além de se ajustarem facilmente à arquitetura, são também de baixo custo no momento aquisitivo. Estes apresentam uma multiplicidade e variantes de formas e gostos “sendo recorrente o uso de linhas diagonais, simulando grades, ornamentadas por rosetas ou florões, eram aplicados na maioria dos casos em silhares, emoldurados por cercaduras e assentes sobre embasamentos constituídos por azulejos marmoreados ou esponjados, simulando cantarias” (Pires 2012, 50).

¹ “(...) azulejaria realizada durante a segunda metade de setecentos. (...) vai desempenhar neste momento um papel fundamental, revelando a sua função eminentemente social. Revestindo átrios, escadas, salas, cozinhas, jardins, igrejas, nasce uma brilhante produção – centrada não só em Lisboa, como Coimbra e Porto (...)” (Câmara 1999, 202-3).

À cronologia azulejar do período em questão adicionaremos as cronologias construtivas aportadas no final do capítulo anterior:

1) 1756 (agosto a setembro)

Arranjos exteriores e colocação de paredes de tabique no 1º piso;

2) 1762

Edificação do *Pátio do Elefante*;

3) 1827 a 1836

Derrube das paredes de tabique e abertura/fecho de vãos de porta e janela;

4) 1845

Obras não especificadas;

5) 1907 a 1910

Obras não especificadas.

A junção de ambas cronologias tem por objetivo tentar fazer coincidir, se possível, a antiguidade das salas com as campanhas construtivas que se foram realizando ao longo dos tempos. Deste modo, tentaremos compreender se a aplicação dos revestimentos azulejares, que se encontram por analisar, condizem efetivamente com a cronologia de produção.

Porém, como podemos constatar no *Estado da Arte*, João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) chamava a atenção para a dificuldade desta tarefa, uma vez que os revestimentos azulejares sugerem reaplicações diversas e não obedecem a um critério decorativo uniforme.

Assim sendo, atendendo às cronologias construtivas, optámos, por definir um período temporal, compreendido entre os anos de 1756 e 1826, no qual as paredes de tabique se encontravam erguidas. Num primeiro momento, optámos por descrever, e se possível enquadrar cronologicamente, com base na planta (Fig. 55), os revestimentos azulejares das salas onde não foram colocadas divisórias de tabique (LX_BL_PCC_01; LX_BL_PCC_04, lado ponte; LX_BL_PCC_05 e LX_BL_PCC_12). Todavia, também permaneciam amplas as salas LX_BL_PCC_09 e LX_BL_PCC_11, no entanto, como já mencionado anteriormente, estas encontravam-se revestidas de azulejo em momento anterior ao período de estudo supracitado. Justificamos a nossa opção com o facto de nas primeiras não existir qualquer

entreve, causado pelos ditos compartimentos, à aplicação dos revestimentos azulejares.

Num segundo momento, e dentro da cronologia construtiva correspondente à terceira campanha (1827-1836), momento em que se procedeu ao derrube das paredes de tabique, estudaremos as restantes salas que ficaram disponíveis para receber revestimentos azulejares (LX_BL_PCC_03; LX_BL_PCC_04, lado nascente; LX_BL_PCC_06; LX_BL_PCC_07, parede 4, correspondendo à fachada do jardim e por último a sala LX_BL_PCC_08). cremos, com todas as probabilidades, que em momento anterior (1756-1826), esta empreitada decorativa não seria possível devido à obstrução causada pelas ditas divisórias.

Assim, relativamente ao primeiro momento, com base no conhecimento visual de que dispomos atualmente, verificamos que a maioria das salas onde não existiram paredes de tabique, estão revestidas com silhares de azulejo *pombalino e neoclássico* (1770-1820), policromo (Fig. 60). Passaremos à sua descrição tendo em conta a ordem numérica das salas. Deste modo, na sala LX_BL_PCC_01 observam-se silhares baixos, com molduras retangulares azuis, de cantos e centros convexos, decorados por motivos vegetalistas a manganés (Fig. 61 e 62). O interior, esponjado a amarelo, destaca ao centro um motivo floral de pétalas lanceoladas azuis e núcleo branco e amarelo. Entre cada moldura, e conforme a dimensão de cada seção, o fundo azul esponjado exhibe um festão de flores amarelas e azuleis, que se projeta a partir de laço azul superior. Cada seção é ainda delimitada por moldura azul, muito fina, desenhando cantos convexos com motivo floral amarelo. O rodapé é de esponjado manganés, idêntico ao que se encontra nas salas LX_BL_PCC_03/04/06.



Fig. 60 – Planta assinalando a cor os diferentes períodos da azulejaria.






- | | | | | | |
|---|---|---|------------------------------|---|---------------------------------|
|  | Azulejos de policromia intensa do terceiro quartel do século XVII |  | Azulejos de padrão Pombalino |  | Azulejos de padrão do séc. XVII |
|  | Azulejos azuis e brancos do último quartel do século XVII |  | Azulejos neoclássicos | | |



Fig. 61 e 62 – Sala LX_BL_PCC_01, perspetiva geral e detalhe da parede 1, seção 2. Fotografia *Az Infinitum*.

A forma como se encontra aplicado revela que este revestimento foi pensado para o espaço em que se encontra. Importa referir que desconhecemos quaisquer alterações construtivas no interior do espaço no contexto das cinco campanhas anteriormente definidas, e que somente na segunda campanha foram realizadas obras no exterior do edifício, não tendo a presente investigação localizado informação sobre eventuais intervenções no interior.

Cronologicamente poderemos situar estes silhares no último quartel do século XVIII, uma época de transição para o *Neoclássico* onde a Fábrica do Rato² (1767) assume protagonismo na elaboração de azulejos em série. Deste modo, cremos poder enquadrar este conjunto azulejar dentro do período que cronológico que engloba a segunda e a quarta campanha construtiva (1762 – 1845).



Fig. 63 – Sala LX_BL_PCC_04, parede 1, seção 1. Fotografia Az *Infinitum*.

Por sua vez, na sala LX_BL_PCC_04 observamos silhares de padrões policromos, *Pombalinos* / *D. Maria*³ (1770-1820), com cinco azulejos de altura, incluído cercaduras e rodapé. Nas paredes 1, 3 e 4 observa-se a aplicação de dois padrões, o P-18-00077, em tons de roxo e branco, inscrito na malha formada pelo P-18-00129 (Fig. 63). Nas paredes 1, 2 e 3 o padrão

² “A criação da Real Fábrica de Faianças, em 1767, vulgarmente conhecida pela Fábrica do Rato, zona de Lisboa onde se fixou, estava integrada no programa de desenvolvimento manufactureiro do Marquês de Pombal e destinou-se essencialmente à produção de faiança, segundo modelos europeus, mas concebeu e realizou, embora esporadicamente azulejaria durante a gestão de Tomás Brunetto entre 1767-1771” (Câmara 1999, 204).

³ “No reinado de D. Maria I (1777 – 1816) surgem novos padrões aos quais os historiadores atribuem o seu nome, apresentando algumas diferenças em relação aos anteriores, em termos de desenho e motivos, pois a robustez das linhas simulando grades, cantarias e rosáceas, cede lugar a motivos lineares, malhas gráficas percorridas por folhagens, motivos que evidenciam o branco do fundo, criando efeitos de luminosidade e vazio” (Pires 2012, 50).

P-18-00126 é aplicado em conjunto com o P-18-00127, formando uma malha diagonal que inscreve, no seu interior, flor de oito pétalas recortadas azul, e alterna com a flor de quatro pétalas recortadas castanha, que se sobrepõe às hastes cruzadas, do mesmo tom (Fig. 64). Todas as seções são delimitadas pela cercadura C-18-00053, articulada com o canto respetivo C-18-00053-ct01, e inferiormente encontra-se um rodapé de um azulejo, esponjado a manganés.



Fig. 64 – Sala LX_BL_PCC_04, parede 2, seção 1. Fotografia Az *Infinitum*.

Concluimos que se trata, certamente, de uma reaplicação, ocorrida entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), ou seja, após o derrube da parede de tabique e a construção da escada anterior. Nesta época, o espaço estava dividido em dois, e muito embora os padrões sejam distintos, inscrevem-se na mesma tipologia, sendo as cercaduras e rodapé idênticos, assim contribuindo para uma unificação decorativa de espaços, à época, distintos.

Reaplicado foi também o silhar da sala LX_BL_PCC_05, com azulejos de padrão policromo, do século XVII (P-17-01079), mas delimitado por cercadura azul e branca já da segunda metade do século XVIII (C-18-00053 com canto C-18-00053-ct01, semelhantes aos das salas

anteriores) (Fig. 65). Trata-se de uma intervenção ocorrida, certamente, entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910).



Fig. 65 – Sala LX_BL_PCC_05, parede 2, seção 1. Fotografia Az *Infinitum*.

Todavia, a sala LX_BL_PCC_12 encontra-se também revestida por silhares de azulejo de padrão policromo, *Pombalino*. Trata-se do P-18-00087, desenvolvendo caules verdes com folhas, dispostos na diagonal, e interrompidos, alternadamente, por duas flores. É delimitado pela cercadura C-18-00056 e respetivo canto C-18-00056-ct01, apresentando rodapé azul esponjado (Fig. 66).



Fig. 66 – Sala LX_BL_PCC_12, parede 1, seção 2 e parede 2, seção 1. Fotografia Az *Infinitum*.

A inexistência de sinais de restauro na parede 2, onde se procedeu à abertura do vão de porta na terceira campanha construtiva, e à qual nos referiremos de seguida, permite concluir que o revestimento azulejar que hoje aí observa neste espaço foi colocado entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910).

Centremos agora a nossa análise na terceira campanha construtiva (1827-1836) no contexto da qual assistimos, entre outras obras, ao derrube das divisórias de tabique que haviam sido colocadas em 1756 nos espaços LX_BL_PCC_03/04/06/07/08.

Na sala LX_BL_PCC_03 os silhares de azulejo de padrão *Pombalino* correspondem ao P-18-00012, de repetição linear com elementos lineares contracurvados, que determinam reservas polilobadas e desencontradas, inscrevendo duas flores. São delimitados pela cercadura C-18-00015 e respetivo canto, C-18-00015-ct01. O rodapé é esponjado a manganés (Fig. 67).



Fig. 67 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 1, seção 1. Fotografia Az *Infinitum*.

Já nos referimos ao lado nascente da sala LX_BL_PCC_04, que teria uma parede, entretanto destruída, assim unificando dois espaços originalmente distintos (Fig. 68). Semelhante ao restante, terá resultado de uma reaplicação colocada em simultâneo na totalidade da sala.



Fig. 68 – Sala LX_BL_PCC_04, sendo visível a parede aberta ao centro do espaço. Fotografia Az *Infinitem*.

A sala LX_BL_PCC_06 encontra-se revestida com azulejos policromos de gosto neoclássico (Fig. 69), produzidos especificamente para o espaço em que se encontram, conforme fica expresso na articulação com a arquitetura e em detalhes como o corte dos azulejos da parede 2, para melhor se ajustarem ao espaço (Fig. 70). São composições de simulação arquitetónica, com pilastras laterais envoltas por serpentes e unidas por base e entablamento, sobre fundo azul esponjado. Ao centro destaca-se a cartela oval com figuração azul e branca, envolta por laços, motivos geométricos, animais e elementos florais e vegetalistas estilizados. O número de elementos decorativos e cartelas é definido pelas dimensões de cada seção. Os temas das cartelas incidem sobre paisagens urbanas e campestres.



Fig. 69 – Sala LX_BL_PCC_06, parede 2, seção 4. Fotografia Az *Infinitem*.



Fig. 70 – Sala LX_BL_PCC_06, detalhe do corte de alguns azulejos.

Na sala LX_BL_PCC_07, a que também já nos referimos, a parede 4, correspondendo à fachada do jardim, é revestida por três seções que retratam a preparação para uma batalha, observando-se tropas de artilharia, cavalaria e infantaria, e as mais modernas técnicas de combate e de armamento (Fig. 71 e 72). Por exemplo, a nível defensivo, a fortificação em estrela assume um papel decisivo na defesa de Portugal durante a Guerra da Restauração. De realçar que a barra que envolve a composição é idêntica à que se encontra no restante espaço e que envolve as composições das restantes paredes, datadas do último quartel do século XVII. Muito embora estes azulejos sejam com toda a certeza mais tardios, nota-se uma preocupação efetiva de integração no espaço e de articulação com o revestimento já aí aplicado, concluindo-se, portanto, que se trata de uma encomenda específica para o local, ainda no final do século XVIII ou em época posterior.



Fig. 71 – Sala LX_BL_PCC_07, perspectiva geral. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.



Fig. 72 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 4, seção 1. Fotografia Emigus / Az Infinitum.

Por último, a sala LX_BL_PCC_08 apresenta silhares de azulejo de padrão *Pombalino*, o P-18-00012 que também se encontra na sala LX_BL_PCC_03, mas agora aplicado com outra cercadura (Fig. 73). O rodapé esponjado a azul é idêntico ao da sala LX_BL_PCC_12.



Fig. 73 – Sala LX_BL_PCC_08, parede 1, seção 1. Fotografia Az Infinitum.

Propositadamente, não mencionamos as salas LX_BL_PCC_02/10 pois já se encontravam revestidas de azulejo em momento anterior à colocação das paredes de tabique em 1756, conforme mencionado em capítulo próprio.

Uma vez terminada a análise azulejar do segundo momento, importa ter presente que a colocação das paredes de tabique, em 1756, passou a constituir um entrave à aplicação de novos revestimentos azulejares nas salas que acabámos de descrever. Esta situação só se veio a alterar a partir da terceira campanha construtiva, na qual se procedeu ao derrube das estruturas, como mencionado anteriormente. Assim sendo, por este motivo, cremos, com todas a probabilidade, que os revestimentos azulejares inseridos nas salas (LX_BL_PCC_03; LX_BL_PCC_04; LX_BL_PCC_06; LX_BL_PCC_07, parede 4; e LX_BL_PCC_08) foram aplicados entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910).

Para estudar a fixação, direta ou indireta, dos tabiques às paredes estruturais socorremo-nos do revestimento azulejar da sala LX_BL_PCC_07, parede 3 secção 1. Optámos por escolher este conjunto em concreto porque, de todos os revestimentos que já se encontravam colocados em momento anterior à primeira campanha construtiva (1756), é aquele que apresenta um melhor estado de conservação e que, concomitantemente, recebeu uma parede de tabique. Deste modo, depois de procedermos ao estudo visual no local, concluímos que não existem sinais de furação provocada pela aplicação das peças em L ou de ferrolho, materiais utilizados para a ligação da estrutura às paredes estruturais. De referir, também, que o revestimento azulejar não apresenta sinais de restauro. Perante tais factos, somos levados a crer que as ligações das paredes de tabique às paredes de alvenaria/estruturais se fizeram de forma indireta, ou seja, através do soalho de madeira com fixação no frechal que se encontrava colocado entre o teto do piso inferior e o soalho do piso superior.

Outra das intervenções realizadas na terceira campanha construtiva consistiu na abertura dos vãos de porta. Através da observação da planta de Lourenço Homem da Cunha de Eça (Fig. 55) aferimos que se encontrava programada a abertura de um vão de porta. Confrontando a planta anterior com a planta de 1836 (Fig. 57), verificamos que se procedeu não à abertura de um, mas sim de três vãos de porta. São eles por ordem numérica, o vão de porta constante na sala LX_BL_PCC_02, parede 1, secção1, que faz ligação com a sala LX_BL_PCC_08 (Fig. 74). Esta

alteração originou a interrupção da sequência original da composição constante na sala LX_BL_PCC_02, parede 1, secção1 (Fig. 75). Por esta altura, ainda não se encontrava revestida a sala LX_BL_PCC_08.

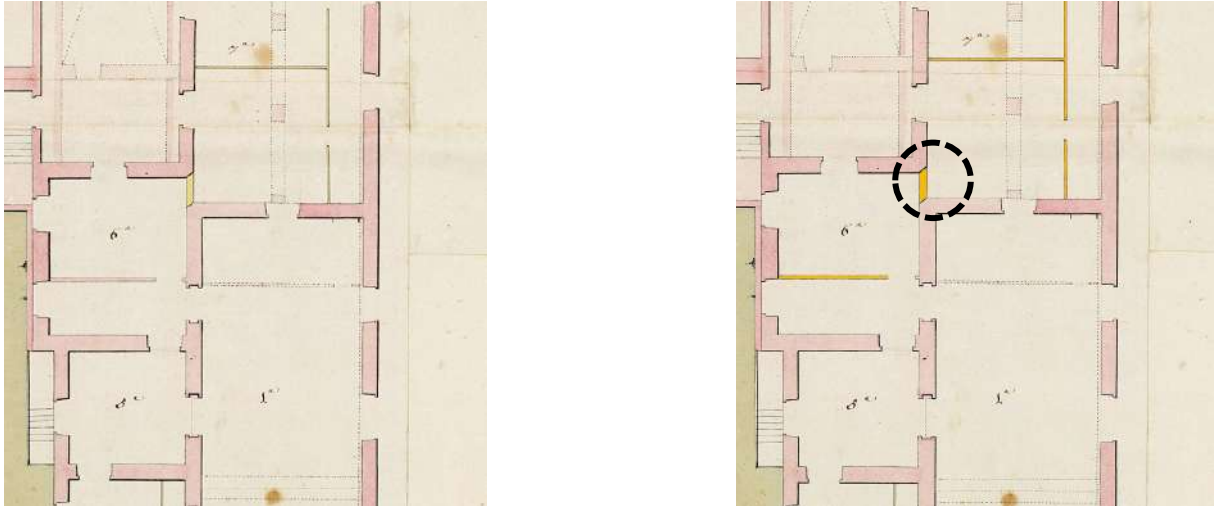


Fig. 74 – Detalhe da planta de Lourenço Homem da Cunha de Eça (Fig. 55), reforçando na figura à direita, em tom amarelo/laranja, os amarelos originais correspondentes à demolição dos tabiques e abertura de vão.



Fig. 75 – Sala LX_BL_PCC_02, parede 1, secção 1. Fotografia Emigus / Az Infinitum.

O outro vão aberto encontra-se na sala LX_BL_PCC_07, ao centro da parede 2, que faz ligação com a sala LX_BL_PCC_03 (Fig. 76). À semelhança do que acabámos de referir, também neste caso a abertura do vão de porta interrompeu a sequência compositiva que se encontra na parede 2 da sala LX_BL_PCC_07 e que retrata uma batalha naval, claramente interrompida.



Fig. 76 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 1, com o vão aberto ao centro. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.



Fig. 77 – Sala LX_BL_PCC_11, parede 2, seção 3, com o azulejo da sala LX_BL_PCC_07 assinalado a preto. Fotografia Emigus / *Az Infinitum*.

Importa salientar, que um dos azulejos pertencentes a esta seção veio a ser colocado, em data incerta, na sala LX_BL_PCC_11 (parede 2, seção 3), certamente para colmatar uma falha de azulejo (Fig. 77). Por outro lado, o revestimento constante no lado oposto, na sala LX_BL_PCC_03, não apresenta sinais de interrupção sequencial uma vez que, aquando da abertura do vão de porta, este não se encontrava aplicado.

Por último, a planta de Lourenço Homem da Cunha de Eça (Fig. 55) permite perceber que foi aberto um vão entre a sala LX_BL_PCC_12 e a escadaria LX_BL_PCC_14. Atualmente o mesmo encontra-se fechado, devido a obras de restauro que mencionaremos mais à frente. Infelizmente, neste local (parede 2), encontra-se um móvel de grandes dimensões que nos impossibilita de ter uma visão correta da parede, mas a escadaria não apresenta sinais visíveis de qualquer abertura.

De salientar, ainda, os vestígios de um vão aberto na sala LX_BL_PCC_11, que fazia ligação com a sala LX_BL_PCC_12, entretanto encerrado, mas que não se encontra assinalado na documentação. O vão encontrava-se perfeitamente alinhado com os restantes desta ala do palácio, obedecendo certamente a um esquema de circulação interna. Só foi possível detetar a existência desta abertura através da observação atenta dos azulejos da parede 4, muito restaurados e com réplicas (Fig. 78). Cremos que estas alterações estão inseridas também na terceira campanha construtiva, uma vez que se procedeu, nesta época, à abertura de vãos de porta que não estavam assinalados na planta.



Fig. 78 – Sala LX_BL_PCC_11, parede 4, seção 2, com o vão assinalado ao centro. Fotografia Emigus / Az *Infinitum*.

Em síntese, de todas as salas em análise que não continham revestimento azulejar, somente as salas LX_BL_PCC_01 e LX_BL_PCC_06 se inserem cronologicamente no período de produção dos azulejos. No entanto, como não dispomos de informação optámos por englobá-

las cronologicamente dentro das cinco campanhas construtivas (1756-1910). Quanto às restantes salas, independentemente das paredes de tabique, o revestimento azulejar ocorreu entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910). Concluimos, deste modo, que durante o período em que existiram as paredes de tabique, e com exceção da sala LX_BL_PCC_01, não se revestiu nenhuma das restantes. Esse impulso decorativo só veio a ocorrer depois do derrube das paredes de tabique.

6. DE PALÁCIO A MUSEU: O EDIFÍCIO NO SÉCULO XX

Depois da Implantação da República, o Palácio da Calheta conheceu obras consideráveis, que alteraram significativamente a sua traça original, mas que permitiram a instalação do Jardim Colonial (JC) e do Museu Agrícola Colonial (MAC), na zona de Belém.

Nesta medida, “foi decretado pelo Congresso da República, em 24 de Junho de 1912 (...) que o Jardim Colonial fosse instalado no parque do palácio de Belém. Este já integrava a parte rústica do arrasado Palácio dos Duques de Aveiro e os terrenos da Quinta do Meio ou Quinta dos Condes da Calheta (...). Nesse mesmo ano iniciaram-se os “trabalhos de adaptação necessários às finalidades da instituição” (Fig. 79). Porém, é somente em dezembro de 1914 que é “promulgada a Instalação definitiva do Jardim Colonial (...) Incluindo o edifício do Pátio das Vacas, a ocupar, entre outros serviços, pelo Museu Agrícola Colonial”. No entanto, “a instalação deste último organismo só foi iniciada em 1916 no Palácio do Pátio das Vacas [mais concretamente no piso superior]” (Liberato et. al. 2003, 53-4).



Fig. 79 – Construção da Estufa Principal (1913-1914). No canto superior esquerdo, ao fundo, é possível observar o estado de degradação exterior do palácio. Cota: UL-IICT-Col.FOTO-JBT_22071.

Assim, juntamente com o Museu Agrícola Colonial, instalaram-se no edifício as dependências orgânicas do Jardim Colonial. De realçar que o piso inferior não dispunha de condições que permitissem albergar no seu interior qualquer tipo de atividade laboral/didática (Fig. 80). Por outro lado, a convivência de ambos os organismos no piso superior, por questões de espaço e de organização museológica, não eram exequíveis. Esta questão espacial/organizacional fez com que o Museu Agrícola Colonial ficasse impedido de abrir as suas portas ao público desde um primeiro momento.

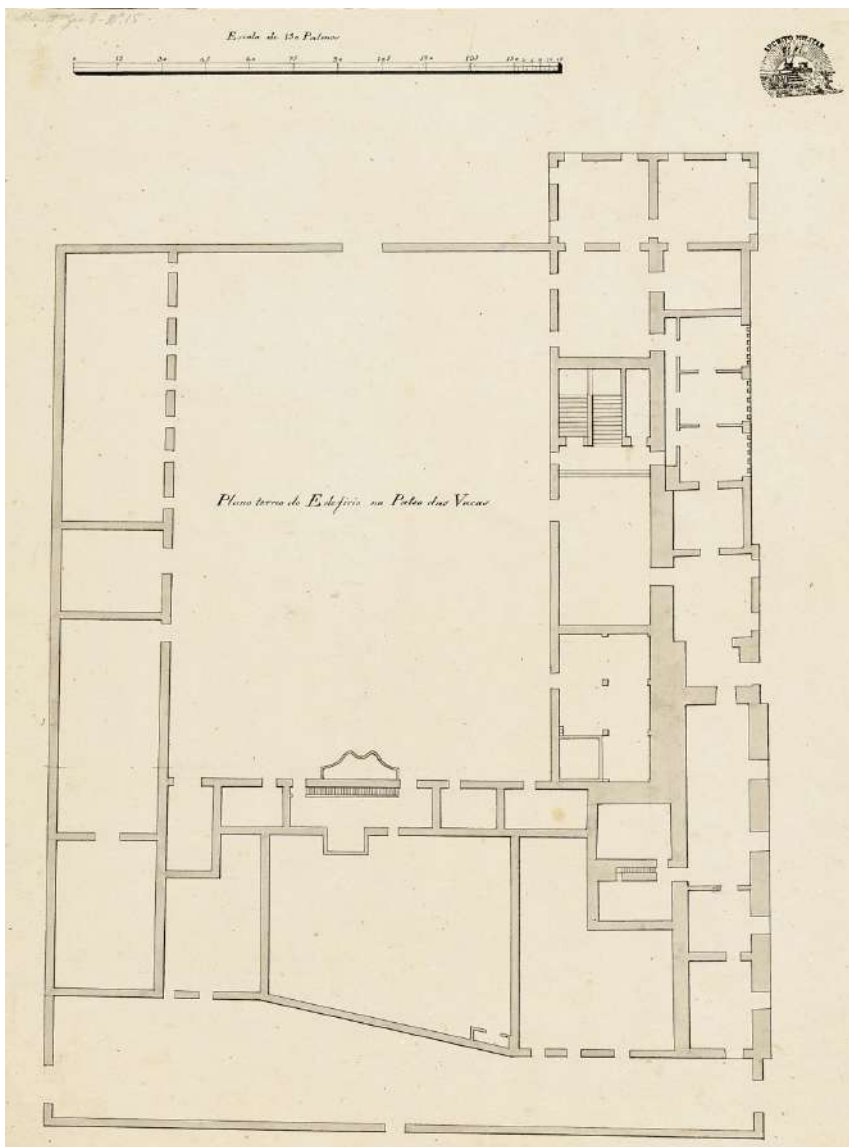


Fig. 80 – “Plano térreo do Edifício no Pátio das Vacas”, Biblioteca Digital do Exército – cota 732-1-5-9. Autor não identificado, S.d.

6.1 Início das obras de adaptação

As razões mencionadas conduziram à necessidade de reabilitar o piso inferior para instalar os serviços administrativos/técnicos e de direção, deixando o piso superior para uso exclusivo do

MAC. Assim, no ano de 1916, iniciaram-se em simultâneo dois grupos de intervenções construtivas. O primeiro no exterior da edificação, e o segundo no piso inferior. Porém, a falta de dotação orçamental por parte de ambos os organismos – MAC e JC –, tutelados desde novembro de 1915 pelo Ministério das Colónias, entidade que também não dispunha de dotação orçamental para poder empregar no empreendimento, fizeram com que as obras estagnassem, pouco tempo após o seu início.

Perante tal constrangimento, e atendendo à urgência na conclusão dos trabalhos, foi chamado à colação o Ministério do Fomento (antigo Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria)¹, que viria a disponibilizar a verba necessária, mediante orçamento, para o término das intervenções constantes no primeiro grupo de trabalhos.²

As intervenções a realizar, referidas na memória descritiva³ e detalhadas no orçamento,⁴ constituíam obras de “menor importância e mais urgentes”, como a demolição da “Casa do elefante”, que havia sido contruída em 1762; a demolição da escadaria exterior que fazia ligação ao 1º piso através da sala LX_BL_PCC_06; e a substituição do revestimento exterior do edifício e respetiva pintura.



Fig. 81 – Detalhe da Fig. 79, destacando o palácio.

¹ Para uma melhor compreensão sobre a organização estrutural do Ministério das Obras Públicas ver Ministério das Obras Públicas 1852-1977, Lisboa, 1977.

² Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) – Jardim Museu Agrícola Tropical (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/02, TXT. 04908034-5.

³ SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN: DSARH-005/125-3809/02, TXT. 04908031-2.

⁴ Designado como “Obras de reparação no Jardim Colonial e no edifício destinado ao (MAC)”, SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN: DSARH-005/125-3809/02, TXT. 04908029 a 40. Orçamentado com um valor total de 7.100\$00.

Conforme se pode observar na Fig. 81, a degradação exterior do edifício leva-nos a crer que a quinta campanha de obras (1907-1910), referida no capítulo anterior, tenha tido uma maior incidência no interior do palácio. Procedeu-se, então, à limpeza de cantarias “cunhais, aros, vãos, balaustradas” existentes no palácio e à limpeza de uma escada, também de cantaria, não especificada. Por outro lado, iniciaram-se os trabalhos de construção de uma escada, que virá posteriormente a ser designada como “escada T”. Foram ainda pintadas as estruturas metálicas de estufas, não especificadas. Importa salientar que o reinício das obras acabadas de descrever ocorreu somente em julho de 1917, ficando as mesmas concluídas cerca de 1918⁵.

Quanto ao segundo grupo, a memória descritiva anteriormente referida, classifica-as como obras a realizar “no primeiro pavimento [piso inferior] do mencionado palácio para sua adaptação (...) a Museu Agrícola Colonial”, não especificando mais detalhes sobre o assunto. Porém, até 1921, altura em que é elaborado um novo orçamento que contempla intervenções no interior e no exterior da edificação, foram sendo realizados trabalhos, no piso inferior, conforme a disponibilidade orçamental das partes envolvidas (Mistério das Colonias, Museu Agrícola Colonial, Jardim Colonial) o que originou o prolongamento das obras *ad aeternum*, como seguidamente veremos.

Por sua vez, no piso superior, os dois vãos de porta que faziam ligação entre as salas LX_BL_PCC_02/08 e LX_BL_PCC_12/14 escadaria devem ter sido fechados entre 1916 e 1919. Na sala LX_BL_PCC_03 procedeu-se ainda ao fecho de uma reentrância. Importa salientar que, de acordo com as fontes da época, em meados de 1921 o piso superior encontrava-se “perfeitamente conservado [no qual] estão reunidas algumas coleções de botânica e o gabinete da Direção”.⁶

Já no Pátio das Vacas assiste-se, entre os anos de 1916 e 1921, ao derrube da quase totalidade da edificação, voltada a poente, na qual residiram os funcionários jubilados da Casa Real. Deste modo, a área do Pátio das Vacas que se manteve passou a configurar um “L”, encontrando-se ligada ao palácio através da sala LX_BL_PCC_04, no piso superior. De

⁵ SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN: DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907340.

⁶ SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907530-2.

salientar, também, que a edificação virada a norte, que se interligava com a edificação demolida, encontrava-se já bastante degradada prevendo-se, por esta altura, a sua demolição. Assim sendo, deixou o Palácio dos Condes da Calheta de possuir três corpos, com dois pisos cada, que configuravam uma planta em forma de “U”, que remontava ao século XVII.⁷

Em 1921 estavam por concluir, no piso inferior, “varias salas (...) para instalar os serviços de secretaria, salas para coleções de produtos, arrecadações, gabinete do Diretor do jardim, anexo ao Museu e sala de visitas”.⁸ Perante este impasse, que se arrastava há aproximadamente cinco anos, foi sugerido ao diretor a construção de raiz de uma nova edificação para a instalação condigna do Museu.⁹ Assim sendo, a 30 de setembro de 1921, a Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais¹⁰ elabora um orçamento com o intuito de dar continuidade aos trabalhos iniciados em 1916, sendo o mesmo enviado, à posteriori, para apreciação/parecer do Conselho Superior de Obras Públicas, órgão consultivo do então denominado Ministério do Comércio e Comunicações.



Fig. 82 – Balaustradas a utilizar na frontaria sul "Obras no (Museu Agrícola Tropical) - Conclusão do corpo lado sul". SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01; DES053744, Peça nº 0626916, TXT. 04907539. [1921]. Escala 1:10.

⁷ SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907531.

⁸ *Idem Ibidem*.

⁹ A 14 junho de 1921, a Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais sugere ao Diretor do Museu Agrícola Colonial a construção, na mesma área, de uma nova edificação destinada ao Museu Agrícola Colonial. Para tal, seria necessário proceder-se à elaboração de um programa que servisse de base a um projeto, com o respetivo orçamento. O diretor do museu não concorda com a proposta preferindo concluir as obras iniciadas na antiga edificação. Cf. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907480-1.

¹⁰ Entidade que compreendia a direção de todos os serviços de arquitetura e construção civil do Estado, efetuava a gestão de fundos destinados à construção, reparação e restauração dos edifícios públicos. Todavia, estava ainda debaixo da sua alçada a conservação, reparação e restauro dos monumentos nacionais.

Aqui chegados, e antes de detalharmos as intervenções programadas no orçamento, cabe-nos destacar que entre a elaboração do mesmo, a 30 de setembro de 1921, e a sua aprovação em portaria datada de 8 de setembro de 1922, transcorreu aproximadamente um ano, no qual as obras permaneceram estagnadas. Este interregno deve-se às retificações técnicas indicadas pelo Conselho Superior de Obras Públicas, e que deveriam ser introduzidas no orçamento para sua aprovação. Foi então necessário retificar as medições e proceder à reavaliação do custo das balaustradas a aplicar na estufa “L” e no terraço “R” (Fig. 82),¹¹ bem como reduzir a superfície de lambris de azulejo a aplicar.

Terminado o tramite técnico-burocrático, as obras iniciaram-se em finais de outubro de 1922. Passaremos, de seguida, a elencar as intervenções previstas no orçamento,¹² o qual é acompanhado de memória descritiva¹³ e das respetivas plantas (Fig. 83 e 84). Indicaremos também as alterações que, estando previstas, não foram realizadas. Para tal, adotaremos as designações espaciais constantes na planta (Fig. 83).

Ao observarmos a planta do piso térreo (Fig. 83), verificamos que os compartimentos já se encontravam definidos, com exceção dos espaços “A - Guarda roupa do diretor”; “F – Arrecadação” e “I – Secretaria”, nos quais foram levantadas paredes divisórias que originaram a criação novos espaços, a saber, “V – [Vão de escadas]”, “G – Casa de Balança”, “X – [Corredor]” e “H – Corredor”. Porém, se comparamos as plantas (Fig. 80 e Fig. 83) observamos grandes modificações a nível de compartimentação no interior da edificação, as quais devem corresponder aos trabalhos que foram sendo realizados entre os anos de 1916 e 1921, e que não se encontram descritos.

¹¹ Ainda hoje, quem visitar o palácio pode verificar que as balaustradas existentes correspondem ao desenho reproduzido.

¹² Encontra-se dividido em 14 capítulos “I- Escavações; II- Demolições; III- Alvenarias; IV- Emboço, reboco e guarnecimento; V- Estuques; VI- Pavimentos; VII- Lambris em azulejo; VIII- Cantarias; IX- Carpintaria; X- Pinturas; XI- Cobertura; XII- Vidraça; XIII- Canalizações; XIV- Diversos” e contém a seguinte designação “Obras no Museu Agrícola Colonial - conclusão do corpo lado sul” SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907482 a 04907533. Valor inicial da obra 173.957\$00. No entanto, após retificação orçamental passou para 165.382\$00, valor pelo qual foi aprovado.

¹³ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907530-2.

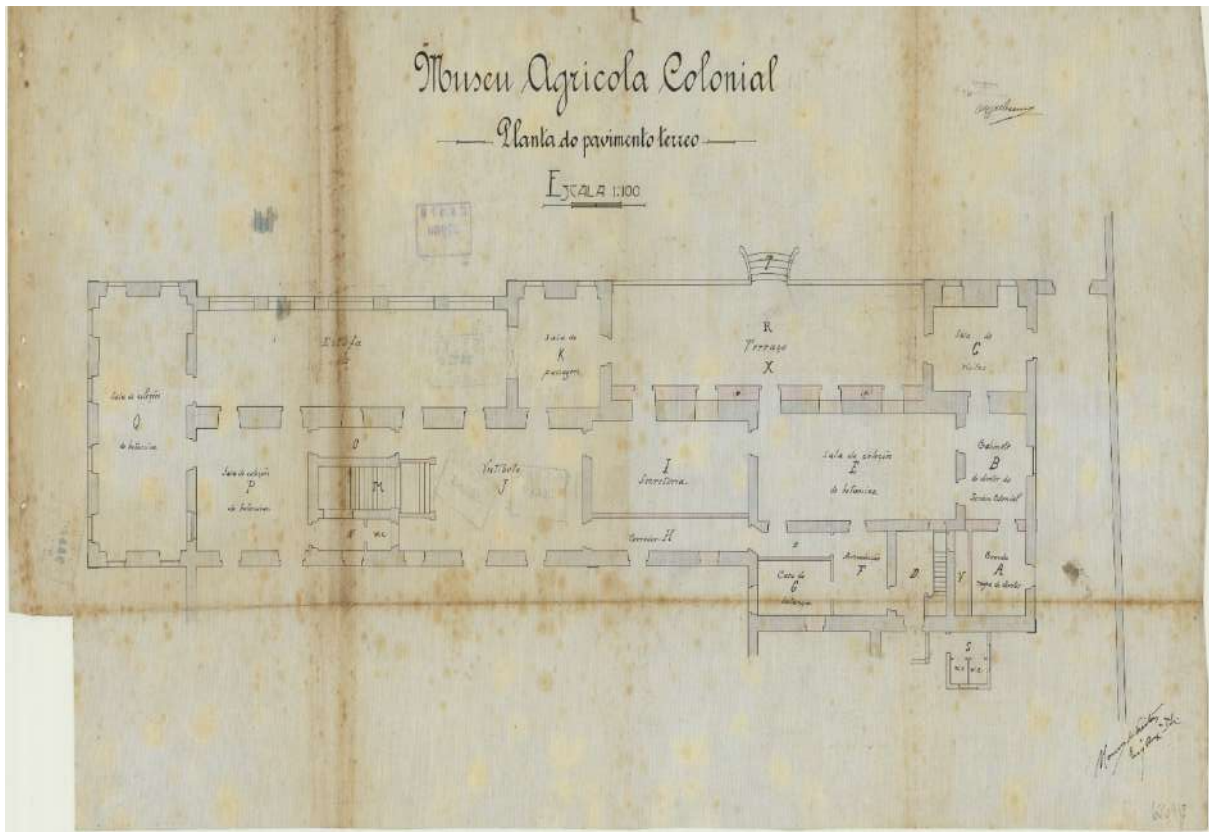


Fig. 83 – "Obras no (Museu Agrícola Colonial) - Conclusão do corpo lado sul". SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533. [1921]. Escala 1:100.

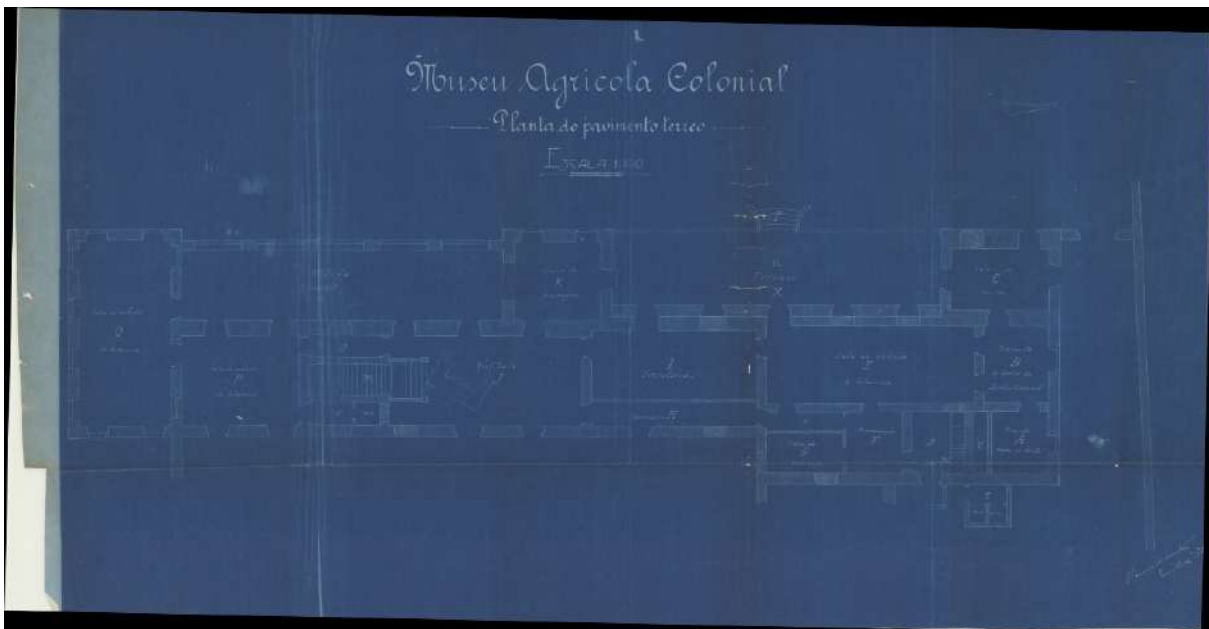


Fig. 84 – "Obras no (Museu Agrícola Tropical) - Conclusão do corpo lado sul". SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539. [1921]. Escala 1:100.

Por sua vez, o chão da edificação foi revestido com “soalho à inglesa”, à exceção dos espaços “D, F – Arrecadação; G – Casa de Balança; J – Vestíbulo; X – [Corredor]” onde o revestimento

foi feito com mosaico. Quanto aos tetos, todos os compartimentos foram forrados com madeiramento, à exceção do espaço “C – Sala de visitas”, que permaneceu inalterado devido à sua forma cilíndrica. Em todas as paredes foram executados trabalhos de revestimento (emboço, reboco e estuque). Abriram-se novos vãos de porta interiores, assinalados em planta (Fig. 83), todos revestidos com guarnições de madeira nas quais foram colocadas portas de um, dois e três batentes.

No espaço “C – Sala de visitas” abriu-se um vão de janela que pretendeu uniformizar perpendicularmente a totalidade da fachada sul/poente, uma vez que a demolição das escadas de acesso ao piso superior assim o possibilitou. Desta forma, passaram a existir dois vãos de janela perpendiculares em cada piso.

A escada que se encontra no espaço “D”, que em muita da documentação aparece designada como escada de serviço(s)¹⁴ e que foi construída na terceira campanha de obras ocorrida entre 1927 e 1936, como já referido anteriormente, foi revestida com 27 degraus de madeira, sendo também aplicado um corrimão de ferro.

Por sua vez, no vestíbulo – “J”, foram realizadas várias intervenções, o que pode indicar que, em tempos remotos, este espaço não detinha a importância que hoje se lhe atribui. Assim, construiu-se o primeiro lanço de escada (“M”), implicando que os degraus da escadaria existente, por uma questão de nivelamento geral do conjunto, fossem elevados (Fig. 85). A abertura prevista do vão de porta que ladeia a escadaria, e que daria acesso à casa de banho, mesmo estando assinalada, não se realizou. Ao invés, os vãos de porta, paralelos, que se encontram abertos no lado oposto (“O”), foram ambos tapados. Abordaremos novamente este assunto mais à frente. Continuando a seguir a intervenção, colocou-se um portão de madeira de casquinha almofadado, bem como um guarda vento de três lados. Reforçou-se a parede norte com a colocação de vigas de ferro (“TT”) entre o teto do vestíbulo e o chão da sala LX_BL_PCC_01, em toda a sua largura. Por último, se compararmos novamente as plantas (Fig. 80 e Fig. 83) verificamos que foram abertos vários vãos de porta que dão para a “L – estufa”, supostamente entre 1916 e 1921. Todos os vãos assinalados na planta (Fig. 83), que

¹⁴ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN: DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907507.

dão para o exterior da edificação, lado sul, receberam cantarias, tendo-se colocado ainda portas/janelas de dois batentes, com vidro.



Fig. 85 – Primeiro lanço de escadas. Fotografia: UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25933. S.d.

Importa referir que não se construiu a casa de banho programada para o espaço “N – [Corredor]”. No entanto, é através deste espaço que atualmente se acede à cave, e no qual foram realizadas fundações, colocando-se betonilha no pavimento e revestindo-se as paredes (emboço, reboco e estuque). Não foi possível, no entanto, apurar se a cave foi contruída na presente campanha de obras ou se já existia e apenas foi requalificada.

Muito embora não estando assinalado na planta, o vão de porta que faz ligação entre as salas “Q – sala de coleções de botânica” e “L – estufa” foi tapado, à semelhança do que ocorreu anteriormente, razão pela qual também voltaremos a este tema. Por último, todos os madeiramentos foram preparados para receber tinta de óleo, procedendo-se também à pintura interior das paredes.

Quanto ao exterior, fachada sul, o material construtivo que mais imperou foi a cantaria. Assim, de nascente para poente, na “L – estufa” colocaram-se balaustradas nos cinco vãos (“V V”)¹⁵ que dão para o lago. O chão foi substituído por novas lajes de cantaria devido ao desgaste das que lá se encontravam. Nas paredes foram executados trabalhos de revestimento (emboço, reboco e estuque) e, à posteriori, foi colocado um rodapé de cantaria na parte inferior da parede. Voltando a comparar as plantas (Fig. 80 e Fig. 83), verificamos que este espaço não detinha as dimensões constantes na primeira (Fig. 83). Cremos, com grande probabilidade, que a divisória que se encontra oposta à estufa, do lado nascente (Fig. 80), foi derrubada entre 1916 e 1921.

Por sua vez, no espaço “K- Sala de passagem”, à semelhança da “L – estufa”, o chão foi substituído por novas lajes de cantaria devido ao desgaste, foram colocadas balaustradas nas duas janelas viradas para o jardim, o teto foi revestido com madeira e as paredes revestidas (emboço, reboco e estuque).

Em termos estruturais, as fragilidades existentes obrigaram a reforçar a parede “X – frente”, sendo para tal construída uma nova parede (“a”) justaposta à existente em toda a extensão

¹⁵ De salientar, que a designação (“V V”) não se encontra mencionada na planta de referência. No entanto, o orçamento que acompanha a referida planta alude a esta designação no capítulo VIII - cantarias. Cf. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN: DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907513.

do terraço – “R”. Este facto originou o avanço do edifício, circunstância que permitiu, durante a presente campanha construtiva, colocar uma varanda de sacada em toda a sua extensão, a qual recebeu, a *posteriori*, um gradeamento pombalino (Fig. 86).



Fig. 86 – Frente (“X”) encimada com varanda de sacada e grade pombalina.

O chão do terraço – “R” foi revestido, na sua totalidade, por lajes de cantaria, tendo ainda sido colocadas balaustradas em toda a extensão nascente/sul do espaço. Procedeu-se também à colocação de rodapé de cantaria nos muros e na parede.

Quanto à escada (“T”), que liga o jardim com o terraço (“R”), estava previsto o revestimento dos degraus com lajes de cantaria e a colocação de balaustradas. Esta intervenção teve início em 1916, mas a sua conclusão prolongou-se no tempo, supostamente devido à sua configuração arquitetónica. De salientar ainda a existência de uma outra escada em leque, localizada junto ao tanque, a qual foi igualmente guarnecida de balaustradas e revestidos os degraus com lajes de cantaria.

A casa de banho, como já referido anteriormente, a que se encontrava prevista para “N – [Corredor]”, não se realizou. No entanto, foi construída uma outra no exterior, lado norte, conforme indicado na planta (Fig. 83) junto da edificação em L. No segundo piso, aproveitou-se esta mesma edificação em L, à qual se tem acesso através da sala LX_BL_PCC_04, para nela se colocaram também sanitários. Por último, foram efetuados reparos na cobertura do edifício e pintadas as paredes exteriores.

Terminada a descrição das intervenções, importa notar que o orçamento previa um custo total de 165.382\$00 para a realização global dos trabalhos, como já mencionámos. No entanto, o Governo, através do Ministério do Comércio e Comunicações, não desbloqueou o montante total da verba. Deste modo, o Estado cativava o dinheiro e à medida que a Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais solicitava verba para a persecução dos trabalhos, iam sendo desbloqueadas tranches correspondentes às tarefas a realizar no Museu Agrícola Colonial. Este funcionamento orgânico originou, na maior parte das vezes, várias interrupções no decurso dos trabalhos, devido à falta de verba.

Por sua vez, até finais de novembro de 1923, os trabalhos no Museu Agrícola Colonial decorriam por tarefa, facto que não contribuía para a celeridade dos mesmos. Esta morosidade levou o diretor a manifestar o seu desagrado numa carta, datada de 8 de outubro de 1923, enviada à Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.¹⁶ O pedido foi atendido e, a 20 de novembro de 1923, os trabalhos foram adjudicados no modo de empreitada. No entanto, esta intervenção não estava contemplada no orçamento. O adjudicatário comprometeu-se a colocar “cinco linhas” de ferro [gatos] para aferrolhar o lado nascente do edifício, que foram colocadas na sala LX_BL_PCC_11, entre o chão do piso superior e o teto do piso inferior, com o objetivo de aportar uma maior sustentabilidade ao chão, tentando desta forma minimizar as vibrações que se faziam sentir através da circulação de pessoas. São visíveis na fachada nascente do edifício (Fig. 87) as extremidades roscadas,

¹⁶ “Os trabalhos de pedreiro e de carpinteiro estão quasi no mesmo estado em que estavam quando saí de Lisboa e apenas nos trabalhos de canteiro se notam progressos, o que prova a superioridade deste sistema [empreitada]. Iniciei os trabalhos de instalação deste Museu em 1916 (...) apesar das cancelas e esforços que tenho feito, para por este Museu em estado de ser aberto ao público, não ver os meus trabalhos croados de justo êxito, derivado á morosidade com que tem corrido as obras de reparação”. Cf. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907617.

porcas e respetivos pratos, das linhas de ferro.



Fig. 87 – Extremidades das “cinco linhas”.

Porém, as restantes intervenções tardavam em concluir-se, e um novo bloqueio de verba por parte das entidades competentes fez com que, a 15 de novembro de 1924, a obra fosse suspensa. Desta feita, o caso revestia-se de alguma gravidade, uma vez que o montante total pelo qual foi aprovado o orçamento estava quase esgotado na sua totalidade. De realçar que, por esta altura, estavam realizadas somente um terço das obras inicialmente previstas.¹⁷ A última tranche é desbloqueada dez dias após a paragem total da obra, o que permitiu novamente o reinício da mesma.

¹⁷ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907666.

Todavia, antes de esgotada a totalidade da verba a Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais elabora, em 9 de dezembro de 1924, um orçamento suplementar¹⁸ e remete-o para apreciação do Conselho Superior de Obras Públicas. Nele constam exatamente as obras que não foram realizadas e que se encontravam previstas anteriormente. No entanto, o preço que agora se viria agora a pagar nada tinha que ver com os preços praticados em 1922.

A 5 de março de 1925, esgota-se a verba orçamentada, provocando novamente a paragem da obra, desta feita pelo tempo que tardar a aprovação do orçamento suplementar. Cremos, no entanto, que entre 1922-1925, as obras realizadas no interior da edificação incidiram mais sobre o lado nascente, uma vez que a 3 de fevereiro de 1925 continuavam por concluir oito compartimentos no lado poente.¹⁹

À semelhança do que já havia ocorrido durante a aprovação do anterior orçamento, os documentos circularam entre Conselho Superior de Obras Públicas e a Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, até que tudo estivesse conforme.²⁰ Este impasse burocrático fez com que o orçamento²¹ fosse aprovado somente a 13 de abril de 1926,²² sendo a primeira tranche desbloqueada a 24 de julho desse mesmo ano,²³ encontrando-se as obras paradas por um período superior a um ano.

Descrevemos agora os trabalhos realizados entre os anos de 1926 e 1929, ano em que é inaugurado o Museu Agrícola Colonial. Procedeu-se, então, à conclusão do primeiro vão de escadas, à colocação de cantaria na estufa (“L), terraço (“R”), e frente (“X”). Aplicou-se o revestimento (emboço, reboco e estuque) na parede “X – frente” e colocou-se canalização de água na frente norte. No vestíbulo (“J”) efetuou-se o revestimento do teto, a colocação do portão de madeira de casquinha almofadado, de um guarda vento de três lados e a aplicação do chão e respetivo rodapé.²⁴

¹⁸ Orçamento suplementar "Obras no Museu Agrícola Colonial e conclusão do corpo lado sul", SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907533 e 39 e TXT.04907656.

¹⁹SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907657.

²⁰ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907671-74 e TXT. 04907772- 81.

²¹ Orçamento suplementar "Obras no Museu Agrícola Colonial e conclusão do corpo lado sul", SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907784 a 04907832. Valor total da obra 346.240\$00.

²² SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907838.

²³ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907840 a 42.

²⁴ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907533- 39 e TXT. 04907912 -15.

Todavia, foram abertos vãos de porta/janela e realizados vários trabalhos de pedreiro no interior dos espaços, entre os quais as intervenções de canteiro na escada (“T”), a colocação de cantaria e balaustradas na escada em leque, o assentamento da varanda de sacada (“X – frente”) e a colocação do gradeamento estilo pombalino.²⁵

A inauguração oficial do Museu Agrícola Colonial ocorreu a 22 de maio de 1929 (Liberato et. al. 2003, 54) e contou com a presença do Presidente da República, General Óscar Fragoso Carmona (Fig. 88). É possível visualizar na fotografia os blocos de cantaria existentes na estufa (“L”). Esta inauguração não significou, todavia, o fim das obras iniciadas em 1916, e, mais tarde, foram ainda realizados diversos trabalhos de canteiro, carpintaria, pedreiro, estucador e vidraceiro.²⁶



Fig. 88 – Inauguração do Museu Agrícola Colonial em 22 de maio de 1929. ANTT: PT/TT/EPJS/SF/001-001/0013/0672D.

²⁵ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907898 e TXT. 04907865-70.

²⁶ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907979- 81.

O último documento que alude a intervenções a realizar, constantes no orçamento em questão, remonta a 1931.²⁷ Atendendo a este facto, e desconhecendo-se o dia em que as mesmas terminaram, assumimos o ano de 1931 como o do término dos trabalhos que se iniciaram em 1916. Assim, a transformação/adaptação do piso inferior e fachada sul Palácio dos Condes da Calheta a Museu Agrícola Colonial durou 15 anos (1916-1931).

A análise da presente campanha construtiva permite agora compreender melhor o porquê do Museu Agrícola Colonial não ter aberto as suas portas ao público logo após a instalação no Palácio dos Condes da Calheta. Voltamos a salientar que foi no século XX que o palácio se desfigurou em relação ao que havia sido nos séculos anteriores. As demolições que se efetuaram, juntamente com as alterações profundas executadas no piso inferior e na fachada sul, corroboram a nossa afirmação. Porém, o piso superior conservou-se com poucas alterações.

6.2 As intervenções realizadas de 1931 a 1939

Centremos agora a nossa atenção no período compreendido entre 1931 e 1939, quando se começa a adaptar o palácio para receber a Secção de Caça e Turismo da Exposição do Mundo Português. As obras desta época em nada se comparam com as intervenções estruturais realizadas anteriormente. Pelo contrário, consistiam apenas em adaptações funcionais necessárias ao normal funcionamento dos serviços. No entanto, a maioria das intervenções solicitadas pelo diretor do museu foram sendo proteladas ano após ano, e muitas delas não se realizaram devido à falta de dotação orçamental.

Durante este período assistimos à colocação de toldos metálicos na fachada sul, piso superior (1931-1932),²⁸ a reparações no telhado,²⁹ a consertos de caixilhos, portas e vidros³⁰ deteriorados com a exposição ao tempo. Por outro lado, a humidade que se fazia sentir no palácio deteriorava muitas das coleções de produtos que se encontravam no piso superior. Assim sendo, em 1932 o diretor do museu mandou instalar “no primeiro andar algumas

²⁷ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/08,TXT.04907533-39; TXT.04908013 e TXT.04908168-7.

²⁸ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/07,TXT. 04908135.

²⁹SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/06,TXT. 04908121 a 22.

³⁰SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/05,TXT. 04908086.

salamandras. Porém estas produzem muito calor em volta e por vezes gases sulfurados que causam prejuízos ao mobiliário e aos produtos (...) convirá substituir este processo de aquecimento por uma instalação de aquecimento central (...).³¹ As salas onde foram colocadas as salamandras não são especificadas, no entanto, através das chaminés observáveis na fotografia (Fig. 89) foi possível determinar a quantidade e a localização das mesmas. Assim, foram colocadas quatro salamandras nas salas LX_BL_PCC_01/03/04/12. Apesar dos esforços do diretor, a instalação das salamandras passou de provisória a definitiva, uma vez que a *chauffage* [sic] nunca se chegou a colocar no palácio, mesmo estando elaborado o orçamento para o efeito.³²



Fig. 89 – Existem três chaminés na fachada norte e uma na fachada poente, correspondendo às quatro salamandras. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/POR/057264. S.d.

Por sua vez, durante o ano de 1934, aproveitando as obras de reparação/pintura da fachada superior sul, ao nível do piso superior, foram colocadas 21 letras em folha zincada³³ com a denominação MUSEU AGRICOLA COLONIAL (Fig. 90). Porém, decorria o ano de 1938 quando uma das letras caiu, não existindo verba para poder recolocá-la na fachada. Acresce ainda

³¹SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737- 04907426.

³² DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, DES053738, Peça nº 0626902-3, TXT. 04907407; DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, DES053739, Peça nº 0626904-5, TXT. 04907419.

³³SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/05, TXT.049080107.

que as mesmas foram retiradas por ocasião da Exposição do Mundo Português e não mais foram colocadas. Importa destacar que, através desta imagem, é possível observar, de um modo geral, as intervenções realizadas entre 1919 e 1931, na fachada sul do edifício, mencionadas anteriormente.



Fig. 90 – Letreiro fachada sul. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25932. S.d [1934 -1939].

Os problemas com a trepidação do chão eram uma constante, e desta feita o problema localizava-se na sala LX_BL_PCC_12: “(...) o piso das salas de exposição [1º andar] é constituído por mosaicos assentes sobre pavimento de madeira, que se encontram bastante deteriorados e em desarmonia com os lambrins de azulejo existentes (Fig. 91). De todos os pavimentos aquele que se encontra em piores condições é o do salão Timor. (...)”³⁴. Deste modo, no ano de 1936, colocaram-se vigas em TT entre o chão e o teto do piso inferior, que interferiram com todas as paredes do espaço. Efetuou-se também a reparação de um cunhal de cantaria e colocou-se um T em toda a largura da sala LX_BL_PCC_11, fachada norte, (Fig. 92).

³⁴SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/23, TXT. 04909185-91.



Fig. 91 – Museu Agrícola Colonial, sala LX_BL_PCC_10, pavimento com mosaicos. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25934. S.d.

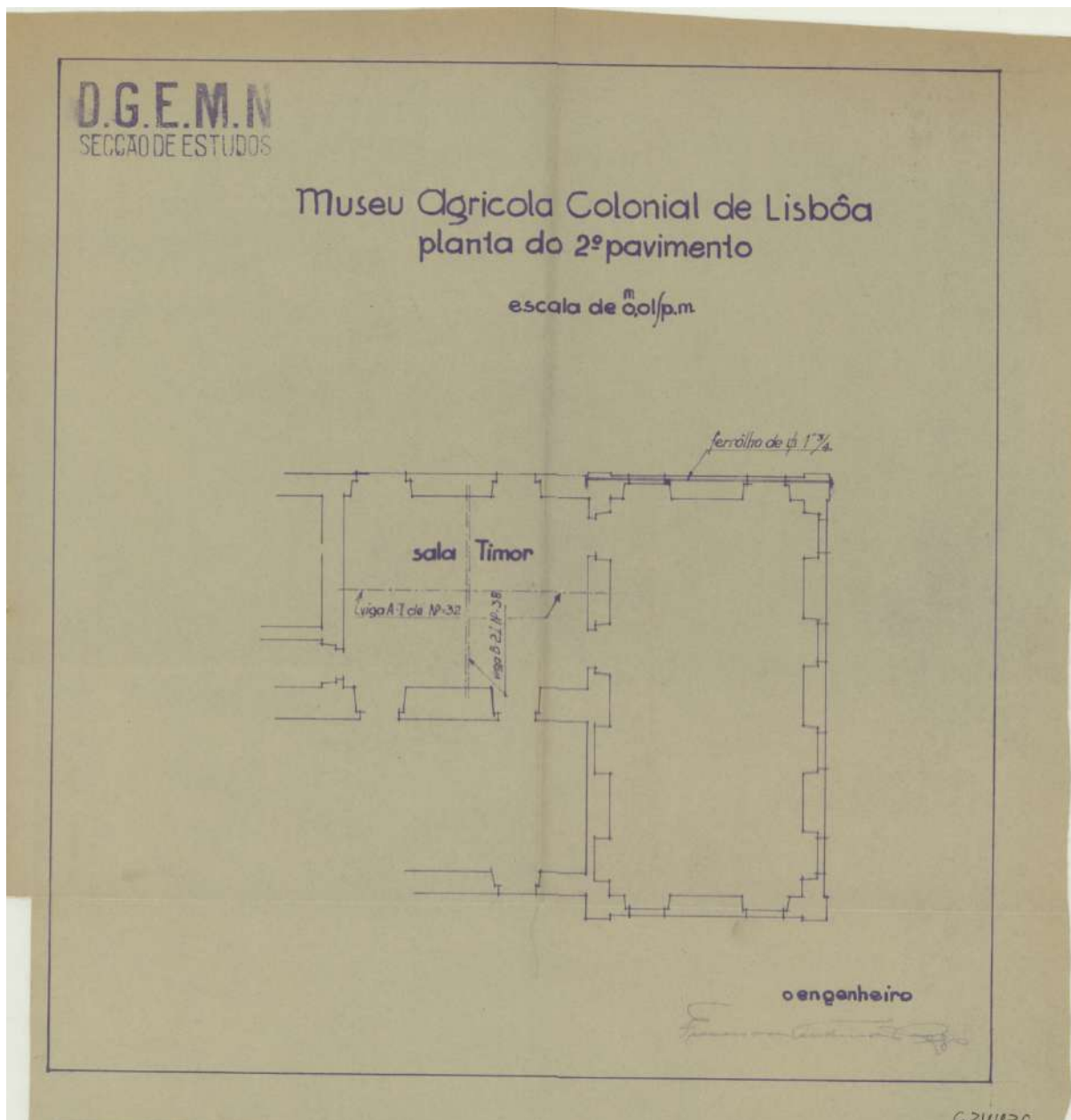


Fig. 92 – Intervenção realizada na sala LX_BL_PCC_12. DGEMN: DSARH-005/125-3811/23, DES063211, Peça nº 624436, TXT. 04909184. [1935].

Realizou-se ampliação e renovação da instalação elétrica³⁵ e procedeu-se ao fecho do vão de janela em “F – Arrecadação” e em “G – casa da balança” por ordem do diretor. No período em questão, foram ainda solicitadas pelo diretor as seguintes empreitadas: construção das casas de banho no interior do piso inferior (“N”); construção uma câmara para desinfeção de produtos³⁶ e, por último, a construção de duas novas alas de raiz.

³⁵ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/24, TXT.04909320-22.

³⁶ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/07, TXT. 04908133/4.

6.3 As alterações estruturais motivadas pela Exposição do Mundo Português

A Secção Colonial constituía uma das três seções temáticas na qual se dividiu a Exposição do Mundo Português, realizada entre 23 de junho e 2 de dezembro de 1940. Esta, ocupou o Jardim Colonial e, para tal, foram realizadas várias alterações estruturais no jardim e no Museu Agrícola Colonial, pois este último acolheu a Secção de Caça e Turismos, que era parte integrante da Secção Colonial. Assim, a fachada sul/norte e o interior do piso inferior foram objeto de múltiplas alterações estruturais, arquitetónicas e estéticas, que alteraram profundamente as construções que haviam sido realizadas ao longo dos anos de 1916 a 1931 para adaptação do edifício a museu.

As transformações na edificação e na zona envolvente estiveram a cargo do Diretor da Secção Colonial, entidade estranha ao organismo que ocupava o palácio desde 1916, o que causou alguns problemas. Assim, sem conhecimento do diretor do museu, as obras de adaptação começaram por volta de 1939. Confrontado com os acontecimentos, o diretor do museu solicita à Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais o embargo imediato das obras: “(...) o Director da Secção Colonial da Exposição do Mundo Português deu ordens para atirar abaixo algumas paredes interiores do edifício, sem consentimento da Direcção do Museu e de que tais obras são contra a estética do edifício, pondo em risco a sua integridade e solidez”.³⁷ Pense embora a preocupação, o pedido do diretor não foi atendido e as obras prosseguiram.

O objetivo era dotar a frente sul de linhas simétricas e equilibradas, em torno de um eixo principal.³⁸ Na fachada sul, através da abertura de um vão de grandes dimensões, centralizou-se a entrada para o edifício. Deste modo, foi necessário derrubar uma parede da Sala de passagem (“K”), com duas janelas, que haviam recebido balaustradas nas obras de 1916-1931. Ao centro, foi construída uma escadaria em mármore, que entronca numa ponte sobre o lago, e que faz ligação com a nova entrada principal do edifício. A ladear esta escadaria foram construídas outras duas de menores dimensões. Por sua vez, o lago foi aumentado para poente, passando a ocupar toda a extensão do edifício, anulando-se a quase totalidade dos trabalhos realizados no terraço (“R”). Foi eliminada a escada (“T”) e a escadaria em leque.

³⁷SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/03, TXT.04899573 a 04899599.

³⁸ Idem, *Ibidem*.

Todas as balaustradas existentes foram retiradas e guardadas, para futura recolocação. As fachadas sul e oeste foram camufladas por uma estrutura em madeira e revestidas com decoração em “STAFF” (Fig. 93), colmatando desta forma a falta de simetria da fachada sul.



Fig. 93 – Fachada sul do Palácio dos Conde da Calheta. Pavilhão Caça e Turismo do arquiteto Melo Breyner. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/CMLSBAH/ PCSP/044/EDP/001566. [1940 - ?].

No piso inferior, foram abertos dois vãos de porta, na fachada sul e norte, paralelos com aquele que se abriu para a mesma ocasião localizado na Sala de passagem (“K”). Procedeu-se ainda à construção de uma parede, paralela à existente na secretaria (“I”), criando-se um corredor de acesso ao Pátio das Vacas através do vestíbulo (“J”). Todavia, no Pátio das Vacas foi construído um muro para encobrir as construções que se encontravam em mau estado. Por último, referir que o piso superior onde se encontrava o Museu Agrícola Colonial não foi utilizado para a Exposição do Mundo Português.

Em síntese, a maioria do empreendimento realizado para a abertura do Museu Agrícola Colonial, entre 1916 e 1931, permaneceu pouco tempo no local para o qual foi idealizado, uma vez que a Exposição do Mundo Português deixou uma marca muito forte no Palácio dos Conde da Calheta.

6.4 A necessidade de reconstruir um palácio desfigurado

Depois de desmontada a Exposição do Mundo Português, revestiram-se os enormes vãos de porta com madeiramento, e a fachada sul apresentava a seguinte configuração arquitetónica (Fig. 94).

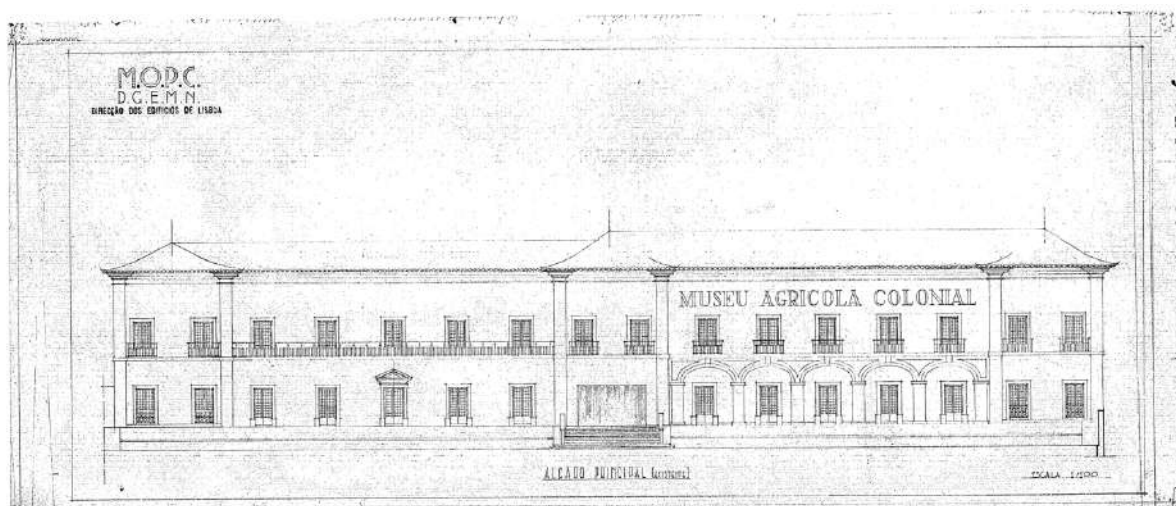


Fig. 94 – Alçado principal, fachada sul, depois de terminada a Exposição do Mundo Português. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, DRElisboa/DRC; DOC 00039658; DES 00039329. Data: [1942]. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto[?] Santos. Escala 1/100.

No entanto, o diretor do Museu Agrícola Colonial não estava de acordo com as soluções adotadas, pois facilitavam a acumulação de poeiras nas coleções, o que causava uma má imagem aos visitantes.³⁹ Existia assim a necessidade de se realizar uma nova campanha construtiva para reparar os danos causados pela exposição e, se possível, aproveitando o ensejo, efetuar algumas intervenções que vinham sendo solicitadas há algum tempo, como a existência de casas de banho no piso inferior.

Deste modo, foi elaborado um orçamento,⁴⁰ por parte Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, acompanhado de memória descritiva⁴¹ e das respetivas plantas. Para

³⁹ Carta escrita pelo diretor à Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Sul, datada de 15 de janeiro de 1942. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3808/06,TXT. 04907258.

⁴⁰ O orçamento, intitulado “Museu Agrícola Colonial – Conservação, reparação e melhoramentos” (SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3808/06,TXT. 04907176-83), encontra-se datado de 28 de agosto de 1942, apresentando o valor total de 392.518\$00.

⁴¹“(…) foi nossa intenção, a fim de simplificar os trabalhos e portanto reduzir despesas, aproveitar tanto quanto possível o existente atualmente, fazendo com que as alterações introduzidas no edifício se harmonisem coma feição architectonica geral (...). Cf. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3808/06,TXT. 04907284-6.

a descrição dos trabalhos realizados na fachada sul e piso inferior, à semelhança do que foi feito anteriormente, adaptaremos as designações constante na planta (Fig. 83), para uma melhor compreensão e encadeamento.

Na fachada sul modificou-se o vão de porta em forma de quadrado existente na Sala de passagem (“K”), configurando um arco de volta abatida. O vão de porta justaposto foi adaptado e passou a desempenhar a função de porta principal do museu, sobre a qual, por uma questão de uniformização da fachada, foi colocado um frontão (Fig. 95). Modificou-se um outro vão, de acesso ao terraço (“R”) e que é contíguo aos anteriores, em arco de volta abatida (Fig. 96).



Fig. 95 – Arco de volta abatida, entrada principal e Frontão. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25872. S.d.

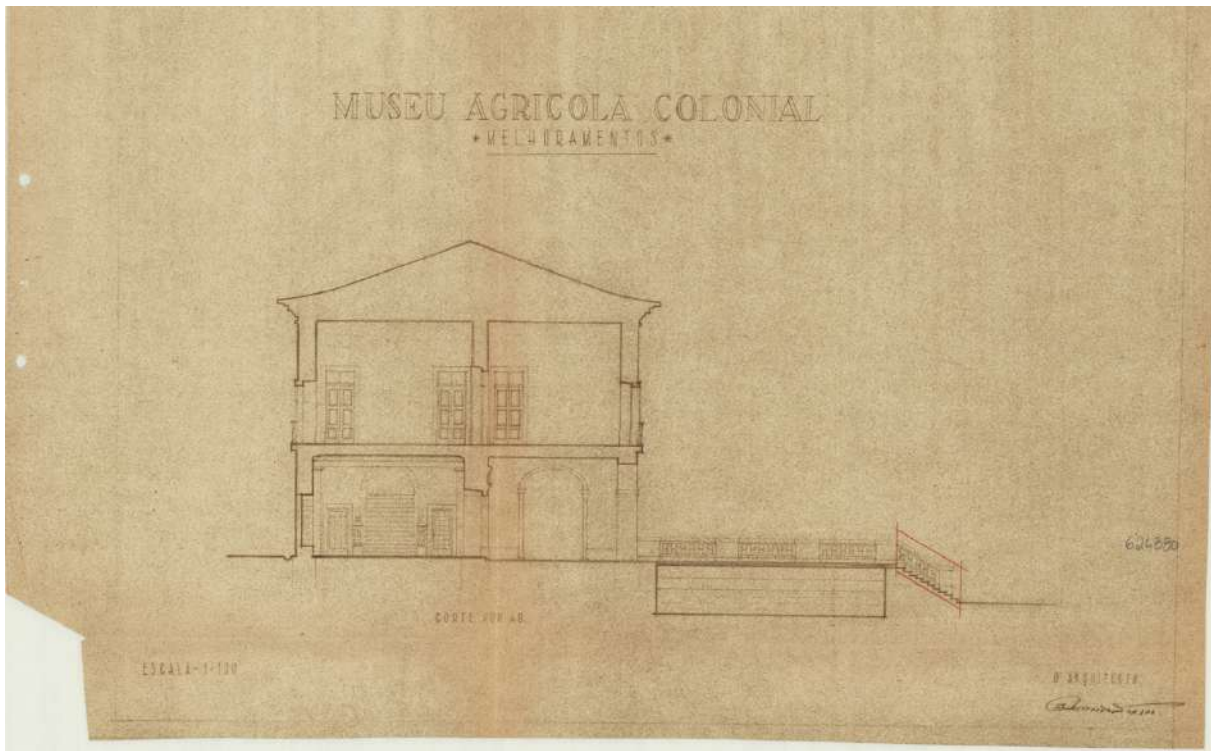


Fig. 96 – Alargamento de vão de porta lateral, virado a poente, para colocação de arco de volta abatido. Abertura de dois vãos de porta que ladeiam as escadas do vestíbulo. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN:DSARH-005/125-3803/14; DES053724, Peça nº 0626880, TXT. 04904302. Data: [1942]. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

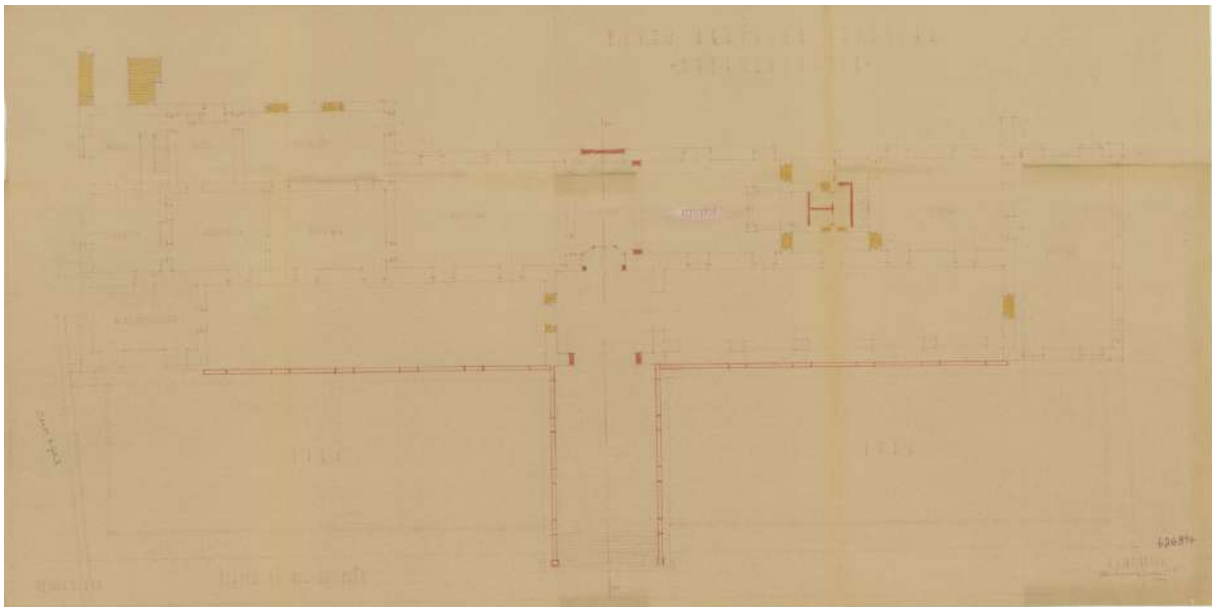


Fig. 97 – Obras a realizar na fachada sul/norte e piso inferior. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06; DES053737, Peça nº 626897, TXT. 04907269. Data: 1942. [A data constante na planta não corresponde com a data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

Por sua vez, foram conservados e melhorados os lagos, a ponte e as escadas de acesso ao museu. Recolocaram-se as balaustradas, retiradas por ocasião da Exposição do Mundo Português, junto aos lagos e na ponte (Fig. 97). Porém, a maioria encontrava-se partida, o que originou uma nova encomenda. Colocou-se um pavimento de “pedra serrada” na estufa (“L”), na sala de passagem (“K”) e no terraço (“R”), e requalificou-se o teto em madeira da estufa (“L”).

Abriu-se um vão de porta que liga a sala de coleções de botânica (“Q”) e a estufa (“L”), encimado por um frontão (Fig. 98). Importa referir que este vão havia sido fechado entre os anos de 1916 e 1931. Colocou-se mais um frontão a encimar uma outra porta existente na estufa (“L”), visível na imagem anterior (Fig. 98). Assim, se aos três frontões agora acrescentados juntarmos os dois já existentes, no lado poente, passamos a ter um ritmo/dinâmica arquitetónica de um frontão por cada três vãos de porta. Através da planta (Fig. 99) podemos observar a fachada sul depois das alterações.



Fig. 98 – Vão de porta e frontões. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25911. S.d.

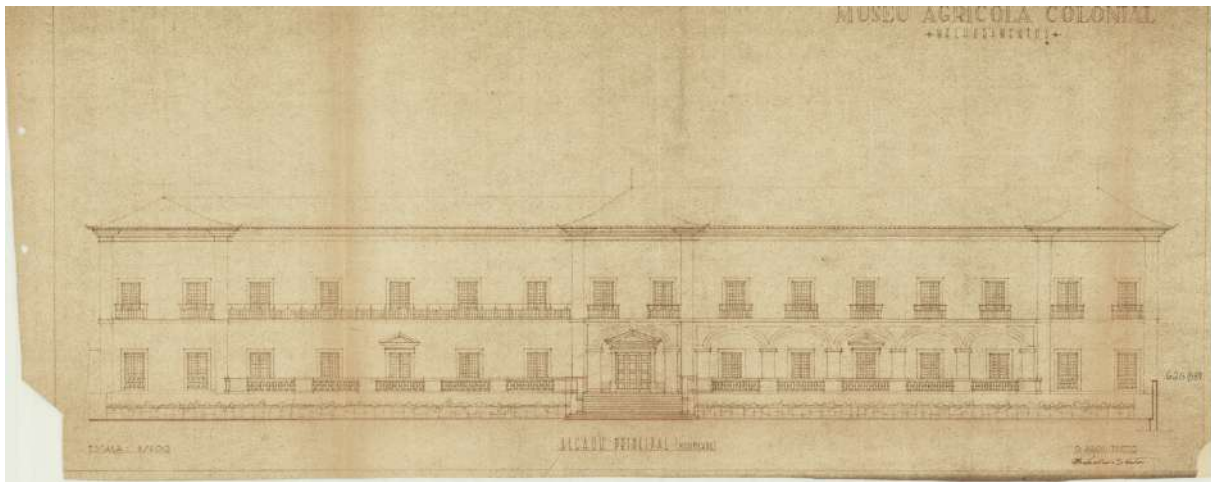


Fig. 99 – Alçado principal, fachada sul, após as modificações. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3803/14; DES053724, Peça nº 0626881, TXT. 04904302. Data: [1942]. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

Na fachada norte, cuja configuração final é visível na Fig. 100, fechou-se o vão de grandes dimensões que dava acesso ao Pátio das Vacas, aberto por ocasião da Exposição do Mundo Português, demoliu-se o que restava da edificação em L e as casas de banho e abriram-se dois vãos de janela na arrecadação (“F”) e na casa da balança (“G”) (Fig. 97). De mencionar, que um dos vãos de janela foi mandado fechar pelo diretor do museu entre 1931 e 1939, como referimos anteriormente. Reparou-se ainda o telhado e as paredes foram revestidas e pintadas.

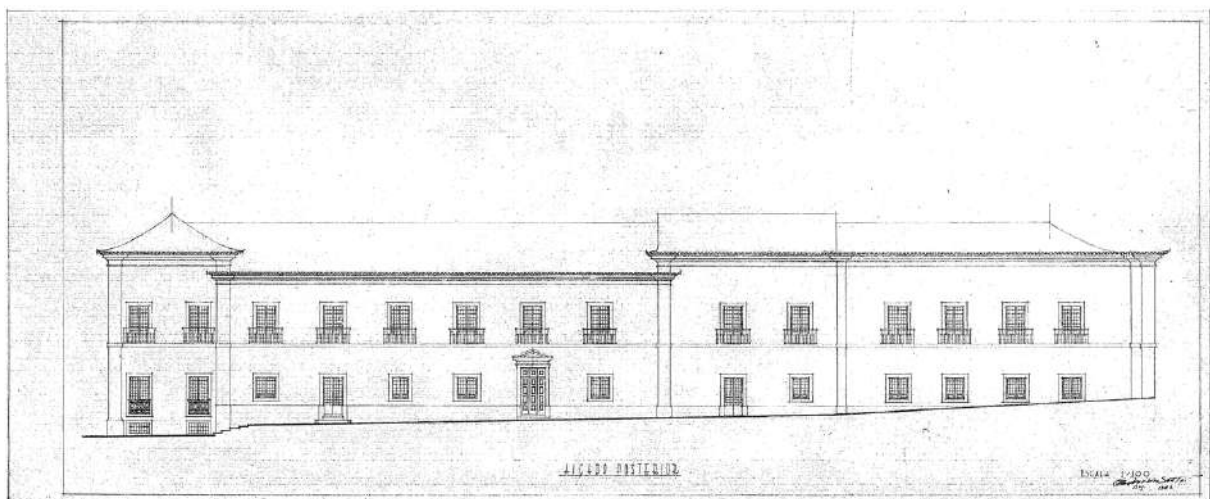


Fig. 100 – Alçado posterior. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, DRElisboa/DRC; DOC 00039658; DES 00039325. Data: 1942. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

Quanto ao interior, no piso inferior procedeu-se à abertura de dois vãos de porta que ladeiam a escada principal do vestíbulo (“J”) (Fig. 96), construíram-se as casas de banho nos corredores “O” e “N”. No corredor “O” foi aberto um vão de porta que faz ligação com a sala das coleções de botânica (“P”). De salientar que, tanto este vão de porta como aquele que ladeia a escada do vestíbulo (“J”), do lado sul, foram tapados entre 1916 e 1931), como referido anteriormente. No corredor “N” procedeu-se ao alargamento de um vão de porta que comunica também com a sala das coleções de botânica (“P”). Por último, no vestíbulo (“J”), onde se encontrava a parede divisória, ergueram-se dois pilares revestidos com “estafe” que se encontram salientes (Fig. 97), colocando-se ainda dois guarda-ventos nas portas principais de ambos os lados, e procedendo-se também à reparação do soalho e dos tetos de todas as salas do lado poente.

Por último, no piso superior, a maioria das intervenções localizou-se na sala LX_BL_PCC_04, tendo sido demolida uma parede que dividia a sala em dois espaços,⁴² o que afetou de forma significativa a parede 02 da sala LX_BL_PCC_07. Foi ainda demolida a escada de serviço (“S”) e tapado um vão de porta que dava acesso à edificação em L. Na sala LX_BL_PCC_03 abriu-se um vão de janela, certamente por uma questão de simetria com o piso inferior, no qual se abriram dois vãos de janela, como referido anteriormente (Fig. 101). Quanto ao corredor LX_BL_PCC_13 foi derrubada uma parede e colocado um corrimão semelhante ao que se encontra nas escadas (Fig. 102). Todo o pavimento do piso superior foi levantado e substituindo-se por madeiramento de “pinho à inglesa”, com rodapé também em madeira.

Por último, em ambos os pisos as paredes foram estucadas, reparados os caixilhos, as portas, os tetos e colocadas novas ferragens. Posteriormente, as paredes e os madeiramentos foram pintados, colocando-se nova instalação elétrica sempre que necessário.

A presente campanha construtiva ficou marcada também pela morosidade na finalização dos trabalhos. O primeiro obstáculo surgiu com a adjudicação da empreitada. Deste modo, nos vários concursos públicos abertos para o efeito, as propostas apresentadas pelos empreiteiros excediam em muito o valor tabelado pelo orçamento. Como alternativa foram realizadas

⁴² Note-se que, de acordo com a metodologia de inventário do *Az Infinitum*, os espaços a que nos reportamos devem ser os atuais, razão pela qual atribuímos sempre este espaço uma única designação.

consultas diretas entre os empreiteiros que habitualmente trabalhavam para a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, mas esta medida não surtiu efeito. A adjudicação do trabalho implicou uma revisão orçamental, optando-se pela colocação de materiais de qualidade inferior (cantarias, soalho) e recorrer a materiais que a DGEMN tinha em depósito (madeiramento etc.).

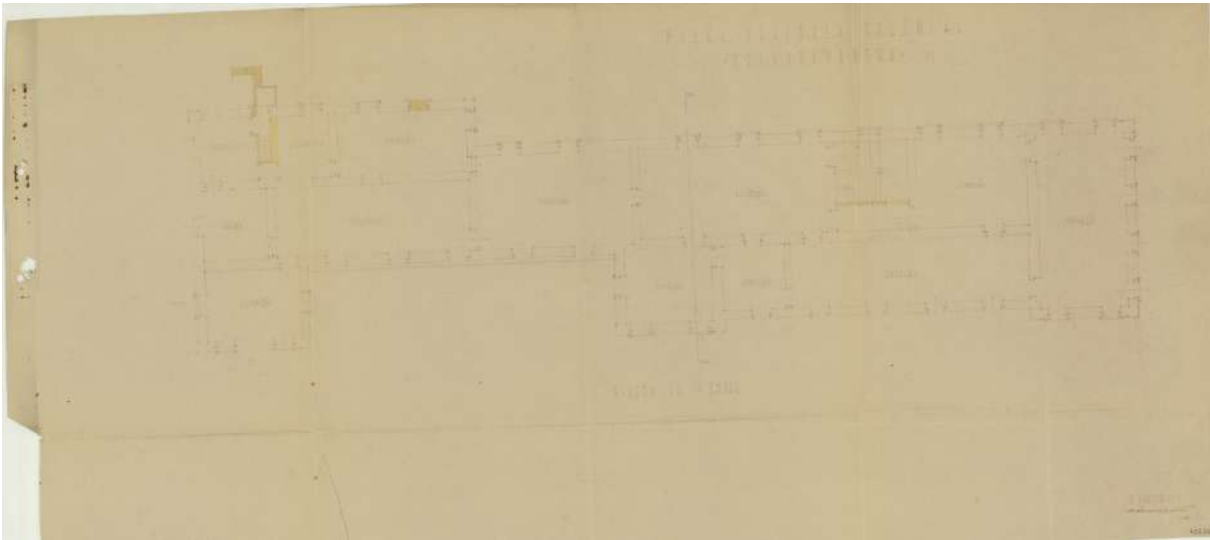


Fig. 101 – Intervenções estruturais realizadas no piso superior, após a Exposição do Mundo Português. SIPA - (M.A.C),” Conservação, reparação e melhoramentos (...)”; DSCV-002-0116, Peça nº 0452520. Data: 1942. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?]Santos.



Fig. 102 – Concluídas as alterações na parede e corrimão do corredor LX_BL_PCC_13. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25896. S.d.

Os trabalhos estiveram a cargo de duas empresas, em momentos diferentes. Para o efeito foram elaborados dois novos orçamentos que, de uma forma geral, contemplavam a totalidade dos trabalhos constantes no orçamento de 1942. Assim, a primeira empresa desenvolveu os seus trabalhos entre 20 de março de 1944 e 31 de janeiro de 1945. O orçamento⁴³ contemplava trabalhos de cantaria, pintura, madeiramento, demolição da edificação em L e da casa de banho da fachada norte, abertura de vãos de porta para construção de casa de banho no vestíbulo, substituição dos mosaicos do piso superior por soalho (Fig. 103), arranjos no telhado, etc.



Fig. 103 – Perspetiva do chão em soalho das salas LX_BL_PCC_11/12, depois de substituído. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25894. S.d.

⁴³ SIPA – MAC – Conservação, reparação e melhoramentos, IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899375 a 04899565; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706.

Por sua vez, os trabalhos realizados pela segunda empresa decorreram entre 21 de maio de 1946 e 20 de abril de 1949.⁴⁴ No entanto, esta segunda fase foi marcada por problemas de incumprimento contratual que atrasaram a conclusão da obra. Desta forma, o segundo orçamento⁴⁵ incidiu sobre a conclusão dos trabalhos iniciados pela primeira empresa, em termos de cantarias, pinturas, madeiramento, telhado, rebocos, substituição do piso superior, etc. Porém, estavam incluídos neste orçamento alguns trabalhos que não integravam o orçamento de 1942, como a colocação de revestimento azulejar no vestíbulo (“J”), a colocação de uma lanterna de latão na caixa das escadas de acesso ao piso superior, e a construção de um banco de mogno, assente sobre mísulas de cantaria.



Fig. 104 – Pátio das Vacas. Corte do muro para colocação de calçada junto do edifício. Foi também aplicada uma pilastra de cantaria no local onde o muro entroncava. É possível observar ainda duas das chaminés das salamandras. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25917. S.d.

⁴⁴ SIPA — JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3797/01,TXT. 04899375 a 04899565; SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3797/02,TXT. 04899566 a 04899572.

⁴⁵ SIPA – MAC – (...) - Conclusão (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3796/07, TXT.04899119 a 25; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/08, TXT.04908894; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908936 a 62, TXT.04908991 a 04909002 e 04909016/17.

Durante a execução dos trabalhos surgiram alguns imprevistos, que foi necessário resolver.⁴⁶ No jardim realizaram-se alterações de nivelamento na ponte de acesso ao edifício. Por sua vez, na fachada norte, procedeu-se à regularização e limpeza do Pátio das Vacas, acrescentando-se o soco no edifício. Colocaram-se degraus de cantaria nas portas que ladeiam a entrada principal e revestiu-se com calçada uma faixa de terreno junto à edificação, criando-se assim um passeio. Por último, rasgou-se o muro do Pátio das Vacas, voltado a nascente, para colocação de uma pilastra de cantaria na fachada do edifício onde entroncava o dito muro (Fig. 104).

Entre os trabalhos mencionados anteriormente e programados pela DGEMN desde a década de 1940, encontrava-se a demolição do Pátio das Vacas. Porém, esta intervenção foi protelada em virtude de um diferendo que viria a conhecer a sua resolução a 29 de agosto de 1944, na sequência de uma arbitragem que incidia sobre uma parcela de terreno (Fig. 105),⁴⁷ a antiga edificação norte existente no Pátio das Vacas, e que se encontrava incluída no projeto de urbanização da encosta da Ajuda. Eram oponentes neste processo o Estado, proprietário do terreno, e a Câmara Municipal de Lisboa (CML) entidade promotora do projeto de urbanização. A resolução determinou que a propriedade seria transmitida para a CML através de quitação ao Estado, ficando a primeira entidade obrigada a pagar o valor de 122.355\$00 pela parcela de terreno. Esta decisão foi convertida em escritura a 25 de abril de 1945.⁴⁸

Não obstante o sucedido, em setembro de 1944, as duas partes voltam a encontrar-se, desta feita para a realização de uma permuta de terrenos com vista à vedação do edifício afeto ao Quartel de Cavalaria n.º 7. Deste modo, a CML entrega ao Estado duas parcelas de terreno, uma destinada ao alargamento do Quartel, e outra a ser integrada nos terrenos afetos ao Jardim Colonial. Por sua vez, o Estado entrega à CML, no contexto da urbanização da encosta da Ajuda, uma parcela de terreno localizada entre o palácio e a antiga edificação norte que havia sido quitada ao Estado anteriormente, destinada à via pública. Note-se que, devido à

⁴⁶ SIPA – MAC – (...) – (...) – Trabalhos imprevistos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908890 e 95, TXT.04908936 a 8, TXT.04908943/4, TXT.04908950 a 62 e TXT.04908993 a 04909002.

⁴⁷ Cópia da decisão arbitral. SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3789/01, TXT.04895804-6.

⁴⁸ Cópia da minuta de arbitragem. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125- 3789/01, TXT.04895619 a 04895818.

diferença de valores existente entre os terrenos, terminada as permutas, o Estado foi ressarcido pela CML da importância de 52.130\$25⁴⁹.

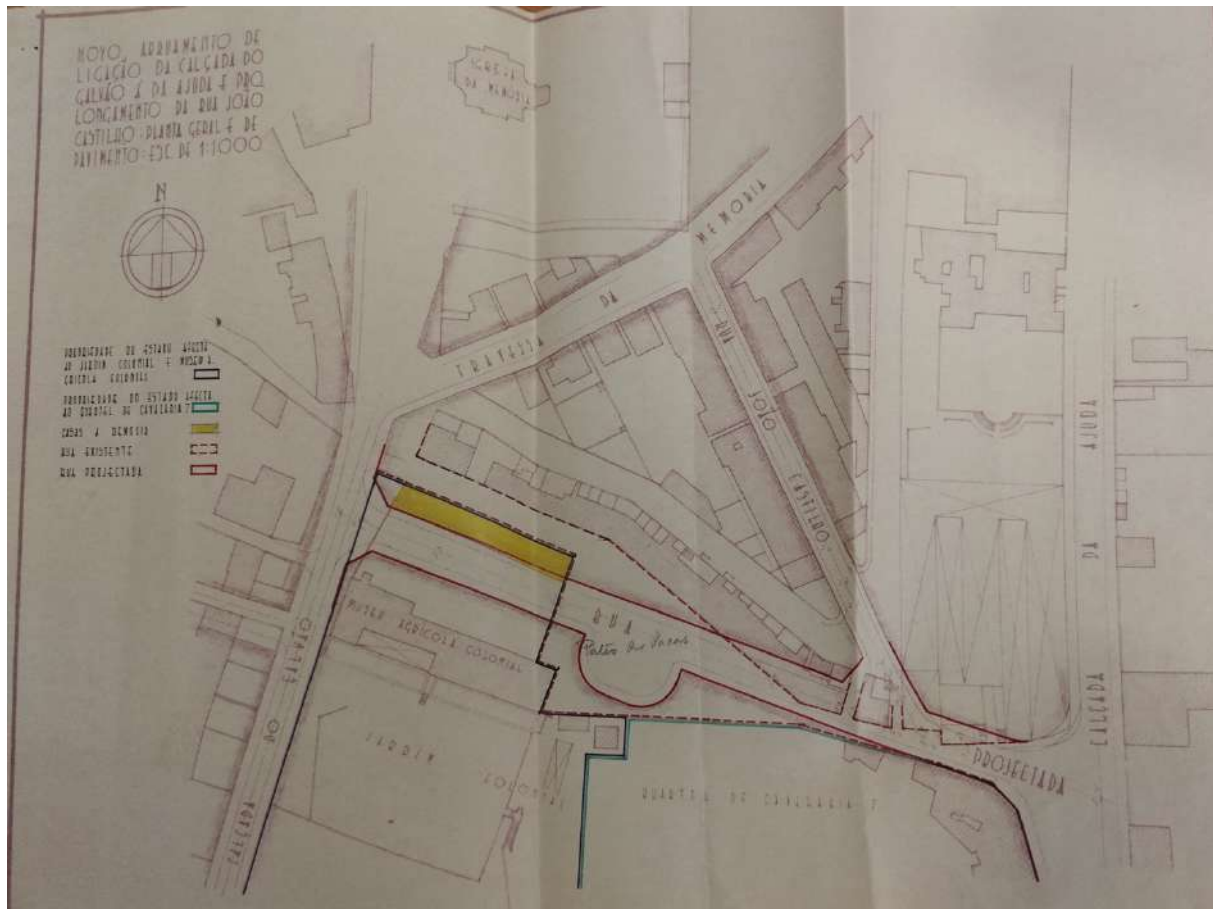


Fig. 105 – A parcela em contenda corresponde à sublinhada a amarelo. Representa edificações que entre 1944 e 1945 ainda estavam habitadas, facto que veio a retardar a sua demolição. SIPA - (M.A.C), IPA 11063206; PT DGEMN: DSARH-005/125-3789/01; DES 053668, Peça nº 626589. S.d [1944-1945]. Escala 1:1000.

Deste modo, o Pátio das Vacas ficou, quase na sua totalidade, a pertencer à CML, entidade que levou a cabo a sua demolição. Assim, comparando a imagem anterior com a realidade atual desta zona, verificamos que os arranjos programados na envolvência da edificação (realização de uma meia-lua), não se concretizaram, desconhecendo-se o motivo. Em momento posterior foi construído um muro de características diferentes e ao qual faremos menção de seguida.

⁴⁹ Processo Pátio das Vacas, diversos assuntos. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3789/01, TXT.04895619 a 04895818.

6.5 Dos anos de 1950 até ao final do século XX

Destacamos agora duas intervenções construtivas que ocorreram durante a década de 1950. A primeira, que já se vinha prolongando no tempo, incidiu sobre a conclusão da escadaria de acesso ao Museu, na fachada sul, e que teve o seu final entre os meses de outubro e dezembro de 1951⁵⁰ (Fig. 106 e 107).

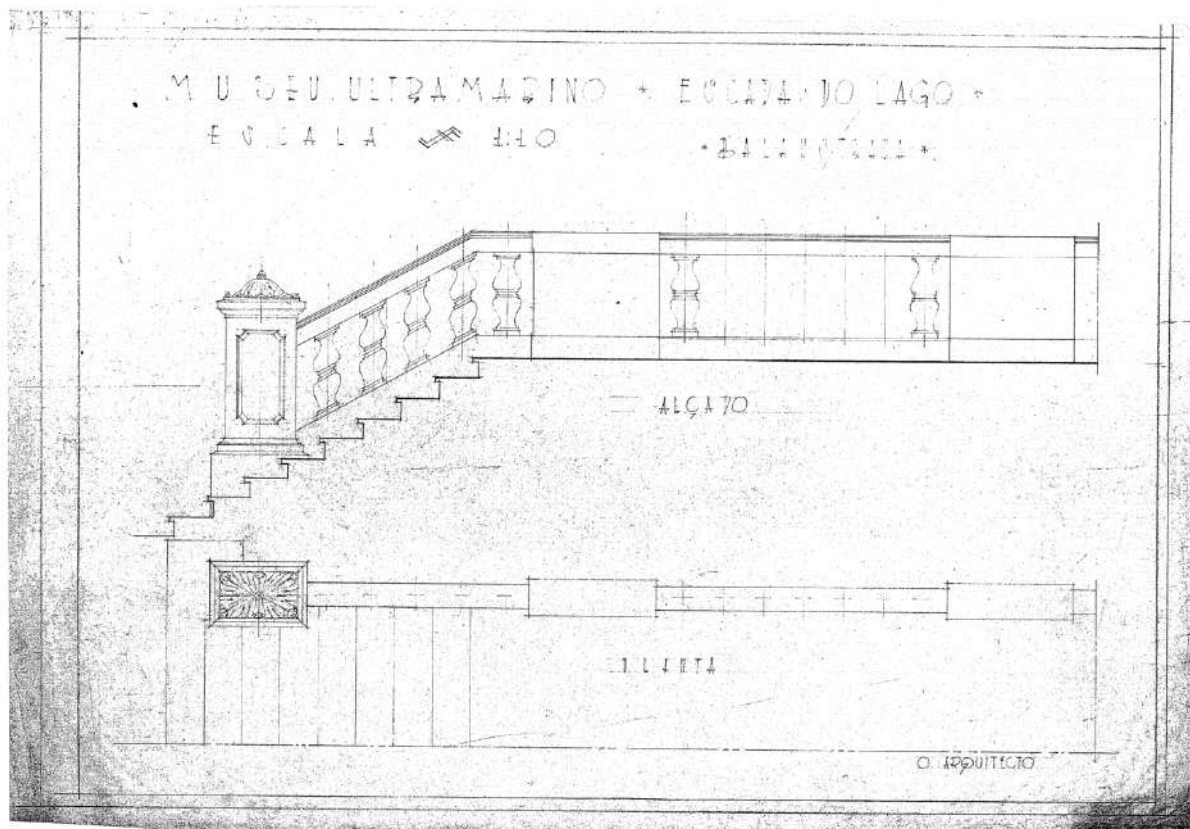


Fig. 106 – Fachada Sul, alçado da escadaria. SIPA – MAU - Conclusão da escadaria (...); DES00039332 Peça nº 0626880. Escala 1/10.



Fig. 107 – Fachada Sul, pormenor do trabalho que encima o corrimão das escadas.

⁵⁰ SIPA – Museu Agrícola do Ultramar (MAU) - Conclusão da escadaria (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3803/14, TXT.04904272 a 04904328; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3803/15, TXT.04904329 a 04904352.

A segunda intervenção, de caráter mais estrutural, realizou-se em 1958, incidindo sobre a fachada norte (Fig. 108) e a cobertura do edifício. Cobertura que, como tivemos oportunidade de constatar ao longo deste trabalho, foi sendo objeto de várias intervenções devido às infiltrações que dela provinham e que provocavam enormes estragos no interior da edificação: “(...) atualmente possuindo todos os defeitos de concepção admissíveis, de onde resulta a entrada frequente das águas pluviais pelos numerosos pontos defeituosos, como sejam: os algerozes interiores, pouco ponto nalgumas águas, empenas interiores sem protecção conveniente (...)”.⁵¹



Fig. 108 – Imagem correspondente à fachada norte em momento anterior à elevação da cimalha central. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900. s.d.

Importa referir que, por esta altura, já se encontravam a decorrer os trabalhos de urbanização programados para a zona, obra a cargo da Câmara Municipal de Lisboa: “(...) junto à referida fachada norte, virá a passar um amplo arruamento de ligação das Calçadas do Galvão e da Ajuda”.⁵²

⁵¹ SIPA – MAU, “Reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores” (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07, TXT.04896199-200.

⁵² Idem, *Ibidem*.

Regressando à campanha construtiva que decorreu de agosto a dezembro de 1958, o orçamento estava acompanhado de memória descritivas e plantas, nas quais estão descritos os seguintes trabalhos:⁵³ com o intuito de nivelar a fachada norte elevou-se a cimalha e, por consequência o beirado (Fig.109); para manter o ritmo dos vãos de janela da fachada norte, procedeu-se à eliminação de uma pilastra e, em seu lugar, construiu-se, ao nível do 1º piso, um vão de sacado entaipado (Fig.110); foram retiradas as chaminés das salamandras.

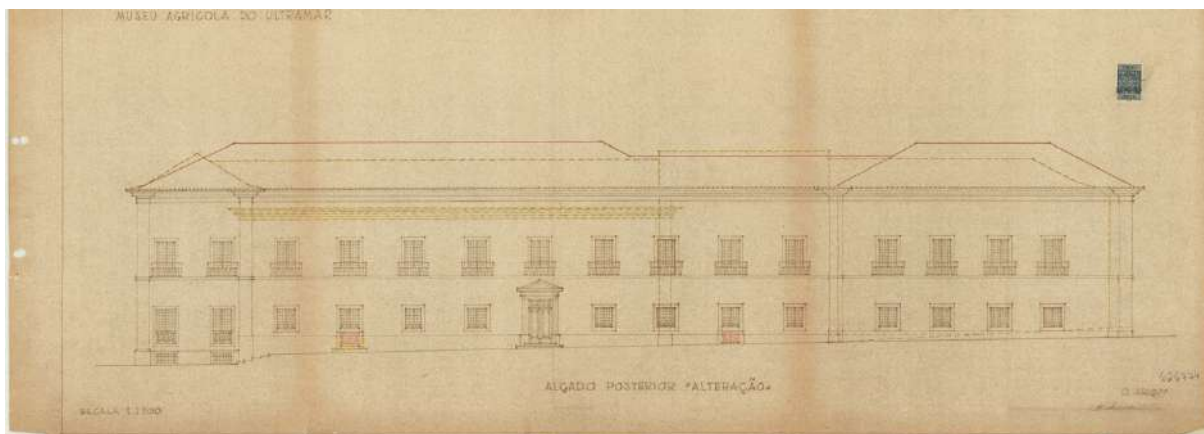


Fig. 109 – Fachada norte, alterações programadas para o alçado posterior. SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626774, TXT.04898048. Data: [1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

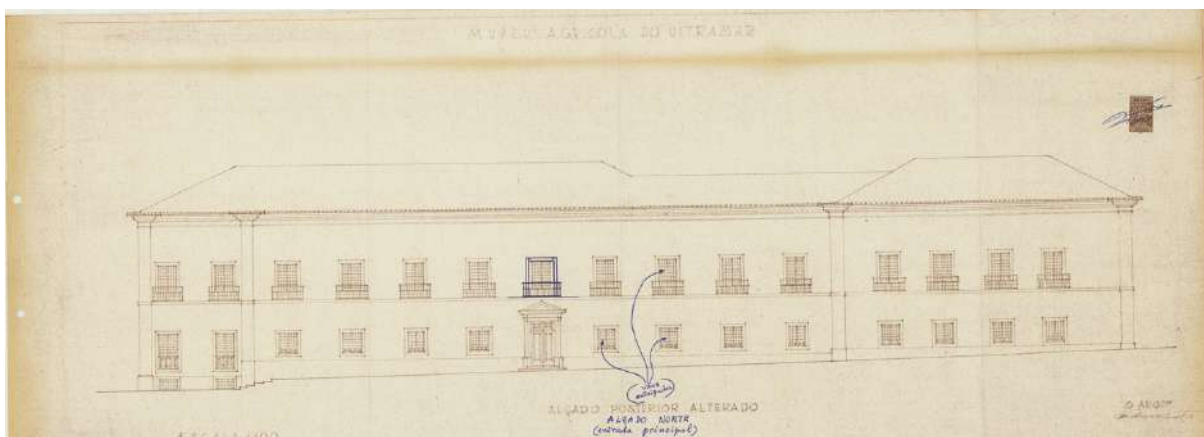


Fig. 110 – Vão entaipados. SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES037975, Peça nº 584917, TXT. 03051925. Escala 1:100.

Ao nível do piso inferior, duas portas foram convertidas em vãos de janelas, uma das quais

⁵³ SIPA - MAU, “Reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores” (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07, TXT.04896177 a 04896297; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/08, TXT.04896298 a 04896307; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT.04896329; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3794/05, TXT. 04898049 a 04898153.

havia sido revestida com degraus de cantaria na campanha construtiva anterior. Dotou-se também este piso com dois vão de janela entaipados, e à semelhança do que foi referido anteriormente, um deles colocado no lugar da pilastra, paralelo ao do 1º piso (Fig. 110). A cobertura foi remodelada na sua totalidade (Fig. 111 e 112). No entanto, durante o processo construtivo o teto da sala LX_BL_PCC_04 abateu.

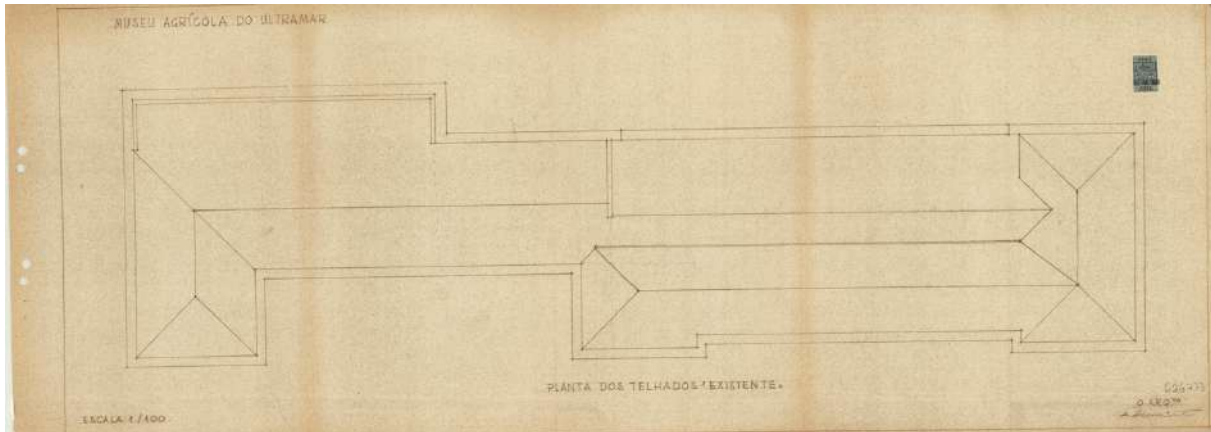


Fig. 111 – Telhados existentes. SIPA - (M.A.U),” reconstrução do telhado (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626773, TXT.04898048. **Data:** [1958]. **Autor:** Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

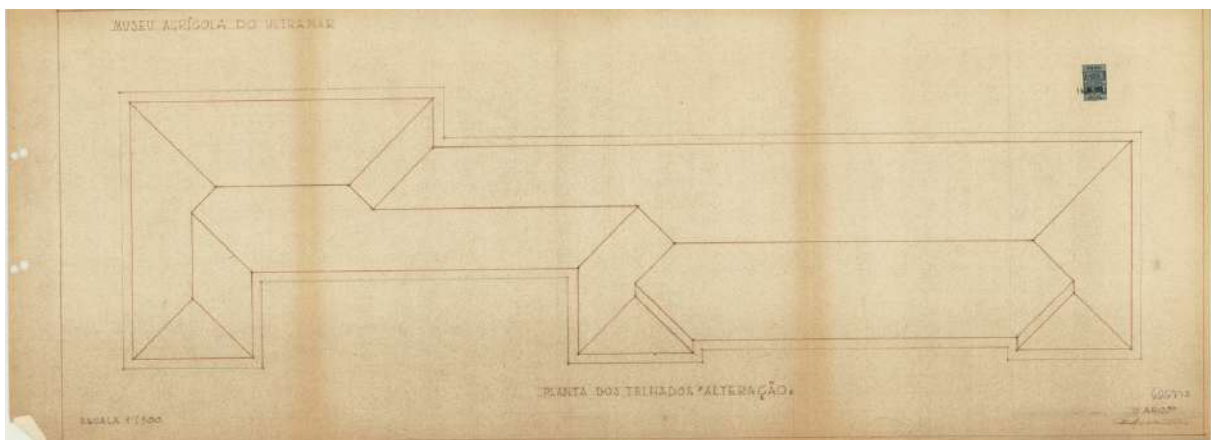


Fig. 112 – Fachada norte, alterações realizadas nos telhados devido à elevação da cimalha. SIPA (M.A.U), “reconstrução do telhado (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626772, TXT.04898048. **Data:** [1958] **Autor:** Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.

No interior do piso superior, a abertura do vão de sacada, mesmo que entaipado, originou o derrube de parte das paredes 03 e 04 da sala LX_BL_PCC_02. Estava também programada a deslocação da parede que separa as salas LX_BL_PCC_01/02, (Fig. 113), empreitada que não se concretizou.

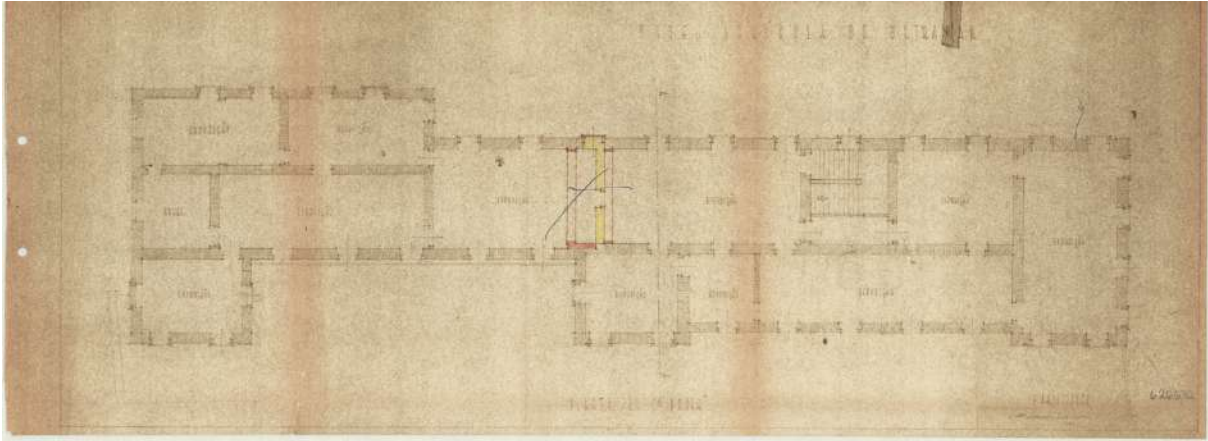


Fig. 113 – Assinalado o derrube de uma parede que divide as salas LX_BL_PCC_01/02. No entanto, este não se concretizou. SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas e interiores (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626777, TXT.04898048. Data: 1942. [Planta reaproveitada para assinalar a intervenção,1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos.

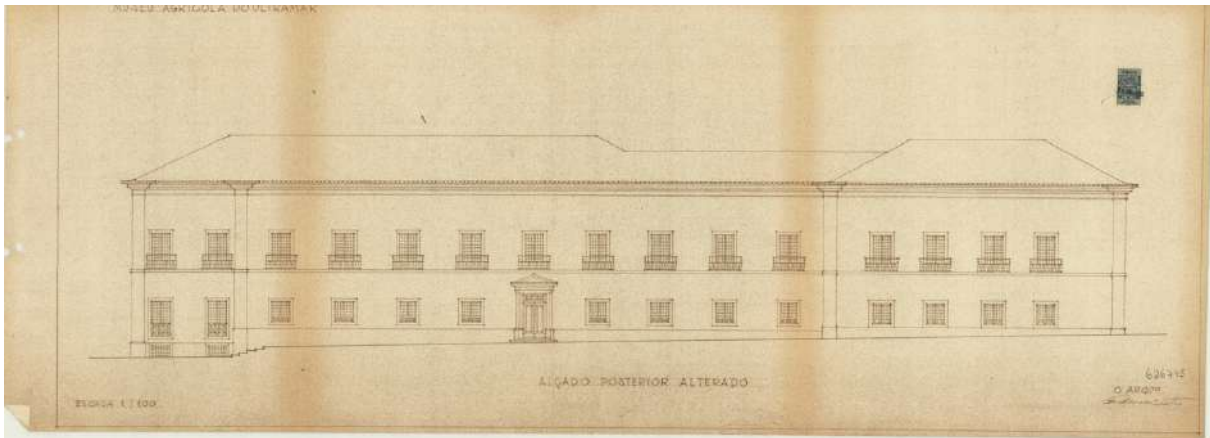


Fig. 114 – Fachada norte, alçado posterior, após as alterações. SIPA - (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626775, TXT.04898048. Data: [1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.



Fig. 115 – São visíveis os materiais resultantes da alteração da fachada norte. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001637. S.d.

Terminadas as intervenções exteriores da fachada norte, a fisionomia arquitetónica do palácio alterou-se por completo (Fig. 114 e 115).

Por sua vez, em 1960, durante os meses de março a julho, repararam-se no piso superior os estuques moldurados de todos os tetos e reconstruiu-se o teto da sala LX_BL_PCC_04, que tinha abatido durante a remodelação do telhado.⁵⁴ Devido a este facto, existem diferenças arquitetónicas e decorativas entre esta cobertura e as restantes que se encontram no piso superior.

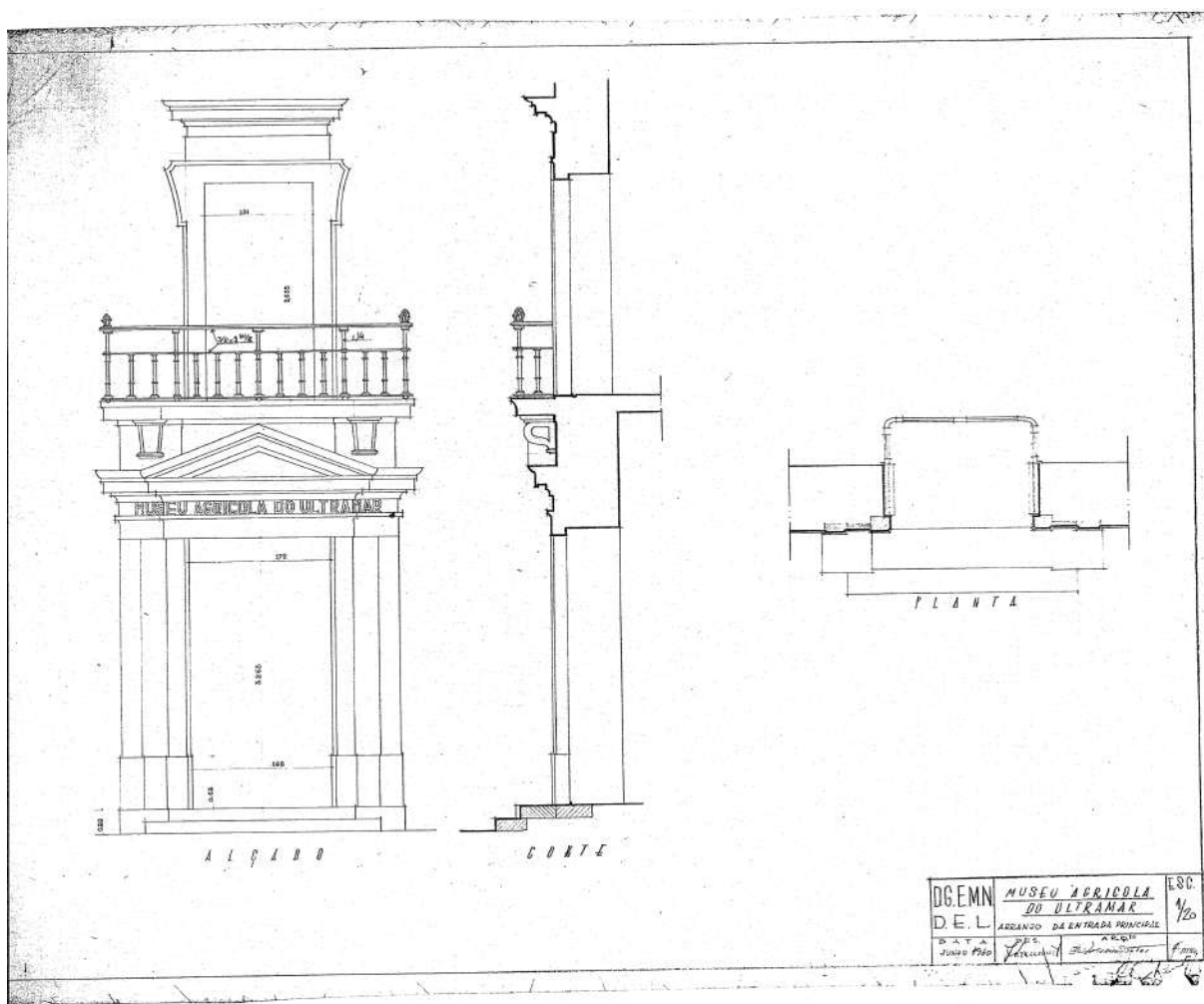


Fig. 116 – Valorização da entrada principal, lado norte, através da aplicação de cantaria. SIPA - (M.A.U), "Reparação de fachadas (...)", IPA 00011278; DRELisboa; DOC 00039577; DES 00037308. Data: [1960]. Arquiteto[?] Santos; desenhador [?]. Escala 1/20.

⁵⁴ Reparação dos "estuques moldurados" de todos os tetos [piso superior] e reparação do teto sala LX_BL_PCC_04. SIPA - MAU - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11,TXT. 04896329 a 04896348.

A nível exterior, na fachada norte, pretendeu-se valorizar aquela que viria a ser a porta principal. Assim, revestiu-se o vão com pilastras de cantaria, o que lhe veio aportar uma maior amplitude. Modificou-se, alargando-se para as laterais, o frontão que encima a porta principal e colocou-se por baixo a designação *MUSEU AGRÍCOLA DO ULTRAMAR*. Note-se que, em dezembro de 1944 (DG 269/1944, decreto 34170), ocorreu uma fusão entre o Jardim Colonial e o Museu Agrícola Colonial, passando a nova instituição a designar-se Jardim e Museu Agrícola do Colonial. Mais tarde, em julho de 1951 (DG 160/1951, série 1 de 1951/07/31, portaria n.º 13625), esta designação foi novamente alterada para Jardim e Museu Agrícola do Ultramar. Regressando às intervenções, requalificou-se ainda o madeiramento do portão e, por último, no piso superior, a janela passou a ostentar uma varanda de sacada com gradeamento, envolveu-se o vão com cantaria, rematando-o com um frontão, ainda que distinto daquele que foi colocado no piso inferior.⁵⁵ (Fig. 116). Todavia, no ano seguinte procedeu-se à pintura exterior do edifício, incluindo janelas, portas e gradeamentos das varandas.⁵⁶

Por sua vez, em 1962, foi adjudicada a obra de construção de um pequeno “murete” que, numa primeira fase do projeto, não estava contemplado. Este envolveria o lado norte da edificação e era composto por pequenas floreiras.⁵⁷ Porém, a falta de dotação orçamental fez com que o início das obras ocorresse somente no ano de 1964, vindo a estar concluído por volta de 1966, ano em que se construiu um passeio que ligava o “murete” e a porta principal do edifício. Estava ainda previsto o ajardinamento dos terrenos entre o museu e o “murete”, mas, atendendo à configuração atual desta área, cremos que este ajardinamento não se realizou. No entanto, durante os anos de 1974 e 1975, foi o “murete” derrubado para, no seu lugar, se construir um muro de maiores dimensões, forrado a pedra e encimado por uma grade metálica⁵⁸ (Fig. 117).

⁵⁵Embelezamento da porta principal. SIPA - MAU - Reparação de fachadas (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3788/14,TXT. 04895531 a 04895616.

⁵⁶ Pintura de fachadas, portas janelas e gradeamento das varandas. SIPA - MAU - limpeza de fachadas (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3788/07,TXT. 04895303 a 21.

⁵⁷ Construção de "murete de pedra aparelhada", arranjos exteriores. SIPA – MAU (...),IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125-1335/01,TXT. 03354643 a 91; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3738/30,TXT. 04859474 a 04859512.

⁵⁸ SIPA - JMAU - Obras de reparação e beneficiação (...) IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125- 1335/01,TXT. 03354762 a 78 e TXT. 03354810; IPA.000011278, PT DGEMN:DREL - 3303/05,TXT.11783618 a 23 e 96.

Entre os anos de 1975 e 2001, data relativa ao último documento investigado na qual se mencionam os revestimentos azulejares, estiveram programados trabalhos de reparação e conservação de interiores, devidamente orçamentados – arranjo do soalho no piso superior, em salas não especificadas, onde o peso dos armários provocou um abatimento do mesmo, substituição de quadro elétrico e de aparelhos de iluminação incandescente por fluorescente.⁵⁹ Na cave programou-se a reconstituição de paredes, aplicação de pintura e colocação de instalação elétrica.⁶⁰ No exterior mencionava-se a reparação da cobertura do edifício,⁶¹ foram picadas, rebocadas e pintadas as paredes da fachada norte, poente e galeria exterior, mencionando-se ainda o arranjo de janelas e portas.⁶² Desconhecemos, todavia, se as mesmas se efetuaram. Todavia, independentemente da sua concretização, estas não detinham o carácter estrutural das anteriores, às quais fizemos menção, e que alteraram profundamente a arquitetura do Palácio dos Condes da Calheta.

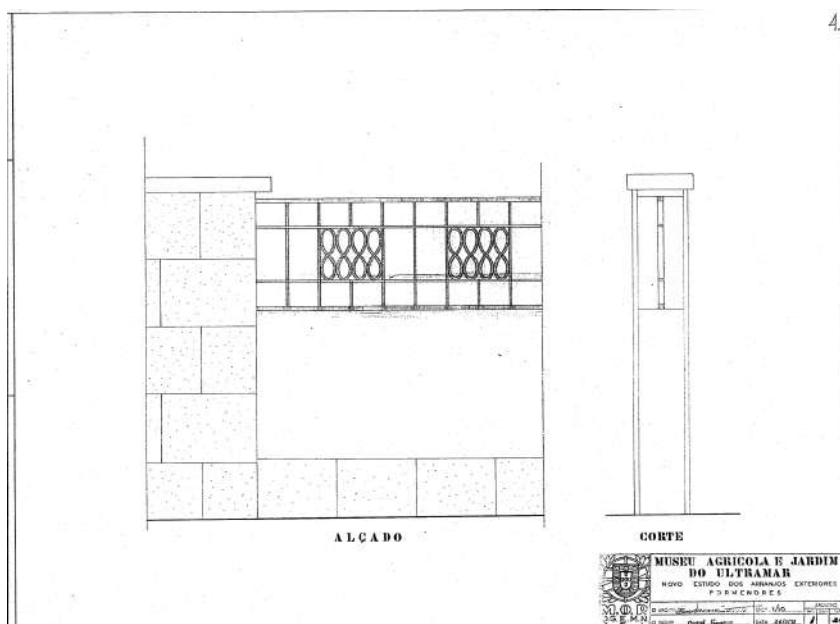


Fig. 117 – Arranjos exteriores, muro de maiores dimensões. SIPA - (M.A.U), “Reparação de fachadas (...)”, IPA 00011278; DRE Lisboa; DOC 00039577; DES 00037314. Data 26-02-1971 escala 1/10.

⁵⁹ Jardim e Museu Agrícola do Ultramar - Obras de Reparação e Conservação de Interiores e Fachada (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-0932/01 TXT. 03051925 a 03052025.

⁶⁰ Orçamento "Jardim e Museu Agrícola do Ultramar- Reparações Diversas- Cave" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-0930/03,TXT. 03050803 a 26.

⁶¹ Orçamento " Jardim e Museu Agrícola Tropical - Reparação da cobertura do Museu" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 0961/02,TXT. 03075006 a 03075027.

⁶² Orçamento " Jardim e Museu Agrícola do Ultramar - Reparações Diversas (...), IPA.000011278, PT DGEMN:DREL - 3303/05,TXT. 11783958 a 63; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-0932/01 TXT. 03051814 a 21.

7. DE PALÁCIO A MUSEU:

OS REVESTIMENTOS AZULEJARES DE 1916 A 2001

Chegamos agora ao último capítulo da investigação, no qual, tendo em consideração os resultados obtidos nos capítulos anteriores, analisaremos os revestimentos azulejares no período compreendido entre 1916 e 2001. De um modo geral, durante o período em análise assistimos a um número significativo de restauros, em consequência das várias campanhas de obras, já elencadas. Deste modo, atendendo à qualidade e datação das intervenções realizadas, estudaremos o impacto das mesmas nos diversos conjuntos azulejares existentes no palácio.

7.1 A adaptação do palácio a Museu (1916-1931)

À data da instalação do Museu Agrícola Colonial (1916) no piso superior do edifício, todos os espaços se encontravam revestidos por azulejo, com exceção do corredor LX_BL_PCC_13, dos vãos de janela/porta das salas LX_BL_PCC_02/03/05/07/09/10, da escadaria LX_BL_PCC_14 e do vestíbulo inferior (“J”), que para a nossa investigação azulejar adotará a designação de LX_BL_PCC_15.

No ano de 1919, é “pedida a restauração dalguns azulejos [não especificados] das salas do Museu à Direcção dos Edifícios Públicos” (Pereira,1970–1993, 4). Deste modo, durante os anos de 1919 e 1921 devem ter sido realizadas as várias intervenções nos azulejos do piso superior, que a seguir enumeramos, descrevendo-as sempre que possível. Em todo o caso, o certo é que, em meados de 1921, o piso superior se encontrava totalmente revestido e “perfeitamente conservado (...)”.¹

Os vãos de porta então fechados foram revestidos por azulejos, embora não se tenha conseguido verificar todos, como aconteceu no caso das salas LX_BL_PCC_08/12, nas quais existem atualmente armários de grandes dimensões que impedem a visualização correta da área onde ocorreram os restauros azulejares. No entanto, na sala LX_BL_PCC_02, parede 01, é visível a localização do primitivo vão de porta (Fig. 118). Por sua vez, revestiu-se a

¹ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907531.

reentrância existente na sala LX_BL_PCC_03, parede 01 (Fig. 119), e foram restaurados os azulejos constantes nas barras inferior e lateral direita da sala LX_BL_PCC_02, parede 03, que haviam sido danificados na mesma intervenção (Fig. 120).



Fig. 118 – Sala LX_BL_PCC_02, parede 01, na qual são bem visíveis os azulejos mais recentes, à esquerda, aí colocados após o fecho do vão. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 119 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 01, na qual é bem visível o revestimento da reentrância.



Fig. 120 – Sala LX_BL_PCC_02, parede 03, com a barra inferior e lateral direita danificadas e posteriormente restauradas aquando do fecho da reentrância.

De todas as salas do piso superior, a sala LX_BL_PCC_06 foi a única na qual todo o revestimento azulejar foi aplicado na mesma campanha decorativa, como já referimos. Os restantes azulejos que se encontram na atualidade a revestir os vãos de porta/janela constantes nas salas LX_BL_PCC_02/03/05/07/09/10 foram, supostamente, colocados na presente campanha. Por este motivo, apresentam diferenças a nível de pintura em relação aos primitivos existentes nestes espaços (Fig. 121 e 122).

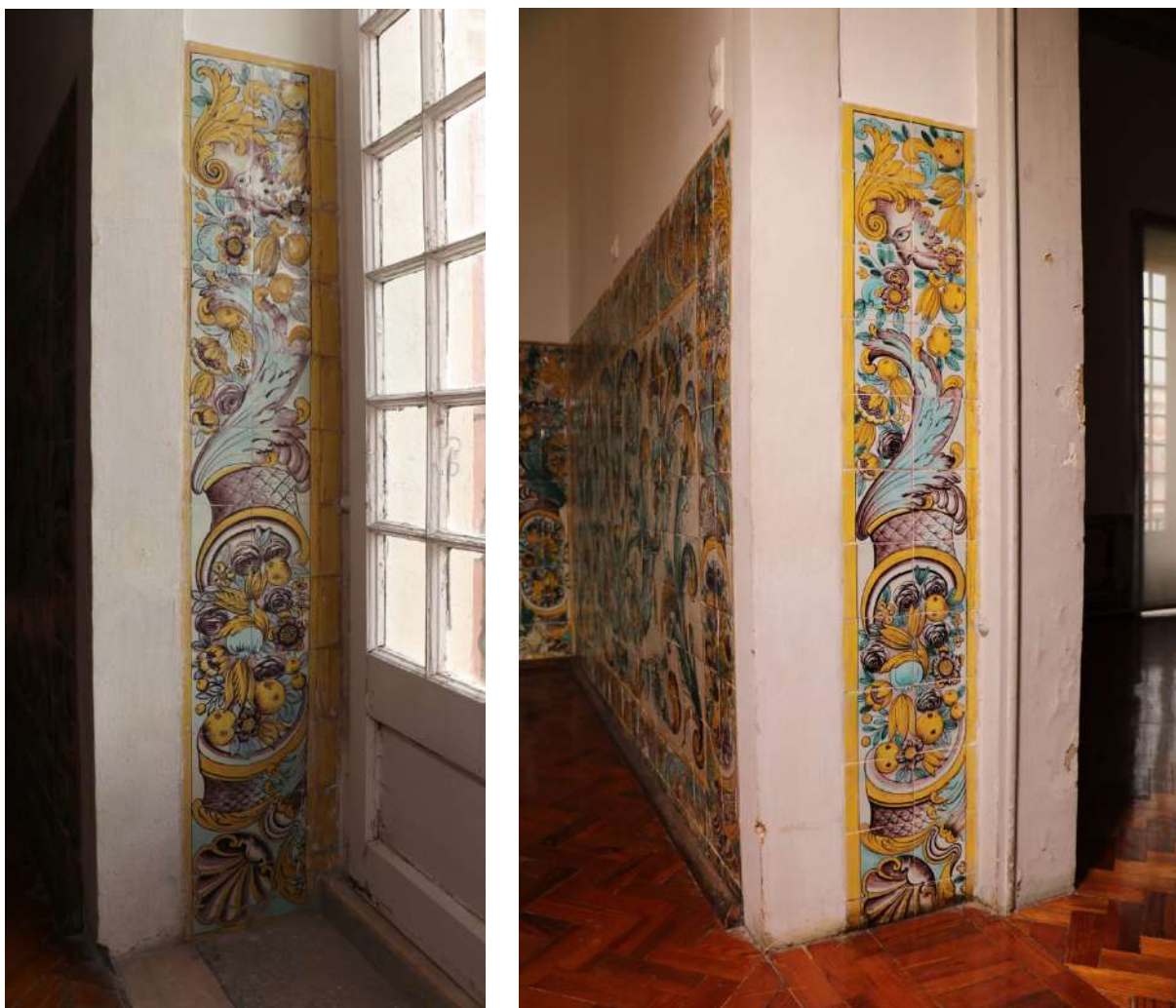


Fig. 121 e 122 – Sala LX_BL_PCC_02, revestimentos de vão de janela e porta.

Por último, revestiu-se o corredor LX_BL_PCC_13 com cercaduras de azulejo pombalino, aplicadas como barras, sobre rodapé de esponjados a manganés (Fig. 123), numa composição semelhante à usada na sala LX_BL_PCC_08.



Fig. 123 – Corredor LX_BL_PCC_13, parede 1, seção 1.

Abordaremos de seguida as diferentes intervenções realizadas a nível do revestimento azulejar no decurso da campanha de obras para adaptação do piso inferior a Museu Agrícola Colonial. No orçamento elaborado a 30 de setembro de 1921, referido no capítulo anterior, previa-se desde logo o revestimento azulejar de todas as salas do piso inferior com “(...) lambris de azulejo imitação do antigo existente nas salas do primeiro andar (...)”.²

Porém, o Conselho Superior de Obras Públicas apresenta objeções ao valor que será necessário despendar para a colocação de silhares em todas as salas e alude ao facto de que os “lambris projectado na superfície total de 303,90^m2, é destinado a salas, cujas paredes é provável que fiquem cobertas com armários ou estantes para guardar as coleções botânicas. Neste caso, afigura-se-nos que o lambril em azulejo, que custará 55\$77 por metro quadrado, é um luxo escusado.”³

Assim sendo, a retificação orçamental efetuada pela Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, datada de 29 de julho de 1922, implicou uma redução substancial dos espaços a revestir, sendo que “As unicas dependências onde figura o lambril em azulejo são a sala G destinada a visitas [deve ler-se C sala de visitas, conforme consta na planta mencionada no capítulo anterior] K e vestíbulo J.”⁴

Importa referir que, no período compreendido entre o reinício das obras (finais de outubro de 1922) e a data em que se esgotou a verba prevista para a conclusão dos trabalhos (5 de março de 1925), dos três espaços previstos para receber revestimentos, somente o átrio (LX_BL_PCC_15) se encontrava azulejado. Esta ideia justifica-se com base no orçamento suplementar (aprovado a 13 de abril de 1926), o qual faz alusão à colocação de lambris de azulejo somente nas “dependências C e K”.⁵

O átrio LX_BL_PCC_15 foi revestido na sua totalidade entre 1922 e 1925, com silhares de azulejo de padrão, em tons de azul e branco, a simular composições seiscentistas, mas

² SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907532.

³ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907535.

⁴ SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907588-91.

⁵ Orçamento suplementar "Obras no Museu Agrícola Colonial e conclusão do corpo lado sul", SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907799.

produzido já na técnica da estampilha. Observando a forma como o rodapé assenta sobre o pavimento, este não terá sido aplicado nestes anos, mas sim após a colocação do pavimento, em 1927 (Fig. 124).



Fig. 124 – Átrio, LX_BL_PCC_15 (“J” – Vestíbulo).

Situação idêntica terá ocorrido com a aplicação dos azulejos na escadaria (LX_BL_PCC_14), entre os anos de 1922 e 1927, depois de nivelados os patamares do 2º e 3º lanços de escadas (Fig. 125). Justificamos a nossa proposta com base na forma como o rodapé e revestimento assentam sobre os degraus, e que à semelhança do que foi dito anteriormente, sugere uma aplicação posterior (Fig. 126). São azulejos pombalinos, classificados como P-18-00128, delimitados por cercadura C-18-00053. O rodapé de dois azulejos de altura, é esponjado com tons de manganés e branco.

Outra das alterações que interferiu diretamente com o revestimento azulejar foi a colocação de vigas de ferro em TT, durante os anos de 1916 e 1931, entre o teto do átrio (LX_BL_PCC_15) e o chão da sala LX_BL_PCC_01, para reforço da parede da fachada norte. Atualmente, na sala LX_BL_PCC_01, é possível verificar duas pontas de ferro embutidas na parede 1, que danificaram parte do revestimento azulejar junto ao rodapé. (Fig. 127 e 128).

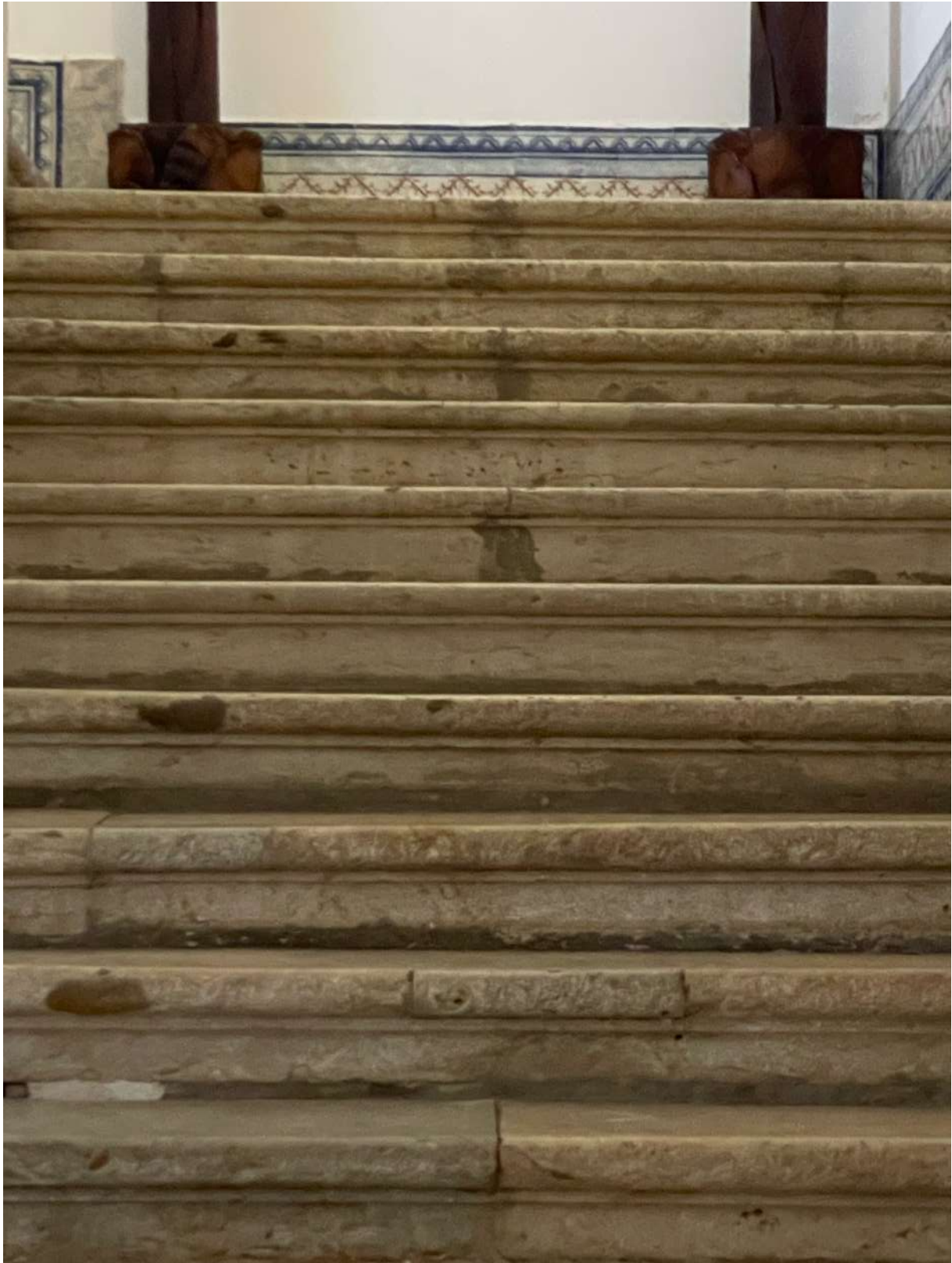


Fig. 125 – Escadaria LX_BL_PCC_14, nivelamento dos degraus do 2º lanço de escadas, acesso ao piso superior.



Fig. 126 – Escadaria LX_BL_PCC_14, detalhe que torna visível a forma como os azulejos assentam sobre os degraus.



Fig. 127 e 128 – Sala LX_BL_PCC_01, parede 1, detalhes das vigas de ferro.

No piso superior, a introdução de “cinco linhas” de ferro desde a fachada nascente, que atravessam pelo chão a totalidade da sala LX_BL_PCC_11, e entroncam na parede 2 da sala

LX_BL_PCC_10 e na parede 4 da sala LX_BL_PCC_12, danificaram uma grande quantidade de azulejos junto ao chão e também ao centro das seções de ambos os espaços.

Terminada a execução dos trabalhos foi necessário “Completar os dictos lambriz com azulejos iguais aos existentes, que teem desenhos diferentes e de diverças côres, em faixas, rodapés, e no centro dos painéis (...)”.⁶ Assim, a 9 de maio de 1924, procedeu-se ao restauro azulejar dos espaços em questão, sendo necessários “(...) 700 azulejos novos e assentar alguns dos antigos que estão deslucados.”⁷ De salientar que, de todos os espaços intervencionados neste período, a sala LX_BL_PCC_11 é a que apresenta um maior número de azulejos restaurados, nas paredes 2 e 4.

Por último, importa referir que os revestimentos programados para as “dependências C e K” nunca se chegaram a concretizar. Deste modo, o único local do piso inferior no qual foi colocado revestimento azulejar foi o átrio LX_BL_PCC_15.

7.2 As intervenções realizadas nos revestimentos azulejares entre 1931 e 1939

Neste período, o Palácio dos Condes da Calheta já se encontra totalmente revestido com os azulejos que hoje conhecemos. As intervenções que de seguida se discriminam resultam de restauros motivados por campanhas construtivas ou, no caso que se segue, por opções tomadas pelo diretor do Museu Agrícola Colonial.

Referimo-nos em concreto à opção de colocar salamandras no piso superior, mais concretamente nas salas LX_BL_PCC_01/03/04/12, com o objetivo de minimizar a humidade. Porém, as altas temperaturas sentidas pelos revestimentos azulejares que se encontravam na parte traseira das salamandras fizeram com que estes se deteriorassem. A opção de restauro adotada para os quatro espaços foi idêntica, e consistiu em simular os azulejos com pintura, o que contrasta substancialmente com o restante conjunto azulejar (Fig. 129 a 131).

⁶ Colocação de azulejos em falta [sala LX_BL_PCC_10/11/12]. SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907634 a 7.

⁷ Idem, Ibidem.



Fig. 129 – Sala LX_BL_PCC_01, parede 3, seção 2, com a última moldura pintada, procurando simular o restante revestimento.



Fig. 130 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 2, seção 1, com parte dos padrões pintados, procurando simular o restante revestimento.



Fig. 131 – Sala LX_BL_PCC_04, parede 2, seção 1, com parte dos padrões pintados, procurando simular o restante revestimento.



Fig. 132 – Sala LX_BL_PCC_12, parede 4, seção 1, com padrões pintados, procurando simular o restante revestimento.

Por sua vez, a colocação de vigas de ferro TT, para evitar a trepidação do chão, foi uma constante no palácio, desde 1916. O período em análise não fugiu à regra, e em 1936 a sala

LX_BL_PCC_12 recebeu vigas aplicadas em forma de cruz, o que obrigou à intervenção nas quatro paredes do espaço. Posteriormente foi necessário restaurar os silhares deste espaço e que já tinham sido alvo de intervenção, nomeadamente na parede 4, por ocasião das “linhas de ferro” provindas da sala LX_BL_PCC_11. Estas intervenções são hoje bem notórias.

7.3 A Exposição do Mundo Português e as suas consequências (1944-1949)

No contexto da Exposição do Mundo Português construiu-se um corredor ao longo do espaço LX_BL_PCC_15 que conduzia ao Pátio das Vacas. Assim, e apenas 15 anos após a sua aplicação, todo o revestimento azulejar foi integralmente retirado.

Os restauros seguintes resultam de intervenções estruturais realizadas na sequência da exposição de 1940. Iniciaremos a análise pelo piso superior, atendendo à ordem das salas. Na sala LX_BL_PCC_03 a abertura do vão de janela, na parede 3, originou o corte de grande parte do revestimento azulejar. O restauro que se seguiu não foi realizado segundo os critérios mais adequados, na medida em que as cercaduras contêm azulejos de outros motivos (C-18-00049), divergindo pictoricamente dos restantes (Fig. 133).



Fig. 133 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 3, com cercaduras distintas e recentes.

Por sua vez, na sala LX_BL_PCC_04, a demolição de uma parede que dividia o espaço em dois originou a destruição dos revestimentos azulejares que se encontravam de ambos os lados. Esta intervenção explica o facto de, no atual espaço unificado, se verificar a existência de dois padrões e cercaduras distintas. No entanto, o maior impacto ocorreu na sala LX_BL_PCC_07 (Fig. 134). Por último, foi revestido o local onde se encontrava o vão de porta que fazia ligação com a estrutura em forma de L, mas este encontra-se encoberto por um expositor de grandes dimensões e não foi possível efetuar uma adequada verificação.

Quanto ao corredor LX_BL_PCC_13, a demolição de parte da parede para colocação do corrimão originou o levantamento e posterior recolocação das cercaduras que se encontravam no local. De notar que na parede 1 e 3 são visíveis azulejos iguais aos identificados como restauro na parede 3 da sala LX_BL_PCC_03, revestida no mesmo período (Fig. 135). Por último, a substituição do pavimento de mosaico por outro de “pinho à inglesa”, com rodapé de madeira, danificou a quase totalidade dos rodapés azulejares de todos os revestimentos existentes no piso superior, sendo visíveis os sinais de restauro, muitos deles defeituosos.



Fig. 134 – Sala LX_B_PCC_07, parede 2, seção 1, fenda causada pelo derrube da parede que dividia a sala LX_B_PCC_04. Fotografia Emigus / Az Infinitum.



Fig. 135 – Corredor LX_BL_PCC_13, parede 3.

Quanto ao piso inferior, no átrio (LX_BL_PCC_15) foram abertas duas portas, que ladeiam a escada, numa intervenção que implicou o corte de ambos os revestimentos azulejares (Fig. 136). Todavia, procedeu-se ao revestimento da zona na qual foi construído o corredor. Como tal, este espaço apresenta dois revestimentos azulejares distintos.⁸



Fig. 136 – Átrio LX_BL_PCC_15, revestimento azulejar de dimensões reduzidas devido à abertura dos dois vão de porta. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25874. S.d.

⁸SIPA - MAC - (...) - Conclusão (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3796/07, TXT.04899119 a 25.

7.4 Da segunda metade do século XX ao início do século XXI

Na campanha construtiva que decorreu entre os meses de agosto e dezembro de 1958, realizaram-se, entre outros trabalhos já mencionados anteriormente, a abertura de um vão de janela entaipado no piso superior, coincidente com a sala LX_BL_PCC_02. Para tal, foi necessário executar obras no interior que implicaram o levantamento de grande parte dos azulejos existentes nas paredes 3 e 4. Supostamente, o restauro destes conjuntos azulejares ocorreu somente durante o ano de 1964. Para tal, foram elaborados novos azulejos para substituir os que se encontravam danificados, e cujas diferenças em relação aos originais são evidentes.⁹

Decorria o ano de 1983 quando foi necessário proceder à recolocação de alguns azulejos, possivelmente localizados na sala LX_BL_PCC_10, parede 2, que corriam o risco de destacamento. Para o seu tratamento e recolocação solicitou-se apoio técnico ao Museu Nacional do Azulejo (MNAz). No entanto, devido à urgência da situação a DGEMN optou por resolver o problema recorrendo a pedreiros sem conhecimentos técnicos e que aplicaram os azulejos com cimento forte. Quando os técnicos de restauro do MNAz se deslocaram ao palácio já a intervenção estava concluída.

Da visita ao local resultou uma informação dos técnicos do MNAz, dirigida à Presidente do Instituto Português do Património Cultural, na qual constava que a “recolocação, foi efetuada com cimento forte – o que é absolutamente condenável (...). Mais informo (...) que o painel contíguo apresenta igualmente sinais de destacamento da parede pelo que me parece de toda a conveniência proceder (...) ao seu reassentamento por técnicos responsáveis e de acordo com os métodos convenientes.”¹⁰

O destacamento de azulejos volta a assolar novamente o palácio, mas desta feita no espaço LX_BL_PCC_15, em área não identificada. O restauro e colocação dos azulejos ficou a cargo da empresa AZULARTE, com sede em Lisboa. Os trabalhos decorreram durante os meses de

⁹ SIPA – JMAU – Reparações diversas (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125- 1335/01,TXT. 03354632 a 42.

¹⁰ SIPA – JMAU – Obras de reparação (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125-0931/03,TXT. 03051549 a 68.

agosto e dezembro de 1988.¹¹ Importa notar que, na atualidade, os problemas de destacamento se mantêm.

Em 1992 realizaram-se restauros, não especificados, em vários conjuntos não identificados do palácio.¹² Por último, em 2001, o Diretor Regional da DGEMN elabora um “Relatório-Diagnóstico do Palácio Calheta/ Palácio do Pátio das Vacas – actual Jardim Museu Agrícola Tropical”, no qual aponta, entre outras intervenções “o eventual tratamento dos painéis de azulejos.”¹³ Não conseguimos, todavia, apurar se esta intervenção se realizou.

¹¹ SIPA – JMAT, IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 055/125- 0961/02,TXT. 03075110 a 03075133 e 47.

¹² SIPA – Instituto de Investigação Científica Tropical – (J.M.A.T) - Obras de conservação (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 0961/01,TXT. 03074561 a 03074810.

¹³ DGEMN:DREL- 5299.

SINTESE FINAL

Partimos para esta investigação com objetivo de iniciar um trabalho de inventariação e catalogação que envolvesse e valorizasse a totalidade da azulejaria existente no interior do Palácio dos Condes da Calheta, que se encontrava por realizar. Como foi possível observar através do *Estado da Arte*, os estudos existentes, para além de serem em número reduzido, abordavam somente algumas das salas com revestimento azulejares que os autores consideraram ser as mais significativas e que correspondiam a momentos-chave da história do azulejo em Portugal.

Nesta medida, o objetivo primeiro a que nos propusemos no início deste trabalho de projeto encontra-se plenamente cumprido e ultrapassado, uma vez que o edifício e os revestimentos azulejares correspondentes se encontram inseridos e disponíveis para consulta no *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejos*. Mais ainda, a informação reunida ao longo destes anos de investigação e estudo tiveram também consequências na catalogação de padrões específicos contribuindo assim para enriquecer um outro projeto, articulado com o *Az Infinitum*, intitulado *Catalogação de padrões da azulejaria portuguesa*.

As potencialidades que esta ferramenta digital permite aos seus utilizadores são inúmeras, não apenas ao nível da interrelação da informação, como também da acessibilidade, pois estando disponível em acesso aberto, permite que os revestimentos aí inseridos, e neste caso, o Palácio dos Condes da Calheta, possa ser estudado, a partir deste momento, e em qualquer parte do Mundo através de um clique. Deste modo, a visibilidade agora atribuída à edificação e ao conjunto azulejar, vem contribuir de forma indelével para a inversão de um ciclo de degradação, desvalorização e abandono que assolou o palácio e o seu património cerâmico ao longo dos anos. Esperamos que o presente trabalho de projeto possa constituir uma ferramenta para a Universidade de Lisboa, entidade detentora do Palácio dos Condes da Calheta e do Jardim Botânico Tropical, inverter este ciclo. Para tal, é imperioso inovar, dinamizar e fomentar a realização de um projeto interdisciplinar que envolva o capital humano que tem ao seu dispor, tendo por base todo o trabalho que se encontra inserido no *Az Infinitum*.

Na verdade, o *Az Infinitum* deve ser entendido como um ponto de partida. Muito embora a

nossa investigação tenha chegado ao fim no âmbito desde ciclo de estudos, a inserção de todos os dados no *Az Infinitum* e a sua disponibilização em acesso aberto permitem agora que qualquer outro dado que venha a ser descoberto possa ser integrado na plataforma, enriquecendo o conhecimento e estimulando outros investigadores a continuar as pesquisas.

No entanto, até chegarmos ao momento de inserção dos dados no *Az Infinitum* foi necessário obedecer a uma metodologia rigorosa, sistemática e criteriosa desenvolvida em duas vias complementares, e muitas vezes paralelas, que se concretizaram no registo de inventário e catalogação, por um lado, e na investigação em arquivo, por outro.

Esta última implicou uma meticulosa e prolongada investigação em diferentes arquivos, através da qual obtivemos algumas respostas a uma série de questões que, como ficou expresso no *Estado da Arte*, assentavam em suposições pouco fundamentadas, replicadas ao longo dos anos pela historiografia.

Assim sendo, e procurando fazer uma súmula do que foi possível alcançar, destacamos de seguida alguns dos aspetos mais significativos e inéditos. No que diz respeito à propriedade e edificação, concluímos que D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta, não foi o primitivo proprietário, uma vez que a propriedade já era pertença da família desde pelo menos 1579-1580, coincidindo com a vigência de João Gonçalves da Câmara, 2º Conde da Calheta. Deste modo, e muito embora continuemos a desconhecer a configuração da edificação entre os anos de 1579 e 1580, refutamos a ideia de que o 4º Conde da Calheta ordenou a construção do edifício para disfrutar das estações calmosas do tempo.

Por sua vez, importa salientar que o ónus do engrandecimento e melhoramento da propriedade vem recair sobre Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara a partir de, pelo menos, 1674. Desta feita, a presente investigação contribuiu para o avanço do conhecimento trazendo à colação outras personalidades que, até ao momento, não eram tidas em linhas de conta. Portando, sabemos hoje que D. João Gonçalves da Câmara, 4º Conde da Calheta, não deteve a relevância, em termos construtivos, que a historiografia lhe atribuiu.

Do mesmo modo, lançámos alguma luz sobre outras questões assumidas pela historiografia, caso do papel de D. João V, aquando da aquisição da Quinta e do Palácio, que não terá reedificado o edifício, centrando as suas intervenções no melhoramento e engrandecimento do jardim. Por sua vez, os funcionários jubilados da Casa Real viviam nas casas que se encontravam na edificação, e que foi demolida no primeiro quartel do século XX. Por último, as grandes alterações construtivas que modificaram a traça original do palácio ocorreram no século XX. Relativamente a estas alterações, foi realizada a compilação de toda a informação (documentos, plantas, fotografias) que se encontrava dispersa, e que era ignorada ou citada de forma menos correta em diferentes trabalhos.

Quanto ao revestimento azulejar, várias foram as conclusões e avanços obtidos com esta investigação. Foi possível concluir que o ónus da encomenda azulejar das salas LX_BL_PCC_02/07/09/10/11, ou seja, a primeira campanha decorativa com azulejos policromos e azuis e brancos, deverá recair sobre Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara e sobre o seu filho Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara. Por sua vez, os revestimentos patentes nas salas LX_BL_PCC_01/06 foram encomendados para o local onde se conservam, sendo que a sua aplicação ocorreu em virtude de intervenções realizadas na segunda metade de Setecentos. Por outro lado, alguns dos padrões do século XVII e pombalinos que se encontram no piso superior correspondem a reaplicações ocorridas entre 1827 e 1910. Quanto aos revestimentos constantes no piso inferior, escadas, corredor e vãos de janela (com exceção dos existentes na sala LX_BL_PCC_06) foram colocados no século XX. Por último, foram detalhadas todas as alterações construtivas que, ao longo do tempo, tiveram consequências diretas nos revestimentos azulejares.

Depois de obtida toda a informação, devidamente sistematizada, passámos para o registo de inventário e catalogação que hoje se encontra disponível no *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*, marcando assim um antes e um depois na forma como, a partir de agora, se pode analisar o Palácio dos Condes da Calheta e, em especial, sobre a clareza informativa que é possível obter, através de um sistema que se baseia no cruzamento de dados, organizando-os de forma hierárquica a partir do imóvel e assim contextualizando todos os dados.

Também o nível das fontes de inspiração conseguimos identificar um importante conjunto de gravuras, cuja ligação a este núcleo foi pela primeira vez estabelecida. E muito embora não tenha sido possível avançar com autorias, em termos de pintura dos azulejos, lançamos várias vias de investigação relativamente aos processos de trabalho.

Qualquer investigação para obtenção de grau, seja de mestrado ou de doutoramento, corresponde ao trabalho realizado num determinado período, com as condicionantes e vantagens próprias de cada tempo. Neste caso, a pandemia Covid19, e todo o contexto atípico com que todos nos vimos confrontados, atrasou muito a investigação e a concretização deste trabalho de projeto para a obtenção do grau de Mestre. Todavia, e apesar de tudo, acreditamos que muito ficou ainda por fazer e algumas das vias de investigação lançadas estão já a ser seguidas por outros. Referimo-nos, em particular, à comparação entre os revestimentos da primeira campanha azulejar e a possibilidade, avançada pela primeira vez, de estarmos perante uma mesma oficina, que produziu tanto os azulejos policromos da sala 02, como os azuis e brancos com manganés da sala 11, e os azuis e brancos da sala 07. A observação cuidada, e a inestimável contribuição da Doutora Lurdes Esteves, do Museu Nacional do Azulejo, foram decisivas para avançar com esta hipótese, que precisa agora de ser trabalhada e aprofundada. Mas o interesse suscitado junto da equipa do projeto *ChromAz*,¹, que pretende estudar a cor na azulejaria portuguesa, constitui um sinal claro de que este trabalho é apenas um ponto de partida.

¹ Projeto financiado pela FCT e que tem como investigadora principal a Doutora Susana Coentro, da VICARTE – FCT/NOVA.

BIBLIOGRAFIA

[O autor usa a Norma Chicago Style, em formato autor-data]

Abecasis, Maria Isabel Braga. 2009. *A real Barraca: a residência na Ajuda dos Reis de Portugal após o terramoto (1756-1794)*. História e actualidade. Lisboa: Tribuna.

Andrade, José Sergio Velloso d'. 1851. *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços públicos de Lisboa, Belem e muitos logares do termo*. Lisboa: Silviana.

Araújo, Norberto de. 1946. *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Edição da Câmara Municipal de Lisboa.

Ataíde, Filipa, Rute Eires, Aires Camões e Carlos Jesus. 2016. "Argamassas de revestimento para paredes de tabique." In *II Congresso Luso Brasileiro de Materiais de Construção Sustentáveis*. Braga: Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho.

Ataíde, Manuel Maia. 1988. *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*. Vol. V. 3º Tomo. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa.

Borges, Augusto Moutinho. 2017. *Cores na cidade, azulejaria de Belém*. Lisboa: By the Book.

Bowe, Patrick. 1989. *Jardins de Portugal*. Lisboa: Quetzal Editores.

Brehm, António e Cristina Trindade. 2020. "O Saque ao Funchal e as suas Repercussões no Reinado de D. Sebastião." *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, no. 2, 15-79. <https://ahm-abm.madeira.gov.pt/index.php/ahm/article/view/37>.

Câmara, Maria Alexandra Gago da. 1999. "O pombalino: modelos e aplicações: urbanismo, arquitectura e azulejaria." *Discursos: Língua, Cultura e Sociedade*, no. 1, 197-214.

Cardoso, Claudia Cristina. 2012. “O Jardim Botânico Tropical/IICT e seus espaços construídos: uma proposta de reprogramação funcional e Museológica integrada.” Tese de Mestrado em Museologia e Museografia, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Carvalho, Rosário Salema de. 2012. “A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma.” Tese de Doutoramento em História/História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Carvalho, Rosário Salema de, Ana Paula Figueiredo e Alexandre Pais, coord. 2018. “Guia de Inventário de Azulejo In Situ. Lisboa: Az – Rede de Investigação em Azulejo.” Acesso a 26 de outubro, 2023. <http://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az>.

Carvalho, Rosário Salema de, Rafaela Xavier e Pedro Loureiro. 2023 (no prelo). “Os azulejos da antiga Capela da Quinta da Ramada como exemplo de cripto-história da arte digital.” *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Património*.

Castilho, Júlio de. 1938. *Lisboa antiga, Bairros Orientais*. 2.^a edição revista e ampliada pelo autor e com Anotações do Eng. Augusto Vieira da Silva. Vol. XI. Lisboa: S. Industriais da Câmara Municipal de Lisboa.

Chaves, Débora Neves. 2022. “O Busto do Rei D. Fernando II do Palácio Nacional da Pena.” Tese de Mestrado em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Coentro, Susana Xavier. 2010. “Estudo da Camada Pictórica na Azulejaria Portuguesa do Século XVII.” Tese de Mestrado em Conservação e Restauro/Cerâmica e Vidro, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Costa, João Paulo Oliveira, Pedro Aires Oliveira e José Damião Rodrigues. 2014. *História da expansão e do Império português*. 1a. edição. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Costa, Luís Xavier da. 1936. *O Ensino das Belas-Artes nas Obras do Real Palácio da Ajuda, 1802 a 1833: Memória Apresentada à Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa: Imprensa Moderna.

Faria, Ana Leal de, e Nuno Gonçalo Monteiro, coord. 2023. *Castelo Melhor e os Seus Tempos (1635-1720)*. Lisboa: CH-ULisboa.

Flor, Susana Varela. 2015. “D. Francisco de Melo Manuel da Câmara: biografia, património, estatuto social e fidelidades (1626-1678).” *Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, no. 215: 356-81.

----- . 2016. “Sob o auspício do Cosmopolitismo: a azulejaria barroca e a cultura europeia”. In *O Gosto Português na Arte*, editado por Ana Duarte Rodrigues, 53-65. Lisboa: Scribe.

Franco, Carlos José de Almeida. 2014. “Casas das Elites de Lisboa: Objetos, Interiores e Vivências (1750-1830)”. Tese de Doutoramento em Estudos do Património, Universidade Católica Portuguesa.

Freire, Vera Luísa Lemos. 2019. “A Estufa Principal do Jardim Botânico Tropical. História, Evolução e Importância da Estufa”. Tese de Mestrado em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

Fructuoso, Gaspar. 1873. *As Saudades da Terra. Historia das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*. Funchal: TYP. Funchalense.

Gil, Júlio e Nuno Calvet. 1992. *Os mais belos palácios de Portugal*. Lisboa: Verbo.

Henriques, Paulo, coord. 2004. *Lisboa antes do terramoto: grande vista da cidade, entre 1700-1725: antologia de textos sobre Lisboa do século XV ao século XVII*. Miraflores: Gótica.

Jerónimo, Rui José Pinto de Moura. 2016. “A Casa do Governador da Torre de Belém uma Tipologia Híbrida.” Tese de Mestrado em Arquitectura, Instituto Superior Técnico.

Liberato, Maria Cândida e Isabel Moura. 2003. “Zamiaceae no Jardim-Museu Agrícola Tropical.” *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, vol. 49: 51-62.

Mangucci, Celso. 2018. “Um Fio Contínuo: Arquitectura, Decoração e Iconografia dos Jardins do Palácio dos Marqueses de Fronteira”. *AzLab – Seminário de Estudos de Azulejaria*. Acesso a 08 de julho, 2023. <https://blogazlab.wordpress.com/2018/02/23/um-fio-contiuo-arquitectura-decoracao-e-iconografia-dos-jardins-do-palacio-dos-marqueses-de-fronteira-8/>.

Mântua, Ana Anjos, Paulo Henriques e Teresa Campos, coord. 2007. *Normas de inventário: cerâmica, artes plásticas e decorativas*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.

Marinho, Lúcia Maria Rodrigues. 2018. “Santa Teresa de Jesus na Azulejaria e Pintura do Século XVIII.” Tese de Doutoramento em História/História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Meco, José. 1979a. *Azulejos de Gabriel del Barco na Região de Lisboa: Período Inicial, até Cerca de 1691 Pintura de Tectos. Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, Lda.

----- . 1979b. “O pintor de azulejos Gabriel del Barco.” *História e Sociedade*. 6: 58-67.

----- . 1981. “O pintor de azulejos Gabriel del Barco.” *História e Sociedade*. 7: 41-50.

----- . 1984. “Azulejos de Lisboa: exposição.” In *Azulejos de Lisboa*, 15-82 Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

----- . 1989. *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.

Ministério das Obras Públicas. 1977. *Ministério das Obras Públicas 1852/1977*. Lisboa: Gráfica Brás Monteiro, Lda.

Ministério do Ultramar. 1961. *Guia do Museu Agrícola do Ultramar*. Lisboa: Centro Tip. Colonial.

Morais, Alberto Faria de. 1956. "Arquivo Histórico Militar." *OLISIPO - Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, no.77: 26-31.

Neto, Maria João Quintas Lopes Baptista. 1955. "A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a intervenção no património arquitectónico em Portugal (1929-1960)." Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Néu, João B.M. 2006. *Em Volta da Torre de Belém, do Séc. XIV ao Séc. XX*. Vol. III. Belém: World Monuments Fund-Portugal.

Pereira, Paulo. 2014. *Arte Portuguesa: História Essencial*. 1a. edição. Portugal: Temas e Debates: Círculo de Leitores.

Pereira, Rogério Dias. 1970 e 1993. *Apontamentos para a História do Jardim e Museu Agrícola do Ultramar, 1906-1970*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT).

Pires, André, João Miranda Guedes e Tiago Ilharco. 2016. "Análise de paredes de tabique: estudo numérico." *Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas*, no. 1: 55-66.

Pires, Isabel Augusta dos Santos. 2012. "Fachadas Azulejadas na Margem Sul do Tejo- Barreiro (1850-1925)". Tese de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, Faculdade de Letras/Departamento de História da Universidade de Lisboa.

Quignard, Pascal. 1992. *A fronteira: azulejos do Palácio Fronteira*. 2º ed. Lisboa: Quetzal Editores.

Ramos, Rui, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro. 2015. *História de Portugal*. 8. ed. Lisboa: A Esfera dos Livros.

“Reitores dos séculos XIII a XVI, Universidade de Coimbra.” Acedido 10 de junho de 2023.
https://www.uc.pt/en/sobrenos/reitores_xiii_xvi.

Ribeiro, Mário de Sampayo. 1935. “As Quintas Reais do Lugar de Belém.” *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais*, no. 15: 10-21.

Salvado, João Paulo. 2009. “Nobreza, Monarquia e Império. A Casa Senhorial dos Almotacés-Mores do Reino (Séculos XVI-XVIII).” Tese de Doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

----- . 2023. “Património e rendimentos da casa de Castelo Melhor, 1765.” In *Castelo Melhor e os Seus Tempos (1635-1720)*, coordenado por Ana Leal de Faria e Nuno Gonçalo Monteiro, 181-214. Lisboa: CH-ULisboa.

Santana, Francisco e Eduardo Sucena. 1994. *Dicionário da História de Lisboa*. n.p: Carlos Quintas e Associados, Consultores.

Semedo, C. M. Bugalho. 1979-80. “Jardim e Museu Agrícola do Ultramar.” *OLISIPO - Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, nos. 142-43: 226-231.

Sequeira, Gustavo do Matos. 1961. *O Palácio Nacional da Ajuda*. Lisboa: Oficina da Empresa Pública dos Jornais Notícias e Capital.

Silva, Isabel Corrêa da e Miguel Metelo de Seixas. 2009. *Belém, Monografia histórica*. Lisboa: Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém.

Simões, João Miguel dos Santos. 1971. *Azulejaria em Portugal no Século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

----- . 1990. *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI: introdução geral*. 2. ed. Corpus da azulejaria portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

-----, 2010. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Ed. rev. e actualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vale, Teresa, Carlos Gomes e Paula Correia. 1994 e 2004. “Palácio Nacional de Belém.” *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)*. Acesso a 17 de agosto, 2023. http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6547.

Vale, Teresa, Maria Ferreira, Sandra Costa e Paula Correia. 2001 e 2002. “Palácio da Calheta/ Palácio do Pátio das Vacas/Museu Agrícola Tropical.” *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)*. Acesso a 10 de setembro, 2023. http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=11278.

Viegas, Inês M. 1990. *Belém: reguengo da cidade*. 1. ed. Porto: Edições ASA.

ÍNDICE DAS FIGURAS

Nota previa:

Todos os autores das figuras estão identificados com os respectivos créditos. Quando a figura não tiver créditos ou indicar *apenas Az Infinitum* significa que foi feita pelo autor no decorrer do presente trabalho de projeto.

Fig. 1 – Planta com a localização do Palácio da Calheta, Google maps.	9
Fig. 2 – Fachada do Palácio da Calheta virada para o jardim. Fotografia de GualdimG , com licença CC BY-SA 4.0 , outubro de 2020.	10
Fig. 3 – Fachada do Palácio da Calheta virada para a Rua General João de Almeida, no. 10-54.	10
Fig. 4 – Retirada de móveis das salas pelos técnicos do Grupo Urbanos.	11
Fig. 5 e 6 – Retirada de móveis das salas pelos técnicos do Grupo Urbanos.	12
Fig. 7 e 8 – Sessão fotográfica com a empresa <i>EMIGUS fotografia – Emídio Gomes e Gustavo Figueiredo</i> .	13
Fig. 9 – Planta do primeiro piso do Museu Agrícola do Ultramar (Ultramar 1961, 8).	13
Fig. 10 – Planta do primeiro piso do Palácio dos Condes da Calheta (Arquivo IICT, n.d.).	14
Fig. 11 – Levantamento do existente, efetuado em janeiro de 2021 pelo gabinete de arquitetura PLCO – Pedro Lagrifa de Oliveira, com indicação da numeração das salas e paredes usadas no <i>Az Infinitum</i> , escala 1:100.	15
Fig. 12 – Esquema de árvore genealógica da família dos Condes da Calheta.	29
Fig. 13 – Cronologia compreendendo os anos em que a propriedade esteve na posse dos Condes da Calheta, destacando dois dos seus membros, e o período correspondente aos diferentes revestimentos azulejares.	49
Fig. 14 – Revestimento de azulejos integrado no ciclo designado como <i>policromia intensa</i> , da sala LX_BL_PCC_02. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	50
Fig. 15 – Revestimento de azulejos integrado no ciclo de pintura a azul e branco ainda com vestígios de manganés, da sala LX_BL_PCC_11, com cenas de caça. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	50
Fig. 16 – Revestimento de azulejos integrado no ciclo designado como <i>período de transição</i> , da sala LX_BL_PCC_07. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	51
Fig. 17 e 18 – Revestimento de azulejos de padrão a azul e branco, da sala LX_BL_PCC_09. Trata-se do padrão P-17-01080, articulado com a cercadura C-17-00174 e o canto C-17-00174-ct01. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	51
Fig. 19 e 20 – Revestimento de azulejos de padrão a azul e branco, da sala LX_BL_PCC_10. Trata-se do padrão de búzios P-17-01078, articulado com a cercadura C-17-00175 e o canto C-17-00175-ct01. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	51
Fig. 21 – Planta assinalando a cor os diferentes períodos da azulejaria.	52

Fig. 22 – Secção da sala LX_BL_PCC_02 em que é bem visível o verde cobre “espalhado” sobre o vidro branco. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	54
Fig. 23 – Secção da sala LX_BL_PCC_11 em que é possível observar a pintura a azul e branco com fortes vestígios de manganés e a moldura em barra. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	55
Fig. 24 – LX_BL_PCC_11, parede 1, seção 2. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	56
Fig. 25 – Philip Galle, seguindo Stradanus, <i>Caça ao Veado</i> , in <i>Venationes Ferarum, Avium, Piscium</i> , c. 1578. © The Trustees of the British Museum, 1957,0413.235.	56
Fig. Fig. 26 – LX_BL_PCC_11, parede 2, seção 4. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	56
Fig. 27 – Philip Galle, seguindo Stradanus, <i>Caça à Avestruz (n. 62)</i> , in <i>Venationes Ferarum, Avium, Piscium</i> , c. 1578. © The Trustees of the British Museum, 1957,0413.106.	56
Fig. 28 – LX_BL_PCC_11, parede 3, seção 2. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	57
Fig. 29 – Philip Galle, seguindo Stradanus, <i>Caça ao Leão (n. 17)</i> , in <i>Venationes Ferarum, Avium, Piscium</i> , c. 1578. © The Trustees of the British Museum, 1957,0413.235.	57
Fig. 30 – Correspondência dos retângulos de cor entre a gravura e os azulejos, encontrando-se o cão do quadrado laranja em posição invertida face à gravura. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	58-59
Fig. 31 – Marcação a amarelo de algum desenho prévio identificado. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	59
Fig. 32 – Vista geral da sala LX_BL_PCC_07. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	60
Fig. 33 – Vista geral da sala LX_BL_PCC_07, parede 2. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	61
Fig. 34 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 1. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	61
Fig. 35 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 2. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	61
Fig. 36 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 1. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	62
Fig. 37 – Nicolaes Berchem, série <i>Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi</i> , 1648- 652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1012.	62
Fig. 38 – Nicolaes Berchem, série <i>Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi</i> , 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1006.	62
Fig. 39 – Nicolaes Berchem, série <i>Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi</i> , 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1018.	62
Fig. 40 – Nicolaes Berchem, série <i>Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi</i> , 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1013.	62
Fig. 41 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 3. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	63
Fig. 42 – Jan de Visscher segundo Nicolaes Berchem, 1643-1692. Rijksmuseum, RP-P-OB-61.939.	63
Fig. 43 – Nicolaes Berchem, série <i>Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi</i> , 1648-1652. Rijksmuseum, RP-P-BI-1017.	63
Fig. 44 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 2, detalhe com exemplo de “pingos”. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	64

Fig. 45 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 2, detalhe com exemplo de contaminação de verde. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	64
Fig. 46 – Fotografia original do azulejo. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	65
Fig. 47 – Fotografia manipulada para se ler corretamente a marca de tardoz.	65
Fig. 48 – Fotografia original do azulejo. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	65
Fig. 49 – Fotografia manipulada para se ler corretamente a marca de tardoz.	65
Fig. 50 – Montagem da barra B-17-00124 e canto B-17-00124-ct01, no <i>Az Infinitum</i> . Imagens manipuladas por Maria Couto / <i>Az Infinitum</i> .	66
Fig. 51 – Montagem do padrão P-17-01080, no <i>Az Infinitum</i> . Imagem manipulada por Maria Couto / <i>Az Infinitum</i> .	67
Fig. 52 – Montagem da cercadura C-17-00174 e canto C-17-00174-ct01, no <i>Az Infinitum</i> . Imagens manipuladas por Maria Couto / <i>Az Infinitum</i> .	68
Fig. 53 – Montagem do padrão P-17-01078, no <i>Az Infinitum</i> . Imagem manipulada por Maria Couto / <i>Az Infinitum</i> .	68
Fig. 54 – Montagem da cercadura C-17-00175 e canto C-17-00175-ct01, no <i>Az Infinitum</i> . Imagens manipulada por Maria Couto / <i>Az Infinitum</i> .	69
Fig. 55 – Planta do Palacio do Pateo das Vacas, Planno Terrio e 1 ^o , Biblioteca Digital do Exército (B.D.E), ref. 455-1-5-9, S.d. Autor: Lourenço Homem da Cunha de Eça. Note-se que os tracejados correspondem ao edificado do piso térreo.	76
Fig. 56 – Detalhe da planta anterior, reforçando na figura à direita, em tom amarelo/laranja, os amarelos originais correspondentes à demolição dos tabiques. Ainda na figura à direita, a vermelho, assinala-se a construção da escada, que não estava indicada como tal na planta original.	77
Fig. 57 – Recorte da planta geral do Palácio de Belém e suas dependências, 1836, assinalando com círculos pretos os vãos efetivamente abertos. A.N.T.T, Casa Real, Plantas, Almojarifado de Belém, n.º 129, PT/TT/CR/007-003/00129_m0002.TIF.	79
Fig. 58 – Cronologia dos cinco períodos construtivos do palácio mencionados no texto.	83
Fig. 59 – Ampliação da cronologia dos cinco períodos construtivos do palácio mencionados no texto.	83
Fig. 60 – Planta assinalando a cor os diferentes períodos da azulejaria.	86
Fig. 61 e 62 – Sala LX_BL_PCC_01, perspetiva geral e detalhe da parede 1, seção 2. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	87
Fig. 63 – Sala LX_BL_PCC_04, parede 1, seção 1. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	88
Fig. 64 – Sala LX_BL_PCC_04, parede 2, seção 1. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	89
Fig. 65 – Sala LX_BL_PCC_05, parede 2, seção 1. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	90
Fig. 66 – Sala LX_BL_PCC_12, parede 1, seção 2 e parede 2, seção 1. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	90
Fig. 67 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 1, seção 1. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	91
Fig. 68 – Sala LX_BL_PCC_04, sendo visível a parede aberta ao centro do espaço. Fotografia <i>Az Infinitum</i> .	92

Fig. 69 – Sala LX_BL_PCC_06, parede 2, seção 4. Fotografia Az <i>Infinitum</i> .	92
Fig. 70 – Sala LX_BL_PCC_06, detalhe do corte de alguns azulejos.	93
Fig. 71 – Sala LX_BL_PCC_07, perspectiva geral. Fotografia Emigus / Az <i>Infinitum</i> .	93
Fig. 72 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 4, seção 1. Fotografia Emigus / Az <i>Infinitum</i> .	94
Fig. 73 – Sala LX_BL_PCC_08, parede 1, seção 1. Fotografia Az <i>Infinitum</i> .	94
Fig. 74 – Detalhe da planta de Lourenço Homem da Cunha de Eça (Fig. 55), reforçando na figura à direita, em tom amarelo/laranja, os amarelos originais correspondentes à demolição dos tabiques e abertura de vão.	96
Fig. 75 – Sala LX_BL_PCC_02, parede 1, seção 1. Fotografia Emigus / Az <i>Infinitum</i> .	96
Fig. 76 – Sala LX_BL_PCC_07, parede 2, seção 1, com o vão aberto ao centro. Fotografia Emigus / Az <i>Infinitum</i> .	97
Fig. 77 – Sala LX_BL_PCC_11, parede 2, seção 3, com o azulejo da sala LX_BL_PCC_07 assinalado a preto. Fotografia Emigus./ Az <i>Infinitum</i> .	97
Fig. 78 – Sala LX_BL_PCC_11, parede 4, seção 2, com o vão assinalado ao centro. Fotografia Emigus / Az <i>Infinitum</i> .	98
Fig. 79 – Construção da Estufa Principal (1913-1914). No canto superior esquerdo, ao fundo, é possível observar o estado de degradação exterior do palácio. Ref: UL-IICT-Col.FOTO-JBT_22071.	100
Fig. 80 – “Plano térreo do Edifício no Pateo das Vacas”, Biblioteca Digital do Exército – ref. 732-1-5-9. Autor não identificado, S.d.	101
Fig. 81 – Detalhe da Fig. 79, destacando o palácio.	102
Fig. 82 – Balaustradas a utilizar na frontaria sul "Obras no (Museu Agrícola Tropical) - Conclusão do corpo lado sul". SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01; DES053744, Peça nº 0626916, TXT. 04907539. [1921]. Escala 1:10.	104
Fig. 83 – "Obras no (Museu Agrícola Colonial) - Conclusão do corpo lado sul". SIPA – JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533. [1921]. Escala 1:100.	106
Fig. 84 – "Obras no (Museu Agrícola Tropical) - Conclusão do corpo lado sul". SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539. [1921]. Escala 1:100.	106
Fig. 85 – Primeiro lanço de escadas. Fotografia: UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25933. S.d.	108
Fig. 86 – Frente (“X”) encimada com varanda de sacada e grade pombalina.	110
Fig. 87 – Extremidades das “cinco linhas”.	112
Fig. 88 – Inauguração do Museu Agrícola Colonial em 22 de maio de 1929. ANTT: PT/TT/EPJS/SF/001-001/0013/0672D.	114
Fig. 89 – Existem três chaminés na fachada norte e uma na fachada poente, correspondendo às quatro salamandras. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/POR/057264. S.d.	116

Fig. 90 – Letreiro fachada sul. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25932. S.d [1934 -1939].	117
Fig. 91 – Museu Agrícola Colonial, sala LX_BL_PCC_10, chão de mosaico. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25934. S.d.	118
Fig. 92 – Intervenção realizada na sala LX_BL_PCC_12. DGEMN: DSARH-005/125-3811/23, DES063211, Peça nº 624436, TXT. 04909184. [1935].	119
Fig. 93 – Fachada sul do Palácio dos Conde da Calheta. Pavilhão Caça e Turismo do arquiteto Melo Breyner. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/CMLSB/ PCSP/044/EDP/001566. [1940 - ?].	121
Fig. 94 – Alçado principal, fachada sul, depois de terminada a Exposição do Mundo Português. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, DRELisboa/DRC; DOC 00039658; DES 00039329. Data: [1942]. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto[?] Santos. Escala 1/100.	122
Fig. 95 – Arco de volta abatida, entrada principal e Frontão. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25872. S.d.	123
Fig. 96 – Alargamento de vão de porta lateral, virado a poente, para colocação de arco de volta abatido. Abertura de dois vãos de porta que ladeiam as escadas do vestíbulo. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN:DSARH-005/125-3803/14; DES053724, Peça nº 0626880, TXT. 04904302. Data: [1942]. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	124
Fig. 97 – Obras a realizar na fachada sul/norte e piso inferior. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06; DES053737, Peça nº 626897, TXT. 04907269. Data: 1942. [A data constante na planta não corresponde com a data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	124
Fig. 98 – Vão de porta e frontões. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25911. S.d.	125
Fig. 99 – Alçado principal, fachada sul, após as modificações. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3803/14; DES053724, Peça nº 0626881, TXT. 04904302. Data: [1942]. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	126
Fig. 100 – Alçado posterior. SIPA - (M.A.C), “Conservação, reparação e melhoramentos (...)”, IPA 00011278, DRELisboa/DRC; DOC 00039658; DES 00039325. Data: 1942. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	126
Fig. 101 – Intervenções estruturais realizadas no piso superior, após a Exposição do Mundo Português. SIPA - (M.A.C),” Conservação, reparação e melhoramentos (...)”; DSCV-002-0116, Peça nº 0452520. Data: 1942. [Data da intervenção no edifício 1944 a 49]. Autor: Arquiteto [?]Santos.	128
Fig. 102 – Concluídas as alterações na parede e corredor LX_BL_PCC_13. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25896. S.d	128
Fig. 103 – Perspetiva do chão em soalho das salas LX_BL_PCC_11/12, depois de substituído. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25894. S.d.	129
Fig. 104 – Pátio das Vacas. Corte do muro para colocação de calçada junto do edifício. Foi também aplicada uma pilastra de cantaria no local onde o muro entroncava. É possível observar ainda duas das chaminés das salamandras. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25917. S.d.	130

Fig. 105 – A parcela em contenda corresponde à sublinhada a amarelo. Representa edificações que entre 1944 e 1945 ainda estavam habitadas, facto que veio a retardar a sua demolição. SIPA - (M.A.C), IPA 11063206; PT DGEMN: DSARH-005/125-3789/01; DES 053668, Peça nº 626589. S.d [1944-1945]. Escala 1:1000.	132
Fig. 106 – Fachada Sul, alçado da escadaria. SIPA – MAU - Conclusão da escadaria (...); DES00039332 Peça nº 0626880. Escala 1/10.	133
Fig. 107 – Fachada Sul, pormenor do trabalho que encima o corrimão das escadas.	133
Fig. 108 – Imagem correspondente à fachada norte em momento anterior à elevação da cimalha central. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900. s.d.	134
Fig. 109 – Fachada norte, alterações programadas para o alçado posterior. SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626774, TXT.04898048. Data: [1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	135
Fig. 110 – Vão entaipados. SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES037975, Peça nº 584917, TXT. 03051925. Escala 1:100.	135
Fig. 111 – Telhados existentes. SIPA - (M.A.U),” reconstrução do telhado (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626773, TXT.04898048. Data: [1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	136
Fig. 112 – Fachada norte, alterações realizadas nos telhados devido à elevação da cimalha. SIPA (M.A.U), “reconstrução do telhado (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626772, TXT.04898048. Data: [1958] Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	136
Fig. 113 – Assinalado o derrube de uma parede que divide as salas LX_BL_PCC_01/02. No entanto, este não se concretizou. SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas e interiores (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626777, TXT.04898048. Data: 1942. [Planta reaproveitada para assinalar a intervenção,1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos.	137
Fig. 114 – Fachada norte, alçado posterior, após as alterações. SIPA - (M.A.U), “(...) arranjo em fachadas (...)”, IPA 00011278, PT DGEMN: DSARH-005/125-3794/05; DES053691, Peças nº 0626775, TXT.04898048. Data: [1958]. Autor: Arquiteto [?] Santos. Escala 1/100.	137
Fig. 115 – São visíveis os materiais resultantes da alteração da fachada norte. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/ARM/001637. S.d.	137
Fig. 116 – Valorização da entrada principal, lado norte, através da aplicação de cantaria. SIPA - (M.A.U),“Reparação de fachadas (...)”, IPA 00011278; DRELisboa; DOC 00039577; DES 00037308. Data: [1960]. Arquiteto[?] Santos; desenhador [?]. Escala 1/20.	138
Fig. 117 – Arranjos exteriores, muro de maiores dimensões. SIPA - (M.A.U),“Reparação de fachadas (...)”, IPA 00011278; DRELisboa; DOC 00039577; DES 00037314. Data 26-02-1971 escala 1/10.	140
Fig. 118 – Sala LX_BL_PCC_02, parede 01, na qual são bem visíveis os azulejos mais recentes, à esquerda, aí colocados após o fecho do vão. Fotografia Emigus / <i>Az Infinitum</i> .	142
Fig. 119 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 01, na qual é bem visível o revestimento da reentrância.	142
Fig. 120 – Sala LX_BL_PCC_02, parede 03, com a barra inferior e lateral direita danificadas e posteriormente restauradas aquando do fecho da reentrância.	143

Fig. 121 e 122 – Sala LX_BL_PCC_02, revestimentos de vão de janela e porta.	144
Fig. 123 – Corredor LX_BL_PCC_13, parede 1, seção 1.	144
Fig. 124 – Átrio, LX_BL_PCC_15 (“J” – Vestíbulo).	146
Fig. 125 – Escadaria LX_BL_PCC_14, nivelamento dos degraus do 2º lanço de escadas, acesso ao piso superior.	147
Fig. 126 – Escadaria LX_BL_PCC_14, detalhe que torna visível a forma como os azulejos assentam sobre os degraus.	148
Fig. 127 e 128 – Sala LX_BL_PCC_01, parede 1, detalhes das vigas de ferro.	148
Fig. 129 – Sala LX_BL_PCC_01, parede 3, seção 2, com a última moldura pintada, procurando simular o restante revestimento.	150
Fig. 130 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 2, seção 1, com parte dos padrões pintados, procurando simular o restante revestimento.	150
Fig. 131 – Sala LX_BL_PCC_04, parede 2, seção 1, com parte dos padrões pintados, procurando simular o restante revestimento.	151
Fig. 132 – Sala LX_BL_PCC_12, parede 4, seção 1, com padrões pintados, procurando simular o restante revestimento.	151
Fig. 133 – Sala LX_BL_PCC_03, parede 3, com cercaduras distintas e recentes.	152
Fig. 134 – Sala LX_B_PCC_07, parede 2, seção 1, fenda causada pelo derrube da parede que dividia a sala LX_B_PCC_04. Fotografia Emigus / Az <i>Infinitum</i> .	153
Fig. 135 – Corredor LX_BL_PCC_13, parede 3.	154
Fig. 136 – Átrio LX_BL_PCC_15, revestimento azulejar de dimensões reduzidas devido à abertura dos dois vão de porta. UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25874. S.d.	154

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1 – Harmonização das designações da sala do piso 1.	16-17
--	-------

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**OS REVESTIMENTOS EM AZULEJO
DO PALÁCIO DA CALHETA,
EM LISBOA**

ANEXO A

Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira

Trabalho de projeto orientado pela Professora Doutora Teresa Leonor M. Vale
e pela Doutora Rosário Salema de Carvalho,
especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre
em História da Arte e Património

Lisboa
2023

NOTA PRÉVIA

O Anexo A resulta da impressão em formato PDF do relatório, em formato ficha, das 31 entradas inseridas no sistema de informação *In patrimonium*, desenvolvido pela empresa Sistemas do Futuro, e que constitui a base da plataforma *Az Infinitum*. Neste formato é possível verificar toda a informação e respetivas relações entre os diversos módulos que compõem o sistema, do ponto de vista do utilizador. Como referido no corpo do texto, as normas de inserção de dados são as definidas no Manual de Procedimentos do *Az Infinitum* e a metodologia de inventário corresponde às indicações constantes no *Guia de Inventário de Azulejo In Situ* (Carvalho et al 2018). Deste modo, as fichas estão organizadas segundo a hierarquia *imóvel > espaço > revestimento*.

Índice

LX_BL_PCC Palácio dos Condes da Calheta	4
LX_BL_PCC_01 Sala 1	12
LX_BL_PCC_0101 Revestimento cerâmico da sala 1	15
LX_BL_PCC_02 Sala 2	20
LX_BL_PCC_0201 Revestimento cerâmico da sala 2	23
LX_BL_PCC_03 Sala 3	28
LX_BL_PCC_0301 Revestimento cerâmico da sala 3	31
LX_BL_PCC_04 Sala 4	35
LX_BL_PCC_0401 Revestimento cerâmico da sala 4	38
LX_BL_PCC_05 Sala 5	42
LX_BL_PCC_0501 Revestimento cerâmico da sala 5	44
LX_BL_PCC_06 Sala 6	48
LX_BL_PCC_0601 Revestimento cerâmico da sala 6	51
LX_BL_PCC_07 Sala 7	54
LX_BL_PCC_0701 Revestimento cerâmico da sala 7	58
LX_BL_PCC_08 Sala 8	66
LX_BL_PCC_0801 Revestimento cerâmico da sala 8	68
LX_BL_PCC_09 Sala 9	71
LX_BL_PCC_0901 Revestimento cerâmico da sala 9	73
LX_BL_PCC_10 Sala 10	76
LX_BL_PCC_1001 Revestimento cerâmico da sala 10	79
LX_BL_PCC_11 Sala 11	82
LX_BL_PCC_1101 Revestimento cerâmico da sala 11	85
LX_BL_PCC_12 Sala 12	94
LX_BL_PCC_1201 Revestimento cerâmico da sala 12	97
LX_BL_PCC_13 Corredor	101
LX_BL_PCC_1301 Revestimento cerâmico do corredor	103
LX_BL_PCC_14 Escadaria	107
LX_BL_PCC_1401 Revestimento cerâmico da escadaria	109
LX_BL_PCC_15 Átrio	112
LX_BL_PCC_1501 Revestimento cerâmico do átrio	114

Catálogo : Imóveis

ID

2142

Nº imóvel

LX_BL_PCC

Projeto

tpM[RF]

Designação

Palácio dos Condes da Calheta

Tipo imóvel

Arquitetura civil|Palácio

Descrição

Numa fase inicial, a história do palácio confunde-se com a dos Condes da Calheta, seus proprietários desde, pelo menos, 1579-1580, conforme pesquisas recentes vieram revelar (Ferreira – *Os revestimentos em azulejo...*). Não se conhece a configuração do imóvel ao tempo do segundo conde, João Gonçalves da Câmara (1541-1580), mas sabe-se que, em 1674, Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara realizou melhoramentos e benfeitorias na propriedade. Por sua vez, Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara (1664-1732) recebe a propriedade por morte de seu pai no ano de 1684, acabando por vendê-la a D. João V em 1726. Remontam a esta época os revestimentos azulejares mais antigos, presentes na sala 2, em policromia, e nas salas 9, 10, 11 e 7, estes já em tons de azul e branco, figurativos e de padrão, todos dispostos em silhares. A aquisição do Palácio e Quinta da Calheta por parte de D. João V (1706-1750) insere-se numa iniciativa no contexto da qual foram adquiridas várias propriedades, e respetivos edifícios, na zona de Belém. O monarca terá intervindo nos jardins, mas, ao que tudo indica, não no palácio.



Na segunda metade de Setecentos há notícias de intervenções, e podem remontar a este período os azulejos neoclássicos que se conservam nas salas 6 e 1, certamente executados para os espaços em que se encontram. Por sua vez, os padrões do século XVII e pombalinos distribuídos pelos restantes espaços do piso 1, correspondem a replicações executadas entre 1827 e 1910. Estes últimos revelam semelhanças evidentes nas molduras e rodapés, o que pode indiciar uma campanha comum. Outras alterações visíveis nos revestimentos de épocas anteriores são igualmente consequência das múltiplas alterações a que o palácio foi sujeito. Até porque, depois da Implantação da República, o Palácio da Calheta conheceu obras expressivas, que alteraram significativamente a sua traça original, mas que permitiram a instalação do Jardim Colonial (JC) e do Museu Agrícola Colonial (MAC), na zona de Belém. Naturalmente, também os revestimentos azulejares acompanharam esta dinâmica, registando-se várias réplicas, intervenções de restauro e colocação de novos exemplares, como aconteceu no átrio (LX_BL_PCC_15).

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1579-00-00	1580-00-00	Edifício - proprietários
Justificação: Documentado - A propriedade já se encontrava em posse dos Condes da Calheta por via de João Gonçalves da Câmara, 2º Conde da Calheta (Frutuoso - História da Ilhas do Porto Sancto (...), p. 302-303).		
1674-00-00	1684-00-00	Edifício - proprietários

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Justificação: Documentado - Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara, autorizado por sua mãe, realiza melhoramentos e benfeitorias na propriedade (ANTT, Chancelaria de D. João V, liv.14, fl. 37, PT/TT/CHR/T/001/0014).

Notas: A data final corresponde ao ano da morte de Simão de Vasconcelos e Sousa da Câmara.

1726-10-26 1726-10-26 Edifício - proprietários

Justificação: Documentado - D. João V adquire a Quinta da Calheta, pelo valor de 50 cruzados, a D. Pedro de Vasconcelos e Sousa da Câmara (ANTT, Chancelaria de D. João V, Escritura de Compra, Liv.14, fl. 35, PT/TT/CHR/T/001/0014).

1756-00-00 1845-00-00 Edifício - função

Justificação: Documentado - Após o Terramoto de 1755, o edifício acolhe a Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros. Para tal, o edifício foi objecto de várias alterações (MORAIS - Arquivo Histórico Militar, p. 27).

1756-08-00 1756-09-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Registo de obras, não especificadas, que ocorreram no palácio e que envolveram diversos profissionais como carpinteiros, serradores, trabalhadores de alvenarias, etc. (ANTT, Casa Real, cx. 3584).

1827-00-00 1836-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Derrube de tabiques [paredes interiores] nas salas LX_B_PCC_02/03/04/06/07/08/10 (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, n.º 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; Biblioteca Digital do Exército (BDE), Cota 455-1-5-9). A documentação deste ano permite supor que, para a abertura de um vão de porta nas salas LX_B_PCC_02 e 07, foi necessário levantar parte do revestimento azulejar (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, n.º 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).

1832-08-28 1832-08-28 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Pequeno arranjo no telhado com o objectivo de salvaguardar os tectos em estuque (Arquivo Histórico Militar (AHM), [1832-08-28], PT/AHM/DIV/3/30/Cx.1).

1845-00-00 1845-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Obras de adaptação para alojamento do duque Fernando Jorge de Saxónia-Coburgo-Gota (ANDRADE - Memória sobre chafarizes (...), p. 134-137).

1907-00-00 1910-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Obras de reparação não especificadas, suspensas três anos após o seu início (SIPA - Jardim-Museu Agrícola Tropical, (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907610).

1916-07-18 1916-07-18 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Reparações exteriores realizadas no edifício (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/02,TXT. 04908035).

1916-00-00 1916-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Início da instalação do Museu Agrícola Colonial (MAC) no palácio (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 3; SIPA - (JMAT), (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907617).

1916-00-00 1918-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Início das obras de adaptação no exterior do edifício. Intervenções referentes ao primeiro grupo construtivo de "menor importância e mais urgentes" ("Obras de reparação no Jardim Colonial e no edifício destinado ao M.A.C", SIPA - JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907657; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/02,TXT. 04908029 a 33 e 36; ANTT, 1836, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, n.º 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; ANTT, 1845, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, pt.3, doc.131 , PT-TT-CR-007-003-00131_m0001.tif; B.D.E., Cota 455-1-5-9).

1916-00-00 1921-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Derrube da quase totalidade da edificação, voltada a poente, na qual residiram os funcionários jubilados da Casa Real. A parte que permaneceu erguida passou a configurar a forma de um L (SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907531). Início das obras de adaptação, referentes ao segundo grupo construtivo, não especificadas, no interior do piso inferior, para adaptação a Museu ("Obras de reparação no Jardim Colonial e no edifício destinado ao M.A.C", SIPA - J.M.A.T (...), IPA.00009885, PT

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

DGEMN:DSARH-005/125-3809/02,TXT. 04908031-2).

1919-00-00 1921-00-00 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu. Muito embora as mesmas não sejam especificadas, é possível incluir entre as mesmas as salas LX_B_PCC_02, LX_B_PCC_03, LX_B_PCC_08 e LX_B_PCC_12 (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4; SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907530-2).

1921-09-30 1931-05-26 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Continuação das reparações/alterações estruturais iniciadas em 1916: "Obras no MAC - Conclusão do corpo lado sul" (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907480 a 04908028; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626916, TXT. 04907539; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/08,TXT. 04907480).

Notas: O campo "data final" corresponde ao último documento consultado no qual consta a descrição "Obras no MAC - conclusão do corpo lado sul".

1922-10-28 1925-03-05 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Colocação de revestimento azulejar no átrio (LX_B_PCC_15): "vestíbulo J. (MAC) - Conclusão do corpo lado sul" (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907512/3 e TXT. 04907528 a 32; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539).

1922-10-28 1927-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Construção do 1º lanço de escadas [e colocação do revestimento azulejar] ("Obras no M.A.C - Conclusão do corpo lado sul", SIPA - J.M.Á.T (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907482 a 04907718; TXT. 04907772 a 04907981; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25933).

1923-11-20 1923-11-20 Edifício - revestimento azulejar

Justificação: Documentado - Procedeu-se ao levantamento de azulejos que se encontram colocados em barras, junto ao chão, e alguns ao centro da composição (sala LX_B_PCC_10/11). Todavia, foram também levantados azulejos no rodapé da sala LX_B_PCC_12 para colocação de "cinco linhas" [de ferro, lado nascente] (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).

1924-05-09 1924-05-09 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Colocação de azulejos em falta nas salas LX_B_PCC_10/11/12. A documentação indica ainda que "Serão necessários 700 azulejos novos. Deverá proceder-se à recolocação dos azulejos antigos que se encontrem deslocados da parede" (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907634 a 7).

1927-09-01 1927-09-01 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Colocação de pavimento na sala LX_B_PCC_15: " (...) centro branco e rosa e a faixa em cinzento" (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907856/9 e TXT.04907898).

Notas: Os campos "data inicial/final" correspondem à data em que o orçamento foi aprovado.

1929-05-29 1929-05-29 Edifício - função

Justificação: Documentado - Inauguração do MAC (ANTT, [1929-05-22], PT/TT/EPJS/SF/001-001/0013/0672D; Ministério do Ultramar - Guia do Museu Agrícola do Ultramar, p.4/5; PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)",p.6).

1932-12-27 1932-12-27 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Colocação de quatro salamandras nas salas LX_B_PCC_01/03/04/12. O Diretor do MAC elaborou um ofício no qual menciona que, devido às humidades existentes no museu, ordenou a colocação de salamandras. Todavia, o forte calor provocado pelas salamandras danificou os revestimentos azulejares que se encontravam na parte posterior. (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, "Diversas obras", PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB/POR/057264; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900/17).

Notas: Os campos "data inicial/final" correspondem à data do ofício.

1936-04-01 1936-12-20 Edifício - construção [alteração]

2023-10-30

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Justificação: Documentado - Realização de obras com o objectivo de reforçar a estabilidade do pavimento na sala LX_B_PCC_12 (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, "Obras no MAC", PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/23, TXT.04909176 a 04909273; DES063211, Peça nº 624436, TXT. 04909184 (...) PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/24, TXT.04909274 a 04909359; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25894/6).

1939-00-00 1940-06-22 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Alterações estruturais no rés-do-chão devido à Exposição do Mundo Português (ATAÍDE - Monumentos e Edifícios (...), p. 163-64; Comissão Nacional dos Centenários - Os Trabalhos da Secção Colonial (...); Diário de Lisboa, nº 6309, Ano 20, Domingo, 16 de Junho de 1940; LOURENÇO - Comemorações Centenárias (...); PEREIRA - Apontamentos para a História (...); PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001566; (SIPA - MAC - Processos Antigos - Exposição do Mundo Português (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/03, TXT.04899573 a 04899599).

1944-03-20 1944-04-20 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa" [em todas as salas do piso superior. Fruto desta intervenção, grande parte das barras/rodapés tiveram que ser intervencionadas (SIPA - M.A.C - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899640 a 46; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25894 e 25934).

1944-03-20 1944-09-00 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Procedeu-se ao levantamento de parte do revestimento azulejar que ladeia as escadas de acesso ao piso superior (LX_B_PCC_15) para abertura de dois vãos de porta (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899640 a 46; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25874 e 25933). Foi ainda aberto um vão de janela na sala LX_B_PCC_03, tendo sido necessário proceder-se ao levantamento de parte do revestimento azulejar (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899640 a 46; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20).

1944-09-24 1945-01-31 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Derrube de parte da parede para colocação de um corrimão de pedra com moldura. Para tal, foi necessário levantar o revestimento azulejar existente em LX_B_PCC_1303 (SIPA - (MAC) - (...) - Trabalhos complementares (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899451 e 77, TXT.04899521 a 26; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908938; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25896).

1944-03-20 1949-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Intervenções estruturais várias que se prolongaram no tempo, em particular a demolição de um corpo em "L", do lado norte, que comunicava com a sala LX_B_PCC_04 (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos; (...) Trabalhos complementares; (...) Conclusão; (...) Trabalhos imprevistos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899375 a 04899565; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908890 e 95, TXT.04908936 a 8, TXT.04908943/4, TXT.04908957 a 62 e TXT.04908993 a 04909002; DES00030956; DES00039325 e 29; DES053724, Peças nº 0626880 e 0626881, TXT. 04904302; DES053737, Peças nº 626897/8 e 626901, TXT. 04907269; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25864/9/70/1/2/4, 94 e 25911/34; [1944] Diário de Lisboa, nº 7667, p.5).

1946-05-21 1947-11-16 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Colocação de novo revestimento azulejar em LX_B_PCC_15, que é distinto do actualmente existente. Colocação de guarda-ventos e lanterna nas escadas (LX_B_PCC_15) (SIPA - (MAC) - (...) - Conclusão (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3796/07, TXT.04899119 a 25; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/08, TXT.04908894; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908936 a 62, TXT.04908991 a 04909002 e 04909016/17; DES00039331 e 47 ;UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25912).

1947-05-14 1949-04-02 Edifício - construção [alteração]

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Justificação: Documentado - Rebaixamento da bordadura dos tanques para posterior assentamento do capeamento de cantaria. No lado norte, demolição de parte do muro de vedação e colocação de pilastra onde topejava o muro. Regularização do terreno. Foi alteado o soco de cantaria e colocados degraus nas portas de entrada (SIPA - (MAC) - (...) - (...) - Trabalhos imprevistos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908890 e 95, TXT.04908936 a 8, TXT.04908943/4, TXT.04908950 a 62 e TXT.04908993 a 04909002; DES00039325; PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/ALB/001658; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25864/9/70/1 e 25917).

Notas: O campo "data inicial" corresponde à data em que o "orçamento-estimativa (...) Trabalhos Imprevistos" foi enviado para apreciação e aprovação.

1951-09-20 1952-12-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Conclusão da escadaria de acesso ao Museu através do Jardim (SIPA - (MAU) - Conclusão da escadaria (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3803/14, TXT.04904272 a 04904328; PA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3803/15, TXT.04904329 a 04904352; DES00039332 a 5; DES053724, Peças nº 0626880; PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/001371).

1958-08-21 1958-12-31 Edifício - construção [alteração] | revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Reconstrução do telhado, alterações na fachada do lado norte, e arranjos interiores. Procedeu-se ao levantamento de parte do revestimento azulejar, existente na sala LX_B_PCC_0203, para construção de um vão de janela "entapado" (SIPA - Museu Agrícola do Ultramar, (MAU), reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07, TXT. 04896177 a 04896297; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/08, TXT. 04896298 a 04896307; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3794/05, TXT. 04898049 a 04898153; DES037975, Peça nº 584917, TXT. 03051925; DES053676, Peça nº 0626672, TXT. 04896188; DES053691, Peças nº 0626771 a 77, TXT.04898048; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900).

1960-03-07 1960-05-25 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Demolição e reposição do tecto de uma sala não especificada, possivelmente a LX_B_PCC_04. Reparação dos "estruques moldurados" de todos os tectos do piso superior (SIPA - (MAU) - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).

Notas: O campo "data inicial" corresponde ao dia em que foram abertas as propostas apresentadas a concurso.

1960-05-05 1960-07-04 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Valorização da fachada norte através do "revestimento de pilastras com cantaria, modificação do entablamento de frontão (...)" [porta principal, lado norte. Colocação da sacada] (SIPA - (MAU) - Reparação de fachadas (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3788/14, TXT. 04895531 a 04895616; DES00037308; PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001636/7; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900).

1962-10-21 1966-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Construção de "murete de pedra aparelhada", arranjos exteriores (SIPA - (MAU) - Vedação exterior - Obras de conservação; (...) Arranjos exteriores - Vedação e entrada para o Jardim; (...) Entrada público - Conclusão (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125-1335/01, TXT. 03354643 a 91; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3738/30, TXT. 04859474 a 04859512; DES066323, Peças nº 0635218 a 20, TXT 04859480; DES066324, Peça nº 0635217, TXT 04859492; DES00037302/3 e 5; PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/001174; PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/001359/60;).

Notas: O campo "data inicial" corresponde ao momento em que a obra foi adjudicada.

1964-07-22 1964-08-31 Edifício - revestimento cerâmico

Justificação: Documentado - Restauro de painéis azulejares, possivelmente os da sala LX_B_PCC_02. Foram elaborados novos azulejos para substituir os que se encontravam danificados (SIPA - (MAU) - Reparações diversas (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125- 1335/01, TXT. 03354632 a 42).

1974-05-23 1975-07-16 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Demolição do "murete" para construção de um muro de maiores dimensões, forrado a pedra, encimado por uma grade metálica (SIPA - (JMAU) - Obras de reparação e beneficiação (...) IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125- 1335/01, TXT. 03354762 a 78 e TXT. 03354810 ;IPA.000011278, PT DGEMN:DREL - 3303/05, TXT.11783618 a 23 e 96; DES00037305; DES 00037311 a 14).

Notas: O campo "data inicial" corresponde ao momento em que a obra foi adjudicada.

1983-11-21 1983-12-31 Edifício - revestimento cerâmico

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Justificação: Documentado - Restauro de "painéis azulejares decorativos", possivelmente os das salas LX_B_PCC_10 e LX_B_PCC_11 (SIPA - (JMAU) - Obras de reparação (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-0931/03,TXT. 03051549 a 68).

1988-07-20	1988-07-21	Edifício - revestimento cerâmico
------------	------------	----------------------------------

Justificação: Documentado - "Destacamento da parede de cerca de metade dos azulejos de um dos painéis [não especificados] no átrio do Museu Agrícola Tropical" [LX_B_PCC_15] (SIPA - (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH -055/125- 0961/02,TXT. 03075100 a 04).

1988-08-26	1988-12-31	Edifício - revestimento cerâmico
------------	------------	----------------------------------

Justificação: Documentado - Restauro de azulejos de um dos painéis, não especificado, possivelmente em LX_B_PCC_15. A obra foi adjudicada à empresa AZULARTE, Lisboa. (SIPA - (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 055/125- 0961/02,TXT. 03075110 a 03075133 e 47).

1922-04-13	1992-09-31	Edifício - revestimento cerâmico
------------	------------	----------------------------------

Justificação: Documentado - Restauro de vários painéis azulejares não especificados (SIPA - JMAT - Obras de conservação (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 0961/01,TXT. 03074561 a 03074810).

2001-04-11	2001-04-11	Edifício - revestimento cerâmico
------------	------------	----------------------------------

Justificação: Documentado -"Relatório-Diagnóstico" efetuado pela DGEMN onde é solicitado o "eventual tratamento" dos painéis azulejares existentes no Palácio (...) (DGEMN:DREL- 5299).

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação
Histórica	Palácio do Pátio das Vacas
Histórica	Quinta Real do Meio

DISPOSIÇÕES LEGAIS

Dispos. legal	Documento	Data
MN Monumento Nacional	Decreto n.º 19/2007, DR, 1.ª série, n.º 149	2007-09-03

Notas: Incluído na classificação do Palácio Nacional de Belém e de todo o conjunto intramuros (Palácio, Jardins e outras dependências, Jardim Botânico Tropical, antigo Jardim-Museu Agrícola Tropical)

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-26
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2023)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-26

LOCALIZAÇÕES

Local habitual	Data	GeoX	GeoY	Morada	Topónimo	Local administ.
----------------	------	------	------	--------	----------	-----------------

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Sim	2014-05-20	38.7013198 -9.2021449	Rua General João de Almeida, n.º 10-54	Lisboa	Portugal/Lisboa/Lisboa /Belém
Não		38.7013198 -9.2021449	Calçada do Galvão	Lisboa	Portugal/Lisboa/Lisboa /Belém

NUMERAÇÕES

Data numeração	Tipo numera.	Número
2014-05-20	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [SIPA]	IPA.00011278
Notas: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11278]		

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_0001 tpM[RF] Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, fachada norte [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_0001.jpg Imagem [ID: 34674]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_0002 tpM[RF] Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, fachada norte [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_0002.jpg Imagem [ID: 34675]		
Referências - Monografia	Belém do Passado e do Presente. Separata do jornal Ecos de Belém. Lisboa: [s.n], 1964.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Em Volta da Torre de Belém. Evolução da Zona Ocidental de Lisboa. Livros Horizonte. Lisboa: [s.n], 2006.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Inventário de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa: [s.n], 1944-1956.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços públicos de Lisboa, Belem e muitos logares do termo : oferecida á ex.ma camara municipal de Lisboa. na Imprensa Silviana. Lisboa: [s.n], 1851.	Referência bibliográfica	
Referências - Periódico Analítico de Periódicos	- Jardim e Museu Agrícola do Ultramar. Olisipo - Boletim do Grupo Amigos de Lisboa. 1979-1980. pp. 226-231.	Referência bibliográfica	
Referências - Periódico Analítico de Periódicos	- Palestra proferida na Visita de Estudo dos "Amigos de Lisboa" ao Arquivo Histórico Militar em 17 de Novembro de 1956, pelo seu Director, o Coronel Alberto Faria de Moraes. Olisipo - Boletim do Grupo Amigos de Lisboa. 1957. pp. 26-31.	Referência bibliográfica	

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-26 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2023) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira [ID: 20348]
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-26 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2023) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira [ID: 20348]
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-26 Coordenação Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_0001



LX_BL_PCC_0002

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

2144

Nº imóvel

LX_BL_PCC_01

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 1

Depende de

2142

Descrição

Espaço amplo, de importância central em termos de circulação no edifício, com múltiplos vãos de porta abertos para os diferentes espaços que se distribuem em seu redor. Apresenta pavimento de soalho, tecto de estuque moldurado e pintado e, nas paredes, observa-se silhar baixo, com azulejos ornamentais, certamente aplicados entre o final do século XVIII e o início da centúria seguinte.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1780-00-00	1800-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Azulejaria neoclássica	Revestimento - Manufactura
Justificação: Atribuído - [2023] Ferreira - Os revestimentos em azulejo (...).			
1932-12-27	1932-12-27		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Colocação de uma salamandra. O forte calor emanado provocou a deterioração do revestimento azulejar (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB/POR/057264; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900/17).			
1944-03-20	1944-08-00		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).			
1958-08-21	1958-12-31		Edifício - construção [alteração não realizada]
Justificação: Documentado - Encontrava-se programado o "arranjo do corpo de ligação" que separa as salas LX_B_PCC_01 e LX_B_PCC_02. No entanto, esta intervenção não se realizou (SIPA - MAU, Reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07, TXT. 04896177 a 04896297; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/08, TXT. 04896298 a 04896307; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3794/05, TXT. 04898049 a 04898153; DES053676, Peça nº 0626672, TXT. 04896188; DES053691, Peças nº 0626777, TXT.04898048).			
1960-03-07	1960-05-25		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tetos (SIPA - MAU - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).			

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala de Cabo Verde	(ARAÚJO - Inventário de Lisboa, p. 23)

Função Sala 1- Arte indígena - Tipos humanos Arte indígena - Tipos humanos (Ministério do Ultramar, 1961, p. 5)

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-26
Inventário in situ e investigação no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-26

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_2_0001 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, perspetiva geral das paredes 1 e 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_2_0001.jpg Imagem [ID: 34724]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Inventário de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa: [s.n], 1944-1956.	Referência bibliográfica	

Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 1 Sala 1; LX_BL_PCC_01 Azulejo LX_BL_PCC_0101 Azulejo Revestimento ornamental policromo, disposto em silhar baixo de cinco azulejos de altura, incluindo rodapé de esponjado roxo. Cada secção apresenta um número variável de molduras retangulares azuis, de cantos e centros convexos, decorados por motivos vegetalistas a roxo). O interior, esponjado a amarelo, destaca ao centro um motivo floral de pétalas lanceoladas azuis e núcleo branco e amarelo. Entre cada moldura, e conforme a dimensão de cada secção, o fundo azul esponjado exibe um festão de flores amarelas e azuis, que se projeta a partir de laço azul superior. Cada secção é ainda delimitada por moldura azul, muito fina, desenhando cantos convexos com motivo floral amarelo. De gosto neoclássico, os azulejos foram certamente concebidos ou muito adaptados ao espaço, apontando-se o final do século XVIII para a sua produção e aplicação. De notar que, na parede 3, secção 2, parte dos azulejos foram substituídos por pintura, uma vez que o calor de uma salamandra aqui colocada em 1932 conduziu à deterioração do material cerâmico. [ID: 5014]		
----------------------	---	--	--

Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-26 Inventário in situ e investigação no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
-----------------------------	--	--	--

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Entidades -
Todas Entidades Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]

Inventariantes -
2014-05-20| Inserção
da ficha| Rosário
Salema de Carvalho|

Entidades -
Todas Entidades Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]

Inventariantes -
2021-07-26|
Coordenação|
Rosário Salema de
Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_01_1_2_0001

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

5014

Designação

Revestimento cerâmico da sala 1

Nº inventário

LX_BL_PCC_0101

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento ornamental policromo, disposto em silhar baixo de cinco azulejos de altura, incluindo rodapé de esponjado roxo. Cada secção apresenta um número variável de molduras retangulares azuis, de cantos e centros convexos, decorados por motivos vegetalistas a roxo). O interior, esponjado a amarelo, destaca ao centro um motivo floral de pétalas lanceoladas azuis e núcleo branco e amarelo. Entre cada moldura, e conforme a dimensão de cada secção, o fundo azul esponjado exhibe um festão de flores amarelas e azuis, que se projeta a partir de laço azul superior. Cada secção é ainda delimitada por moldura azul, muito fina, desenhando cantos convexos com motivo floral amarelo.



De gosto neoclássico, os azulejos foram certamente concebidos ou muito adaptados ao espaço, apontando-se o final do século XVIII para a sua produção e aplicação. De notar que, na parede 3, secção 2, parte dos azulejos foram substituídos por pintura, uma vez que o calor de uma salamandra aqui colocada em 1932 conduziu à deterioração do material cerâmico.

Imóvel

2144

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\ornamental

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Amarelo	Pintura
Roxo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1780-00-00	1800-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Azulejaria neoclássica	Revestimento
Justificação: Atribuído - [2023] Ferreira - Os revestimentos em azulejos...			
1932-12-27	1932-12-27		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Colocação de uma salamandra. O forte calor emanado provocou a deterioração do revestimento azulejar (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB/POR/057264; UL-IICT-CoI.FOTO-JBT_25900/17).			
1944-03-20	1944-08-00		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).			

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
-------	---------------	------

Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0101.jpg Imagem [ID: 34632]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0201.jpg Imagem [ID: 34633]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0202 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 2, pormenor [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0202.jpg Imagem [ID: 34634]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 3 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0301.jpg Imagem [ID: 34635]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0302 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 2, pormenor [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0302.jpg Imagem [ID: 34636]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0401.jpg Imagem [ID: 34637]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_0402 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 1, secção 4, pormenor [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_0402.jpg Imagem [ID: 34638]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_2_0001 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, perspetiva geral das paredes 1 e 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_2_0001.jpg Imagem [ID: 34724]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_1_2_0002 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, paredes 1 e 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_1_2_0002.jpg Imagem [ID: 34725]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_2_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_2_0101.jpg Imagem [ID: 34639]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_2_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 2, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_2_0201.jpg Imagem [ID: 34640]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_2_3_0001 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, paredes 2 e 3 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_2_3_0001.jpg Imagem [ID: 34726]	

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_3_0001 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 3 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_3_0001.jpg Imagem [ID: 34727]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_3_0101.jpg Imagem [ID: 34641]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_3_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 3, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_3_0201.jpg Imagem [ID: 34642]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_3_0202 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 3, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_3_0202.jpg Imagem [ID: 34643]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_3_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 3, secção 3 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_3_0301.jpg Imagem [ID: 34644]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_3_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 3, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_3_0401.jpg Imagem [ID: 34645]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_4_0001 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_4_0001.jpg Imagem [ID: 34646]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_4_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 4, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_4_0101.jpg Imagem [ID: 34647]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_4_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 4, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_4_0201.jpg Imagem [ID: 34648]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_01_4_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 1, parede 4, secção 3 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_01\LX_BL_PCC_01_4_0301.jpg Imagem [ID: 34649]	
Catálogo - Todos Móveis	Revestimento cerâmico da sala 1 Sala 1; LX_BL_PCC_01 Azulejo LX_BL_PCC_0101 Azulejo Revestimento ornamental policromo, disposto em silhar baixo de cinco azulejos de altura, incluindo rodapé de esponjado roxo. Cada secção apresenta um número variável de molduras retangulares azuis, de cantos e centros convexos, decorados por motivos vegetalistas a roxo). O interior, esponjado a amarelo, destaca ao centro um motivo floral de pétalas lanceoladas azuis e núcleo branco e amarelo. Entre cada moldura, e conforme a dimensão de cada seção, o fundo azul esponjado exibe um festão de flores amarelas e azuis, que se projeta a partir de laço azul superior. Cada seção é ainda delimitada por moldura azul, muito fina, desenhando cantos convexos com motivo floral amarelo. De gosto neoclássico, os azulejos foram certamente concebidos ou muito adaptados ao espaço, apontando-se o final do século XVIII para a sua produção e aplicação. De notar que, na parede 3, secção 2, parte dos azulejos foram substituídos por pintura, uma vez que o calor de uma salamandra aqui colocada em 1932 conduziu à deterioração do material cerâmico. [ID: 5014]	
Catálogo - Todos Móveis	Revestimento cerâmico da sala 1 Sala 1; LX_BL_PCC_01 Azulejo LX_BL_PCC_0101 Azulejo Revestimento ornamental policromo, disposto em silhar baixo de cinco azulejos de altura, incluindo rodapé de esponjado roxo. Cada secção apresenta um número variável de molduras retangulares azuis, de cantos e centros convexos, decorados por motivos vegetalistas a roxo). O interior, esponjado a amarelo, destaca ao centro um motivo floral de pétalas lanceoladas azuis e núcleo branco e amarelo. Entre cada moldura, e conforme a dimensão de cada seção, o fundo azul esponjado exibe um festão de flores amarelas e azuis, que se projeta a partir de laço azul superior. Cada seção é ainda delimitada por moldura azul, muito fina, desenhando cantos convexos com motivo floral amarelo. De gosto neoclássico, os azulejos foram certamente concebidos ou muito adaptados ao espaço, apontando-se o final do século XVIII para a sua produção e aplicação. De notar que, na parede 3, secção 2, parte dos azulejos foram substituídos por pintura, uma vez que o calor de uma salamandra aqui colocada em 1932 conduziu à deterioração do material cerâmico. [ID: 5014]	
Catálogo - Todos Móveis	Sala 1 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_01 tpM[RF] Espaço amplo, de importância central em termos de circulação no edifício, com múltiplos vãos de porta abertos para os diferentes espaços que se distribuem em seu redor. Apresenta pavimento de soalho, tecto de estuque moldurado e pintado e, nas paredes, observa-se silhar baixo, com azulejos ornamentais, certamente aplicados entre o final do século XVIII e o início da centúria seguinte. [ID: 2144]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em

Entidades -
Todas Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Entidades

Inventariantes - 2021-07-28|
Coordenação| Rosário
Salema de Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_01_1_2_0001



LX_BL_PCC_01_1_2_0002



LX_BL_PCC_01_2_3_0001



LX_BL_PCC_01_3_0001



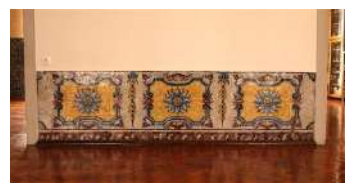
LX_BL_PCC_01_1_0101



LX_BL_PCC_01_1_0201



LX_BL_PCC_01_1_0202



LX_BL_PCC_01_1_0301



LX_BL_PCC_01_1_0302



LX_BL_PCC_01_1_0401



LX_BL_PCC_01_1_0402



LX_BL_PCC_01_2_0101



LX_BL_PCC_01_2_0201



LX_BL_PCC_01_3_0101



LX_BL_PCC_01_3_0201



LX_BL_PCC_01_3_0202

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_01_3_0301



LX_BL_PCC_01_3_0401



LX_BL_PCC_01_4_0001



LX_BL_PCC_01_4_0101

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

2143

Nº imóvel

LX_BL_PCC_02

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 2

Depende de

2142

Descrição

Espaço amplo, de planta rectangular, com vãos de janela que se abrem para as duas fachadas do edifício, e vãos de porta de ligação às salas 1, 3 e 7. Apresenta pavimento de soalho, tecto de masseira moldurado e pintado e, nas paredes, observa-se silhar de azulejos ornamentais policromos, datáveis do terceiro quartel do século XVII.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1675-00-00	1685-00-00	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Composições ornamentais	Revestimento
Justificação: Atribuído - [1979] MECO - "Azulejos de Gabriel del Barco (...)", p. 89			
1827-00-00	1836-00-00		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques e abertura de um vão de porta, tendo sido levantado parte ou a totalidade do revestimento azulejar da parede 1 e, supostamente, da parede 4. Deste modo, passou a ser possível aceder-se diretamente à sala LX_B_PCC_08 (AANTT, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, n.º 129, PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).			
1916-00-00	1919-00-00		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Encerramento do vão de porta da parede 01, que permitia a ligação com a sala LX_B_PCC_08 (SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907530-2).			
1927-05-09	1928-01-27		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Colocação de sacada e de grade pombalina nas janelas da fachada sul. (SIPA - JMAT, IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539; TXT.04907796, TXT. 04907865/9/70, TXT. 04907879 a 83 e TXT. 04907898).			
1944-03-20	1944-08-00		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).			
1958-08-21	1958-12-31		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Abertura de vão de sacada [vão de janela entaipado, na fachada norte] (...) ainda que obrigue a trabalhos interiores de demolição de uma parede". Esta intervenção implicou o levantamento dos azulejos da parede 3, mas importa destacar que a parede 4 poderá igualmente ter sido afetada. Também se encontrava programado o "arranjo do corpo de ligação" que separa as salas LX_B_PCC_02 e LX_B_PCC_01, mas a intervenção não se			

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

concretizou (SIPA - MAU, Reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07,TXT. 04896177 a 04896297; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/08,TXT. 04896298 a 04896307; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11,TXT. 04896329; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3794/05,TXT. 04898049 a 04898153; DES037975, Peça nº 584917, TXT. 03051925; DES053691, Peças nº 0626774/5, TXT.04898048; e DES053676, Peça nº 0626672, TXT. 04896188; DES053691, Peças nº 0626777, TXT.04898048).

1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tetos (SIPA - MAU - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11,TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala de São Tomé e Príncipe	ARAÚJO - Inventário de Lisboa, p. 23
Função	Sala 2 Fauna. Caça, pesca e respetivos aparelhos	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5.
Função	Sala da Zoologia	ATAÍDE - Monumentos e Edifícios (...), p. 164

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_00_01.jpg Imagem [ID: 34728]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Inventário de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa: [s.n], 1944-1956.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	M. Maia Ataíde; António Manuel Gonçalves - Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1988.	Referência bibliográfica	
Catlogação - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 2 Sala 2; LX_BL_PCC_02 Azulejo LX_BL_PCC_0201 Azulejo Revestimento ornamental policromo, em tons de verde, amarelo, roxo e branco. As secções azulejares, de diferentes dimensões, são definidas pelos vãos e apresentam moldura de enrolamentos com flores cujo centro é marcado superiormente por mascarão, que se repete em perfil nos cantos superiores, sendo os inferiores ocupados por concha. Os motivos ornamentais, que se desenvolvem de acordo com a superfície disponível, projectam-se a partir de composição central, desenvolvendo elementos vegetalistas e		

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

enrolamentos de acanto. Trata-se de um dos conjuntos mais significativos do palácio e um dos poucos, deste género, que se conserva in situ. Os diversos investigadores que têm estudado este revestimento atribuem-lhe uma data de produção entre 1670 e 1685/1690. Importa notar que uma observação atenta da pintura permite observar as dificuldades que se sentiriam nesta época nas olarias perante um tom difícil de controlar, ao nível do forno, como é o caso do verde, que se espalha deixando manchas em torno das formas pintadas. Apesar de se conservar no seu local original, a maioria das secções parece ter sido objeto de múltiplas alterações, transformando assim a sua configuração original. Estas modificações ocorreram devido às várias intervenções estruturais no palácio, e que originaram restauros que contrastam significativamente com as composições primitivas, tanto a nível pictórico, como ornamental. Na verdade, a única composição que se mantém quase inalterada, apresentando alterações somente nas barras inferior e lateral direita, é a que se encontra na parede 2. A parede 1 exibe toda uma área nova, aí aplicada para fechar o vão de porta que ligava este espaço à sala 8. Recentes são também os azulejos aplicados nos vãos. | [ID: 5218]

Entidades - Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira| Rodrigo José Ramos de Oliveira
Todas Ferreira| Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em
Entidades azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)| [ID: 1397]

Inventariantes -
2021-07-28|
Inventariação in situ,
investigação e
preenchimento da
ficha no âmbito do
Trabalho de Projecto
de Mestrado “Os
revestimentos em
azulejo do Palácio
da Calheta, em
Lisboa” (2019-2021)|
Rodrigo José
Ramos de Oliveira
Ferreira|

Entidades -
Todas Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Entidades

Inventariantes -
2014-05-20|
Inserção da ficha|
Rosário Salema de
Carvalho|

Entidades -
Todas Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Entidades

Inventariantes -
2021-07-28|
Coordenação|
Rosário Salema de
Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_02_00_01

Catálogo : Integrado

ID

5218

Designação

Revestimento cerâmico da sala 2

Nº inventário

LX_BL_PCC_0201

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento ornamental policromo, em tons de verde, amarelo, roxo e branco. As secções azulejares, de diferentes dimensões, são definidas pelos vãos e apresentam moldura de enrolamentos com flores cujo centro é marcado superiormente por mascarão, que se repete em perfil nos cantos superiores, sendo os inferiores ocupados por concha. Os motivos ornamentais, que se desenvolvem de acordo com a superfície disponível, projectam-se a partir de composição central, desenvolvendo elementos vegetalistas e enrolamentos de acanto.



Trata-se de um dos conjuntos mais significativos do palácio e um dos poucos, deste género, que se conserva *in situ*. Os diversos investigadores que têm estudado este revestimento atribuem-lhe uma data de produção entre 1670 e 1685/1690. Importa notar que uma observação atenta da pintura permite observar as dificuldades que se sentiriam nesta época nas olarias perante um tom difícil de controlar, ao nível do forno, como é o caso do verde, que se espalha deixando manchas em torno das formas pintadas.

Apesar de se conservar no seu local original, a maioria das secções parece ter sido objeto de múltiplas alterações, transformando assim a sua configuração original. Estas modificações ocorreram devido às várias intervenções estruturais no palácio, e que originaram restauros que contrastam significativamente com as composições primitivas, tanto a nível pictórico, como ornamental. Na verdade, a única composição que se mantém quase inalterada, apresentando alterações somente nas barras inferior e lateral direita, é a que se encontra na parede 2. A parede 1 exibe toda uma área nova, aí aplicada para fechar o vão de porta que ligava este espaço à sala 8. Recentes são também os azulejos aplicados nos vãos.

Imóvel

2143

AUTORIAS

Autor	Tipo autoria	Precisão
Gabriel del Barco	Pintor	Atribuído
<small>Notas: [1979] MECO - "Azulejos de Gabriel del Barco (...)", p. 92; [1979] MECO - História e Sociedade, p. 62</small>		

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\ornamental

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Verde	Pintura
Amarelo	Pintura
Roxo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
--------------	------------	--------------	-------	----------------

1675-00-00	1685-00-00		Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Composições ornamentais	Revestimento
Justificação: Atribuído - [1979] MECO - "Azulejos de Gabriel del Barco (...)", p. 89				
1674-00-00	1694-00-00	c. 1684	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Composições ornamentais	Revestimento
Justificação: Atribuído - [1971] SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, p. 109; [1979] MECO - História e Sociedade, p. 62				
1827-00-00	1836-00-00			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques e abertura de um vão de porta, tendo sido levantado parte ou a totalidade do revestimento azulejar da parede 1 e, supostamente, da parede 4. Deste modo, passou a ser possível aceder-se diretamente à sala LX_B_PCC_08 (AANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.º 129, PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).				
1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento - restauro
Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas, mas certamente referentes aos azulejos aplicados no local onde se encontrava o vão de porta, e à aplicação de revestimento nos vãos de janela e porta (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).				
1944-03-20	1944-08-00			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).				
1958-08-21	1958-12-31			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Abertura de vão de sacada [vão de janela entaipado, na fachada norte] (...) ainda que obrigue a trabalhos interiores de demolição de uma parede". Esta intervenção implicou o levantamento dos azulejos da parede 3, mas importa destacar que a parede 4 poderá igualmente ter sido afetada. Também se encontrava programado o "arranjo do corpo de ligação" que separa as salas LX_B_PCC_02 e LX_B_PCC_01, mas a intervenção não se concretizou (SIPA - MAU, Reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07, TXT. 04896177 a 04896297; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/08, TXT. 04896298 a 04896307; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3794/05, TXT. 04898049 a 04898153; DES037975, Peça n.º 584917, TXT. 03051925; DES053691, Peças n.º 0626774/5, TXT.04898048; e DES053676, Peça n.º 0626672, TXT. 04896188; DES053691, Peças n.º 0626777, TXT.04898048).				
1964-07-22	1964-08-31			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Restauro de painéis azulejares", e produção de azulejos novos para substituir os que se encontravam danificados, em consequência do derrube da parede 3. Note-se que o revestimento da parede 4 pode igualmente ter sido objecto de intervenção (SIPA - MAU - Reparações diversas (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 005/125- 1335/01, TXT. 03354632 a 42).				

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
---------------	----------------	-----------------	----------------------

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_00_01.jpg Imagem [ID: 34728]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 1, secção 1 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_1_0101.jpg Imagem [ID: 34729]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_1_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 1, secção 1, detalhe [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_1_0102.jpg Imagem [ID: 34730]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_1_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 1, secção 4 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_1_0401.jpg Imagem [ID: 34731]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_1_0701 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 1, secção 7 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_1_0701.jpg Imagem [ID: 34732]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_2_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 2, secção 1 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_2_0101.jpg Imagem [ID: 34733]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_3_0101.jpg Imagem [ID: 34734]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_3_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 3, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_3_0401.jpg Imagem [ID: 34735]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_3_0701 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 3, secção 7 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_3_0701.jpg Imagem [ID: 34736]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_4_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 4, secção 1 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_4_0101.jpg Imagem [ID: 34737]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_02_4_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 2, parede 4, secção 4 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_02\LX_BL_PCC_02_4_0401.jpg Imagem [ID: 34738]		
Referências Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Referências Monografia	Rosário Salema de Carvalho - A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]. Autorias e biografias - um novo paradigma. Tese de Doutoramento em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.	Referência bibliográfica	
Referências Periódico Analítico de Periódicos	MECO, José - Azulejos de Gabriel del Barco na região de Lisboa: período inicial, até cerca de 1691. Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa. Lisboa : Assembleia Distrital de Lisboa. 1979. pp. 69-124.	Referência bibliográfica	
Referências Periódico Analítico de Periódicos	MECO, José - O pintor de azulejos Gabriel del Barco. História e Sociedade. Lisboa 1979/1981. pp. 58-67 e pp. 41-50.	Referência bibliográfica	

Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 2 Sala 2; LX_BL_PCC_02 Azulejo LX_BL_PCC_0201 Azulejo Revestimento ornamental policromo, em tons de verde, amarelo, roxo e branco. As secções azulejares, de diferentes dimensões, são definidas pelos vãos e apresentam moldura de enrolamentos com flores cujo centro é marcado superiormente por mascarão, que se repete em perfil nos cantos superiores, sendo os inferiores ocupados por concha. Os motivos ornamentais, que se desenvolvem de acordo com a superfície disponível, projectam-se a partir de composição central, desenvolvendo elementos vegetalistas e enrolamentos de acanto. Trata-se de um dos conjuntos mais significativos do palácio e um dos poucos, deste género, que se conserva in situ. Os diversos investigadores que têm estudado este revestimento atribuem-lhe uma data de produção entre 1670 e 1685/1690. Importa notar que uma observação atenta da pintura permite observar as dificuldades que se sentiriam nesta época nas olarias perante um tom difícil de controlar, ao nível do forno, como é o caso do verde, que se espalha deixando manchas em torno das formas pintadas. Apesar de se conservar no seu local original, a maioria das secções parece ter sido objeto de múltiplas alterações, transformando assim a sua configuração original. Estas modificações ocorreram devido às várias intervenções estruturais no palácio, e que originaram restauros que contrastam significativamente com as composições primitivas, tanto a nível pictórico, como ornamental. Na verdade, a única composição que se mantém quase inalterada, apresentando alterações somente nas barras inferior e lateral direita, é a que se encontra na parede 2. A parede 1 exhibe toda uma área nova, aí aplicada para fechar o vão de porta que ligava este espaço à sala 8. Recentes são também os azulejos aplicados nos vãos. [ID: 5218]		
--------------------------	---	--	--

<p>Catálogoação - Todos Imóveis</p>	<p>Revestimento cerâmico da sala 2 Sala 2; LX_BL_PCC_02 Azulejo LX_BL_PCC_0201 Azulejo Revestimento ornamental policromo, em tons de verde, amarelo, roxo e branco. As secções azulejares, de diferentes dimensões, são definidas pelos vãos e apresentam moldura de enrolamentos com flores cujo centro é marcado superiormente por mascarão, que se repete em perfil nos cantos superiores, sendo os inferiores ocupados por concha. Os motivos ornamentais, que se desenvolvem de acordo com a superfície disponível, projectam-se a partir de composição central, desenvolvendo elementos vegetalistas e enrolamentos de acanto. Trata-se de um dos conjuntos mais significativos do palácio e um dos poucos, deste género, que se conserva in situ. Os diversos investigadores que têm estudado este revestimento atribuem-lhe uma data de produção entre 1670 e 1685/1690. Importa notar que uma observação atenta da pintura permite observar as dificuldades que se sentiriam nesta época nas olarias perante um tom difícil de controlar, ao nível do forno, como é o caso do verde, que se espalha deixando manchas em torno das formas pintadas. Apesar de se conservar no seu local original, a maioria das secções parece ter sido objeto de múltiplas alterações, transformando assim a sua configuração original. Estas modificações ocorreram devido às várias intervenções estruturais no palácio, e que originaram restauros que contrastam significativamente com as composições primitivas, tanto a nível pictórico, como ornamental. Na verdade, a única composição que se mantém quase inalterada, apresentando alterações somente nas barras inferior e lateral direita, é a que se encontra na parede 2. A parede 1 exhibe toda uma área nova, aí aplicada para fechar o vão de porta que ligava este espaço à sala 8. Recentes são também os azulejos aplicados nos vãos. [ID: 5218]</p>	
---	--	--

<p>Catálogoação - Todos Imóveis</p>	<p>Sala 2 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_02 tpM[RF] Espaço amplo, de planta rectangular, com vãos de janela que se abrem para as duas fachadas do edifício, e vãos de porta de ligação às salas 1, 3 e 7. Apresenta pavimento de soalho, tecto de masseira moldurada e pintado e, nas paredes, observa-se silhar de azulejos ornamentais policromos, datáveis do terceiro quartel do século XVII. [ID: 2143]</p>	
---	--	--

<p>Entidades - Todas Entidades</p>	<p>BARCO, Gabriel del (1648-) Gabriel del Barco Gabriel del Barco nasceu em Sigüenza, um município espanhol da provincia de Guadalajara em 1648, tendo sido baptizado a 6 de Dezembro do mesmo ano. Viveu em Madrid desde 1666 tendo acompanhado o embaixador de Castela na sua vinda para Lisboa em 1669. Muito embora se conheçam vários dados sobre o pintor, em grande medida fruto das investigações de Vergílio Correia e João Miguel dos Santos Simões, a verdade é que muito permanece por esclarecer, nomeadamente em relação aos primeiros anos da sua actividade em terras portuguesas, apenas subsistindo alguns documentos que ligam o espanhol à pintura de tectos, infelizmente desaparecidos: Igreja de São Luís dos Franceses, em 1681, e Igreja do Convento da Divina Providência. Era, todavia, um pintor reconhecido, pois em 1683 estava inscrito na Irmandade de São Lucas, apenas reservada aos mais eruditos. A sua carreira como pintor de azulejos deverá ter sido tardia, pois apenas se conhecem obras assinadas na última década da centúria, quando contava já com quarenta anos. A primeira, assinada e datada de 1689, é a capela-mor da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Espinheiro, em Évora. Os trabalhos realizados quer para os Lóios, quer para a casa na zona da Rua de São Bento e para uma capela particular, em Portalegre, constituem as últimas obras conhecidas de Gabriel del Barco. A 18 de Janeiro de 1701 faleceu Agostinha das Neves, quando ambos moravam junto ao Mosteiro das Inglesinhas. No rol de confessados desse ano, Barco surge como viúvo e morador na Travessa das Inglesas, onde se mantinha quando, em 18 de Abril voltou a casar com Maria Teresa Baptista. A partir desta data nada mais se sabe sobre Gabriel del Barco. Há quem defenda que regressou a Espanha, outros que continuou a pintar até pelo menos 1703, ano em que terá deixado incompleta a obra da Igreja matriz do Sardoal, que lhe é parcialmente atribuída (MECO - Azulejos de Gabriel del Barco [...], p. 75). Santos Simões referia mesmo que Barco se manteve em actividade até 1708, mas sem apresentar qualquer justificação para esta data (SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVIII, p. 20). A verdade, porém, é que nenhum dado pode corroborar qualquer das hipóteses. Apenas a referência de Frei Agostinho de Santa Maria parece trazer alguma luz à questão pois, em 1707, lamenta-se da falta de entusiasmo para com a devoção a Nossa Senhora da Atocha, por lhe ter faltado Gabriel del Barco (p. 345-347). [RSC] [ID: 25]</p>	<p>Autorias - Gabriel del Barco Pintor Atribuído [1979] MECO - "Azulejos de Gabriel del Barco (...)", p. 92; [1979] MECO - História e Sociedade, p. 62 </p>
--	--	--

<p>Entidades - Todas Entidades</p>	<p>BARCO, Gabriel del (1648-) Gabriel del Barco Gabriel del Barco nasceu em Sigüenza, um município espanhol da provincia de Guadalajara em 1648, tendo sido baptizado a 6 de Dezembro do mesmo ano. Viveu em Madrid desde 1666 tendo acompanhado o embaixador de Castela na sua vinda para Lisboa em 1669. Muito embora se conheçam vários dados sobre o pintor, em grande medida fruto das investigações de Vergílio Correia e João Miguel dos Santos Simões, a verdade é que muito permanece por esclarecer, nomeadamente em relação aos primeiros anos da sua actividade em terras portuguesas, apenas subsistindo alguns documentos que ligam o espanhol à pintura de tectos, infelizmente desaparecidos: Igreja de São Luís dos Franceses, em 1681, e Igreja do Convento da Divina Providência. Era, todavia, um pintor reconhecido, pois em 1683 estava inscrito na Irmandade de São Lucas, apenas reservada aos mais eruditos. A sua carreira como pintor de azulejos deverá ter sido tardia, pois apenas se conhecem obras assinadas na última década da centúria, quando contava já com quarenta anos. A primeira, assinada e datada de 1689, é a capela-mor da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Espinheiro, em Évora. Os trabalhos realizados quer para os Lóios, quer para a casa na zona da Rua de São Bento e para uma capela particular, em Portalegre, constituem as últimas obras conhecidas de Gabriel del Barco. A 18 de Janeiro de 1701 faleceu Agostinha das Neves, quando ambos moravam junto ao Mosteiro das Inglesinhas. No rol de confessados desse ano, Barco surge como viúvo e morador na Travessa das Inglesas, onde se mantinha quando, em 18 de Abril voltou a casar com Maria Teresa Baptista. A partir desta data nada mais se sabe sobre Gabriel del Barco. Há quem defenda que regressou a Espanha, outros que continuou a pintar até pelo menos 1703, ano em que terá deixado incompleta a obra da Igreja matriz do Sardoal, que lhe é parcialmente atribuída (MECO - Azulejos de Gabriel del Barco [...], p. 75). Santos Simões referia mesmo que Barco se manteve em actividade até 1708, mas sem apresentar qualquer justificação para esta data (SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVIII, p. 20). A verdade, porém, é que nenhum dado pode corroborar qualquer das hipóteses. Apenas a referência de Frei</p>	<p>Autorias - Gabriel del Barco Pintor Atribuído [1979] MECO - "Azulejos de Gabriel del Barco (...)", p. 92; [1979] MECO - História e Sociedade, p. 62 </p>
--	--	--

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Agostinho de Santa Maria parece trazer alguma luz à questão pois, em 1707, lamenta-se da falta de entusiasmo para com a devoção a Nossa Senhora da Atocha, por lhe ter faltado Gabriel del Barco (p. 345-347). [RSC]] [ID: 25]

Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_02_00_01



LX_BL_PCC_02_1_0101



LX_BL_PCC_02_1_0102



LX_BL_PCC_02_1_0401



LX_BL_PCC_02_1_0701



LX_BL_PCC_02_2_0101



LX_BL_PCC_02_3_0101



LX_BL_PCC_02_3_0401



LX_BL_PCC_02_3_0701



LX_BL_PCC_02_4_0101



LX_BL_PCC_02_4_0401

Catálogo : Imóveis

ID

3505

Nº imóvel

LX_BL_PCC_03

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 3

Depende de

2142

Descrição

Espaço de dimensões reduzidas, com revestimento azulejar de padrão pombalino, policromo, aplicado em silhar de sete azulejos de altura incluindo as cercaduras que delimitam cada secção e o rodapé.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1836-00-00	1836-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques e abertura de vão de porta de acesso à sala LX_B_PCC_07 (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, n.º 129, PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).		
1916-00-00	1919-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Fecho de reentrância, na parede 01 (SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907530-2).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tetos (SIPA - MAU - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 3 - Artefactos Objectos de adorno e de feitiçaria Armas gentílicas Instrumentos musicais	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5.

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28

Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28
---	---	------------

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_1_0102 tpM[RF] Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_1_0102.jpg Imagem [ID: 34676]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 3 Sala 3; LX_BL_PCC_03 Azulejo LX_BL_PCC_0301 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. Cada secção é formada por quatro fiadas de padrão (P-18-00012), delimitadas por cercadura (C-18-00015) articulada com o respectivo canto (C-18-00015-ct01), sobre rodapé de esponjado, a roxo. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no século XX, desconhecendo-se a sua proveniência. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4511]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_03_1_0102

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4511

Designação

Revestimento cerâmico da sala 3

Nº inventário

LX_BL_PCC_0301

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. Cada secção é formada por quatro fiadas de padrão (P-18-00012), delimitadas por cercadura (C-18-00015) articulada com o respectivo canto (C-18-00015-ct01), sobre rodapé de esponjado, a roxo.



Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no século XX0, desconhecendo-se a sua proveniência. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa.

Imóvel

3505

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Roxo	Pintura
Amarelo	Pintura
Verde	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
1770-00-00	1820-00-00		Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Azulejo
Justificação: Atribuído - Manufatura geral deste género de azulejos, uma vez que a aplicação nesta sala é mais tardia.				
1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas, mas que certamente correspondem à aplicação do revestimento azulejar no local da reentrância, na parede 01, e no vão de janela virado a nascente, parede 3 (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).				
1932-12-27	1932-12-27			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Colocação de uma salamandra. O forte calor emanado provocou a deterioração do revestimento azulejar (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB /POR/057264; UL-ICT-Col.FOTO-JBT_25900/17).				

1944-03-20

1944-08-00

Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - MAC - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377). Procedeu-se ainda ao levantamento de parte do revestimento azulejar da parede 3 com o objectivo de abrir um vão de janela (SIPA - MAC - Conservação, reparação e melhoramentos (...), DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20).

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3, e 4	P-18-00012
Parede 1, 2, 3, e 4	C-18-00015
Parede 1, 2, 3, e 4	C-18-00015-ct01
Parede 3, aplicado como restauro	

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_1_0101.jpg Imagem [ID: 34684]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_1_0102 tpM[RF] Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_1_0102.jpg Imagem [ID: 34676]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_1_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_1_0201.jpg Imagem [ID: 34651]	

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_2_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_2_0101.jpg Imagem [ID: 34652]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_3_0101.jpg Imagem [ID: 34685]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_03_4_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 3, parede 4, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_03\LX_BL_PCC_03_4_0201.jpg Imagem [ID: 34686]	
Catálogo - Padrões	C-18-00015 Pombalino 1x1/1 [ID: 702]	Padrões - Parede 1, 2, 3, e 4 C-18-00015
Catálogo - Padrões	C-18-00015-ct01 Pombalino [ID: 705]	Padrões - Parede 1, 2, 3, e 4 C-18-00015-ct01
Catálogo - Padrões	P-18-00012 Pombalino 2x2/2 [ID: 497]	Padrões - Parede 1, 2, 3, e 4 P-18-00012
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 3 Sala 3; LX_BL_PCC_03 Azulejo LX_BL_PCC_0301 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. Cada secção é formada por quatro fiadas de padrão (P-18-00012), delimitadas por cercadura (C-18-00015) articulada com o respectivo canto (C-18-00015-ct01), sobre rodapé de esponjado, a roxo. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no século XX0, desconhecendo-se a sua proveniência. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4511]	
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 3 Sala 3; LX_BL_PCC_03 Azulejo LX_BL_PCC_0301 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. Cada secção é formada por quatro fiadas de padrão (P-18-00012), delimitadas por cercadura (C-18-00015) articulada com o respectivo canto (C-18-00015-ct01), sobre rodapé de esponjado, a roxo. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no século XX0, desconhecendo-se a sua proveniência. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4511]	
Catálogo - Todos Imóveis	Sala 3 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_03 tpM[RF] Espaço de dimensões reduzidas, com revestimento azulejar de padrão pombalino, policromo, aplicado em silhar de sete azulejos de altura incluindo as cercaduras que delimitam cada secção e o rodapé. [ID: 3505]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_03_1_0102



LX_BL_PCC_03_1_0201



LX_BL_PCC_03_2_0101



LX_BL_PCC_03_1_0101



LX_BL_PCC_03_3_0101



LX_BL_PCC_03_4_0201

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3506

Nº imóvel

LX_BL_PCC_04

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 4

Depende de

2142

Descrição

Esta sala encontrava-se dividida em duas até à década de 1940 (sendo ainda visíveis as marcas ao nível da arquitectura), e uma delas tinha paredes divisórias em tabique, formando um corredor. As diferentes campanhas de obras, umas estruturais e outras apenas pontuais, alteraram a configuração do espaço e danificaram o revestimento azulejar.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1836-11-30	1836-11-30	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.o 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (1). Como consequência da demolição de uma parede dividia o espaço em "depósito e casa de lavagem", procedeu-se ao levantamento do revestimento azulejar que se encontrava aplicado de ambos os lados (2). Regista-se ainda a demolição de um corpo em "L", que comunicava com o presente espaço, no qual se localizavam as casas de banho. Esta demolição obrigou a alterações estruturais na parede 3, que interferiram diretamente com o revestimento azulejar (3). Por fim, foi ainda eliminada a escada de "serviço S" que fazia a ligação interior entre os dois pisos (4).		
Notas: (1) SIPA - MAC - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377. (2), (3) e (4) SIPA - MAC - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899640 a 46; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; DES053737, Peças nº 626897/8; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES00030956.		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tecto e posterior reconstrução devido a imprevistos, não especificados, ocorridos durante as obras de nivelamento do telhado (SIPA - (MAU) - Reconstrução do telhado e arranjo em fachadas e interiores (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/07, TXT. 04896177 a 04896297; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/08, TXT. 04896298 a 04896307; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3794/05, TXT. 04898049 a 04898153).		
Notas: É o único tecto existente no piso superior que não apresenta molduras em estuque.		

DESIGNAÇÕES

Tipo design a.	Designação	Justificação
Função	Depósito / Casa de Lavagem	SIPA - Jardim-Museu Agrícola Tropical (...), IPA.00009885, DES. 00030956
Função	Sala 4 - Cereais - Amidos - Forraginosas	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_04_2_0101 tpM[RF] Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 4, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_04\LX_BL_PCC_04_2_0101.jpg Imagem [ID: 34657]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 4 Sala 4; LX_BL_PCC_04 Azulejo LX_BL_PCC_0401 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, polícromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. São silhares baixos com apenas duas fiadas de azulejos de padrão delimitados por cercadura e, inferiormente, rodapé. Até à década de 1940, este espaço encontrava-se dividido em dois, facto que talvez explique as diferenças em termos de padrões azulejares que aqui se observam. De um lado observa-se a conjugação dos padrões P-18-00077 com o P-18-00129, e do outro lado o P-18-00126 com o P-18-00127. Todos são delimitados pela mesma cercadura e canto, a C-18-00053 e o C-18-00053-ct01. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no contexto da terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), ou seja, após o derrube da parede de tabique e a construção da escada interior, desconhecendo-se a sua proveniência. Todavia, o facto da cercadura ser comum às salas 5 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4256]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrado no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Entidades -
Todas
Entidades

Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]

Inventariantes -
2014-05-20| Inserção
da ficha| Rosário
Salema de Carvalho|

Entidades -
Todas
Entidades

Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]

Inventariantes -
2021-07-28|
Coordenação|
Rosário Salema de
Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_04_2_0101

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4256

Designação

Revestimento cerâmico da sala 4

Nº inventário

LX_BL_PCC_0401

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. São silhares baixos com apenas duas fiadas de azulejos de padrão delimitados por cercadura e, inferiormente, rodapé. Até à década de 1940, este espaço encontrava-se dividido em dois, facto que talvez explique as diferenças em termos de padrões azulejares que aqui se observam. De um lado observa-se a conjugação dos padrões P-18-00077 com o P-18-00129, e do outro lado o P-18-00126 com o P-18-00127. Todos são delimitados pela mesma cercadura e canto, a C-18-00053 e o C-18-00053-ct01. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no contexto da terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), ou seja, após o derrube da parede de tabique e a construção da escada interior, desconhecendo-se a sua proveniência. Todavia, o facto da cercadura ser comum às salas 5 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa.

Imóvel

3506

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Roxo	Pintura
Amarelo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1770-00-00	1820-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Revestimento
Justificação: Atribuído - Manufatura geral deste género de azulejos, uma vez que a aplicação nesta sala é mais ta			
1836-11-30	1836-11-30		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques, com possíveis consequências para o revestimento azulejar (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.o 129 , PT-TT- CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).			
1932-12-27	1932-12-27		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Colocação de uma salamandra. O forte calor emanado provocou a deterioração do revestimento azulejar (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB/POR/057264; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900/17).			

1944-03-20	1944-08-00		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (1). Como consequência da demolição de uma parede dividia o espaço em "depósito e casa de lavagem", procedeu-se ao levantamento do revestimento azulejar que se encontrava aplicado de ambos os lados (2). Regista-se ainda a demolição de um corpo em "L", que comunicava com o presente espaço, no qual se localizavam as casas de banho. Esta demolição obrigou a alterações estruturais na parede 3, que interferiram diretamente com o revestimento azulejar (3). Por fim, foi ainda eliminada a escada de "serviço S" que fazia a ligação interior entre os dois pisos (4).			

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Notas: 1) SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377. (2), (3) e (4) SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899640 a 46; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DSCV-002-0116, Peças no 0452518 a 20; DES053737, Peças no 626897/8; DES053743, Peça no 0626915, TXT. 04907533; DES00030956.

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 3 e 4	P-18-00077
Parede 1, 3 e 4	P-18-00129
Parede 1, 2 e 3	P-18-00126
Parede 1, 2 e 3	P-18-00127
Parede 1, 2, 3, e 4	C-18-00053
Parede 1, 2, 3, e 4	C-18-00053-ct01

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_04_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 4, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_04\LX_BL_PCC_04_1_0101.jpg Imagem [ID: 34656]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_04_2_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 4, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_04\LX_BL_PCC_04_2_0102.jpg Imagem [ID: 34654]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_04_2_0103 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 4, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_04\LX_BL_PCC_04_2_0103.jpg Imagem [ID: 34687]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_04_4_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 4, parede 4, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_04\LX_BL_PCC_04_4_0101.jpg Imagem [ID: 34655]	
Catálogo - Padrões	C-18-00053 Pombalino 1x1/1 [ID: 971]	Padrões - Parede 1, 2, 3, e 4 C-18-00053
Catálogo - Padrões	C-18-00053-ct01 Pombalino [ID: 1960]	Padrões - Parede 1, 2, 3, e 4 C-18-00053-ct01

Catálogoação - Padrões	P-18-00077 Pombalino 1x1/1 [ID: 844]	Padrões - Parede 1, 3 e 4 P-18-00077
Catálogoação - Padrões	P-18-00126 Pombalino 1x1/1 [ID: 1951]	Padrões - Parede 1, 2 e 3 P-18-00126
Catálogoação - Padrões	P-18-00127 1x1/1 Pombalino Padrão em tons de azul e branco, simulando incidência de luz, orientada a partir de cima e da esquerda, que sugere volumetria. Desenvolve um centro composto por flor de oito pétalas recortadas com núcleo circular. Em repetição o padrão não permite a observação de ritmos. [ID: 1952]	Padrões - Parede 1, 2 e 3 P-18-00127
Catálogoação - Padrões	P-18-00129 1x1/1 Pombalino Padrão em tons de azul e branco, simulando incidência de luz, orientada a partir de cima e da esquerda, que sugere volumetria. Desenvolve um centro composto florão azul, com núcleo circular quatro pétalas recortadas, intercaladas por outras lanceoladas, que se prolongam na direcção dos cantos do azulejo. Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais. Este padrão encontra-se aplicado em conjunto com o P-18-00077, de forma alternada, criando círculos que inscrevem a flor roxa. [ID: 1977]	Padrões - Parede 1, 3 e 4 P-18-00129
Catálogoação - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 4 Sala 4; LX_BL_PCC_04 Azulejo LX_BL_PCC_0401 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. São silhares baixos com apenas duas fiadas de azulejos de padrão delimitados por cercadura e, inferiormente, rodapé. Até à década de 1940, este espaço encontrava-se dividido em dois, facto que talvez explique as diferenças em termos de padrões azulejares que aqui se observam. De um lado observa-se a conjugação dos padrões P-18-00077 com o P-18-00129, e do outro lado o P-18-00126 com o P-18-00127. Todos são delimitados pela mesma cercadura e canto, a C-18-00053 e o C-18-00053-ct01. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no contexto da terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), ou seja, após o derrube da parede de tabique e a construção da escada interior, desconhecendo-se a sua proveniência. Todavia, o facto da cercadura ser comum às salas 5 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4256]	
Catálogoação - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 4 Sala 4; LX_BL_PCC_04 Azulejo LX_BL_PCC_0401 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, policromo, com secções de diferentes dimensões que se adaptam à arquitectura. São silhares baixos com apenas duas fiadas de azulejos de padrão delimitados por cercadura e, inferiormente, rodapé. Até à década de 1940, este espaço encontrava-se dividido em dois, facto que talvez explique as diferenças em termos de padrões azulejares que aqui se observam. De um lado observa-se a conjugação dos padrões P-18-00077 com o P-18-00129, e do outro lado o P-18-00126 com o P-18-00127. Todos são delimitados pela mesma cercadura e canto, a C-18-00053 e o C-18-00053-ct01. Muito embora os azulejos remontem à segunda metade do século XVIII, só devem ter sido aplicados neste espaço no contexto da terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), ou seja, após o derrube da parede de tabique e a construção da escada interior, desconhecendo-se a sua proveniência. Todavia, o facto da cercadura ser comum às salas 5 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 2, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4256]	
Catálogoação - Todos Imóveis	Sala 4 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_04 tpM[RF] Esta sala encontrava-se dividida em duas até à década de 1940 (sendo ainda visíveis as marcas ao nível da arquitectura), e uma delas tinha paredes divisórias em tabique, formando um corredor. As diferentes campanhas de obras, umas estruturais e outras apenas pontuais, alteraram a configuração do espaço e danificaram o revestimento azulejar. [ID: 3506]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_04_2_0102



LX_BL_PCC_04_4_0101



LX_BL_PCC_04_1_0101



LX_BL_PCC_04_2_0103

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3507

Nº imóvel

LX_BL_PCC_05

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 5

Depende de

2142

Descrição

Espaço de dimensões reduzidas, com azulejos de padrão do século XVII e cercadura pombalina.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - MAU - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 5 - Utensílios domésticos - Alfaias agrícolas	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
---------------	----------------	-----------------	----------------------

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_05_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 5, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_05\LX_BL_PCC_05_3_0101.jpg Imagem [ID: 34660]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 5 Sala 5; LX_BL_PCC_05 Azulejo LX_BL_PCC_0501 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01079), policromos, aplicados em silhar de quatro azulejos de atura, a que acresce a cercadura a azul e branco, já de época pombalina (C-18-00053, com canto C-18-00053-ct01) e semelhante à de outras salas, sobre rodapé de esponjados roxo. Trata-se de uma reaplicação, ocorrida, certamente, entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. No entanto, o facto da cercadura ser comum às salas 4 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. [ID: 4257]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho	
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho	

GENÉRICA



LX_BL_PCC_05_3_0101

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo : Integrado

ID

4257

Designação

Revestimento cerâmico da sala 5

Nº inventário

LX_BL_PCC_0501

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01079), policromos, aplicados em silhar de quatro azulejos de atura, a que acresce a cercadura a azul e branco, já de época pombalina (C-18-00053, com canto C-18-00053-ct01) e semelhante à de outras salas, sobre rodapé de esponjados roxo. Trata-se de uma reaplicação, ocorrida, certamente, entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. No entanto, o facto da cercadura ser comum às salas 4 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa.

Imóvel

3507

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Amarelo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
1590-00-00	1630-00-00		Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão	Revestimento padrão
Justificação: Atribuído - [1997 (1971)] SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 36; [2012] PAIS - Padrões (ainda) imprecisos (...), p. 122				
1770-00-00	1820-00-00		Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Revestimento cercadura e canto
Justificação: Atribuído				
1944-03-20	1944-08-00			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).				

1921-00-00 1921-00-00 Meados de 1921 Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas e que, nesta sala, devem corresponder ao revestimento do vão de janela (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3 e 4	P-17-01079
Parede 1, 2, 3 e 4	C-18-00053
Parede 1, 2, 3 e 4	C-18-00053-ct01

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_05_2_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 5, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_05\LX_BL_PCC_05_2_0101.jpg Imagem [ID: 34659]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_05_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 5, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_05\LX_BL_PCC_05_3_0101.jpg Imagem [ID: 34659]		

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Imagem| [ID: 34660]

Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia Analítico de Monografias	PAIS, Alexandre Nobre - Padrões (ainda) imprecisos. A azulejaria de repetição no século XVII. Um gosto português. O uso do azulejo no século XVII. Lisboa : MNAz/Athena. 2012. pp. 83-95.	Referência bibliográfica	
Catálogo - Padrões	C-18-00053 Pombalino 1x1/1 [ID: 971]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-18-00053
Catálogo - Padrões	C-18-00053-ct01 Pombalino [ID: 1960]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-18-00053-ct01
Catálogo - Padrões	P-17-01079 2x2/1 [ID: 1946]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 P-17-01079
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 5 Sala 5; LX_BL_PCC_05 Azulejo LX_BL_PCC_0501 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01079), policromos, aplicados em silhar de quatro azulejos de atura, a que acresce a cercadura a azul e branco, já de época pombalina (C-18-00053, com canto C-18-00053-ct01) e semelhante à de outras salas, sobre rodapé de esponjados roxo. Trata-se de uma reaplicação, ocorrida, certamente, entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. No entanto, o facto da cercadura ser comum às salas 4 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. [ID: 4257]		
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 5 Sala 5; LX_BL_PCC_05 Azulejo LX_BL_PCC_0501 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01079), policromos, aplicados em silhar de quatro azulejos de atura, a que acresce a cercadura a azul e branco, já de época pombalina (C-18-00053, com canto C-18-00053-ct01) e semelhante à de outras salas, sobre rodapé de esponjados roxo. Trata-se de uma reaplicação, ocorrida, certamente, entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910), desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. No entanto, o facto da cercadura ser comum às salas 4 e 12, observando-se também no corredor 13, sugere que estamos perante uma mesma campanha decorativa. [ID: 4257]		
Catálogo - Todos Imóveis	Sala 5 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_05 tpM[RF] Espaço de dimensões reduzidas, com azulejos de padrão do século XVII e cercadura pombalina. [ID: 3507]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

GENÉRICA



LX_BL_PCC_05_2_0101



LX_BL_PCC_05_3_0101

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3508

Nº imóvel

LX_BL_PCC_06

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 6

Depende de

2142

Descrição

Espaço de planta rectangular, com revestimento azulejar ornamental em todas as paredes, em silhar de 10 azulejos de altura, incluindo rodapé de esponjados, a roxo. Este espaço era acessível através de escadaria exterior, cuja demolição implicou alterações na parede 2, o que afetou os azulejos.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1827-00-00	1836-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.o 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - MAU - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11,TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 6 - Frutos - Legumes	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5
Função	Sala dos Legumes	Ataíde - Monumentos e Edifícios (...), p. 164

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira 2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_2_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 2, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_2_0401.jpg Imagem [ID: 34666]		
Referências Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Referências Monografia	M. Maia Ataíde; António Manuel Gonçalves - Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1988.	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 6 Sala 6; LX_BL_PCC_06 Azulejo LX_BL_PCC_0601 Azulejo Revestimento de azulejos policromos de gosto neoclássico, produzidos especificamente para o espaço em que se encontram, conforme fica expresso na articulação com a arquitetura e em detalhes como o corte dos azulejos da parede 2, para melhor se ajustarem ao espaço. São composições de simulação arquitetónica, com pilastras laterais envoltas por serpentes e unidas por base e entablamento, sobre fundo azul esponjado. Ao centro destaca-se a cartela oval com figuração azul e branca, envolta por laços, motivos geométricos, animais e elementos florais e vegetalistas estilizados. O número de elementos decorativos e cartelas é definido pelas dimensões de cada secção. Os temas das cartelas incidem sobre paisagens urbanas e campestres. [ID: 4258]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_06_2_0401

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4258

Designação

Revestimento cerâmico da sala 6

Nº inventário

LX_BL_PCC_0601

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos policromos de gosto neoclássico, produzidos especificamente para o espaço em que se encontram, conforme fica expresso na articulação com a arquitetura e em detalhes como o corte dos azulejos da parede 2, para melhor se ajustarem ao espaço. São composições de simulação arquitetónica, com pilastras laterais envoltas por serpentes e unidas por base e entablamento, sobre fundo azul esponjado. Ao centro destaca-se a cartela oval com figuração azul e branca, envolta por laços, motivos geométricos, animais e elementos florais e vegetalistas estilizados. O número de elementos decorativos e cartelas é definido pelas dimensões de cada seção. Os temas das cartelas incidem sobre paisagens urbanas e campestres.

Imóvel

3508

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\figurativo

Revestimento cerâmico\ornamental



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Amarelo	Pintura
Roxo	Pintura
Verde	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1780-00-00	1800-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Azulejaria neoclássica	Revestimento
Justificação: Atribuído			
1836-00-00	1827-00-00		Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques com possíveis consequências para o revestimento (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.º 129 , PT-TT- CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).			
1917-07-13	1918-00-00		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Levantamento do revestimento azulejar da parede 2, em consequência da demolição da escada exterior (fachada sul - poente), através da qual se acedia a esta sala. A seção apresenta diferenças na composição pictórica, relativamente aos restantes (SIPA - (JMAT) "Obras de reparação no Jardim Colonial e no edifício destinado ao Museu Agrícola Colonial", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907657; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/02,TXT. 04908029 a 33 e 36; A.N.T.T, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.º 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; B.D.E, Cota 455-1-5-9).			
1919-00-00	1919-00-00		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Pedida a restauração dalguns azulejos das salas do Museu à Direção dos Edifícios Públicos". Supostamente, procedeu-se ao restauro do revestimento azulejar da parede 2 (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).			
1944-03-20	1944-08-00		Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).

ICONOGRAFIAS

Tipo iconog.	Localização
2 - Natureza\25 - terra, mundo como corpo celeste\25H - paisagem	Parede 1, secção 1 e 4; parede 2, secção 4; parede 3 e 4

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Espanjado	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_1_0101.jpg Imagem [ID: 34662]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_1_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_1_0102.jpg Imagem [ID: 34663]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_1_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 1, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_1_0401.jpg Imagem [ID: 34664]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_1_0402 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 1, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_1_0402.jpg Imagem [ID: 34665]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_2_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 2, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_2_0401.jpg Imagem [ID: 34666]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_2_0402 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 2, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_2_0402.jpg Imagem [ID: 34667]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_06_3_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 6, parede 3, secção 4 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_06\LX_BL_PCC_06_3_0401.jpg Imagem [ID: 34668]	

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

<p>Catálogo - Todos Imóveis</p>	<p>Revestimento cerâmico da sala 6 Sala 6; LX_BL_PCC_06 Azulejo LX_BL_PCC_0601 Azulejo Revestimento de azulejos policromos de gosto neoclássico, produzidos especificamente para o espaço em que se encontram, conforme fica expresso na articulação com a arquitetura e em detalhes como o corte dos azulejos da parede 2, para melhor se ajustarem ao espaço. São composições de simulação arquitetónica, com pilastras laterais envoltas por serpentes e unidas por base e entablamento, sobre fundo azul esponjado. Ao centro destaca-se a cartela oval com figuração azul e branca, envolta por laços, motivos geométricos, animais e elementos florais e vegetalistas estilizados. O número de elementos decorativos e cartelas é definido pelas dimensões de cada seção. Os temas das cartelas incidem sobre paisagens urbanas e campestres. [ID: 4258]</p>	
<p>Catálogo - Todos Imóveis</p>	<p>Revestimento cerâmico da sala 6 Sala 6; LX_BL_PCC_06 Azulejo LX_BL_PCC_0601 Azulejo Revestimento de azulejos policromos de gosto neoclássico, produzidos especificamente para o espaço em que se encontram, conforme fica expresso na articulação com a arquitetura e em detalhes como o corte dos azulejos da parede 2, para melhor se ajustarem ao espaço. São composições de simulação arquitetónica, com pilastras laterais envoltas por serpentes e unidas por base e entablamento, sobre fundo azul esponjado. Ao centro destaca-se a cartela oval com figuração azul e branca, envolta por laços, motivos geométricos, animais e elementos florais e vegetalistas estilizados. O número de elementos decorativos e cartelas é definido pelas dimensões de cada seção. Os temas das cartelas incidem sobre paisagens urbanas e campestres. [ID: 4258]</p>	
<p>Catálogo - Todos Imóveis</p>	<p>Sala 6 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_06 tpM[RF] Espaço de planta rectangular, com revestimento azulejar ornamental em todas as paredes, em silhar de 10 azulejos de altura, incluindo rodapé de esponjados, a roxo. Este espaço era acessível através de escadaria exterior, cuja demolição implicou alterações na parede 2, o que afetou os azulejos. [ID: 3508]</p>	
<p>Entidades - Todas Entidades</p>	<p>Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]</p>	<p>Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira </p>
<p>Entidades - Todas Entidades</p>	<p>Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]</p>	<p>Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho </p>

GENÉRICA



LX_BL_PCC_06_1_0101



LX_BL_PCC_06_1_0102



LX_BL_PCC_06_1_0401



LX_BL_PCC_06_1_0402



LX_BL_PCC_06_2_0401



LX_BL_PCC_06_2_0402



LX_BL_PCC_06_3_0401

Catálogo : Imóveis

ID

3509

Nº imóvel

LX_BL_PCC_07

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 7

Depende de

2142

Descrição

Esta sala, de planta rectangular, com pavimento de soalho e tecto de estuque moldurado e pintado, foi objecto de múltiplas intervenções, que tiveram consequências directas no revestimento azulejar, nomeadamente a abertura de um vão na parede 2, que interrompeu a secção de grandes dimensões que aí se encontra. Por outro lado, as alterações na fachada sul, que implicaram a construção de uma parede dupla, possibilitando a colocação de uma sacada única ao longo de cinco janelas, o que teve certamente impacto na azulejaria.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1827-00-00	1836-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques e abertura de vão de porta de acesso à sala LX_B_PCC_03. Foi ainda levantado parte do revestimento azulejar aplicado na parede 2 (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.º 129, PT-TT- CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).		
1927-05-09	1928-01-27	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Colocação da sacada e respectiva grade pombalina nas janelas "frente X" [fachada sul] (SIPA - (JMAT) "Obras no (M.A.C) - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539; TXT.04907796, TXT. 04907865/9/70, TXT. 04907879 a 83 e TXT. 04907898).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por soalho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento de azulejos em barras junto ao solo (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - MAU - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designação	Designação	Justificação
Função	Sala Angola	Araújo - Inventário de Lisboa, p. 23
Função	Oleaginosas e óleos vegetais - Plantas medicinais taninosas e tintoriais - Condimentos - Tabacos	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5

Função	Sala voltada voltada a Sul	Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII, p. 109a
Função	Sala das Oleaginosas	Ataide - Monumentos e Edifícios (...), p. 164
Função	Sala das Batalhas	Borges - Cores na Cidade, Azulejaria de Belém, p. 19

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_00_02 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_00_02.jpg Imagem [ID: 34740]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Augusto Moutinho Borges - Cores na Cidade - Azulejaria de Santa Maria de Belém. Lisboa: Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém / By the Book, 2012.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Inventário de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 1944-1956.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	M. Maia Ataíde; António Manuel Gonçalves - Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1988.	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 7 Sala 7; LX_BL_PCC_07 Azulejo LX_BL_PCC_0701 Azulejo As obras estruturais de que este espaço foi objecto tiveram um impacto significativo no revestimento azulejar, marcado desde logo pela articulação de duas campanhas de obras em épocas distintas. São mais antigos os azulejos das paredes 1, 2 e 3, remontando certamente às últimas décadas do século XVII (1670 a 1680), ou seja, ao período em que se produziam simultaneamente composições de policromia particularmente intensa e de azul/branco com contorno a roxo manganés. Todas as secções são delimitadas pela barra B-17-00124 e respectivo canto B-17-00124-ct01, num modelo idêntico ao que se encontra no Palácio Fronteira, em Lisboa. A parede 2 é a mais extensa, e aí observam-se duas secções de batalhas navais que na origem seriam uma só e que foi interrompida pela abertura de uma porta entre 1827 e 1836. No final da secção 2, à direita, a paisagem marítima dá lugar, de repente, a um tipo diferente de paisagem, que introduz a zona costeira através de uma ponte e casario, e a seguir outra paisagem rochosa onde se desenrola uma cena de caça ao leão. Nas duas restantes paredes, a 1 e a 3, observam-se cenas campestres, a primeira com cabras e um pastor sentado (parede 1), e a		

segunda com vacas, cabras e uma figura masculina e outra feminina. Trata-se de reproduções de gravuras que integram um conjunto de oito, da autoria de Nicolaes Berchem (Países Baixos, 1620-1683) e reunidas na série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, datada de 1648- 1652. Na parede 1, o pastor e o cão correspondem à página de abertura da obra e, a seu lado, as cabras correspondem a outras gravuras, ainda que distribuídas de forma diferente. Por sua vez, na parede oposta (parede 3), identificou-se uma outra gravura de Jan de Visscher seguindo Nicolaes Berchem, de 1643-1692, complementada por uma cabra da primeira série deste último autor. À semelhança da sala 11, observa-se ainda a existência de pingos de tinta de cor azul sobre a composição, assim como vestígios de roxo manganés e verde misturados sobre o azul e branco, principalmente na parede 2. São ainda visíveis marcas de desenho prévio não continuado. As marcas a roxo correspondem, certamente, a marcas de tardo de outros azulejos, que contaminaram estes durante o processo da cozedura. Na parede 4 observam-se três secções que retratam a preparação para uma batalha, observando-se tropas de artilharia, cavalaria e infantaria. De realçar que a barra que envolve a composição é idêntica à que se encontra no restante espaço e que envolve as composições das restantes paredes, datadas do último quartel do século XVII. Muito embora estes azulejos sejam com toda a certeza mais tardios, nota-se uma preocupação efetiva de integração no espaço e de articulação com o revestimento já aí aplicado, concluindo-se, portanto, que se trata de uma encomenda específica para o local, ainda no final do século XVIII ou em época posterior. | [ID: 4259]

Entidades - Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira| Rodrigo José Ramos de Oliveira
Todas Ferreira| Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo
Entidades do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)| [ID: 1397]

Inventariantes -
2021-07-28|
Inventariação in
situ, investigação
e preenchimento
da ficha no âmbito
do Trabalho de
Projecto de
Mestrado “Os
revestimentos em
azulejo do Palácio
da Calheta, em
Lisboa”
(2019-2021)|
Rodrigo José
Ramos de Oliveira
Ferreira|

Entidades -
Todas Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Entidades

Inventariantes -
2014-05-20|
Inserção da ficha|
Rosário Salema
de Carvalho|

Entidades -
Todas Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Entidades

Inventariantes -
2021-07-28|
Coordenação|
Rosário Salema
de Carvalho|

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_07_00_02

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4259

Designação

Revestimento cerâmico da sala 7

Nº inventário

LX_BL_PCC_0701

Tipo Património

Azulejo

Descrição

As obras estruturais de que este espaço foi objecto tiveram um impacto significativo no revestimento azulejar, marcado desde logo pela articulação de duas campanhas de obras em épocas distintas. São mais antigos os azulejos das paredes 1, 2 e 3, remontando certamente às últimas décadas do século XVII (1670 a 1680), ou seja, ao período em que se produziam simultaneamente composições de policromia particularmente intensa e de azul/branco com contorno a roxo manganés. Todas as secções são delimitadas pela barra B-17-00124 e respectivo canto B-17-00124-ct01, num modelo idêntico ao que se encontra no Palácio Fronteira, em Lisboa.



A parede 2 é a mais extensa, e aí observam-se duas secções de batalhas navais que na origem seriam uma só e que foi interrompida pela abertura de uma porta entre 1827 e 1836. No final da secção 2, à direita, a paisagem marítima dá lugar, de repente, a um tipo diferente de paisagem, que introduz a zona costeira através de uma ponte e casario, e a seguir outra paisagem rochosa onde se desenrola uma cena de caça ao leão. Nas duas restantes paredes, a 1 e a 3, observam-se cenas campestres, a primeira com cabras e um pastor sentado (parede 1), e a segunda com vacas, cabras e uma figura masculina e outra feminina. Trata-se de reproduções de gravuras que integram um conjunto de oito, da autoria de Nicolaes Berchem (Países Baixos, 1620-1683) e reunidas na série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, datada de 1648- 1652. Na parede 1, o pastor e o cão correspondem à página de abertura da obra e, a seu lado, as cabras correspondem a outras gravuras, ainda que distribuídas de forma diferente. Por sua vez, na parede oposta (parede 3), identificou-se uma outra gravura de Jan de Visscher seguindo Nicolaes Berchem, de 1643-1692, complementada por uma cabra da primeira série deste último autor.

À semelhança da sala 11, observa-se ainda a existência de pingos de tinta de cor azul sobre a composição, assim como vestígios de roxo manganés e verde misturados sobre o azul e branco, principalmente na parede 2. São ainda visíveis marcas de desenho prévio não continuado. As marcas a roxo correspondem, certamente, a marcas de tardo de outros azulejos, que contaminaram estes durante o processo da cozedura.

Na parede 4 observam-se três secções que retratam a preparação para uma batalha, observando-se tropas de artilharia, cavalaria e infantaria. De realçar que a barra que envolve a composição é idêntica à que se encontra no restante espaço e que envolve as composições das restantes paredes, datadas do último quartel do século XVII. Muito embora estes azulejos sejam com toda a certeza mais tardios, nota-se uma preocupação efetiva de integração no espaço e de articulação com o revestimento já aí aplicado, concluindo-se, portanto, que se trata de uma encomenda específica para o local, ainda no final do século XVIII ou em época posterior.

Imóvel

3509

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\figurativo

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
--------------	------------	--------------	-------	----------------

1674-00-00	1704-00-00	c. 1684	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	Revestimento [parede 1, 2 e 3]
Justificação: Atribuído - [1971] SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, p. 109				
1790-00-00	1850-00-00			Revestimento [parede 4]
Justificação: Atribuído - [2023] Ferreira - Os Revestimentos em Azulejo (...), p. 60.				
1827-00-00	1836-00-00			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques e abertura de vão de porta de acesso à sala LX_B_PCC_03. Foi ainda levantado parte do revestimento azulejar aplicado na parede 2 (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Belém, n.º 129, PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).				
1944-03-20	1944-08-00			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento de azulejos em barras junto ao solo (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).				
1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas, mas que neste caso devem corresponder ao revestimento de vãos de janela e porta (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).				

ICONOGRAFIAS

Localização

Programa

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\45 - vida militar, assuntos militares\45H - batalha, lutas em geral

Parede 1, secção 3

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\47I - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\47I2 - criação de gado, indústria pecuária\47I22 - ocupações - gado\47I221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\47I2211 - rebanho, manada, vara, bando

Parede 2, secção 1

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\45 - vida militar, assuntos militares\45H - batalha, lutas em geral\45H3 - batalha\45H31 - bombardeamento\45H31(+3) - bombardeamento (+ força naval)

Parede 2, secção 4

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\45 - vida militar, assuntos militares\45H - batalha, lutas em geral\45H3 - batalha\45H31 - bombardeamento\45H31(+3) - bombardeamento (+ força naval)

Parede 2, secção 4

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11123 - caça - animais predadores (raposa, leão)\43C111232 - caça ao leão

Parede 3, secção 1

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\47I - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\47I2 - criação de gado, indústria pecuária\47I22 - ocupações - gado\47I221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\47I2211 - rebanho, manada, vara, bando

Parede 4, secção 3

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\45 - vida militar, assuntos militares\45L - ocupação - guerra

Parede 4, secção 6

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\45 - vida militar, assuntos militares\45L - ocupação - guerra

Parede 4, secção 9

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\45 - vida militar, assuntos militares\45K - cerco, posição de guerra\45K1 - fortificações, engenharia militar

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28
Actualização da iconografia [programa] - trabalho realizado no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica" (2019-2021)	Mariana Filipa Americano da Silva	2021-09-17

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Padrão
B-17-00124
B-17-00124-ct01

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_00_01.jpg Imagem [ID: 34739]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_00_02 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_00_02.jpg Imagem [ID: 34740]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_00_03 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_00_03.jpg Imagem [ID: 34741]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_1_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 1, secção 3 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_1_0301.jpg Imagem [ID: 34742]		Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\471 - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\4712 - criação de gado, indústria pecuária\47122 - ocupações - gado\471221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\4712211 - rebanho, manada, vara, bando Parede 1, secção 3
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_2_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 2, secção 1 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_2_0101.jpg Imagem [ID: 34743]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_2_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 2, secção 1, pormenor [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_2_0102.jpg Imagem [ID: 34744]		

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_2_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 2, secção 4, pormenor [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_2_0401.jpg Imagem [ID: 34745]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 3, secção 1 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_3_0101.jpg Imagem [ID: 34746]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 3, secção 1 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_3_0101.jpg Imagem [ID: 34746]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\471 - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\4712 - criação de gado, indústria pecuária\47122 - ocupações - gado\471221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\4712211 - rebanho, manada, vara, bando Parede 3, secção 1
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_3_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 3, secção 1, pormenor [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_3_0102.jpg Imagem [ID: 34747]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_4_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 4, secção 3 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_4_0301.jpg Imagem [ID: 34748]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_4_0601 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 4, secção 6 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_4_0601.jpg Imagem [ID: 34749]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_07_4_0901 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 7, parede 4, secção 9 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_07\LX_BL_PCC_07_4_0901.jpg Imagem [ID: 34750]		
Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Animalia / ad vivu delineata et aqua forti eri impressa, / Studio et arte / Nicolai Berchemi (título da série) 1648-1652 Rijksmuseum [http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.38096] Gv0105 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1229]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\471 - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\4712 - criação de gado, indústria pecuária\47122 - ocupações - gado\471221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\4712211 - rebanho, manada, vara, bando Parede 3, secção 1
Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Animalia / ad vivu delineata et aqua forti eri impressa, / Studio et arte / Nicolai Berchemi (título da série) 1648-1652 Rijksmuseum [http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.38102] Gv0106 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1230]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\471 - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\4712 - criação de gado, indústria pecuária\47122 - ocupações - gado\471221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\4712211 - rebanho, manada, vara, bando Parede 3, secção 1

Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Animalia / ad vivu delineata et aqua forti eri impressa, / Studio et arte / Nicolai Berchemi (título da série) 1648-1652 Rijksmuseum [http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.38110] Gv0104 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1231]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\471 - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\4712 - criação de gado, indústria pecuária\47122 - ocupações - gado\471221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\4712211 - rebanho, manada, vara, bando Parede 3, secção 1
Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Pastores num lago 1643-1692 Rijksmuseum [http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.191588] Gv0108 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1232]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\47 - ofícios e indústrias\471 - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.\4712 - criação de gado, indústria pecuária\47122 - ocupações - gado\471221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.\4712211 - rebanho, manada, vara, bando Parede 1, secção 3
Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Rosário Salema de Carvalho - A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]. Autorias e biografias - um novo paradigma. Tese de Doutoramento em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.	Referência bibliográfica	
Catálogo - Padrões	B-17-00124 2x2/2 [ID: 1954]		Padrões - B-17-00124
Catálogo - Padrões	B-17-00124-ct01 [ID: 1955]		Padrões - B-17-00124-ct01
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 7 Sala 7; LX_BL_PCC_07 Azulejo LX_BL_PCC_0701 Azulejo As obras estruturais de que este espaço foi objecto tiveram um impacto significativo no revestimento azulejar, marcado desde logo pela articulação de duas campanhas de obras em épocas distintas. São mais antigos os azulejos das paredes 1, 2 e 3, remontando certamente às últimas décadas do século XVII (1670 a 1680), ou seja, ao período em que se produziam simultaneamente composições de policromia particularmente intensa e de azul/branco com contorno a roxo manganés. Todas as secções são delimitadas pela barra B-17-00124 e respectivo canto B-17-00124-ct01, num modelo idêntico ao que se encontra no Palácio Fronteira, em Lisboa. A parede 2 é a mais extensa, e aí observam-se duas secções de batalhas navais que na origem seriam uma só e que foi interrompida pela abertura de uma porta entre 1827 e 1836. No final da secção 2, à direita, a paisagem marítima dá lugar, de repente, a um tipo diferente de paisagem, que introduz a zona costeira através de uma ponte e casario, e a seguir outra paisagem rochosa onde se desenrola uma cena de caça ao leão. Nas duas restantes paredes, a 1 e a 3, observam-se cenas campestres, a primeira com cabras e um pastor sentado (parede 1), e a segunda com vacas, cabras e uma figura masculina e outra feminina. Trata-se de reproduções de gravuras que integram um conjunto de oito, da autoria de Nicolaes Berchem (Países Baixos, 1620-1683) e reunidas na série Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi, datada de 1648- 1652. Na parede 1, o pastor e o cão correspondem à página de abertura da obra e, a seu lado, as cabras correspondem a outras gravuras, ainda que distribuídas de forma diferente. Por sua vez, na parede oposta (parede 3), identificou-se uma outra gravura de Jan de Visscher seguindo Nicolaes Berchem, de 1643-1692, complementada por uma cabra da primeira série deste último autor. À semelhança da sala 11, observa-se ainda a existência de pingos de tinta de cor azul sobre a composição, assim como vestígios de roxo manganés e verde misturados sobre o azul e branco, principalmente na parede 2. São ainda visíveis marcas de desenho prévio não continuado. As marcas a roxo correspondem, certamente, a marcas de tardo de outros azulejos, que contaminaram estes durante o processo da cozedura. Na parede 4 observam-se três secções que retratam a preparação para uma batalha, observando-se tropas de artilharia, cavalaria e infantaria. De realçar que a barra que envolve a composição é idêntica à que se encontra no restante espaço e que envolve as composições das restantes paredes, datadas do último quartel do século XVII. Muito embora		

estes azulejos sejam com toda a certeza mais tardios, nota-se uma preocupação efetiva de integração no espaço e de articulação com o revestimento já aí aplicado, concluindo-se, portanto, que se trata de uma encomenda específica para o local, ainda no final do século XVIII ou em época posterior. | [ID: 4259]

Revestimento cerâmico da sala 7 | Sala 7; LX_BL_PCC_07 | Azulejo | LX_BL_PCC_0701 | Azulejo | As obras estruturais de que este espaço foi objecto tiveram um impacto significativo no revestimento azulejar, marcado desde logo pela articulação de duas campanhas de obras em épocas distintas. São mais antigos os azulejos das paredes 1, 2 e 3, remontando certamente às últimas décadas do século XVII (1670 a 1680), ou seja, ao período em que se produziam simultaneamente composições de policromia particularmente intensa e de azul/branco com contorno a roxo manganés. Todas as secções são delimitadas pela barra B-17-00124 e respectivo canto B-17-00124-ct01, num modelo idêntico ao que se encontra no Palácio Fronteira, em Lisboa. A parede 2 é a mais extensa, e aí observam-se duas secções de batalhas navais que na origem seriam uma só e que foi interrompida pela abertura de uma porta entre 1827 e 1836. No final da secção 2, à direita, a paisagem marítima dá lugar, de repente, a um tipo diferente de paisagem, que introduz a zona costeira através de uma ponte e casario, e a seguir outra paisagem rochosa onde se desenrola uma cena de caça ao leão. Nas duas restantes paredes, a 1 e a 3, observam-se cenas campestres, a primeira com cabras e um pastor sentado (parede 1), e a segunda com vacas, cabras e uma figura masculina e outra feminina. Trata-se de reproduções de gravuras que integram um conjunto de oito, da autoria de Nicolaes Berchem (Países Baixos, 1620-1683) e reunidas na série *Animalia ad vivum delineata et aqua forti aeri impressa Studio et Arte Nicolai Berchemi*, datada de 1648- 1652. Na parede 1, o pastor e o cão correspondem à página de abertura da obra e, a seu lado, as cabras correspondem a outras gravuras, ainda que distribuídas de forma diferente. Por sua vez, na parede oposta (parede 3), identificou-se uma outra gravura de Jan de Visscher seguindo Nicolaes Berchem, de 1643-1692, complementada por uma cabra da primeira série deste último autor. À semelhança da sala 11, observa-se ainda a existência de pingos de tinta de cor azul sobre a composição, assim como vestígios de roxo manganés e verde misturados sobre o azul e branco, principalmente na parede 2. São ainda visíveis marcas de desenho prévio não continuado. As marcas a roxo correspondem, certamente, a marcas de tardoz de outros azulejos, que contaminaram estes durante o processo da cozedura. Na parede 4 observam-se três secções que retratam a preparação para uma batalha, observando-se tropas de artilharia, cavalaria e infantaria. De realçar que a barra que envolve a composição é idêntica à que se encontra no restante espaço e que envolve as composições das restantes paredes, datadas do último quartel do século XVII. Muito embora estes azulejos sejam com toda a certeza mais tardios, nota-se uma preocupação efetiva de integração no espaço e de articulação com o revestimento já aí aplicado, concluindo-se, portanto, que se trata de uma encomenda específica para o local, ainda no final do século XVIII ou em época posterior. | [ID: 4259]

Catálogo - Todos Imóveis

Sala 7 | Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC | LX_BL_PCC_07 | tpM[RF] | Esta sala, de planta rectangular, com pavimento de soalho e tecto de estuque moldurado e pintado, foi objecto de múltiplas intervenções, que tiveram consequências directas no revestimento azulejar, nomeadamente a abertura de um vão na parede 2, que interrompeu a secção de grandes dimensões que aí se encontra. Por outro lado, as alterações na fachada sul, que implicaram a construção de uma parede dupla, possibilitando a colocação de uma sacada única ao longo de cinco janelas, o que teve certamente impacto na azulejaria. | [ID: 3509]

Catálogo - Todos Imóveis

Mariana Filipa Americano da Silva | Mariana Filipa Americano da Silva | Mestrando no Trabalho de Projecto "A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica" (2019-2021) | [ID: 1380]

Entidades - Todas Entidades

Inventariantes - 2021-09-17 | Atualização da iconografia [programa] - trabalho realizado no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica" (2019-2021) | Mariana Filipa Americano da Silva |

Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira | Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira | Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) | [ID: 1397]

Entidades - Todas Entidades

Inventariantes - 2021-07-28 | Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) | Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira |

GENÉRICA



LX_BL_PCC_07_00_01



LX_BL_PCC_07_00_02



LX_BL_PCC_07_00_03

FICHEIROS MULTIMÉDIA: INFORMAÇÃO ESPECÍFICA

ICONOGRAFIAS



LX_BL_PCC_07_1_0301

GENÉRICA



LX_BL_PCC_07_1_0301



LX_BL_PCC_07_2_0101



LX_BL_PCC_07_2_0102



LX_BL_PCC_07_2_0401



LX_BL_PCC_07_3_0101

ICONOGRAFIAS

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_07_3_0101

GENÉRICA



LX_BL_PCC_07_3_0102



LX_BL_PCC_07_4_0301



LX_BL_PCC_07_4_0601



LX_BL_PCC_07_4_0901

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3510

Nº imóvel

LX_BL_PCC_08

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 8

Depende de

2142

Descrição

Espaço com paredes revestidas por azulejos de padrão pombalino dispostos em silhar. Em 1916-1919 foi encerrado o vão de ligação à sala 02, e os azulejos foram intervençionados em 1921.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1827-00-00	1836-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques e abertura de vão de porta de acesso à sala LX_B_PCC_02 (ANTT, Casa Real, Plantas, Almojarifado de Belém, n.o 129 , PT-TT- CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).		
1916-00-00	1919-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Encerramento do vão de porta da parede 1, que estabelecia a ligação com a sala LX_B_PCC_02 (SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907530-2).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 0490737)		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11,TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 8 - Clima - Solos - Minerais	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa”, Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira 2021-07-28 (2019-2021)

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_08_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 8, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_08\LX_BL_PCC_08_1_0101.jpg Imagem [ID: 34688]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_08_1_0101

2023-10-30

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo : Integrado

ID

4260

Designação

Revestimento cerâmico da sala 8

Nº inventário

LX_BL_PCC_0801

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00012), policromos, aplicados em silhar de oito azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00064, com canto C-18-00064-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, em data incerta, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos, idênticos aos da sala 03. Neste espaço existia uma porta de acesso à sala 02, encerrada entre 1916 e 1919, registando-se ainda uma intervenção de restauro nos azulejos em 1944.

Imóvel

3510

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Verde	Pintura
Amarelo	Pintura
Roxo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
1770-00-00	1820-00-00		Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Revestimento - Manufatura

1916-00-00 1919-00-00 Edifício - construção [alteração]

Justificação: Documentado - Encerramento do vão de porta da parede 1, que estabelecia a ligação com a sala LX_B_PCC_02 (SIPA - JMAT (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907530-2).

1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento [intervenção]
------------	------------	----------------	--	----------------------------

Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas. [Revestimento com azulejo no espaço onde se encontrava o vão de porta]. (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

1944-03-20 1944-08-00

Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos do rodapé (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH- 005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 0490737)

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3 e 4	P-18-00012
Parede 1, 2, 3 e 4	C-18-00064
Parede 1, 2, 3 e 4	C-18-00064-ct01

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_08_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 8, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_08\LX_BL_PCC_08_1_0101.jpg Imagem [ID: 34688]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_08_1_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 8, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_08\LX_BL_PCC_08_1_0102.jpg Imagem [ID: 34689]	

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo - Padrões	C-18-00064 1x1/1 Pombalino Cercadura em tons de azul e branco, com bordos azuis, simulando incidência de luz que sugere volumetria. Desenvolve duas faixas contínuas delimitada por filetes azuis. Uma é constituída por óvulos abertos e interrompidos, intercalados por conta. A outra faixa é formada por manchas azuis. [ID: 1975]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-18-00064
Catálogo - Padrões	C-18-00064-ct01 1x1/1 Pombalino O canto resulta da adaptação dos óvulos abertos a um eixo diagonal. [ID: 1976]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-18-00064-ct01
Catálogo - Padrões	P-18-00012 Pombalino 2x2/2 [ID: 497]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 P-18-00012
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 8 Sala 8; LX_BL_PCC_08 Azulejo LX_BL_PCC_0801 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00012), policromos, aplicados em silhar de oito azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00064, com canto C-18-00064-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, em data incerta, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos, idênticos aos da sala 03. Neste espaço existia uma porta de acesso à sala 02, encerrada entre 1916 e 1919, registando-se ainda uma intervenção de restauro nos azulejos em 1944. [ID: 4260]	
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 8 Sala 8; LX_BL_PCC_08 Azulejo LX_BL_PCC_0801 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00012), policromos, aplicados em silhar de oito azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00064, com canto C-18-00064-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, em data incerta, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos, idênticos aos da sala 03. Neste espaço existia uma porta de acesso à sala 02, encerrada entre 1916 e 1919, registando-se ainda uma intervenção de restauro nos azulejos em 1944. [ID: 4260]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_08_1_0101



LX_BL_PCC_08_1_0102

Catálogo : Imóveis

ID

3511

Nº imóvel

LX_BL_PCC_09

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 9

Depende de

2142

Descrição

Espaço com paredes revestidas por azulejos de padrão do século XVII dispostos em silhar.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1944-03-20	1944-07-31	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento de azulejos de cercadura (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25934).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 9 - Borracha - Resinas -Ceras	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
---------------	----------------	-----------------	----------------------

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_09_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 9, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_09\LX_BL_PCC_09_3_0101.jpg Imagem [ID: 34692]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 9 Sala 9; LX_BL_PCC_09 Azulejo LX_BL_PCC_0901 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01080), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00174, com canto C-17-00174-ct01). O vão da janela da parede 3 foi revestido com um dos azulejos da barra B-17-00059a, ou seja, apenas foi usado um azulejo em forma de barra, que não corresponde ao desenho original da mesma. Não há certezas sobre a aplicação destes azulejos. [ID: 4512]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_09_3_0101

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4512

Designação

Revestimento cerâmico da sala 9

Nº inventário

LX_BL_PCC_0901

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01080), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00174, com canto C-17-00174-ct01). O vão da janela da parede 3 foi revestido com um dos azulejos da barra B-17-00059a, ou seja, apenas foi usado um azulejo em forma de barra, que não corresponde ao desenho original da mesma. Não há certezas sobre a aplicação destes azulejos.



Imóvel

3511

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
1680-00-00	1710-00-00		Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria de padrão	Revestimento
Justificação: Atribuído - [1997] (1971) SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 58				
1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).				
1944-03-20	1944-07-31			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento de azulejos de cercadura (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25934).				

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3 e 4	P-17-01080
Parede 1, 2, 3 e 4	C-17-00174
Parede 1, 2, 3 e 4	C-17-00174-ct01
Parede 3, secção 2 e 3 (vão de janela)	B-17-00059a

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_09_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 9, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_09\LX_BL_PCC_09_1_0101.jpg Imagem [ID: 34690]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_09_1_0202 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 9, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_09\LX_BL_PCC_09_1_0202.jpg Imagem [ID: 34691]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_09_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 9, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_09\LX_BL_PCC_09_3_0101.jpg Imagem [ID: 34692]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_09_4_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 9, parede 4, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_09\LX_BL_PCC_09_4_0101.jpg Imagem [ID: 34693]		
Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Catálogo - Padrões	B-17-00059a 2x2/2 Barra em tons de azul e branco, assimétrica, com bordos azuis e brancos. Um dos azulejos desenvolve continuamente encadeado separado por conta e o outro alterna óvulos com folhagem. Ao centro, ambos os azulejos forma composição floral de oito elementos dispostos em torno de núcleo circular. [ID: 1979]		Padrões - Parede 3, secção 2 e 3 (vão de janela) B-17-00059a
Catálogo - Padrões	C-17-00174 1x2/1 [ID: 1956]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-17-00174
Catálogo - Padrões	C-17-00174-ct01 [ID: 1957]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-17-00174-ct01
Catálogo - Padrões	P-17-01080 2x2/1 [ID: 1948]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 P-17-01080
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 9 Sala 9; LX_BL_PCC_09 Azulejo LX_BL_PCC_0901 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01080), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00174, com canto C-17-00174-ct01). O vão da janela da parede 3 foi revestido com um dos azulejos da barra B-17-00059a, ou seja, apenas foi usado um azulejo em forma de barra, que não corresponde ao desenho original da mesma. Não há certezas sobre a aplicação destes azulejos. [ID: 4512]		

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 9 Sala 9; LX_BL_PCC_09 Azulejo LX_BL_PCC_0901 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01080), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00174, com canto C-17-00174-ct01). O vão da janela da parede 3 foi revestido com um dos azulejos da barra B-17-00059a, ou seja, apenas foi usado um azulejo em forma de barra, que não corresponde ao desenho original da mesma. Não há certezas sobre a aplicação destes azulejos. [ID: 4512]	
Catálogo - Todos Imóveis	Sala 9 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_09 tpM[RF] Espaço com paredes revestidas por azulejos de padrão do século XVII dispostos em silhar. [ID: 3511]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_09_1_0101



LX_BL_PCC_09_1_0202



LX_BL_PCC_09_3_0101



LX_BL_PCC_09_4_0101

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3512

Nº imóvel

LX_BL_PCC_10

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 10

Depende de

2142

Descrição

Espaço de planta rectangular, com pavimento de soalho, tecto de estuque moldurado e pintado, e paredes revestidas por azulejo de padrão em tons de azul e branco, atribuível à viragem para o século XVIII.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1827-00-00	1836-00-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Derrube de tabiques (ANTT, Casa Real, Plantas, Almoarifado de Belém, n.o 129 , PT-TT-CR-007-003-00129_m0002.TIF; BDE, Cota 455-1-5-9).		
1923-11-20	1923-11-20	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Levantamento da parte inferior da cercadura da parede 2 para colocação de "cinco linhas" de ferro, provenientes da sala LX_B_PCC_11 (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).		
1944-03-20	1944-07-31	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento de azulejos na cercadura, junto ao pavimento (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25934).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 10 - Madeiras	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5
Função	Salão estreito voltado para o jardim	SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, p. 109a

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20

Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_10_1_0202 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 10, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_10\LX_BL_PCC_10_1_0202.jpg Imagem [ID: 34695]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 10 Sala 10; LX_BL_PCC_10 Azulejo LX_BL_PCC_1001 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01078), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00175, com canto C-17-00175-ct01). Este padrão é um dos poucos que tem associada uma cercadura específica, ambos partilhando o mesmo motivo de “búzios”, que funciona como designação informal. As dimensões das secções variam em função das áreas definidas pelas aberturas dos vãos. A sala foi objecto de intervenções na década de 1920 que danificaram os azulejos, sobretudo ao nível da parede 2. [ID: 4513]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_10_1_0202

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4513

Designação

Revestimento cerâmico da sala 10

Nº inventário

LX_BL_PCC_1001

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01078), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00175, com canto C-17-00175-ct01). Este padrão é um dos poucos que tem associada uma cercadura específica, ambos partilhando o mesmo motivo de "búzios", que funciona como designação informal. As dimensões das secções variam em função das áreas definidas pelas aberturas dos vãos. A sala foi objecto de intervenções na década de 1920 que danificaram os azulejos, sobretudo ao nível da parede 2.

Imóvel

3512

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
1680-00-00	1710-00-00		Cerâmica\Século XVII\Primeira metade\Azulejaria de padrão	Revestimento
Justificação: Atribuído - [1997 (1971)] SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 58				
1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas, mas que neste caso deve corresponder ao revestimento dos vão de janela (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).				
1923-11-20	1923-11-20			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Levantamento da parte inferior da cercadura da parede 2 para colocação de "cinco linhas" de ferro, provenientes da sala LX_B_PCC_11 (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).				
1924-05-09	1924-05-09			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Colocação de azulejos em falta no revestimento azulejar da parede 2 (SIPA - (JMAT), "MAC - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907634 a 7).				
1944-03-20	1944-07-31			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento de azulejos na cercadura, junto ao pavimento (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25934).				
1983-11-21	1983-12-31			Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Provável restauro do revestimento azulejar da parede 2 (SIPA - (JMAU) - Obras de reparação (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-0931/03, TXT. 03051549 a 68).				

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3 e 4	P-17-01078
Parede 1, 2, 3 e 4	C-17-00175
Parede 1, 2, 3 e 4	C-17-00175-ct01

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_10_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 10, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_10\LX_BL_PCC_10_1_0101.jpg Imagem [ID: 34694]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_10_1_0202 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 10, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_10\LX_BL_PCC_10_1_0202.jpg Imagem [ID: 34695]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_10_1_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 10, parede 1, secção 3 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_10\LX_BL_PCC_10_1_0301.jpg Imagem [ID: 34696]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_10_3_1401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 10, parede 3, secção 14 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_10\LX_BL_PCC_10_3_1401.jpg Imagem [ID: 34697]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_10_3_1402 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 10, parede 3, secção 14 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_10\LX_BL_PCC_10_3_1402.jpg Imagem [ID: 34698]		
Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Catálogo - Padrões	C-17-00175 1x2/1 [ID: 1958]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-17-00175
Catálogo - Padrões	C-17-00175-ct01 [ID: 1959]		Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-17-00175-ct01

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo - Padrões	P-17-01078 2x2/1 [ID: 1947]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 P-17-01078
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 10 Sala 10; LX_BL_PCC_10 Azulejo LX_BL_PCC_1001 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01078), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00175, com canto C-17-00175-ct01). Este padrão é um dos poucos que tem associada uma cercadura específica, ambos partilhando o mesmo motivo de "búzios", que funciona como designação informal. As dimensões das secções variam em função das áreas definidas pelas aberturas dos vãos. A sala foi objecto de intervenções na década de 1920 que danificaram os azulejos, sobretudo ao nível da parede 2. [ID: 4513]	
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 10 Sala 10; LX_BL_PCC_10 Azulejo LX_BL_PCC_1001 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão do século XVII (P-17-01078), em tons de azul e branco, aplicados em silhar de dez azulejos de altura, incluindo a cercadura (C-17-00175, com canto C-17-00175-ct01). Este padrão é um dos poucos que tem associada uma cercadura específica, ambos partilhando o mesmo motivo de "búzios", que funciona como designação informal. As dimensões das secções variam em função das áreas definidas pelas aberturas dos vãos. A sala foi objecto de intervenções na década de 1920 que danificaram os azulejos, sobretudo ao nível da parede 2. [ID: 4513]	
Catálogo - Todos Imóveis	Sala 10 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_10 tpM[RF] Espaço de planta rectangular, com pavimento de soalho, tecto de estuque moldurado e pintado, e paredes revestidas por azulejo de padrão em tons de azul e branco, atribuível à viragem para o século XVIII. [ID: 3512]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_10_1_0101



LX_BL_PCC_10_1_0202



LX_BL_PCC_10_1_0301



LX_BL_PCC_10_3_1401



LX_BL_PCC_10_3_1402

Catálogo : Imóveis

ID

3513

Nº imóvel

LX_BL_PCC_11

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 11

Depende de

2142

Descrição

A sala 11, de maiores dimensões, corresponde a toda a fachada lateral nascente, abrindo-se ainda tanto para a fachada sul, como para a norte. É dominada por um revestimento cerâmico em tons de azul e branco, com roxo manganés, aplicado em silhar, e representando cenas de caça.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1923-11-20	1923-11-20	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Levantamento da parte inferior da barra, e de partes da composição nas paredes 2 e 4 para colocação de "cinco linhas" de ferro (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).		
1936-04-01	1936-12-20	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado- Colocação de "ferrôlho" ao longo de toda a fachada norte (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/23, TXT.04909190; DES063211, Peça nº 624436, TXT. 04909184).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento das barras de azulejo junto ao pavimento (SIPA - (MAC) - "Conservação, reparação e melhoramentos" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala da Índia	ARAÚJO - Inventário de Lisboa, p. 23
Função	Sala 11- Café - Cacau Chá - Açúcar	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5
Função	Salão Nobre nascente	SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, p. 109a
Função	Sala de jantar	ATAÍDE - Monumentos e Edifícios (...), p. 164
Comum	Sala da caça	BORGES - Cores na Cidade (...), p. 19

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, perspetiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_00_01.jpg Imagem [ID: 34751]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Augusto Moutinho Borges - Cores na Cidade - Azulejaria de Santa Maria de Belém. Lisboa: Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém / By the Book, 2012.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	Inventário de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa: [s.n], 1944-1956.	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. 2ª. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
Referências - Monografia	M. Maia Ataíde; António Manuel Gonçalves - Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1988.	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 11 Sala 11; LX_BL_PCC_11 Azulejo LX_BL_PCC_1101 Azulejo Revestimento de azulejos, disposto em silhar de doze azulejos de altura, incluindo as barras com representações de animais em paisagens com árvores. Nas barras verticais observa-se uma árvore que se projeta a partir do canto inferior, exibindo aves nos seus ramos. As diferentes secções, cujas dimensões variam em função da arquitectura, representam cenas de caça. Os tons de azul e branco misturam-se com o manganés, que define os contornos e, em tons mais arroxeados, modela os volumes das figuras e dos animais, o que permite situar cronologicamente o conjunto entre os anos de 1670 e 1680. Em muitas das composições é bem visível um desenho prévio, não continuado. Ou seja, a pintura parece ter sido corrigida em relação a um desenho anterior, mostrando não apenas alguma liberdade de ação nesta correção, como também alguma falta de rigor na passagem do desenho, através de uma boneca de carvão, e a conseqüente pintura. São bem visíveis sinais de correções ou reformulações nas cabeças e nos membros dos cavalos, muitas vezes apagadas/borradas com o próprio dedo do pintor, num trabalho de tentativa-erro que traduz as dificuldades ou fragilidades sentidas pelo pintor, a nível proporcional e figurativo, no momento da transposição da gravura para a peça cerâmica. Para além destas questões, importa ainda chamar a atenção para a existência de pingos, o que, por comparação com a sala 07, pode caracterizar um elemento individualizador das práticas de uma mesma oficina. No que diz respeito às fontes de inspiração, João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) já tinha chamado a atenção para a influência do Libro de la Montaria, de Contador de Argote, ou das estampas xilografadas das Venationes ferarum avium, piscium... de Stradanus e gravada por diversos artistas. Apesar do estado		

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

de conservação do conjunto, é possível perceber múltiplas alterações introduzidas ao longo dos anos, motivadas por intervenções estruturais no edifício. Por exemplo, na parede 4, há uma área totalmente refeita que corresponde à abertura e posterior encerramento de um vão de porta, que ligava este espaço à sala 12. | [ID: 4514]

Entidades - Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira| Rodrigo José Ramos de Oliveira
Todas Ferreira| Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo
Entidades do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)| [ID: 1397]

Inventariantes -
2021-07-28|
Inventariação in
situ, investigação e
preenchimento da
ficha no âmbito do
Trabalho de
Projecto de
Mestrado “Os
revestimentos em
azulejo do Palácio
da Calheta, em
Lisboa”
(2019-2021)|
Rodrigo José
Ramos de Oliveira
Ferreira|

Entidades - Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Todas
Entidades

Inventariantes -
2014-05-20|
Inserção da ficha|
Rosário Salema de
Carvalho|

Entidades - Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Todas
Entidades

Inventariantes -
2021-07-28|
Coordenação|
Rosário Salema de
Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_11_00_01

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4514

Designação

Revestimento cerâmico da sala 11

Nº inventário

LX_BL_PCC_1101

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos, disposto em silhar de doze azulejos de altura, incluindo as barras com representações de animais em paisagens com árvores. Nas barras verticais observa-se uma árvore que se projeta a partir do canto inferior, exibindo aves nos seus ramos. As diferentes secções, cujas dimensões variam em função da arquitectura, representam cenas de caça. Os tons de azul e branco misturam-se com o manganés, que define os contornos e, em tons mais arroxeados, modela os volumes das figuras e dos animais, o que permite situar cronologicamente o conjunto entre os anos de 1670 e 1680.



Em muitas das composições é bem visível um desenho prévio, não continuado. Ou seja, a pintura parece ter sido corrigida em relação a um desenho anterior, mostrando não apenas alguma liberdade de ação nesta correção, como também alguma falta de rigor na passagem do desenho, através de uma boneca de carvão, e a conseqüente pintura. São bem visíveis sinais de correções ou reformulações nas cabeças e nos membros dos cavalos, muitas vezes apagadas/borradas com o próprio dedo do pintor, num trabalho de tentativa-erro que traduz as dificuldades ou fragilidades sentidas pelo pintor, a nível proporcional e figurativo, no momento da transposição da gravura para a peça cerâmica. Para além destas questões, importa ainda chamar a atenção para a existência de pingos, o que, por comparação com a sala 07, pode caracterizar um elemento individualizador das práticas de uma mesma oficina.

No que diz respeito às fontes de inspiração, João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) já tinha chamado a atenção para a influência do *Libro de la Montaria*, de Contador de Argote, ou das estampas xilografadas das *Venationes ferarum avium, piscium...* de Stradanus e gravada por diversos artistas.

Apesar do estado de conservação do conjunto, é possível perceber múltiplas alterações introduzidas ao longo dos anos, motivadas por intervenções estruturais no edifício. Por exemplo, na parede 4, há uma área totalmente refeita que corresponde à abertura e posterior encerramento de um vão de porta, que ligava este espaço à sala 12.

Imóvel

3513

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\figurativo

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1670-00-00	1680-00-00	Cerâmica\Século XVIIISegunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	Revestimento
Justificação: Atribuído - [2023] Ferreira - Os Revestimentos em Azulejo (...), p. 55.			
1675-00-00	1695-00-00	Cerâmica\Século XVIIISegunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	Revestimento
Justificação: Atribuído - [2010] SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVIII, p. 332			
1923-11-20	1923-11-20		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Levantamento da parte inferior da barra, e de partes da composição nas paredes 2 e 4 para colocação de "cinco linhas" de ferro (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).			
1924-05-09	1924-05-09		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Colocação de azulejos em falta nas paredes 2 e 4 (SIPA - (JMAT), "MAC - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907634 a 7).			
1944-03-20	1944-08-00		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento das barras de azulejo junto ao pavimento (SIPA - (MAC) - "Conservação, reparação e melhoramentos" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).			
1983-11-21	1983-12-31		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Restauro do revestimento azulejar, possivelmente da parede 4 (SIPA - (JMAU) - "Obras de reparação" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-0931/03, TXT. 03051549 a 68).			

ICONOGRAFIAS

Descrição	Localização
	Programa
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição	
	Parede 4, secção 3; parede 1, secção 1
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\46 - vida económica e social, transporte e comunicação\46A - vida comunitária\46A1 - estratificação social, grupos sociais\46A12 - nobreza, fidalguia	
	Parede 1, secção 2
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11123 - caça - animais predadores (raposa, leão)\43C111232 - caça ao leão	
	Parede 1, secção 3; parede 2, secção 1
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\46 - vida económica e social, transporte e comunicação\46A - vida comunitária\46A1 - estratificação social, grupos sociais\46A12 - nobreza, fidalguia	
Caça ao urso	Parede 2, secção 2
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos	
	Parede 2, secção 3
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11126 - caça - roedores\43C111261 - caça à lebre, caça ao coelho	
Caça à avestruz	Parede 2, secção 4
Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1113 - caça às aves	
	Parede 2, secção 5; parede 3, secção 1

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\46 - vida económica e social, transporte e comunicação\46A - vida comunitária\46A1 - estratificação social, grupos sociais\46A12 - nobreza, fidalguia

Parede 3, secção 2

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11124 - caça - animais com patas\43C111241 - caça ao veado

Parede 3, secção 3; parede 4, secção 1

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\46 - vida económica e social, transporte e comunicação\46A - vida comunitária\46A1 - estratificação social, grupos sociais\46A12 - nobreza, fidalguia

Caça ao touro

Parede 4, secção 2

Tipo iconog.: 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28
Actualização da iconografia [programa] - trabalho realizado no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica" (2019-2021)	Mariana Filipa Americano da Silva	2021-09-17

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, perspectiva geral [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_00_01.jpg Imagem [ID: 34751]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 1, secção 1 [fotografia: Emigus / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_1_0101.jpg Imagem [ID: 34752]		

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_1_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 1, secção 2 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_1_0201.jpg Imagem [ID: 34753]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_1_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 1, secção 2 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_1_0201.jpg Imagem [ID: 34753]		Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11123 - caça - animais predadores (raposa, leão)\43C111232 - caça ao leão Parede 1, secção 2
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_1_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 1, secção 3 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_1_0301.jpg Imagem [ID: 34754]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_2_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 2, secção 2 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_2_0201.jpg Imagem [ID: 34755]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_2_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 2, secção 3 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_2_0301.jpg Imagem [ID: 34756]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_2_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 2, secção 4 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_2_0401.jpg Imagem [ID: 34757]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_2_0401 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 2, secção 4 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_2_0401.jpg Imagem [ID: 34757]		Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1113 - caça às aves Caça à avestruz Parede 2, secção 4
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_2_0501 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 2, secção 5 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_2_0501.jpg Imagem [ID: 34758]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_3_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 3, secção 2 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_3_0201.jpg Imagem [ID: 34759]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_3_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 3, secção 2 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_3_0201.jpg Imagem [ID: 34759]		Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos,

jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11124 - caça - animais com patas\43C111241 - caça ao veado| Parede 3, secção 2|

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_3_0301 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 3, secção 3 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_3_0301.jpg Imagem [ID: 34760]		
------------------------	--	--	--

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_11_4_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 11, parede 4, secção 2 [fotografia: Emigus /Az Infinitum, 2023]] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_11\LX_BL_PCC_11_4_0201.jpg Imagem [ID: 34761]		
------------------------	--	--	--

Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Caça à avestruz / Ostrich Hunt [Venationes Ferarum, Avium, Piscium], estampa 62 c. 1578 © The Trustees of the British Museum [https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1957-0413-106] Gv0110 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1234]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1113 - caça às aves Caça à avestruz Parede 2, secção 4
--------------------------------	--	---------	--

Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Caça ao leão / Lion Hunt on Horseback [Venationes Ferarum, Avium, Piscium], estampa 17 c. 1578 © The Trustees of the British Museum [https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1957-0413-236] Gv0111 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1235]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11123 - caça - animais predadores (raposa, leão)\43C111232 - caça ao leão Parede 1, secção 2
--------------------------------	---	---------	--

Referências - Material Gráfico	Material Gráfico Caça ao veado / Deer Chase [Venationes Ferarum, Avium, Piscium], estampa 34 c. 1578 © The Trustees of the British Museum [https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1957-0413-235] Gv0109 Materiais gráficos\Gravura [ID: 1233]	Gravura	Iconografias - 4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11124 - caça - animais com patas\43C111241 - caça ao veado Parede 3, secção 2
--------------------------------	--	---------	---

Referências - Monografia 2ª.	João Miguel dos Santos Simões - Azulejaria em Portugal no século XVII. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 [1971].	Referência bibliográfica	
------------------------------	---	--------------------------	--

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogoação - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 11 Sala 11; LX_BL_PCC_11 Azulejo LX_BL_PCC_1101 Azulejo Revestimento de azulejos, disposto em silhar de doze azulejos de altura, incluindo as barras com representações de animais em paisagens com árvores. Nas barras verticais observa-se uma árvore que se projeta a partir do canto inferior, exibindo aves nos seus ramos. As diferentes secções, cujas dimensões variam em função da arquitectura, representam cenas de caça. Os tons de azul e branco misturam-se com o manganés, que define os contornos e, em tons mais arroxeados, modela os volumes das figuras e dos animais, o que permite situar cronologicamente o conjunto entre os anos de 1670 e 1680. Em muitas das composições é bem visível um desenho prévio, não continuado. Ou seja, a pintura parece ter sido corrigida em relação a um desenho anterior, mostrando não apenas alguma liberdade de ação nesta correção, como também alguma falta de rigor na passagem do desenho, através de uma boneca de carvão, e a conseqüente pintura. São bem visíveis sinais de correções ou reformulações nas cabeças e nos membros dos cavalos, muitas vezes apagadas/borradas com o próprio dedo do pintor, num trabalho de tentativa-erro que traduz as dificuldades ou fragilidades sentidas pelo pintor, a nível proporcional e figurativo, no momento da transposição da gravura para a peça cerâmica. Para além destas questões, importa ainda chamar a atenção para a existência de pingos, o que, por comparação com a sala 07, pode caracterizar um elemento individualizador das práticas de uma mesma oficina. No que diz respeito às fontes de inspiração, João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) já tinha chamado a atenção para a influência do Libro de la Montaria, de Contador de Argote, ou das estampas xilografadas das Venationes ferarum avium, piscium... de Stradanus e gravada por diversos artistas. Apesar do estado de conservação do conjunto, é possível perceber múltiplas alterações introduzidas ao longo dos anos, motivadas por intervenções estruturais no edifício. Por exemplo, na parede 4, há uma área totalmente refeita que corresponde à abertura e posterior encerramento de um vão de porta, que ligava este espaço à sala 12. [ID: 4514]		
------------------------------------	---	--	--

Catálogoação - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da sala 11 Sala 11; LX_BL_PCC_11 Azulejo LX_BL_PCC_1101 Azulejo Revestimento de azulejos, disposto em silhar de doze azulejos de altura, incluindo as barras com representações de animais em paisagens com árvores. Nas barras verticais observa-se uma árvore que se projeta a partir do canto inferior, exibindo aves nos seus ramos. As diferentes secções, cujas dimensões variam em função da arquitectura, representam cenas de caça. Os tons de azul e branco misturam-se com o manganés, que define os contornos e, em tons mais arroxeados, modela os volumes das figuras e dos animais, o que permite situar cronologicamente o conjunto entre os anos de 1670 e 1680. Em muitas das composições é bem visível um desenho prévio, não continuado. Ou seja, a pintura parece ter sido corrigida em relação a um desenho anterior, mostrando não apenas alguma liberdade de ação nesta correção, como também alguma falta de rigor na passagem do desenho, através de uma boneca de carvão, e a conseqüente pintura. São bem visíveis sinais de correções ou reformulações nas cabeças e nos membros dos cavalos, muitas vezes apagadas/borradas com o próprio dedo do pintor, num trabalho de tentativa-erro que traduz as dificuldades ou fragilidades sentidas pelo pintor, a nível proporcional e figurativo, no momento da transposição da gravura para a peça cerâmica. Para além destas questões, importa ainda chamar a atenção para a existência de pingos, o que, por comparação com a sala 07, pode caracterizar um elemento individualizador das práticas de uma mesma oficina. No que diz respeito às fontes de inspiração, João Miguel dos Santos Simões (1971, 108-110) já tinha chamado a atenção para a influência do Libro de la Montaria, de Contador de Argote, ou das estampas xilografadas das Venationes ferarum avium, piscium... de Stradanus e gravada por diversos artistas. Apesar do estado de conservação do conjunto, é possível perceber múltiplas alterações introduzidas ao longo dos anos, motivadas por intervenções estruturais no edifício. Por exemplo, na parede 4, há uma área totalmente refeita que corresponde à abertura e posterior encerramento de um vão de porta, que ligava este espaço à sala 12. [ID: 4514]		
------------------------------------	---	--	--

Catálogoação - Todos Imóveis	Sala 11 Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC LX_BL_PCC_11 tpM[RF] A sala 11, de maiores dimensões, corresponde a toda a fachada lateral nascente, abrindo-se ainda tanto para a fachada sul, como para a norte. É dominada por um revestimento cerâmico em tons de azul e branco, com roxo manganés, aplicado em silhar, e representando cenas de caça. [ID: 3513]		
------------------------------------	--	--	--

Entidades - Mariana Filipa Americano da Silva| Mariana Filipa Americano da Silva|
Todas Mestranda no Trabalho de Projecto “A azulejaria portuguesa do século
Entidades XVIII: uma abordagem iconográfica” (2019-2021)| [ID: 1380]

Inventariantes -
2021-09-17| Actualização
da iconografia [programa] -
trabalho realizado no
âmbito do Trabalho de
Projecto de Mestrado “A
azulejaria portuguesa do
século XVIII: uma
abordagem iconográfica”
(2019-2021)| Mariana Filipa
Americano da Silva|

Entidades - Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira| Rodrigo José Ramos de Oliveira
Todas Ferreira| Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo
Entidades do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)| [ID: 1397]

Inventariantes -
2021-07-28| Inventariação
in situ, investigação e
preenchimento da ficha no
âmbito do Trabalho de
Projecto de Mestrado “Os
revestimentos em azulejo
do Palácio da Calheta, em
Lisboa” (2019-2021)|
Rodrigo José Ramos de
Oliveira Ferreira|

Entidades - Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40]
Todas
Entidades

Inventariantes -
2021-07-28| Coordenação|
Rosário Salema de
Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_11_00_01



LX_BL_PCC_11_1_0101



LX_BL_PCC_11_1_0201

FICHEIROS MULTIMÉDIA: INFORMAÇÃO ESPECÍFICA

ICONOGRAFIAS



AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

LX_BL_PCC_11_1_0201

GENÉRICA



LX_BL_PCC_11_2_0201



LX_BL_PCC_11_2_0301



LX_BL_PCC_11_2_0401

LX_BL_PCC_11_1_0301

ICONOGRAFIAS



LX_BL_PCC_11_2_0401

GENÉRICA



LX_BL_PCC_11_2_0501

ICONOGRAFIAS

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo



LX_BL_PCC_11_3_0201

GENÉRICA



LX_BL_PCC_11_3_0201



LX_BL_PCC_11_3_0301



LX_BL_PCC_11_4_0201

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3514

Nº imóvel

LX_BL_PCC_12

Projeto

tpM[RF]

Designação

Sala 12

Depende de

2142



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1923-11-20	1923-11-20	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Levantamento da parte inferior do rodapé da parede 4 para colocação de "cinco linhas" de ferro, proveniente da sala LX_B_PCC_11 (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).		
1932-12-27	1932-12-27	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Colocação de uma salamandra. O forte calor emanado provocou a deterioração do revestimento azulejar (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB/POR/057264; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900/17).		
1936-04-01	1936-12-20	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Alteração na estrutura do pavimento (substituição das vigas de madeira por vigas de ferro) para evitar trepidações (SIPA - (JMAT), "Obras no (MAC)", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/23, TXT.04909176 a 04909273; DES063211, Peça nº 624436, TXT. 04909184 [o espaço reparado na peça não corresponde à sala em causa. Supostamente, representa o piso inferior]; (...) PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/24, TXT.04909274 a 04909359; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25894/6).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos de rodapé (SIPA - (MAC) - "Conservação, reparação e melhoramentos" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

DESIGNAÇÕES

Tipo designa.	Designação	Justificação
Função	Sala 12 - Fibras vegetais e animais	Ministério do Ultramar, 1961, p. 5

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20

Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_12_1_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 12, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_12\LX_BL_PCC_12_1_0201.jpg Imagem [ID: 34700]		
Referências - Monografia	[ID: 1236]	Referência bibliográfica	
Catálogo - Integrado	Revestimento cerâmico da sala 12 Sala 12; LX_BL_PCC_12 Azulejo LX_BL_PCC_1201 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00087), policromos, aplicados em silhar de seis azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00056, com canto C-18-00056-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. A inexistência de sinais de restauro na parede 2, onde se procedeu à abertura do vão de porta na terceira campanha construtiva, permite concluir que o revestimento azulejar que hoje aí se observa foi colocado entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910). Nesta sala existia ainda uma porta de acesso à sala 11, havendo registos de aplicação de azulejos na parede 4 em 1924. Por outro lado, em 1936 a sala recebeu vigas aplicadas em forma de cruz, o que obrigou à intervenção nas quatro paredes do espaço. Posteriormente foi necessário restaurar os silhares deste espaço e que já tinham sido alvo de intervenção, nomeadamente na parede 4, por ocasião das "linhas de ferro" provindas da sala LX_BL_PCC_11. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 4, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4515]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]		Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

GENÉRICA



LX_BL_PCC_12_1_0201

2023-10-30

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo : Integrado

ID

4515

Designação

Revestimento cerâmico da sala 12

Nº inventário

LX_BL_PCC_1201

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00087), policromos, aplicados em silhar de seis azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00056, com canto C-18-00056-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. A inexistência de sinais de restauro na parede 2, onde se procedeu à abertura do vão de porta na terceira campanha construtiva, permite concluir que o revestimento azulejar que hoje aí se observa foi colocado entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910). Nesta sala existia ainda uma porta de acesso à sala 11, havendo registos de aplicação de azulejos na parede 4 em 1924. Por outro lado, em 1936 a sala recebeu vigas aplicadas em forma de cruz, o que obrigou à intervenção nas quatro paredes do espaço. Posteriormente foi necessário restaurar os silhares deste espaço e que já tinham sido alvo de intervenção, nomeadamente na parede 4, por ocasião das "linhas de ferro" providas da sala LX_BL_PCC_11. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 4, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa.

Imóvel

3514

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Roxo	Pintura
Verde	Pintura
Amarelo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1770-00-00	1820-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Revestimento

Justificação: Atribuído



AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

1923-11-20 1923-11-20 Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - Levantamento da parte inferior do rodapé da parede 4 para colocação de "cinco linhas" de ferro, proveniente da sala LX_B_PCC_11 (SIPA - (JMAT), "Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907619 a 22).

1924-05-09 1924-05-09 Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - Colocação de azulejos em falta na parede 4 (SIPA - (JMAT), "MAC - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907634 a 7).

1932-12-27 1932-12-27 Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - Colocação de uma salamandra. O forte calor emanado provocou a deterioração do revestimento azulejar da parede 4 (SIPA - (JMAT) (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/07, TXT.0490737a 04907426; PT/AMLSB/POR/057264; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25900/17).

1944-03-20 1944-08-00 Revestimento [intervenção]

Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência o levantamento dos azulejos de rodapé (SIPA - (MAC) - "Conservação, reparação e melhoramentos" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3 e 4	P-18-00087
Parede 1, 2, 3 e 4	C-18-00056
Parede 1, 2, 3 e 4	C-18-00056-ct01

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_12_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 12, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira /Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_12\LX_BL_PCC_12_1_0101.jpg Imagem [ID: 34699]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_12_1_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 12, parede 1, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_12\LX_BL_PCC_12_1_0201.jpg Imagem [ID: 34700]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_12_3_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, sala 12, parede 3, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_12\LX_BL_PCC_12_3_0201.jpg Imagem [ID: 34701]	
Catalogação - Padrões	C-18-00056 1x1/1 [ID: 1028]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-18-00056
Catalogação - Padrões	C-18-00056-ct01 [ID: 1961]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 C-18-00056-ct01
Catalogação - Padrões	P-18-00087 Pombalino 1x1/1 [ID: 858]	Padrões - Parede 1, 2, 3 e 4 P-18-00087
Catalogação - Todos Imóveis	LX_BL_PCC_12 Sala 12 [ID: 3514]	
Catalogação - Todos Imóveis	<p>Revestimento cerâmico da sala 12 Sala 12; LX_BL_PCC_12 Azulejo LX_BL_PCC_1201 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00087), policromos, aplicados em silhar de seis azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00056, com canto C-18-00056-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. A inexistência de sinais de restauro na parede 2, onde se procedeu à abertura do vão de porta na terceira campanha construtiva, permite concluir que o revestimento azulejar que hoje aí se observa foi colocado entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910). Nesta sala existia ainda uma porta de acesso à sala 11, havendo registos de aplicação de azulejos na parede 4 em 1924. Por outro lado, em 1936 a sala recebeu vigas aplicadas em forma de cruz, o que obrigou à intervenção nas quatro paredes do espaço. Posteriormente foi necessário restaurar os silhares deste espaço e que já tinham sido alvo de intervenção, nomeadamente na parede 4, por ocasião das “linhas de ferro” providas da sala LX_BL_PCC_11. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 4, depois substituídos pela pintura de fingidos azulejares que ainda hoje se observa. [ID: 4515]</p>	
Catalogação - Todos Imóveis	<p>Revestimento cerâmico da sala 12 Sala 12; LX_BL_PCC_12 Azulejo LX_BL_PCC_1201 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão pombalino (P-18-00087), policromos, aplicados em silhar de seis azulejos de atura, incluindo a cercadura (C-18-00056, com canto C-18-00056-ct01), sobre rodapé de esponjados, a azul. Trata-se de uma reaplicação, desconhecendo-se igualmente a proveniência dos azulejos. A inexistência de sinais de restauro na parede 2, onde se procedeu à abertura do vão de porta na terceira campanha construtiva, permite concluir que o revestimento azulejar que hoje aí se observa foi colocado entre a terceira e a quinta campanha construtiva (1827-1910). Nesta sala existia ainda uma porta de acesso à sala 11, havendo registos de aplicação de azulejos na parede 4 em 1924. Por outro lado, em 1936 a sala recebeu vigas aplicadas em forma de cruz, o que obrigou à intervenção nas quatro paredes do espaço. Posteriormente foi necessário restaurar os silhares deste espaço e que já tinham sido alvo de intervenção, nomeadamente na parede 4, por ocasião das “linhas de ferro” providas da sala LX_BL_PCC_11. Mais tarde, em 1932, a opção de colocar salamandras em diversas salas acabou por ditar a destruição de alguns azulejos, caso de parte da secção 1 da parede 4, depois substituídos pela pintura de fingidos</p>	

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

azulejares que ainda hoje se observa. | [ID: 4515]

Entidades - Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira | Rodrigo José Ramos de Oliveira
Todas Ferreira | Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do
Entidades Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) | [ID: 1397]

Inventariantes -
2021-07-28 |
Inventariação in situ,
investigação e
preenchimento da ficha
no âmbito do Trabalho
de Projecto de
Mestrado "Os
revestimentos em
azulejo do Palácio da
Calheta, em Lisboa"
(2019-2021) | Rodrigo
José Ramos de Oliveira
Ferreira |

Entidades - Rosário Salema de Carvalho | CARVALHO, Rosário Salema de | [ID: 40]
Todas
Entidades

Inventariantes -
2021-07-28 |
Coordenação | Rosário
Salema de Carvalho |

GENÉRICA



LX_BL_PCC_12_1_0101



LX_BL_PCC_12_1_0201



LX_BL_PCC_12_3_0201

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3515

Nº imóvel

LX_BL_PCC_13

Projeto

tpM[RF]

Designação

Corredor

Depende de

2142

Descrição

Espaço estreito, que liga a sala 12 à sala 1, abrindo-se para a escadaria. Apresenta rodapé de azulejos formado por cercaduras pombalinas.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência danificar os rodapés (SIPA - (MAC) - "Conservação, reparação e melhoramentos" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).		
1944-09-24	1945-01-31	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Alterações na parede 3 para colocação de um "corrimão de pedra com moldura." Para tal, procedeu-se ao levantamento do revestimento azulejar (SIPA - (MAC) - (...) - Trabalhos complementares (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899451 e 77, TXT.04899521 a 26; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908938; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25896).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tetos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11, TXT. 04896329 a 04896348).		

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha Dados da Ficha

Informação de origem

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_13_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, corredor 13, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_13\LX_BL_PCC_13_3_0101.jpg Imagem [ID: 34703]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_13_3_0101

2023-10-30

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo : Integrado

ID

4516

Designação

Revestimento cerâmico do corredor

Nº inventário

LX_BL_PCC_1301

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento com três fiadas de azulejos, ou seja, um rodapé de esponjados a roxo, e duas cercaduras (C-18-00049) aplicadas a formar uma barra, iguais às identificadas como restauro na parede 3 da sala LX_BL_PCC_03, revestida no mesmo período. Observam-se ainda, nas paredes 2 e 4, outras cercaduras (C-18-00053) e cantos (C-18-00053-ct01). Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, a demolição de parte da parede 3 para colocação do corrimão originou o levantamento e posterior recolocação das cercaduras que se encontravam no local.

Imóvel

3515

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Amarelo	Pintura
Roxo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Data textual	Época	Parte descrita
1770-00-00	1820-00-00		Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Revestimento
Justificação: Atribuído				
1921-00-00	1921-00-00	Meados de 1921		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - É solicitado à Direção dos Edifícios Públicos o restauro de alguns azulejos que se encontram em salas do Museu, não especificadas, mas certamente incluindo este corredor (PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)", p. 4).				
1944-03-20	1944-08-00			Revestimento [intervenção]

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Justificação: Documentado - "Substituição de pavimento de ladrilhos de mosaico por solho de pinho aparelhado à inglesa", o que teve como consequência danificar os rodapés (SIPA - (MAC) - "Conservação, reparação e melhoramentos" (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377).

1944-09-24

1945-01-31

Revestimento
[intervenção]

Justificação: Documentado - Alterações na parede 3 para colocação de um "corrimão de pedra com moldura." Para tal, procedeu-se ao levantamento do revestimento azulejar (SIPA - (MAC) - (...) - Trabalhos complementares (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899451 e 77, TXT.04899521 a 26; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908938; DSCV-002-0116, Peças nº 0452518 a 20; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25896).

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Notas	Justificação	Padrão
	Parede 2, secção 1 e 2	C-18-00053
	Parede 2, secção 1 e 2; parede 4, secção 2	C-18-00053-ct01
Aplicado como padrão / barra	Parede 1 e 3	C-18-00049

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Tipo de relação	Informação de origem
---------------	----------------	-----------------	----------------------

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_13_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, corredor 13, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_13\LX_BL_PCC_13_1_0101.jpg Imagem [ID: 34702]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_13_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, corredor 13, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_13\LX_BL_PCC_13_3_0101.jpg Imagem [ID: 34703]		
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_13_4_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, corredor 13, parede 4, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_13\LX_BL_PCC_13_4_0201.jpg Imagem [ID: 34705]		
Referências - Monografia	[ID: 1237]	Referência bibliográfica	
Catálogo - Padrões	C-18-00049 Pombalino 1x1/1 [ID: 967]		Padrões - Aplicado como padrão / barra Parede 1 e 3 C-18-00049
Catálogo - Padrões	C-18-00053 Pombalino 1x1/1 [ID: 971]		Padrões - Parede 2, secção 1 e 2 C-18-00053
Catálogo - Padrões	C-18-00053-ct01 Pombalino [ID: 1960]		Padrões - Parede 2, secção 1 e 2; parede 4, secção 2 C-18-00053-ct01
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico do corredor Corredor; LX_BL_PCC_13 Azulejo LX_BL_PCC_1301 Azulejo Revestimento com três fiadas de azulejos, ou seja, um rodapé de esponjados a roxo, e duas cercaduras (C-18-00049) aplicadas a formar uma barra, iguais às identificadas como restauro na parede 3 da sala LX_BL_PCC_03, revestida no mesmo período. Observam-se ainda, nas paredes 2 e 4, outras cercaduras (C-18-00053) e cantos (C-18-00053-ct01). Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, a demolição de parte da parede 3 para colocação do corrimão originou o levantamento e posterior recolocação das cercaduras que se encontravam no local. [ID: 4516]		
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico do corredor Corredor; LX_BL_PCC_13 Azulejo LX_BL_PCC_1301 Azulejo Revestimento com três fiadas de azulejos, ou seja, um rodapé de esponjados a roxo, e duas cercaduras (C-18-00049) aplicadas a formar uma barra, iguais às identificadas como restauro na parede 3 da sala LX_BL_PCC_03, revestida no mesmo período. Observam-se ainda, nas paredes 2 e 4, outras cercaduras (C-18-00053) e cantos (C-18-00053-ct01). Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, a demolição de parte da parede 3 para colocação do corrimão originou o levantamento e posterior recolocação das cercaduras que se encontravam no local. [ID: 4516]		
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]		Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Entidades -
Todas
Entidades

Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de|
[ID: 40]

Inventariantes - 2021-07-28|
Coordenação| Rosário
Salema de Carvalho|

GENÉRICA



LX_BL_PCC_13_1_0101



LX_BL_PCC_13_3_0101



LX_BL_PCC_13_4_0201

2023-10-30

Catálogo : Imóveis

ID

3516

Nº imóvel

LX_BL_PCC_14

Projeto

tpM[RF]

Designação

Escadaria

Depende de

2142

Descrição

A escadaria, de três lanços, apresenta revestimento de azulejos com apenas três fiadas de altura, sobre rodapé de esponjados a roxo manganês nos últimos dois. Permitindo a ligação entre o átrio do piso térreo e a sala 1 do piso superior, este espaço terá sido objecto de várias alterações, entre as quais o nivelamento dos patamares na sequência da construção do primeiro lanço.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1922-10-28	1929-10-28	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Construção do primeiro lanço de escadas (SIPA - (JMAT), "Obras no MAC - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907482 a 04907718; TXT. 04907772 a 04907981; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25933).		
1960-03-07	1960-05-25	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Reparação dos "estuques moldurados" que se encontram nos tectos (SIPA - (MAU) - Reparação de tectos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3791/11,TXT. 04896329 a 04896348).		

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_00_01 tpM[RF] Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_00_01.jpg Imagem [ID: 34683]	

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_14_00_01

2023-10-30

Catálogo : Integrado

ID

4517

Designação

Revestimento cerâmico da escadaria

Nº inventário

LX_BL_PCC_1401

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Os azulejos da escadaria organizam-se em três fiadas sobre rodapé de esponjados a roxo manganês. O padrão, de uma única fiada, é o P-18-00128, delimitado pela cercadura C-18-00053 com o canto C-18-00053-ct01, já usado em outros espaços. A aplicação deste revestimento, em todas as paredes dos segundo e terceiros lanços, terá ocorrido entre os anos de 1922 e 1927, depois de nivelados os patamares na sequência da construção do primeiro lanço de escadas.

Imóvel

3516

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão



CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura
Roxo Notas: Rodapé	Pintura
Amarelo	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1770-00-00	1820-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	Revestimento
Justificação: Atribuído			
1922-10-28	1927-00-00		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Construção do primeiro lanço de escadas e colocação do revestimento azulejar ("Obras no (M.A.C) - Conclusão do corpo lado sul" SIPA - J.M.A.T (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01,TXT. 04907482 a 04907718; TXT. 04907772 a 04907981; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25933).			
1927-00-00	1929-05-22		Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Aplicação de revestimento azulejar (UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25933).			

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
------------------	----------------	------

Interior	Sim	2021-07-28
----------	-----	------------

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 2, 3, 4 e 5	C-18-00053
Parede 1, 2, 3, 4 e 5	C-18-00053-ct01
Parede 1, 2, 3, 4 e 5	P-18-00128

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_00_02 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_00_02.jpg Imagem [ID: 34706]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_1_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14, parede 1, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_1_0101.jpg Imagem [ID: 34771]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_2_0103 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14, parede 2, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_2_0103.jpg Imagem [ID: 34772]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_3_0101 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14, parede 3, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_3_0101.jpg Imagem [ID: 34773]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_4_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14, parede 4, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_4_0102.jpg Imagem [ID: 34774]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_14_5_0102 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, escadaria 14, parede 5, secção 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_14\LX_BL_PCC_14_5_0102.jpg Imagem [ID: 34775]	
Catálogo - Padrões	C-18-00053 Pombalino 1x1/1 [ID: 971]	Padrões - Parede 1, 2, 3, 4 e 5 C-18-00053
Catálogo - Padrões	C-18-00053-ct01 Pombalino [ID: 1960]	Padrões - Parede 1, 2, 3, 4 e 5 C-18-00053-ct01
Catálogo - Padrões	P-18-00128 1x1/1 Pombalino Padrão policromo, simulando incidência de luz. Desenvolve rede de hastes diagonais a amarelo sombreadas a castanho, alternadamente sobrepostas por conta com pinta, nas quais se entrelaçam caules com folhas. Em repetição o padrão permite a observação de ritmos diagonais. [ID: 1974]	Padrões - Parede 1, 2, 3, 4 e 5 P-18-00128
Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da escadaria Sala 14; LX_BL_PCC_14 Azulejo LX_BL_PCC_1401 Azulejo Os azulejos da escadaria organizam-se em três fiadas sobre rodapé de esponjados a roxo manganês. O padrão, de uma única fiada, é o P-18-00128, delimitado pela cercadura C-18-00053 com o canto C-18-00053-ct01, já usado em outros espaços. A aplicação deste revestimento, em todas as paredes dos segundo e terceiros lanços, terá ocorrido entre os anos de 1922 e 1927, depois de nivelados os patamares na sequência da construção do primeiro lanço de escadas. [ID: 4517]	

Catálogo - Todos Imóveis	Revestimento cerâmico da escadaria Sala 14; LX_BL_PCC_14 Azulejo LX_BL_PCC_1401 Azulejo Os azulejos da escadaria organizam-se em três fiadas sobre rodapé de esponjados a roxo manganês. O padrão, de uma única fiada, é o P-18-00128, delimitado pela cercadura C-18-00053 com o canto C-18-00053-ct01, já usado em outros espaços. A aplicação deste revestimento, em todas as paredes dos segundo e terceiros lanços, terá ocorrido entre os anos de 1922 e 1927, depois de nivelados os patamares na sequência da construção do primeiro lanço de escadas. [ID: 4517]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_14_00_02



LX_BL_PCC_14_1_0101



LX_BL_PCC_14_2_0103



LX_BL_PCC_14_3_0101



LX_BL_PCC_14_4_0102



LX_BL_PCC_14_5_0102

Catálogo : Imóveis

ID

3517

Nº imóvel

LX_BL_PCC_15

Projeto

tpM[RF]

Designação

Átrio

Depende de

2142

Descrição

Espaço de distribuição, o átrio apresenta revestimentos de azulejos de padrão em tons de azul e branco, aplicados já no século XX. Tal como os restantes espaços, foi objecto de múltiplas alterações ao longo dos séculos, que alteraram a sua traça original.



CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Parte descrita
1927-09-01	1927-09-01	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Colocação de pavimento ao "(...) centro branco e rosa e a faixa em cinzento" (SIPA - (J.M.A.T), "MAC - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907856/9 e TXT.04907898).		
1939-00-00	1940-06-22	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Alterações estruturais para a Exposição do Mundo Português (1940-23-06 a 1940-12-02) (ATAÍDE - Monumentos e Edifícios (...), p. 163-164; Comissão Nacional dos Centenários - "Os Trabalhos da Secção Colonial (...); "Diário de Lisboa", nº 6309, Ano 20, Domingo, 16 de Junho de 1940; LOURENÇO - "Comemorações Centenárias (...); PEREIRA - "Apontamentos para a História (...)."; PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/EDP/001566; (SIPA - (M.A.C) - Processos Antigos - Exposição do Mundo Português (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/03, TXT.04899573 a 04899599).		
1944-03-20	1944-08-00	Edifício - construção [alteração]
Justificação: Documentado - Levantamento dos azulejos que ladeiam as escadas, para abertura de dois vãos de porta (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DES00039325 e 29; DES053724, Peças nº 0626880 e 0626881, TXT. 04904302; DES053737, Peças nº 626897/8 e 626901, TXT. 04907269; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25874 e 25911).		

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Inserção da ficha	Rosário Salema de Carvalho	2014-05-20
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_15_2_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, átrio 15, parede 2, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_15\LX_BL_PCC_15_2_0201.jpg Imagem [ID: 34763]	
Catalogação - Integrado	Revestimento cerâmico do átrio Átrio; LX_BL_PCC_15 Azulejo LX_BL_PCC_1501 Azulejo Revestimento de azulejos de padrão, em tons de azul e branco, aplicado em silhar de dez azulejos de altura, incluindo as cercaduras e duas fiadas de rodapé esponjado a roxo manganês. As intervenções estruturais realizadas no átrio, no decorrer da primeira metade do século XX, transformaram a sua traça original. Os revestimentos, aplicados entre 1922 e 1925, correspondem a duas épocas construtivas distintas. Ambos procuram simular composições seiscentistas. Todavia, enquanto o P-17-01087 corresponde a um desenho do século XVII produzido em azul e branco (identificando-se exemplares de época), o mesmo acontecendo em relação à cercadura e canto que os delimitam (C-17-00030 e C-17-00030-ct01), o padrão de maçarocas (P-20-00202) e a cercadura com o canto respectivo (C-20-00016 e C-20-00016-ct01) são claramente adaptações estilizadas de modelos do século XVII, produzidos na técnica da estampilha. Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, abriram-se duas portas, que ladeiam a escada, numa intervenção que implicou o corte de ambos os revestimentos azulejares. [ID: 4261]	
Entidades - Todas Entidades	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) [ID: 1397]	Inventariantes - 2021-07-28 Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021) Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2014-05-20 Inserção da ficha Rosário Salema de Carvalho
Entidades - Todas Entidades	Rosário Salema de Carvalho CARVALHO, Rosário Salema de [ID: 40]	Inventariantes - 2021-07-28 Coordenação Rosário Salema de Carvalho

GENÉRICA



LX_BL_PCC_15_2_0201

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

Catálogo : Integrado

ID

4261

Designação

Revestimento cerâmico do átrio

Nº inventário

LX_BL_PCC_1501

Tipo Património

Azulejo

Descrição

Revestimento de azulejos de padrão, em tons de azul e branco, aplicado em silhar de dez azulejos de altura, incluindo as cercaduras e duas fiadas de rodapé esponjado a roxo manganés.



As intervenções estruturais realizadas no átrio, no decorrer da primeira metade do século XX, transformaram a sua traça original. Os revestimentos, aplicados entre 1922 e 1925, correspondem a duas épocas construtivas distintas. Ambos procuram simular composições seiscentistas. Todavia, enquanto o P-17-01087 corresponde a um desenho do século XVII produzido em azul e branco (identificando-se exemplares de época), o mesmo acontecendo em relação à cercadura e canto que os delimitam (C-17-00030 e C-17-00030-ct01), o padrão de maçarocas (P-20-00202) e a cercadura com o canto respectivo (C-20-00016 e C-20-00016-ct01) são claramente adaptações estilizadas de modelos do século XVII, produzidos na técnica da estampilha. Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, abriram-se duas portas, que ladeiam a escada, numa intervenção que implicou o corte de ambos os revestimentos azulejares.

Imóvel

3517

CLASSIFICAÇÕES

Classificação

Revestimento cerâmico\de padrão

CORES

Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

CRONOLOGIA

Data inicial	Data final	Época	Parte descrita
1680-00-00	1710-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Azulejaria de padrão	Revestimento
1922-10-28	1925-03-05		Revestimento

Justificação: Documentado - Colocação de revestimento azulejar no "vestíbulo" (SIPA - JMAT, "Obras no MAC - Conclusão do corpo lado sul", IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3809/01, TXT. 04907512/3 e TXT. 04907528 a 32; DES053743, Peça nº 0626915, TXT. 04907533; DES053744, Peça nº 0626917, TXT. 04907539).

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

1944-03-20	1944-08-00	Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Levantamento dos azulejos que ladeiam as escadas, para abertura de dois vãos de porta (SIPA - (MAC) - Conservação, reparação e melhoramentos (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/01, TXT.04899525/6; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3797/05, TXT.04899632 a 04899706; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3808/06, TXT.04907163 a 04907377; DES00039325 e 29; DES053724, Peças nº 0626880 e 0626881, TXT. 04904302; DES053737, Peças nº 626897/8 e 626901, TXT. 04907269; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25874 e 25911).		
1946-05-21	1947-11-16	Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Colocação de revestimento azulejar nas paredes 1, 2 e 3 (SIPA - (MAC) - Conclusão (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3796/07, TXT.04899119 a 25; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/08, TXT.04908894; IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH-005/125-3811/11, TXT.04908936 a 62, TXT.04908991 a 04909002 e 04909016/17; UL-IICT-Col.FOTO-JBT_25912).		
1988-07-20	1988-07-21	Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - "Destacamento da parede de cerca de metade dos azulejos [de uma parede não especificada] no átrio do Museu Agrícola Tropical" (SIPA - (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH -055/125-0961/02, TXT. 03075100 a 04).		
1988-08-26	1988-12-31	Revestimento [intervenção]
Justificação: Documentado - Restauro de azulejos de uma das paredes, não especificada. A obra foi adjudicada à empresa AZULARTE, Lisboa. (SIPA - (...), IPA.00009885, PT DGEMN:DSARH - 055/125- 0961/02, TXT. 03075110 a 03075133 e 47).		

INVENTARIANTES

Notas	Inventariante	Data
Coordenação	Rosário Salema de Carvalho	2021-07-28
Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado "Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa" (2019-2021)	Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira	2021-07-28

LOCALIZAÇÕES

Tipo localização	Local habitual	Data
Interior	Sim	2021-07-28

MATERIAIS

Tipo material	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Azulejo	Azulejo

PADRÕES

Justificação	Padrão
Parede 1, 3 e 4	P-17-01087
Parede 1, 3 e 4	C-17-00030
Parede 1, 3 e 4	C-17-00030-ct01
Parede 1, 2 e 3	P-20-00202
Parede 1, 2 e 3	C-20-00016

TÉCNICAS

Técnica	Parte descrita
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\Estampilhagem	Azulejo

FICHAS RELACIONADAS

Tipo de Ficha	Dados da Ficha	Informação de origem
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_15_1_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, átrio 15, parede 1 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_15\LX_BL_PCC_15_1_00_01.jpg Imagem [ID: 34762]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_15_2_0201 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, átrio 15, parede 2, secção 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_15\LX_BL_PCC_15_2_0201.jpg Imagem [ID: 34763]	
Multimédia - Ficheiros	LX_BL_PCC_15_3_00_01 Lisboa, Palácio dos Condes da Calheta, átrio 15, parede 2 [fotografia: Rodrigo Ferreira / Az Infinitum, 2023] R\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\LX_BL\LX_BL_PCC\LX_BL_PCC_15\LX_BL_PCC_15_3_00_01.jpg Imagem [ID: 34764]	
Catálogo - Padrões	C-17-00030 1x2/1 Óvulos SIMÕES - Az. Séc. XVII, tomo I, 1997 [1971], p. 137 Cercadura em tons de azul e branco, com bordos, desenvolvendo duas faixas delimitadas por filete branco. Uma faixa dispõe sequência de elementos circulares brancos, vazados, com conta azul. A outra faixa alterna elemento de folhagem branco com óvulo sombreado. [ID: 1569]	Padrões - Parede 1, 3 e 4 C-17-00030
Catálogo - Padrões	C-17-00030-ct01 Óvulos SIMÕES - Az. Séc. XVII, tomo I, 1997 [1971], p. 137 O canto resulta da adaptação do elemento de folhagem e dos motivos circulares, de ambas as faixas, a um eixo diagonal. [ID: 1984]	Padrões - Parede 1, 3 e 4 C-17-00030-ct01
Catálogo - Padrões	C-20-00016 1x2/1 Cercadura em tons de azul e branco, com bordos assimétricos, desenvolvendo continuamente dois elementos centrais. Um é formado por par de aletas rematadas por motivo vegetalista e o outro por motivo vegetalista rematado por aletas de menor dimensão. [ID: 1985]	Padrões - Parede 1, 2 e 3 C-20-00016
Catálogo - Padrões	C-20-00016-ct01 O canto resulta da adaptação do par de aletas rematadas por motivo vegetalista a um eixo diagonal. [ID: 1987]	Padrões - Parede 1, 2 e 3 C-20-00016-ct01
Catálogo - Padrões	P-17-01087 4x4/4 Padrão em tons de azul e branco, com dois centros. Um centro é constituído por reserva de oito enrolamentos, unidos entre si, dois a dois, inscrevendo motivo floral. Destes pares de enrolamento projectam-se, alternadamente, motivos trifoliados e três hastes, duas das quais com motivos trifoliados que se entrelaçam nos enrolamentos do outro centro, e um que termina no motivo floral do outro centro. NOTA: este padrão encontra-se inacabado por não ter sido ainda possível localizar o azulejo em falta. [ID: 1981]	Padrões - Parede 1, 3 e 4 P-17-01087
Catálogo - Padrões	P-20-00202 2x2/1 Maçaroca Padrão em tons de azul e branco, com um centro e dois elementos de ligação. O centro é constituído por motivo de aletas formando uma cruz vazada, azul, a partir das quais se projectam motivos vegetalistas e elementos curvilíneos, que funcionam como elementos de ligação. Intercala com quatro elementos florais estilizados, dispostos na diagonal e a partir do centro. Cada um dos elementos tem uma parte central fusiforme, pontilhada, delimitada por forma oblonga, que se projecta a partir de elemento trifoliado. O elemento de ligação é composto por motivo vegetalista formado por quatro elementos dispostos em cruz, convergindo para centro quadrifoliado. Inspirado num ornato comum da ornamentação persa, resultante da estilização de uma flor ou de um fruto (de uma magnoliácia), como defendia Santos Simões, ou com origem nos têxteis de origem turca, o padrão conhecido como maçaroca foi talvez o mais popular da produção	Padrões - Parede 1, 2 e 3 P-20-00202

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

nacional do século XVII (SIMÕES - Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I, p. 41; PAIS - Padrões (ainda) imprecisos (...), p. 144). Nesta “família” das maçarocas agrupam-se múltiplas variantes, todas testemunhando o exotismo a que o gosto da época foi permeável e que também é visível na cerâmica e outros objectos da mesma centúria. No século XX assiste-se à recuperação deste motivo, de desenho mais estilizado. Em repetição o padrão permite a observação de três ritmos: vertical, horizontal e diagonal. Em repetição o padrão permite ainda a observação de formas circulares. | [ID: 1983]

Catálogo - Todos Imóveis | Átrio| Palácio dos Condes da Calheta; LX_BL_PCC| LX_BL_PCC_15| tpM[RF]| Espaço de distribuição, o átrio apresenta revestimentos de azulejos de padrão em tons de azul e branco, aplicados já no século XX. Tal como os restantes espaços, foi objecto de múltiplas alterações ao longo dos séculos, que alteraram a sua traça original. | [ID: 3517]

Catálogo - Todos Imóveis | Revestimento cerâmico do átrio| Átrio; LX_BL_PCC_15| Azulejo| LX_BL_PCC_1501| Azulejo| Revestimento de azulejos de padrão, em tons de azul e branco, aplicado em silhar de dez azulejos de altura, incluindo as cercaduras e duas fiadas de rodapé esponjado a roxo manganés. As intervenções estruturais realizadas no átrio, no decorrer da primeira metade do século XX, transformaram a sua traça original. Os revestimentos, aplicados entre 1922 e 1925, correspondem a duas épocas construtivas distintas. Ambos procuram simular composições seiscentistas. Todavia, enquanto o P-17-01087 corresponde a um desenho do século XVII produzido em azul e branco (identificando-se exemplares de época), o mesmo acontecendo em relação à cercadura e canto que os delimitam (C-17-00030 e C-17-00030-ct01), o padrão de maçarocas (P-20-00202) e a cercadura com o canto respectivo (C-20-00016 e C-20-00016-ct01) são claramente adaptações estilizadas de modelos do século XVII, produzidos na técnica da estampilha. Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, abriram-se duas portas, que ladeiam a escada, numa intervenção que implicou o corte de ambos os revestimentos azulejares. | [ID: 4261]

Catálogo - Todos Imóveis | Revestimento cerâmico do átrio| Átrio; LX_BL_PCC_15| Azulejo| LX_BL_PCC_1501| Azulejo| Revestimento de azulejos de padrão, em tons de azul e branco, aplicado em silhar de dez azulejos de altura, incluindo as cercaduras e duas fiadas de rodapé esponjado a roxo manganés. As intervenções estruturais realizadas no átrio, no decorrer da primeira metade do século XX, transformaram a sua traça original. Os revestimentos, aplicados entre 1922 e 1925, correspondem a duas épocas construtivas distintas. Ambos procuram simular composições seiscentistas. Todavia, enquanto o P-17-01087 corresponde a um desenho do século XVII produzido em azul e branco (identificando-se exemplares de época), o mesmo acontecendo em relação à cercadura e canto que os delimitam (C-17-00030 e C-17-00030-ct01), o padrão de maçarocas (P-20-00202) e a cercadura com o canto respectivo (C-20-00016 e C-20-00016-ct01) são claramente adaptações estilizadas de modelos do século XVII, produzidos na técnica da estampilha. Na sequência da Exposição do Mundo Português, em 1940, abriram-se duas portas, que ladeiam a escada, numa intervenção que implicou o corte de ambos os revestimentos azulejares. | [ID: 4261]

Entidades - Todas Entidades | Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira| Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira| Mestrando no Trabalho de Projecto “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)| [ID: 1397] | Inventariantes - 2021-07-28| Inventariação in situ, investigação e preenchimento da ficha no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “Os revestimentos em azulejo do Palácio da Calheta, em Lisboa” (2019-2021)| Rodrigo José Ramos de Oliveira Ferreira|

Entidades - Todas Entidades | Rosário Salema de Carvalho| CARVALHO, Rosário Salema de| [ID: 40] | Inventariantes - 2021-07-28| Coordenação| Rosário Salema de Carvalho|

AZ infinitum

Sistema de Referência e Indexação de Azulejo

GENÉRICA



LX_BL_PCC_15_1_00_01



LX_BL_PCC_15_2_0201



LX_BL_PCC_15_3_00_01

2023-10-30